

A URSS E A CONTRA-REVOLUÇÃO DE VELUDO



Ludo Martens



A URSS E A
CONTRA-REVOLUÇÃO DE VELUDO

LUDO MARTENS

Primeira Edição: *Ludo Martens, L'URSS et la contre-révolution de velours, Editions EPO, Bruxelas, 1991, ISBN 2-87262-057-5 D 1991/2204/19. (N. Ed.).*

Fonte: Para a História do Socialismo.

Tradução: Tradução do francês por LM, revisão e edição por CN, entre 05.04.11 e 01.07.11

Transcrição e HTML: Fernando A. S. Araújo

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
À LAIA DE INTRODUÇÃO A ESPERANÇA A LESTE?	14
Abrir um debate perigoso.....	15
Massacres imperialistas, quimeras «socialistas»	19
O socialismo num só país	20
Face ao terror colonial e fascista.....	22
Stalingrado, o símbolo.....	25
O pseudo-comunismo	29
Nuances	32
Breve passagem sobre um longo inverno	34
Depois houve a estrela Gorbatchov	35
Ler Gorbatchov e ler a CIA.....	41
A possibilidade de uma evolução positiva.....	47
PRAGA, 1968-1989, REFLEXÕES ANTES DA TEMPESTADE	55
Lech Walesa, o porta-voz das multinacionais	56
Hungria: a emergência de uma camada muito rica... ..	58
Praga 68: o caminho para a Comunidade Europeia?	61
Dubcek era um Rocard checo?	63
A luta de classe continua sob o socialismo.....	67
A intervenção: escolher entre dois males?	69
Fidel Castro e a intervenção em Praga	71
Uma Checoslováquia entregue ao liberalismo	73
Não intervenção e internacionalismo	74
A catástrofe retardada... ..	77

A autocrítica do Partido Comunista da Checoslováquia.....	78
Carta 77: a voz da Radio Free Europe.....	80
Rumo à luta final?.....	83
Outubro de 1990 Post-scriptum Eles estavam do lado da «revolução».....	87
OS PRIMEIROS FRUTOS PODRES DA «REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA».....	100
O diabo transforma-se em anjo e vice-versa.....	102
A fauna multipartidária que invadiu a Hungria	105
Revoluções que rendem muito às nossas multinacionais!.....	109
A entrada triunfal dos carnicheiros do FMI	113
Miséria abominável e miséria salvadora... ..	116
Budapeste: liberdade para os vadios e mendigos... ..	120
O imperialismo ama os seus «socialistas».....	121
BUDAPESTE, 1956: A CONTRA-REVOLUÇÃO ARMADA.....	128
A libertação, após um quarto de século de fascismo	130
O primeiro <i>complot</i> fascista.....	133
O arcebispo Mindszenty aposta na Terceira Guerra Mundial.....	134
A CIA e os sociais-democratas de direita.....	138
O estabelecimento do poder operário	139
As confissões de Rajk.....	141
Rajk, Nagy, Pozsgay, Nyers e a restauração	145
A ofensiva americana	152
O desencadear da luta contra o «stalinismo»	155
A CIA dita o programa da «revolução»	157
O revisionista Nagy à cabeça do governo.....	160
Nagy à cabeça da contra-revolução	162

Kadar e a sua ama Nikita Khruchov	167
Lénine a propósito da revolução húngara	169
Como Kadar fez apodrecer o Partido	172
QUANDO O VAMPIRO DOS CÁRPATOS ATACOU TIMISOARA	184
E depois houve a Roménia	184
Democracia imperialista, ditadura das multinacionais	185
Lénine, Stáline e a ditadura do proletariado	190
A penetração das teses sociais-democratas.....	194
De Nikita Khruchov a Ceausescu: 35 anos de revisionismo	198
Cólera popular e «totalitarismo»	204
Ceausescu versus Kohl e Thatcher	206
Mãos cortadas, mulheres esventradas, homens esvaziados de sangue	209
O bom assassinato e os direitos humanos	215
A continuação da luta de classes no socialismo	219
A UNIÃO SOVIÉTICA À BEIRA DO ABISMO.....	232
Nikita Khruchov na ladeira escorregadia.....	234
Bréjnev: esclerose e loucura.....	237
Gorbatchov: reviravoltas e promessas aliciantes.....	250
<i>Glasnost</i> para os anticomunistas.....	251
Os ataques contra o stalinismo visam o socialismo	254
Valores universais: o grande recuo	258
Deus e o seu profeta, o reverendo Moon	261
O cancro do nacionalismo burguês	262
Gorbatchov: lastimoso	265
Friedman, ajude-nos a restaurar o capitalismo.....	269

A longa marcha na direcção da empresa privada	271
O imperialismo que já não existe... ..	274
Vivam as multinacionais e o FMI!.....	276
Os deserdados do mundo: potenciais terroristas... ..	278
CIA e KGB de mãos dadas contra a revolução?	282
Golpes de Estado a Leste, orquestrados pela URSS	284
Construir o socialismo com o <i>Solidarnosc</i> ?.....	286
A revolução de quem contra o quê?	288
A <i>glasnost</i> e as mentiras romenas.....	291
Em direcção à desagregação	293
Em direcção às crises que irão abalar o continente europeu	295
A crise final do revisionismo	297
A RESTAURAÇÃO DO CAPITALISMO NO CAOS E NA GUERRA CIVIL	307
Glasnost: a preparação dos espíritos para o capitalismo	310
Glasnost: quem fala?	312
A palavra à CIA.....	312
A palavra à grande burguesia de antes de 1917	316
A palavra ao tsar	318
A palavra à Igreja Ortodoxa	321
A palavra aos fascistas	324
Glasnost para levar a quê?	328
Ao socialismo burguês	328
Ao pluralismo burguês.....	331
Ao anticomunismo.....	333
À contra-revolução aberta.....	338

A passagem à economia capitalista.....	342
O Congresso da restauração.....	342
A apologia do mercado.....	346
A batalha pelo capitalismo selvagem	350
E eis a «classe média», e viva a «liberdade para os mais fortes» ...	352
O domínio imperialista	356
Democracia à americana na União Soviética	358
Os Sovietes contra o Partido	359
A social-democratização do Partido Comunista.....	363
O multipartidarismo burguês	368
As formações nacionalistas burguesas.....	371
Os movimentos de massa reaccionários	377
A crise política e econômica geral	382
Os elementos da crise	382
A burguesia liberal e pró-ocidental	389
Os defensores da economia mista e do poder central forte.....	393
O restabelecimento do regime monárquico?	405
O restabelecimento da ditadura do proletariado?	406
Hostilidade para com os países socialistas e o terceiro mundo	413
Reconciliação com o Ocidente, exploração do Sul.....	414
Morte a Cuba! Morte ao Iraque!	420
PARA CONCLUIR.....	438
Dois pontos de ruptura.....	438

PREFÁCIO

Esta obra trata das atribuições que se produziram nos domínios ideológico e político na Europa de Leste e na União Soviética no decurso dos anos 1986-1990. A degenerescência política, ocorrida a partir de 1956, desencadeou em consequência uma subversão progressiva na base económica do socialismo.

Como toda a crise de importância mundial, a derrocada do socialismo na União Soviética pôs a claro algumas verdades que haviam ficado durante longo tempo na sombra ou na obscuridade. A confusão ideológica e política, intensificada e amplificada no decurso de 35 anos, desencorajou e paralisou muitos revolucionários e lançou certo número deles nos braços da ordem estabelecida. Presentemente podemos ver claramente a conclusão do novo curso determinado nos anos 50 por Nikita Khruchov: a restauração do capitalismo já não é numa hipótese ou um espectro mas uma realidade inegável. No mundo inteiro, comunistas e revolucionários, seguindo a argumentação da direcção soviética, percorreram os meandros da denúncia dos «crimes stalinistas», do «aprofundamento da democracia socialista» e da «aplicação criadora do marxismo às novas realidades», para desembocarem hoje no grande oceano do capitalismo mundial. À luz deste estrepitoso desaire, podem observar, com um olhar novo, o caminho percorrido e penetrar as tácticas, as manobras e as palavras sedutoras que acompanharam tal viagem.

O capitalismo selvagem clama aos quatro ventos que será, a partir de agora, o único a escrever a história. Para nos libertarmos

do abraço asfixiante deste liberalismo triunfante, será primeiro necessário voltar às questões essenciais da ideologia e da política marxistas. Dificilmente se pode imaginar propaganda apologística mais grosseira do que as dissertações americanas sobre o «fim da história». A «grande vitória» que o Ocidente acaba de ganhar, não faz mais do que agudizar as suas contradições internas e agravar a desestabilização ao nível planetário. Com efeito, esta «vitória histórica» é acompanhada pelo reforço da opressão intolerável sobre o Terceiro Mundo, do relançamento das lutas entre potências imperialistas e de uma pesada ameaça de tumultos políticos e sociais e de guerras civis na Europa de Leste e na União Soviética.

Fim da história? E se for apenas o início do combate realmente planetário em que o imperialismo, com a sua panóplia de tecnologias de ponta ao serviço de uma barbárie sem igual, terá de afrontar toda a humanidade civilizada que, mais do que nunca, aspira à paz, à independência, ao progresso social, à democracia popular e ao socialismo?

Os clamores de vitória do liberalismo sobre o marxismo são apenas grosseira propaganda, dizíamos. Porque o capitalismo mundial de modo algum venceu o marxismo, apenas lançou ao tapete estruturas anquilosadas que já não tinham de socialistas senão a etiqueta.

Na Europa de Leste e na União Soviética, assistimos, em 1989-1990, à derrota histórica do revisionismo. Os adeptos desta corrente que, no decurso de 35 anos, liquidaram todos os princípios marxistas-leninistas para ressuscitar os valores e as

ideias burguesas, acabam simplesmente de viver um passo crucial no seu crescimento: a classe burguesa adolescente acaba de atingir a idade adulta. Hoje é patente que o revisionismo no seio do movimento marxista representa perfeitamente a burguesia.

O capitalismo mundial ganhou indiscutivelmente uma batalha contra o povo trabalhador dos países ex-socialistas, mas tratava-se de um povo indefeso a quem uma direcção pérfida arrebatou as armas. O marxismo-leninismo não foi vencido nas «revoluções de veludo» pela simples razão de que não se havia empenhado nessas batalhas.

Para compreender, do ponto de vista materialista e de um ponto de vista de classe, o significado real das perturbações no Leste, é necessário tornar ao marxismo. E é numa análise marxista-leninista da catástrofe de veludo que, no mundo inteiro, os homens que se batem contra a opressão e a exploração podem buscar uma renovada confiança no futuro.

No momento em que os reformistas se aprestam a organizar as cerimónias fúnebres com majestosos faustos, felizes por poderem desembaraçar-se de uma vez por todas de Lénine, os comunistas do mundo inteiro podem encontrar uma linguagem comum. A reflexão e o intercâmbio de pontos de vista sobre as causas ideológicas e políticas da morte do «socialismo real» tomam aqui toda a sua importância. Nos cinco continentes, os comunistas marcharam em estradas paralelas, separados por uma floresta de divergências a ponto de se perderem de vista: das Filipinas ao Peru, alguns reivindicavam-se apenas de Mao Tsé-Tung, do Benim ao Brasil, outros não se inspiravam senão em Enver Hoxha, do

Vietname a Cuba, passando pela Palestina e pela África do Sul, outros ainda colavam-se aos ensinamentos de Leonid Bréjnev. A grande derrocada de Leste, que revelou um oportunismo de uma força destrutiva muitas vezes ignorada, pode contribuir para aplanar numerosas divergências de antanho.

Nesta obra quisemos expor tanto a coerência de um pensamento revolucionário como a evolução das nossas reflexões.

A coerência não pode ser encontrada senão no combate multiforme, a nível mundial, contra o imperialismo, esse estado supremo da barbárie tecnológica. A derrocada a Leste prova que, face a um adversário tão poderoso e impiedoso, o socialismo só pode manter-se enquanto ditadura dos trabalhadores contra os exploradores e não pode desenvolver-se senão prosseguindo a luta de classes contra os antigos e os novos burgueses. Para preservar o seu ideal, a sua vitalidade e combatividade, o socialismo tem o dever de ser generoso colocando-se ao serviço da revolução nacional e democrática, anti-imperialista e antifeudal, no Terceiro Mundo; encontra aí, aliás, as suas mais importantes reservas e o seu futuro. E o socialismo não pode travar a ameaça da degenerescência interna e derrotar a subversão externa senão colocando-se ao lado das forças anticapitalistas e revolucionárias dos países industrializados: encontra aí um alerta constante do que uma restauração eventual implica para os trabalhadores.

A evolução da reflexão tem interesse, já que todas as bases ideológicas e políticas da União Soviética foram sacudidas, no decurso dos anos 1986-1991, por terremotos sucessivos que foi

necessário cartografar. Por esse motivo, cada capítulo tem à cabeça a data da sua redacção.

O livro abre com as esperanças que a nova política de Gorbatchov suscitou, entre 1985 e 1987, para a renovação do movimento comunista, após o inverno brejneviano.

Na primeira parte, começa por uma reavaliação da Primavera de Praga de 1968, esse prelúdio distante da revolução de veludo.

Continua com a descrição do restabelecimento integral do capitalismo que primeiro teve lugar na Polónia e na Hungria.

A vitória da contra-revolução pacífica neste último país leva-nos a olhar de novo a luta de classes e a repressão na Hungria, no decurso dos anos 1945-1953, e seguidamente sobre o durante e o depois da insurreição armada de Budapeste em 1956.

Os confrontos políticos violentos que abalaram a Roménia, nos finais de 1989, princípios de 1990, permitem aprofundar a análise dos mecanismos da luta de classes sob o socialismo.

Na segunda parte, o livro aborda a derrocada do socialismo na União Soviética.

Em finais de 1989, impõe-se a conclusão de que dois anos de *glasnost* levaram a União Soviética à beira do abismo. Em nome do anti-stalinismo todas as concepções socialistas são postas de lado e, em nome dos valores universais, a ideologia liberal faz a sua entrada. No momento em que os nacionalismos burgueses se desencadeiam e ameaçam estilhaçar a União Soviética, o país

aproxima-se do Ocidente e orchestra, como prova das suas boas intenções, golpes de Estado de feição liberal na Europa de Leste.

No princípio de 1991, o XXVIII Congresso do PCUS aparece como o congresso da ruptura e da restauração do capitalismo. A *glasnost* preparou os espíritos para o capitalismo, destruindo todas as concepções políticas. Assim, o XXVIII Congresso pôde transmutar o partido comunista em partido social-democrata e transformar as estruturas políticas soviéticas segundo o modelo ocidental. A crise política e económica tornou-se inextricável, agravada ainda pela guerra entre a burguesia liberal pró-ocidental, em redor de Éłtsine e Lansbergis, por um lado, e, por outro, os partidários de uma economia capitalista mista e de um poder central forte, em redor de Gorbatchov. A política externa insere-se cada vez mais nitidamente na lógica do capitalismo mundial.

Bruxelas, 6 de Abril de 1991

À LAIA DE INTRODUÇÃO A ESPERANÇA A LESTE?

[Setembro 1987]

Em 25 de Outubro de 1987, no mundo inteiro, os homens festejam o 70.º aniversário da revolução soviética. Nenhuma data da história dos cinco continentes é comparável a este 25 de Outubro: ele marca a destruição do poder secular das classes exploradoras, dos latifundiários e dos grandes capitalistas, e o nascimento do poder dos operários e dos camponeses pobres num grande país euro-asiático. Abrindo caminho ao socialismo no velho continente, a revolução soviética lançou simultaneamente uma ponte ao movimento de libertação das colónias: as províncias asiáticas da Rússia eram uma parte do Terceiro Mundo anexada pelos tsares. Em 1 de Outubro de 1949, a revolução soviética achou o seu prolongamento na revolução chinesa, anunciadora da libertação do mundo colonizado.

A seguir à Revolução de Outubro, a produção industrial da URSS era desprezável. Hoje, um terço da população mundial reclama-se da via de Lénine e realiza 40 por cento da produção industrial mundial.

E no entanto, contrariamente às aparências, este septuagésimo aniversário não será ocasião de repisar os clichés-verdades sobre as vitórias conquistadas nas lutas heróicas, sobre as abomináveis traições dos diversos desviacionistas e sobre o curso irreversível da história. Porque nos assalta uma quantidade

de impressões bizarras e ambíguas, por uma plêiade de questões e de interrogações que ficam sem resposta.

ABRIR UM DEBATE PERIGOSO

Há cinco anos, Reagan transmitia-nos as sujas visões de pesadelo dos blindados soviéticos lançando-se sobre o Atlântico, dessa chuva de SS-20 devastando as nossas cidades. Amanhã, o poder satânico de Bréjnev desencadearia o ataque final. Ora, hoje, Gorbatchov tornou-se na vedeta número um na Alemanha Ocidental, o tradicional bastião do anticomunismo integrista. Um estranho vento de simpatia pelo comunista invade as nossas ruas. Aterrorizado pelo medo de uma guerra nuclear na Europa, a juventude congratula-se com as temerárias propostas de paz que Gorbatchov lança incansavelmente. Dizia-se da União Soviética que era fechada, cinzenta, enfadonha e vemos lá desabrochar ramos de opiniões contraditórias, as discussões correm a um ritmo endiabrado. O Afeganistão é a prova mais palpável da natureza expansionista dos tsares vermelhos; Gorbatchov dá a entender que a presença das suas tropas no Afeganistão o incomoda e que lhe porá fim em breve. Afinal, que se passa na União Soviética?

Não se passa nada. A Leste nada de novo. É o que pretendem alguns peritos da NATO, para quem todas estas fitas são apenas uma campanha de intoxicação, um estratagema para fintar a nossa vigilância. Gorbatchov moderniza o império comunista para torná-lo mais enérgico no ataque.

Mas também numerosos revolucionários que desconfiam da ilusão da transparência. Gorbatchov é uma revisionista como os

outros, e se o discurso é mais florido e aveludado, persistem a opressão interna e a expansão externa.

Talvez. Mas fica a série de constatações que rimam mal com a análise que o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho albanês apresentaram nos anos 60 sobre a degenerescência da URSS.

Eis em resumo as suas posições que foram partilhadas por parte importante das forças revolucionárias no mundo.

Na União Soviética, o golpe de Estado de Nikita Khruchov assinalou a tomada do poder por uma nova grande burguesia, constituída por altos funcionários do Partido e do Estado, que possuem de facto os meios de produção e se apropriam da mais-valia criada pelos trabalhadores. O Estado soviético é um capitalista colectivo. O capitalismo de Estado é o estado supremo da concentração capitalista. A URSS conhecia um regime de opressão generalizada e de social-fascismo. Os que ousam criticar a nova burguesia e reivindicar os seus direitos democráticos são acusados de actividades anti-soviéticas e de subversão.

O social-imperialismo retomou a velha política tsarista de opressão das minorias nacionais e de expansão. Exerce uma dominação colonial na Europa de Leste, em Cuba, no Vietname e noutros países do terceiro-mundo. Recém-chegada à cena mundial, esta nova potência imperialista tem de apostar nos meios militares para se abrir um lugar ao sol, o que a torna particularmente agressiva e perigosa. O militarismo soviético

prepara o povo para guerras de agressão pelo domínio da Europa e do mundo inteiro.

Por termos partilhado esta análise durante 20 anos e termo-la defendido com ardor, confessamos a nossa perturbação diante de certas observações.

Houve um tempo em que Mao criticava as reformas económicas que são hoje retomadas e amplificadas por Deng Xiaoping. Deng tinha o costume de invectivar a «a mais pérfida superpotência», ao que Bréjnev respondia com uma tirada contra «a China, aliada do imperialismo americano e de toda a reacção mundial». Hoje, a União Soviética e a China encaminham-se para a reconciliação. Quem se enganou no passado e sobre que pontos? E quem se engana hoje?

Nessa época compilámos centenas de provas da orientação agressiva imprimida aos exércitos soviéticos.

«Como resultado do emprego das armas nucleares», escreve o coronel Tonkikh, «serão abertas brechas nas defesas anticarro, que deverão ser exploradas pelas unidades e subunidades atacando em movimento rápido para a frente».⁽¹⁾

E havia melhores. Hoje Gorbatchov desmantela os seus SS-20, prepara-se para sair do Afeganistão, alarga as ligações à Europa de Leste. Como explicar?

Falava-se de implacável repressão social-fascista sob Bréjnev. Uma das principais vítimas, o académico Sákharov torna-se hoje o aliado e o amigo do novo secretário-geral. É como se Hassan II

abrisse a Abraham Serfaty as portas da prisão de Kenitra para fazer dele o seu confidente. Quem poderá compreender?

Estas constatações levam à conclusão de que certas afirmações antes citadas se tornaram impossíveis de manter, porque falsas ou unilaterais. Pensávamos que a natureza de classe da União Soviética a condenava a mergulhar, levada por uma cega lógica interna, na via do militarismo e da repressão. Ora, assistimos a mudanças de orientação bruscas, profundas e, para nós, absolutamente inesperadas. O Estado e o Partido soviéticos são fenómenos mais complexos do que havíamos pensado. Quem pretende servir o movimento revolucionário no mundo não pode ficar agarrado a antigas teses que, manifestamente, não são suficientes para atingir a complexidade da realidade. É necessário, portanto, reestudar a questão para enquadrar as mudanças que vemos produzirem-se na União Soviética.

Mas se, aos olhos de alguns, nada de significativo mudou na URSS, outros estimam que assistimos a uma subversão total de grande significado histórico para o futuro do socialismo. Gorbatchov dá ao comunismo a sua verdadeira face humana. No fundo, a União Soviética não cessou nunca de ser socialista e todos os que a denegriram gravemente e insultaram a pátria do socialismo devem recitar a sua *mea culpa*. Após esta pungente reviravolta, encontrámos um amigo, antigo combatente da causa afegã, chorar de remorso e entrar no Partido Comunista Belga para aí fazer a sua penitência.

É preciso dizer que o debate, tornado incontornável, é perigoso. Importa assim pesar bem os termos em que será

colocado. Para não nos perdermos numa inconsiderada fuga para a frente, para não nos enganarmos de batalha, para não nos aventurarmos na Sibéria sem bússola, tentemos resumir as lições que tomámos de 70 anos de lutas revolucionárias e de desvios oportunistas na União Soviética.

MASSACRES IMPERIALISTAS, QUIMERAS «SOCIALISTAS»

Em finais do século XIX, o capitalismo europeu soube defender-se da ascensão do movimento operário revolucionário colonizando e explorando a Ásia e a África. Os partidos socialistas apoiaram estas conquistas coloniais, das quais Bernstein, o famoso reformista alemão, se fez apóstolo. Em 1914, estes partidos apoiaram os «seus» capitalistas nacionais que se lançaram numa das mais criminosas guerras mundiais por uma nova partilha das colónias. Na Rússia, os mencheviques, esses irmãos dos nossos reformistas, apoiaram o esforço de guerra empreendido primeiro pelo tsarismo e depois, a seguir à revolução de Fevereiro de 1917, pela grande burguesia.

Quando já contavam mais de dois milhões de mortos nas suas fileiras, em 25 de Outubro de 1917, os operários, os camponeses e os soldados derrubam o governo provisório, com a participação menchevique, para alcançar as duas condições da sua sobrevivência: o fim da guerra criminosa e a entrega da terra aos camponeses. A partir do dia seguinte, 26 de Outubro, os mencheviques e os seus aliados começaram a denunciar a

«escravatura» que trariam os bolcheviques, isto é, os comunistas que rodeavam Lénine...⁽²⁾

Os reaccionários ingleses, franceses, japoneses e checoslovacos enviaram as suas tropas de intervenção para esmagar a primeira República socialista do mundo. Apoiavam-se nas tropas tsaristas reagrupadas em torno dos generais Koltchak, Deníkin, Alekséiev. Esta fina flor da reacção internacional recebeu o apoio de todas as tendências do pretenso «socialismo democrático»: Plekhánov, os mencheviques, os socialistas-revolucionários, os populistas.⁽³⁾ A partir de Dezembro de 1917, invectivaram a «ditadura bolchevique» que se apoiava num «regime arbitrário, terrorista».⁽⁴⁾ Considerando que a Rússia não estava madura para o socialismo, os mencheviques denunciavam uma política «objectivamente reaccionária», uma política «de anarquismo camponês». Os bolcheviques, segundo as palavras de Vera Zassúlitch, célebre dirigente menchevique, formavam uma «nova autocracia» contra a qual Potréssov, outro grande menchevique, apelava a uma «intervenção internacional».⁽⁵⁾

O SOCIALISMO NUM SÓ PAÍS

Após a morte de Lénine, o partido bolchevique, sob a direcção de Stáline, realizou uma tarefa impossível. Desembaraçando o país dos exploradores capitalistas, numa situação de ruína total provocada pela guerra mundial e pelas intervenções estrangeiras, os operários e os camponeses levaram a bom fim a industrialização da União Soviética e a colectivização da sua agricultura.

A partir do século XVI, a acumulação do capital na Europa ocidental foi realizada através da espoliação vergonhosa da América Latina, da África e da Ásia. A União Soviética levou a cabo a sua industrialização contando unicamente com as forças dos seus operários, camponeses e técnicos: na sua grande maioria, o povo soviético aceitou sacrifícios inauditos para edificar as bases de uma economia socialista independente. O povo vivia em condições extremamente duras, mas dava provas de um entusiasmo e de um empenhamento sem precedentes na história: os trabalhadores tinham a consciência de que, pela primeira vez, trabalhavam para a realização dos seus próprios interesses e não para o enriquecimento de uma classe exploradora.

Nos campos, duas vias se apresentavam. Podia-se desenvolver a produção graças à emergência de uma classe de camponeses ricos dispondo de meios de produção privados ou podia-se modernizar a agricultura através da colectivização. Não havia outra escolha: o desenvolvimento capitalista nos campos teria afogado e varrido o poder socialista. Os camponeses ricos organizaram numerosas insurreições contra o poder soviético; receberam um apoio multiforme por parte dos imperialistas e dos reaccionários tsaristas. A resistência encarniçada das classes exploradoras tornou a colectivização muito complexa, penosa e difícil.

Ademais, os bolcheviques foram obrigados a realizar a industrialização e a colectivização a um ritmo forçado: em 1931, face ao ascenso do fascismo, Ióssif Stáline declarava que a União Soviética dispunha de dez anos para apanhar a Europa ocidental...

Certamente que foram cometidos erros no que diz respeito aos ritmos e métodos com os quais certas transformações foram introduzidas. Mas poderia ter sido de outro modo no decurso de uma empresa tão gigantesca levada a cabo pela primeira vez na história?

Os socialistas de direita, na Europa, compraziam-se em escrever artigos odiosos contra os «massacres de camponeses» e contra a «colectivização pelo terror». Tomavam bem o cuidado não mencionar que toda a velha sociedade ocidental se atarefava para suscitar e apoiar as insurreições dos camponeses ricos.

Já em 1917, Plekhánov, o patriarca dos mencheviques, havia previsto a derrocada do regime bolchevique por impossibilidade de introduzir o socialismo num país atrasado de maioria camponesa.⁽⁶⁾ Os socialistas de direita na Europa retomavam essas profecias. Trótski juntava a sua voz ao coro. Ora, no final dos anos 30, a façanha estava cumprida: a União Soviética tinha realizado no essencial a sua industrialização socialista e podia desde então fazer face à agressividade imperialista.

FACE AO TERROR COLONIAL E FASCISTA

As realizações do primeiro país socialista no decurso dos anos 20-30 não podem ser avaliadas no seu justo valor senão comparando-as com o desenvolvimento do mundo capitalista «avançado». Durante os anos 20 e 30, a Europa «democrática» alimentou-se em grande medida graças à exploração desenfreada de centenas de milhões de camponeses e de operários nas colónias. Trabalhos forçados, culturas obrigatórias, salários de

fome e, para os que se revoltavam, matanças impiedosas. Ryckmans, o governador-geral do Congo belga, dizia em 1946:

«O nível de vida dos nossos indígenas das aldeias é inferior ao mínimo vital. O limite foi atingido».⁽⁷⁾

Os socialistas de direita, tão alerta para descobrir «o terror» contra os camponeses ricos da União Soviética, fingiam ser cegos perante o terror bem mais implacável que sofriam povos inteiros do Terceiro Mundo. Compare-se os duros sacrifícios consentidos pelos trabalhadores soviéticos para construir o seu próprio futuro socialista, aos sacrifícios desumanos impostos pela força bruta aos camponeses e operários africanos e asiáticos para único proveito das potências coloniais estrangeiras. Compare-se a repressão na União Soviética, exercida pela primeira vez na história no interesse das massas populares para domar as classes exploradoras, ao terror imposto aos trabalhadores do Terceiro Mundo para enriquecer desmesuradamente o capital financeiro ocidental.

A partir de 1933, os esforços do partido e do povo da União Soviética foram levados ao extremo no combate pela industrialização e pela defesa contra a ameaça fascista.

À medida que se aproximavam as nuvens da guerra mundial, a actividade anti-soviética dos reaccionários e dos serviços secretos nazis intensificava-se. Nestas circunstâncias, Stáline e a direcção do partido organizaram uma depuração durante a qual numerosos agentes secretos e elementos anti-soviéticos incorrigíveis foram atingidos. Mas, ao mesmo tempo, milhares de comunistas foram injustamente acusados e executados. Os êxitos da edificação, assim

como a confiança inquebrantável das massas mais pobres no partido comunista, criaram um clima no qual era cada vez mais difícil opor-se às infracções ao centralismo democrático e a certas decisões arbitrárias, nas quais Stáline se tornava culpado. Dos 1966 delegados ao XVII Congresso do partido bolchevique, em 1934, vieram a ser condenados 1108 e houve um grande número de execuções. Como centenas de outros, Éikhe, membro suplente do *Politburo*, declarou antes de ser fuzilado:

«Morrerei acreditando na justeza da política do Partido como acreditei durante toda a minha vida.»⁽⁸⁾

Stáline e os dirigentes do partido estimavam que as suas medidas extremas eram necessárias para manter a pureza e a firmeza do partido na previsão das batalhas impiedosas contra os nazis.

Todos os fanáticos do colonialismo e os fervorosos do fascismo na Europa se serviram imediatamente de certos erros do poder bolchevique para tentar minar a confiança das massas na causa comunista. Mas é preciso não esquecer que na União Soviética foram essencialmente os comunistas as vítimas dos erros de outros comunistas. O general Gorbátov, condenado a quinze anos de prisão, conheceu a deportação na Sibéria. Libertado no princípio da guerra, tornou-se num dos heróis do Exército Vermelho.⁽⁹⁾ Sem dezenas de milhares de Gorbátov, vítimas de injustiças mas continuando fiéis ao ideal bolchevique, a União Soviética não poderia ter vencido o monstro nazi.

Os erros, cometidos por Stáline e pela direcção, não alteraram o carácter revolucionário do Partido, que cumpriu de forma admirável os seus deveres históricos e internacionalistas no decurso da guerra antifascista.

Pode-se acrescentar que a União Soviética não conheceu senão um ínfimo número de traidores entre os seus quadros. Na Europa ocidental ocupada, os partidos de tendência católica e liberal viram a maioria dos seus quadros juntar-se às organizações fascistas ou pactuar com Hitler. Numerosos dirigentes dos partidos socialistas alemão, francês, belga, seguiram uma política de pacificação para entrar, de seguida, no início da guerra, na colaboração. O presidente do Partido Socialista Belga, Henri De Man, saudou a chegada do exército hitleriano à Bélgica como um «alívio».⁽¹⁰⁾ Este homem tinha, é claro, denunciado nos mais exaltados termos a repressão stalinista demente.

STALINGRADO, O SÍMBOLO

De Junho de 1941 ao princípio de 1943, a União Soviética suportou praticamente sozinha o peso da guerra anti-hitleriana. O Exército Vermelho travou a maior parte das batalhas estratégicas que levaram à destruição dos exércitos nazis. Ao mesmo tempo, os partidos comunistas estiveram na vanguarda da resistência armada antifascista, tanto na China, passando pela Jugoslávia, a Albânia e a Grécia, como em Itália, na França e na Bélgica.

Os quadros e os membros do partido bolchevique deram provas de um heroísmo e de uma fidelidade que obrigaram à admiração dos democratas do mundo inteiro. O Exército Vermelho

teve um papel essencial na liquidação das forças fascistas nos países da Europa de Leste e os seus combates vitoriosos facilitaram as lutas dos povos chinês, vietnamita e coreano pela libertação nacional e pelo socialismo. Assim, a União Soviética, sob a direcção de Stáline, contribuiu largamente, nas condições históricas da guerra antifascista, para a realização da revolução socialista em 11 países da Europa e da Ásia. Trata-se de vitórias bem reais, levadas a cabo no decurso das mais ásperas batalhas de classe, por centenas de milhões de homens, sob a direcção dos partidos comunistas. Vitórias pagas com o sangue de 37 milhões de mortos, só na União Soviética, na China, na Polónia e na Jugoslávia.

No final da guerra, Stáline pôde justamente afirmar:

«A nossa vitória significa antes de mais que foi o nosso regime social soviético que triunfou (...). Como é sabido, a imprensa estrangeira afirmou várias vezes que o regime soviético (...) era um “castelo de cartas”, sem raízes na vida e imposto ao povo pelos órgãos da Tcheka. (...) A guerra mostrou que o regime social soviético é um regime verdadeiramente popular, saído do seio do povo e beneficiando do seu poderoso apoio. (...) Poder-se-á afirmar que antes da entrada na Segunda Guerra Mundial o nosso país já dispunha de um mínimo de recursos materiais indispensáveis para prover no essencial as suas necessidades? Creio que se pode afirmá-lo. Para preparar tal grandiosa obra foi necessário concretizar três planos quinquenais de desenvolvimento da economia nacional. (...) É preciso reconhecer que 13 anos é um prazo incrivelmente curto para concretizar uma obra tão grandiosa. (...) Através de que política pôde o Partido Comunista assegurar estes meios

materiais ao país num prazo tão reduzido? Antes de mais, através da política soviética de industrialização do país. (...) Em segundo lugar, através da política da colectivização da agricultura.»⁽¹¹⁾

Face às realizações dos bolcheviques dirigidos por Stáline, bem lamentáveis surgem as análises de antes da guerra de um Trótski, denunciando o «papel cinicamente contra-revolucionário» da Internacional Comunista e «a sua passagem definitiva para o lado da ordem burguesa»!⁽¹²⁾ Bem repugnantes são os seus apelos de 1938 ao «levantamento» e à «insurreição» contra «a clique bonapartista de Stáline».⁽¹³⁾ Como peca por má fé e cegueira a sua «análise» quando escreve em 1938:

«O aparelho político de Stáline em nada se distingue do dos países fascistas senão por um maior frenesim».⁽¹⁴⁾

Como tomam as suas profecias um tom tresloucado quando prediz a derrota inevitável da URSS em caso de guerra com a Alemanha nazi. Como são risíveis as suas afirmações segundo as quais, no decurso da guerra que estava para vir, «milhões de pessoas» juntar-se-iam à organização trotskista e que as internacionais comunista e socialista iriam afundar-se:

«A sua derrocada será a condição indispensável de um franco movimento revolucionário conduzido pela Quarta Internacional».⁽¹⁵⁾

Prosseguindo nesta via, um dos principais colaboradores de Trótski, James Burnham, declarará que Stáline e Hitler eram dois «ditadores totalitários», e que as massas soviéticas sofriam a

«exploração em proveito de uma nova classe, baseada na posse da economia por parte do Estado».⁽¹⁶⁾

Burnham separar-se-á de Trótski em 1940, para tornar-se um ideólogo de nomeada do imperialismo americano. Após a vitória do Exército Vermelho em 1945, todo o ódio dos fascistas e da extrema-direita internacional concentrou-se sobre o nome de Stáline. A nova potência imperialista dominante, os Estados Unidos, não encontravam na sua política de hegemonia mundial senão um inimigo à altura: a União Soviética e o movimento comunista internacional. Freneticamente, a máquina de propaganda americana denunciava o «capitalismo de Estado soviético» e o «totalitarismo stalinista, sucessor do totalitarismo hitleriano». E o principal ideólogo da guerra fria, assim arvorado, era o antigo lugar tenente de Trótski, James Burnham.

A própria existência da União Soviética, construindo o socialismo nos anos 20 e 30, e a guerra antifascista que ela travou, foram factores determinantes para o desenvolvimento da revolução nacional e democrática no Terceiro Mundo.

Tendo em conta as grandes forças sociais em acção à escala mundial durante a primeira metade do século XX, é claro que todas as forças revolucionárias deviam manter-se firmemente ao lado da União Soviética de Lénine e de Stáline contra o mundo imperialista, do lado do movimento comunista internacional contra as diferentes correntes burguesas e oportunistas. Mas importa também que o movimento extraia lições dos erros cometidos. Os comunistas devem ater-se aos princípios e ousar criticar todos os erros, as faltas e mesmo os crimes que podem produzir-se no seio

do seu movimento. Estas críticas, por serem revolucionárias, devem reforçar a combatividade do movimento comunista, melhorar a sua ligação às massas e tornar mais sólida a sua unidade na luta. Criticando corajosamente aquilo que entende ser um erro, um comunista não deve afastar-se nunca do seu dever fundamental de solidariedade com os países socialistas, com o movimento comunista internacional e com os movimentos de libertação nacional.

O PSEUDO-COMUNISMO

Num documento publicado em 1964, «O pseudo-comunismo de Nikita Khruchov», o Partido Comunista da China avançava a tese de que o golpe de Estado de Nikita Khruchov na União Soviética marcou a tomada do poder por uma nova burguesia. É um documento notável que exerceu numa forte influência sobre o movimento revolucionário mundial. Mas hoje podemos a este propósito formular quatro observações.

Na União Soviética, Nikita Khruchov convocou, em 1956, o XX congresso do PCUS. Apresentou aí o seu relatório secreto contra Stáline, um ataque-surpresa que apanhou desprevenidos tanto os dirigentes do partido soviético como os dos outros partidos. Ele misturou críticas justificadas dirigidas a Stáline com ataques odiosos e irresponsáveis contra o conjunto da sua obra. Dulles, que na época dirigia a CIA, não perdeu a ocasião: o relatório de Nikita Khruchov forneceu-lhe a matéria prima da campanha anticomunista mais virulenta e eficaz nunca antes empreendida pelo seu serviço. Fazer anticomunismo durante 40 anos é meritório, mas que sorte imensa teve ao ver todo um ramalhete

das suas afirmações retomadas pelo papa do movimento comunista internacional!

Nikita Khruchov acertou o passo com os escribas do *Readers Digest*, apelidando Stáline de «louco», de «perverso», de «déspota tomado de vertigem», inventando completamente ataques grotescos do género:

«Stáline [durante a guerra] planeava as operações num globo terrestre».⁽¹⁷⁾

Lembremos também as suas duas ideias fundamentais que exprimiam bem a sua visão oportunista da realidade soviética:

*«(...) Quando o socialismo venceu no nosso país **total e definitivamente**, e entrámos no período da **construção do comunismo** grande escala, desapareceram as condições que motivavam a necessidade da ditadura do proletariado (...). A classe operária da União Soviética, por iniciativa própria, tendo em conta as tarefas da construção do comunismo, transformou o Estado da sua ditadura em Estado de todo o povo.»*⁽¹⁸⁾ *«O partido comunista da classe operária tornou-se (...) no partido de todo o povo.»*⁽¹⁹⁾

A falta de um estilo científico em Nikita Khruchov exprime-se na sua previsão de que, em 1980 a União Soviética terá construído

«no essencial, a sociedade comunista» «sociedade sem classes», onde «serão eliminadas as diferenças essenciais entre a cidade e o campo».⁽²⁰⁾

No seio do movimento comunista internacional, Nikita Khruchov prega a «passagem pacífica» ao socialismo, oferecendo assim munções seleccionadas aos reformistas que, na Europa ocidental, travam desde 1917 uma verdadeira guerra contra os comunistas.

Nikita Khruchov encorajou vigorosamente as orientações reformistas tomadas por certos partidos.

«A classe operária tem a possibilidade (...) de conquistar uma sólida maioria no parlamento, transformá-lo de instrumento ao serviço dos interesses de classe da burguesa em instrumento ao serviço do povo trabalhador, desenvolver largamente a luta extraparlamentar de massas, quebrar a resistência das forças da reacção e criar as condições necessárias à realização pacífica da revolução socialista».⁽²¹⁾

No mesmo espírito, Nikita Khruchov opôs-se em geral à luta armada nos países do Terceiro Mundo e incitou à cisão das organizações revolucionárias.

Nikita Khruchov exigiu que os outros partidos comunistas aceitassem a sua linha e nomeadamente

«as decisões do XX Congresso».⁽²²⁾ *«A verdadeira unidade dos partidos irmãos comunistas e operários não pode ser levada a cabo silenciando em silêncio a linha viciosa da direcção albanesa.»*⁽²³⁾

Nikita Khruchov previu

«uma economia comunista mundial gerida pelos trabalhadores a partir de um plano único»,⁽²⁴⁾

mas rasgou todos os acordos com a China e a Albânia quando estas recusaram inclinar-se.

NUANCES

Também é preciso dizer que certas posições extravagantes de Nikita Khruchov foram contrabalançadas por outras afirmações que nem sempre reflectem a prática social do PCUS e que algumas correntes do partido contestaram.

A negação dos méritos de Stáline por Nikita Khruchov levantou na União Soviética grandes controvérsias. Nas suas memórias publicadas em 1969, o marechal Júkov, chefe do Estado-Maior General durante a guerra antifascista, faz uma descrição objectiva dos méritos históricos de Stáline à cabeça dos exércitos soviéticos, sem no entanto passar em silêncio alguns erros.⁽²⁵⁾

A União Soviética, navegando sob as bandeiras do «partido de todo o povo» e do «Estado de todo o povo», tem no entanto, contra toda a lógica, de travar ásperas batalhas contra as forças hostis internas e externas. De modo confuso, dir-se-á que «o Estado de todo o povo» tem de fazer face a exacerbadas lutas de classes.

«Em relação a tal ou tal mudança na conjuntura interna ou externa, durante certos períodos, a luta de classes pode exacerbar-se.»⁽²⁶⁾

Seguidamente, depois de causar grandes revezes durante longos anos, um bom número de posições de Nikita Khruchov foram abandonadas pelo partido soviético: as suas promessas quiméricas de um comunismo integral para 1980, o seu sonho de «consolidação da paz» graças ao «estabelecimento de relações de amizade duráveis» com os Estados Unidos.⁽²⁷⁾

E finalmente, é preciso reconhecer que o Partido Comunista da China se enganou manifestamente em grande número das suas críticas económicas contra a linha do PCUS sob Nikita Khruchov. Os métodos de gestão económica do tempo de Stáline foram, é certo, muito eficazes para estabelecer os alicerces de uma indústria nacional independente. Mas será que os mesmos métodos convinham para passar de um desenvolvimento extensivo a um desenvolvimento intensivo, baseada na integração acelerada das conquistas científicas e tecnológicas na produção? O documento chinês passa ao lado dos problemas reais levantados pelo PCUS: o centralismo exagerado, os métodos administrativos para dirigir a produção, o baixo nível de produtividade, da eficácia e da qualidade. O texto do Partido Comunista da China critica despropositadamente os «estímulos materiais», cuja utilização complementar à educação política foi sempre defendida por Lénine e Stáline. Mais adiante, lemos:

«Nikita Khruchov minou a economia socialista planificada, aplicou o princípio do lucro capitalista e destruiu a propriedade socialista de todo o povo.»⁽²⁸⁾

O texto do Partido Comunista da China contém ainda esta posição fundamental:

«A linha adoptada por Nikita Khruchov é revisionista a cem por cento.»⁽²⁹⁾

Uma tal afirmação pode levar a toda a espécie de exageros esquerdistas, pois dispensa o esforço de distinguir o falso do verdadeiro nas posições do PCUS.

BREVE PASSAGEM SOBRE UM LONGO INVERNO

Depois chegou o longo inverno sob Bréjnev.

Arrogância dominadora em política externa.

Com meios económicos bem mais fracos do que os dos Estados Unidos, a União Soviética atingirá a paridade militar com a superpotência americana. E a produção de artigos de consumo atolou-se na mediocridade...

A Checoslováquia agredida e ocupada sob a bandeira da «soberania limitada». A China, tratada por todos os nomes, tem de fazer face em 1969, a uma ameaça militar, convencional e nuclear. Aventureirismo no Terceiro Mundo. Bréjnev apoia o «socialismo» de Siad Barre na Somália, depois muda de campo e abraça os putchistas que acabam de realizar um golpe de Estado na Etiópia. Mengistu fabricará a partir de então «o socialismo» e Bréjnev arranjar-lhe-á as armas necessárias para intermináveis guerras internas. Encorajado e animado pela União Soviética, o Vietname enviará 200 mil homens para intervir nos assuntos internos do Camboja: deixará aí o seu prestígio, o seu crédito político, a sua

credibilidade e os seus recursos tão necessários para a reconstrução económica. Depois veio a expedição no Afeganistão. Centenas de milhares de mortos nas pacificações.

Parasitismo e esclerose em política interna. Hospitais psiquiátricos para os contestatários. Militarização da juventude. Um marxismo ritual que segrega o tédio.

DEPOIS HOUVE A ESTRELA GORBATCHOV

Neste deserto ideológico surgiu o camarada Gorbatchov. Passou como um furacão sobre um país em estado de letargia, sacudindo todas as consciências adormecidas.

Sob Bréjnev, é evidente, a União Soviética voava de vitória em vitória, avançando para um futuro cada vez mais radioso. Gorbatchov, por seu lado, está farto destas vitórias que não fazem senão aproximar a derrocada final. O triunfalismo, diz Gorbatchov, cria *«um clima de quietude, de permissividade, de impunidade»*⁽³⁰⁾ que corrompe toda a actividade do partido. É preciso que os comunistas cessem de «repisar lugares comuns», é preciso que avancem com «actos práticos», dêem provas de abertura de espírito e de modéstia e pratiquem a crítica e a autocrítica.⁽³¹⁾ Contra a gabarolice de um Nikita Khruchov e a cegueira enfatuada de um Bréjnev, Gorbatchov quer um partido

«libertado do complexo de infalibilidade [que] observe com olho crítico os resultados obtidos».⁽³²⁾

As litanias pseudomarxistas de Bréjnev zumbem aos ouvidos como uivos lúgubres dos ritos sagrados tibetanos. Gorbi está farto:

«A escolástica, o bizantinismo e o dogmatismo foram sempre entraves a um crescimento verdadeiro do saber. As únicas correntes científicas válidas são as que partem da prática e aí retornam, enriquecidas pelas sínteses profundas e pelas recomendações pertinentes.»⁽³³⁾

Sob Bréjnev, a ideologia socialista já não era uma arma para os combates da vida, estava atrofiada, reduzida a um ritual esclerosado:

«Concepções simplificadas do comunismo, toda a espécie de predições e de julgamentos abstractos tiveram lugar de cidadania. Isso consumia por seu lado toda a importância histórica do socialismo, enfraquecia o impacto da ideologia socialista.»⁽³⁴⁾

Alguns ideólogos soviéticos ocupavam-se de

«pesquisas escolásticas que não afectavam os interesses de quem quer que fosse.»⁽³⁵⁾ «As graves insuficiências na educação ideológica e política eram marcadas por campanhas aparatosas e pela celebração de numerosos aniversários.»⁽³⁶⁾

Eis o que pensa Gorbatchov da ideologia invencível do imortal Leonid Bréjnev.

E como se traduz esta na política concreta?

«As tendências conservadoras, a inércia, o desejo de contornar tudo o que não cabe nos esquemas habituais, a recusa de resolver os problemas económicos e sociais prevaleceram

quando se tratava de definir a política concreta e de agir concretamente. Os órgãos dirigentes do partido e do Estado tem a responsabilidade disto.»⁽³⁷⁾

Já não há mobilização nem consciencialização das massas, a hora de Bréjnev parou no díptico comandar-obedecer.

«O estilo tecnocrático da “pressão administrativa” causou um grave prejuízo à causa do Partido.»⁽³⁸⁾

Pior:

«Durante longos anos, dirigentes que não asseguravam o cumprimento das tarefas designadas, estiveram aos comandos dos respectivos sectores [da economia].»⁽³⁹⁾

Será de espantar que certos burocratas se tenham comportado como verdadeiros tiranetes?

«Certos camaradas começaram a considerar os órgãos eleitos como um fardo, causa de dificuldades e de servidões.»⁽⁴⁰⁾

E Gorbatchov denuncia

«a intransigência de alguns dirigentes em relação às acções e reflexões independentes dos seus subalternos.»⁽⁴¹⁾

Ora é impossível mobilizar as massas trabalhadoras para o combate consciente por um futuro socialista sem pôr em prática uma real democracia socialista.

«Sem ampla informação não pode haver democracia, criatividade política das massas, participação destas na gestão. É, por assim dizer, a condição para levar dezenas de milhões de operários, de kolkhozianos e de intelectuais a considerar as suas tarefas com atitude de homem de Estado e sentido de responsabilidade, é o ponto de partida de uma reforma psicológica dos nossos quadros.»⁽⁴²⁾

As taras que florescem neste estrume do burocratismo e do autoritarismo têm por nomes: «receitas ilícitas», «prémios sem fundamento algum», «parasitismo», «procura de ganho por todos os meios», «desvios de fundos, desfalques falsificações de escritas», «fraudes, delapidações, peculato».⁽⁴³⁾

E depois de haver feito o inventário de todas estas enfermidades ideológicas e políticas que menorizam o partido, Gorbatchov suspira:

«As causas dos problemas acumulados na sociedade são mais profundas que imaginamos.»⁽⁴⁴⁾

O apodrecimento neste sistema nervoso do socialismo, que constitui o trabalho político e ideológico, provocou a estagnação económica. Gorbatchov denuncia:

«a inércia, o imobilismo das formas e dos métodos de gestão, a redução do dinamismo no trabalho, o crescimento da burocracia, (...) [os] fenómenos de estagnação.»⁽⁴⁵⁾

A hora é a da

«reforma radical». *«Ela consiste em submeter toda a nossa produção às necessidades sociais e à satisfação das necessidades da população; consiste em orientar a direcção para a elevação da eficácia e da qualidade no sentido da aceleração do progresso científico e técnico; consiste em elevar o interesse dos trabalhadores pelos resultados do seu trabalho, em promover a iniciativa e o espírito de empreendimento socialista em cada escalão da economia nacional.»*⁽⁴⁶⁾

A negligência nos domínios e cultural levou ao desinteresse, à indisciplina e ao parasitismo no seio dos trabalhadores. Para mobilizar e motivar de novo os soviéticos será necessário realizar programas sociais «nos mais breves prazos». Tornou-se imperioso resolver os problemas da alimentação, da qualidade das mercadorias e dos serviços; a assistência médica, a habitação e a protecção do ambiente devem ser melhoradas.⁽⁴⁷⁾

Ousado, Gorbachov proclama que a desordem interna foi acompanhada de estragos nas relações internacionais.

«A alteração não se impõe apenas internamente. É também o caso no que respeita às relações internacionais.»⁽⁴⁸⁾

Foi nas relações com os outros países socialistas que despontou pela primeira vez o hegemonismo soviético, cujo perfil se entendeu na excomunhão da China e da Albânia. Arrogante, Nikita Khruchov anunciava aos quatro ventos que realizaria o comunismo em duas décadas e expulsava por heresia os partidos que não marchavam exactamente nos seus trilhos em direcção a

esse futuro de sonho. Face a um país onde amadurecem crises políticas e económicas, Gorbatchov canta mais baixo.

«Hoje importa particularmente analisar, com exemplos de vários países e não apenas de um só, as características do modo de vida socialista, os processos de aperfeiçoamento da democracia, os métodos de trabalho, a política de quadros. A atitude atenciosa e respeitosa em relação à experiência de cada país, a sua aplicação prática, são uma reserva imensa para o mundo socialista.»⁽⁴⁹⁾

É sabido que a ruptura entre os partidos chinês e soviético proveio da vontade exclusiva do Krémliu, para o qual uma China recalcitrante teria constituído um desafio permanente à sua vontade hegemónica. Gorbatchov foi levado a constatar «a imensa diversidade do movimento comunista». Anuncia uma reviravolta dilacerante na atitude para com a China.

«A diversidade do nosso movimento não é sinónimo de divisão. Tal como a unidade nada tem a ver com a uniformidade, a hierarquia, a ingerência de certos partidos nos assuntos de outros, a aspiração de um qualquer partido a monopolizar a verdade. O movimento comunista pode e deve ser forte na sua solidariedade de classe, na cooperação igual em direitos de todos os partidos irmãos em luta pelos seus objectivos comuns.»⁽⁵⁰⁾

No que respeita ao futuro da revolução socialista na Europa ocidental, Gorbatchov mostra-se muito mais prudente que Nikita Khruchov.

«O futuro, a luta dos trabalhadores pelos seus direitos, pelo progresso social, mostrarão como se desenvolverá a contradição fundamental entre o trabalho e o capital, que conclusões serão tiradas da situação estabelecida.»⁽⁵¹⁾

LER GORBATCHOV E LER A CIA

Colocados diante de toda esta violência verbal contra um sistema julgado imutável há apenas três anos, devemos constatar que certas urdiduras de análise que pareciam perfeitamente operacionais para a era Bréjnev — capitalismo de Estado, social-fascismo, social-imperialismo, superpotência mais agressiva — não são mais apropriadas. Portanto, é preciso ler Gorbatchov. Ler Gorbatchov? Alguns de nós objectarão sem dúvida que o homem é tão-só Bréjnev remodelado e que ajudaremos a semear ilusões sobre um sistema irreversivelmente condenado. Responderemos que a recusa de estudar atentamente as reviravoltas que se produzem nesta potência gigante, que a obstinação em repetir as análises que já não servem, causarão perigos ainda maiores aos revolucionários. A reavaliação da análise da União Soviética tornou-se uma necessidade incontornável. A antiga análise comporta, claramente, lacunas e erros. Mas identificá-los não será nada fácil, impõe-se um esforço sustentado de reflexão, estudo e análise.

Um elemento a ter em conta no decurso da nossa reflexão é a escalada da guerra ideológica que o Ocidente leva a cabo. No seguimento das mudanças positivas que se produzem na União Soviética, os serviços de propaganda americanos ficaram numa situação bastante desconfortável. O famoso «homem da rua» que povoa as nossas cidades e que não mostra qualquer interesse pelo

socialismo, tem mesmo assim a impressão de que a União Soviética está a mexer, que as coisas por lá melhoram. Ora, para todos os especialistas encartados do anticomunismo, a URSS continuará a ser o inferno enquanto aí perdurar um partido comunista e a ideologia marxista-leninista. Os profissionais da guerra fria reajustaram o tiro na nossa imprensa «livre». O *Vif-Express* de 15-22 de Maio de 1987 dá-nos belas amostras deste anticomunismo da última moda. Títulos chamativos, primeiro:

«A ilusão Gorbatchov — a reforma impossível».⁽⁵²⁾

Explicação proveitosa das mudanças em curso:

«Gorbatchov tenta modernizar o seu império» cujas estruturas foram *«moldadas por 70 anos de pesado conservadorismo».*⁽⁵³⁾

Entra em cena o terrível neo-stalinista

«Egor Ligatchov, número dois do regime, cuja reputação de guardião da ortodoxia já está feita».⁽⁵⁴⁾

Em resumo, o império do mal continua impenetrável a qualquer mudança efectiva. É tranquilizante. Amanhã, os cavaleiros da guerra fria não vão perder o objecto do seu ódio sagrado. E, de qualquer modo, todos os caminhos do anticomunismo vão dar a Roma-Apocalipso. Se a URSS, contra toda a previsão científica, conhecer mesmo assim uma reforma autêntica, haverá ainda ocasião de celebrar...

«Impossível tocar no que quer que seja neste sistema, sem atingir rapidamente os fundamentos essenciais.»⁽⁵⁵⁾

Sem mudança, continuará o inferno; reforma tímida e todo o sistema vai abaixo. Seja lá como for, o Ocidente esmagará o comunismo. E por aí fora: todo um «dossier especial» de trinta e quatro páginas cheias.

Um tão belo dossier deve ser enquadrado por editorialistas de renome. Vladimir Bukóvski e Alain Besançon empunham a caneta.⁽⁵⁶⁾

«O perigo de guerra provém da natureza deste regime que não admite a nossa existência».

É portanto como pacifistas que estes senhores trabalham para «a decomposição do conjunto político URSS». Pacifistas? É dizer pouco de tão boas pessoas. Descolonizadores! E ei-los lançados:

«Descolonizadores, não vemos nenhuma legitimidade no conjunto imperial soviético».

Agora, as mais loucas esperanças são permitidas. Nenhum preço será demasiado. É para a nossa paz que troam os canhões! Aliás: «Assistimos já ao desaparecimento de um outro regime totalitário, o nazismo».

Muitos comunistas, partidários da teoria da restauração do capitalismo na URSS, andaram longo tempo de braço dado com todos estes energúmenos do anticomunismo.

Alguns, citaram Mikhail Voslenski para apoiar as suas afirmações de que a «*nomenklatura*» constituía, já no tempo de Stáline, uma «nova grande burguesia». Em bicos de pés, anunciaram com modéstia que pretendiam somente «*examinar atentamente os factos apresentados e as críticas formuladas por Voslenski para aí encontrarem a parte da verdade*». É através de equívocos deste género que militantes de esquerda escorregaram progressivamente para o regaço da direita. Lénine tinha o hábito de dizer que um partido revolucionário deve depurar-se, a intervalos regulares, dos seus elementos oportunistas incorrigíveis. Isso pode encontrar-se em *Que fazer?*. E para nos informarmos sobre o personagem Voslenski, olhemos a sua análise dessa obra capital de Lénine.

Este livro, começa Voslenski,

«*era a obrigação de transformar o marxismo em dogma e de renunciar à livre crítica do pensamento marxista*». Lénine congelou o marxismo «*num dogma infalível que não suporta nenhuma crítica*».

O seu objectivo era o de

«*transformar o movimento operário num apêndice menor do partido*».

Segundo Lénine, diz Voslenski, o sindicalismo estreito era uma traição aos interesses de classe dos trabalhadores.

«Onde está a traição? Ela estaria sim do lado destes intelectuais que vão tomar o poder. No interesse de quem? Do seu ou dos trabalhadores?»

A organização é

«uma espécie de máfia revolucionária em que a democracia será considerada como um acessório superficial e onde tudo repousará sobre a conspiração e sobre a confiança recíproca. O mafioso julgado indigno pela organização — quer dizer, pela direcção — é passível de morte.» «Nem o partido leninista nem o seu núcleo foram jamais a vanguarda nem uma simples parte da classe operária.» «Se a revolução que ele preparava fosse vitoriosa, esse pequeno grupo tornar-se-ia automaticamente uma organização de dirigentes profissionais. Foi assim que Lénine criou o embrião de uma nova classe dirigente.»⁽⁵⁷⁾

Esta análise da «nova grande burguesia soviética» não difere em nada das «reflexões» sobre o partido bolchevique feitas, na época, por Hitler, Pétain ou Pio XII.

Na mesma ordem de ideias, a teoria do «aparelho da gestão da produção», que segundo Serguei Andréiev constitui uma nova classe de exploradores é apenas a retoma da teoria original de James Burnham. Alguns meses após a sua ruptura, em 1940, com o patrão, Trótski, Burnham publicou um livro sobre «a teoria da revolução directorial». Eis as explicações:

«Os directores exercerão o seu controlo sobre os instrumentos de produção e obterão um direito preferencial na distribuição

dos produtos, não directamente, enquanto indivíduos, mas pelo seu controlo do Estado, que será o proprietário dos instrumentos de produção. O Estado será, pode-se dizer, a “propriedade” dos directores. Não faltará nada para fazer desaparecer a classe dirigente».⁽⁵⁸⁾

Conclusão do futuro ideólogo-em-chefe da CIA:

«O laço histórico entre o comunismo e o fascismo é hoje mais nitidamente perceptível do que há 15 anos. A diversidade das suas origens mascarava a identidade da sua direcção. Eles despojaram-se, um após outro, das suas diferenças e aproximam-se de uma norma comum.»⁽⁵⁹⁾

Toda a nova direita francesa, do tipo «antigos maoístas, novos filósofos», partiu da análise da restauração do capitalismo sob Nikita Khruchov, para em seguida descobrir que as «bases» tinham sido foram já edificadas sob Stáline. Partindo da vontade ostentada de «aprofundar certas críticas a Stáline feitas pelos chineses, para melhor combater o revisionismo», não tardaram em voltar ao anticomunismo de antanho. Temos de reflectir sobre as teses que constituíram a ponte entre um esquerdismo espaventoso e o liberalismo militante.

A POSSIBILIDADE DE UMA EVOLUÇÃO POSITIVA

A necessidade de reavaliar as nossas análises da União Soviética parte também da situação complexa criada no seio do movimento comunista internacional.

Há organizações comunistas «anti-soviéticas» que, semana após semana, estigmatizaram factos e actos incompatíveis com o marxismo-leninismo, pendurados no pelourinho como outras tantas provas da restauração do capitalismo. Hoje, esses mesmos factos e actos são denunciados pela sua incompatibilidade com a moral comunista pelos que, logicamente, deveriam ocupar as funções de «principais responsáveis irremediavelmente empenhados na via capitalista». Problema. Para mais, o Partido Comunista da China, que vociferou particularmente contra a restauração capitalista na URSS, «reviu» o essencial das suas críticas. É portanto necessário dar um desconto, fazer um balanço das afirmações e contra-informações, das lutas e das reviravoltas.

Por outro lado, há organizações comunistas «pró-soviéticas» que, durante longos anos, pintaram com as mais belas cores fenómenos... que hoje se revelam como chagas fétidas. As críticas mortíferas que Gorbatchov dirige aos seus antecessores semeiam a perturbação em bom número destas organizações comunistas e tornam os seus membros disponíveis para uma revisão do passado. É aconselhável procurar, nas novas orientações de Gorbatchov, um terreno comum para o debate.

Reavaliar a nossa análise da União Soviética, é reabrir um debate sobre questões que nos pareciam há pouco como entendidas. Reavaliar é encarar a hipóteses de que as bases económicas e o coração das estruturas políticas são ainda socialistas apesar do efeito corrosivo do revisionismo dominante na direcção. Reavaliar é pesar a possibilidade de uma evolução positiva, de um renascimento marxista-leninista.

E se as declarações de Gorbatchov que reportámos não fossem senão palavras deitadas ao vento? Qualquer mudança na União Soviética deverá, de qualquer modo, começar por palavras e ideias. E manifestamente, numerosas perturbações concretas se produzem já na URSS, no meio de confrontos, muitas vezes áspers, com o imobilismo burocrático ambiente.

Mas e se as palavras de Gorbatchov fossem o novo Evangelho? Então poderíamos fechar a loja porque não vendemos dessa água benta. O nosso amigo, o combatente da causa afegã, que já apresentámos ao nosso leitor, apenas teve a revelação do espírito gorbatchoviano, logo correu a abjurar todos os deuses dos seus antepassados. Então é necessário precisar: se lemos Gorbatchov, não é para apagar tudo o que vimos, lemos e compreendemos no passado. Se certas extrapolações teóricas sobre o período Bréjnev — capitalismo de Estado, superpotência mais perigosa — não se mantêm, a maior parte dos fenómenos negativos em política interna e externa que registámos e que serviram de matéria-prima à nossa análise, persistem como factos estabelecidos. A maior parte das nossas críticas dos períodos Nikita Khruchov e Bréjnev continuam de pé. Mas certo número de tendências que vemos hoje surgir à superfície haviam-nos

escapado. É preciso integrar as constatações e conclusões do passado que se confirmam, e os factos novos que registamos sob Gorbatchov. Com esta matéria prima devemos reconstruir o quadro da nossa análise. Que teses devemos manter, quais corrigir, que ideias novas encontrarão o seu lugar numa teoria coerente sobre a sociedade soviética? Não poderemos dizê-lo senão após um trabalho de estudo e de reflexão aprofundado. É como marxistas que devemos investigar junto dos partidos comunistas dos países que se reclamam do socialismo. Durante muito tempo, por apriorismo, fechámos um olho para não ver senão as provas da restauração. Mas não pensem ouvir agora o discurso de um apriorismo inverso. Tendo na cabeça a nossa própria compreensão do marxismo-leninismo, devemos fazer investigações, pesquisas e estudos com espírito aberto e sem nos sentirmos presos pela obsessão de termos de proferir, em futuro próximo, verdades definitivas sobre todos os problemas fundamentais levantados na União Soviética. Duas questões estão no centro do debate. Qual é a natureza específica da União Soviética e dos países de Leste? Quais as suas possibilidades de mudança no sentido de uma nova compreensão revolucionária do marxismo-leninismo? Será necessário adoptar um estilo materialista e científico, fazer o esforço de englobar todos os aspectos da história e da realidade actual destes países e utilizar o marxismo-leninismo como bússola. A discussão prosseguirá sem dúvida durante alguns anos. Não iremos antecipar conclusões, e devem ser encaradas hipóteses contraditórias.

Notas de rodapé:

- (1) Tonkikh A.V., coronel, «Overcoming antitank Défense ministry of défense USSR», traduzido em *Stratégie Review*, Inverno de 1980, p. 83. (.)
- (2) Kerenski Alexandre, *La Russie au tournant de l'histoire*, Ed. Plon, p. 592. (.)
- (3) Idem, ibidem, p. 629-653. (.)
- (4) Burbank Jane, *Intelligentsia and Révolution 1917-1922*, Oxford Univ. Press, 1986, p. 13. (.)
- (5) Idem, ibidem, p. 42 e 44. (.)
- (6) Idem, ibidem, p. 36 (.)
- (7) Ryckmans P., *Etapes et Jalons*, discurso de 5 de Julho 1946, p. 205-206. (.)
- (8) Elleinstein Jean, *Histoire de l'URSS*, tomo 2, p. 218 e 221. (.)
- (9) Idem, ibidem, p. 226. (.)
- (10) De Man, Henri, *Après coup*, Ed. de la Toison d'Or, p. 319. (.)
- (11) «Discurso na assembleia de eleitores do círculo eleitoral de Stáline da cidade de Moscovo», 9 de Fevereiro de 1946, I.V. Stáline, *Obras*, Izdátelstvo Pissátel, Moscovo 1997, tomo 16, pp. 6-13. (N. Ed.) (.)

- (12) Trotski L., *Programme de Transition* (1938), brochura publicada em França, Agosto de 1946, p. 6. (.)
- (13) Idem, ibidem, p. 33. (.)
- (14) Idem, ibidem, p. 32. (.)
- (15) Deutscher I., *Trotsky, le prophète hors-la-loi*, Ed. 10-18, tomo VI, p. 568. (.)
- (16) Burnham James, *L'Ere des organisateurs*, Ed. Calmann-Lévy, p. 248 e 258 (.)
- (17) Khrouchtchev, *Le rapport secret*, Ed. Sociales, p. 200. (.)
- (18) *Vers le communisme, Recueil des documents du XXIIe congrès du PCUS*, Moscovo, 1961, p. 85. (.)
- (19) Idem, ibidem, p. 459. (.)
- (20) Idem, ibidem, p. 546 e 221. (.)
- (21) Idem, ibidem, p. 546. (.)
- (22) Idem, ibidem, p. 546. (.)
- (23) Idem, Kozlov, relatório sobre as alterações aos Estatutos do PCUS. (.)
- (24) Ibidem, p. 623. (.)
- (25) Joukov G., *Mémoires*, Ed. Fayard, 1970. (.)

(26) *Vers le communisme, Recueil des documents du XXIIe congrès du PCUS*, Moscovo, 1961, p. 499. (.)

(27) *Rapport au XXe congrès*, 14 fév. 1956, éd. en langues étrangères, Moscou, 1956, p. 35. (.)

(28) *Débat sur la ligne générale*, Ed. en langues étrangères, Pequim, 1965, p. 451. (.)

(29) *Vers le communisme, Recueil des documents du XXIIe congrès du PCUS*, Moscovo, 1961, p. 452. (.)

(30) Gorbatchev, *Rapport politique au XXVIIe Congrès du Parti*, Ed. Novosti, 1986, p. 103. (.)

(31) Idem, ibidem, p. 101. (.)

(32) Idem, ibidem, p. 100. (.)

(33) Idem, ibidem, p. 109. (.)

(34) Idem, ibidem, p. 4. (.)

(35) Gorbatchev, *La réorganisation et la politique des cadres du PCUS*, discurso de 27 de Janeiro de 1987, *Supplément Etudes Soviétiques*, Fevereiro de 1987, n.º 467, p. 6. (.)

(36) Idem, ibidem, p. 8. (.)

(37) Idem, ibidem, p. 5. (.)

(38) Idem, ibidem, p. 30. (.)

- (39) Idem, ibidem, p. 32. (.)
- (40) Idem, ibidem, p. 33. (.)
- (41) Idem, ibidem, p. 32. (.)
- (42) Gorbatchev, *Rapport politique au XXVIIe Congrès du Parti*, ed. cit., p. 70 e 77. (.)
- (43) Idem, ibidem, pp. 57, 58, 59 e 104. (.)
- (44) Gorbatchev, *La réorganisation et la politique des cadres du PCUS*, ed. cit., p. 4. (.)
- (45) Gorbatchev, *Rapport politique au XXVIIe Congrès du Parti*, ed. cit., p.4. (.)
- (46) Idem, ibidem, p. 42. (.)
- (47) Idem, ibidem, p. 30. (.)
- (48) Idem, ibidem, p. 5. (.)
- (49) Idem, ibidem, p. 93. (.)
- (50) Idem, ibidem, p. 95. (.)
- (51) Idem, ibidem, p. 17. (.)
- (52) *Le Vif-L'Express*, 15-21 mai 1987, p. 72 et 95. (.)
- (53) Idem, ibidem, p. 73. (.)

(54) Idem, ibidem, p. 80. (.)

(55) Idem, ibidem, p. 76. (.)

(56) Idem, ibidem, p. 103. (.)

(57) Voslenski Michail, *La nomenklatura*, Livre de Poche, pp. 51-63.
(.)

(58) Burnham James, *L'ère des organisateurs*, éd. Calmann-Lévy, 1947, p. 79. (.)

(59) Idem, Ibidem, p. 191. (.)

PRAGA, 1968-1989, REFLEXÕES ANTES DA TEMPESTADE

[Agosto de 1989]

«Somos testemunhas, na Checoslováquia, de uma situação que, sob vários aspectos, lembra os últimos meses antes da Primavera de Praga, esse breve período de liberalização de Alexander Dubcek em 1968. Então como hoje desaparecia na sociedade o medo diante do regime comunista em derrocada.»⁽¹⁾

O homem que nos apresenta esta análise, largamente partilhada nos meios do poder no Ocidente, ensina História da Europa de Leste na Universidade de Groningue. Na intervenção militar de 21 de Agosto de 1968, participaram, entre outras, as forças armadas da União Soviética, da Polónia e da Hungria. Nestes dois últimos países, as actuais reformas ultrapassam de longe aquelas que Dubcek havia proposto na época. Os serviços secretos ocidentais não escondem a intenção de se apoiar sobre as «conquistas» da Hungria e da Polónia para levar, na Checoslováquia, tanto os dissidentes como os reformadores do Partido, à via da contra-revolução pacífica. Será Praga também muito em breve varrida por uma vaga de fundo pró-capitalista e pró-imperialista? Se a Checoslováquia cair nos braços da Polónia e da Hungria, para saírem em conjunto do socialismo, quais serão as repercussões no seio do Partido Comunista da União Soviética? Como se deve avaliar as reformas de Dubcek de 1968, à luz das

reformas capitalistas que acabam hoje de afogar a Hungria e a Polónia socialistas?

Desde há alguns meses que os contactos entre o *Solidarnosc* e os dissidentes checoslovacos se multiplicam. Cinco representantes do *Solidarnosc*, entre os quais Adam Michnik e Jan Litynski, chegaram a Praga em 20 de Julho de 1989 para encontros oficiais com a Carta 77, com a Igreja e... com Alexander Dubcek. *Solidarnosc* e Dubcek entraram em acordo para qualificar a intervenção de 1968 como «inaceitável e ilegal». A Carta 77 assinou com a nova direita polaca um texto comum que sublinha o

«papel inspirador da Mesa Redonda polaca (entre o Partido Comunista e o *Solidarnosc*) para o desenvolvimento político na Checoslováquia.⁽²⁾

LECH WALESIA, O PORTA-VOZ DAS MULTINACIONAIS

Na Polónia, as forças anti-socialistas que se escondem sob a bandeira do *Solidarnosc*, dominam, a partir de agora, toda a vida civil, e o Partido Comunista, tendo perdido praticamente toda a influência no seio das massas, tornou-se no refém impotente do *Solidarnosc*. Lech Walesia é hoje o porta-voz directo das multinacionais na Polónia. Depois de um encontro com Charles-Ferdinand Nothomb, do Partido Social-Cristão, afirmou:

«Quando digo “ajuda” não estou a pensar em donativos. Trata-se de investir na Polónia, de aí criar um verdadeiro

mercado de capitais, de contribuir para a transformação das estruturas da nossa indústria».

Nothomb precisou esta última ideia sublinhando que se trata de uma

«verdadeira privatização de certos interesses».

Após o que Walesa continuou:

«Disse a Nothomb para encorajar a Bélgica a abrir filiais dos seus bancos na Polónia e a entrar com os capitais belgas nas empresas polacas.»⁽³⁾

Ao mesmo tempo, Lech Walesa e os seus conselheiros americanos preferem que o Partido Comunista Polaco continue a apodrecer mais dois ou três anos ainda, governando um país onde já não controla praticamente nada, precipitando assim o seu estoiro final. Hoje, na Polónia, os responsáveis do Comité Central do Partido Comunista evocam publicamente a eventualidade da dissolução do Partido ou da sua divisão num partido comunista e num partido social-democrata.

«Há quem pense que o Partido pertence ao passado enquanto formação ideológica», confessa Rakowski, o novo secretário-geral.⁽⁴⁾

Marian Orzechowski, membro do Comité Central, é de opinião de que os ditos reformadores são

«nostálgicos das leis selvagens do capitalismo».⁽⁵⁾

Homens de esquerda em torno de Alfred Miodowicz, dirigente do sindicato oficial, dizem que os comunistas devem imediatamente reconstituir as suas forças na luta de classe nas bases, contra um regime que já nada tem de socialista.

HUNGRIA: A EMERGÊNCIA DE UMA CAMADA MUITO RICA...

Na Hungria, velhos quadros comunistas, reagrupados na Sociedade Ferenc Munnich e no Centro da Plataforma Marxista, denunciam a «restauração burguesa» no seu país. Os princípios do marxismo-leninismo foram liquidados a tal ponto que o novo número um, Rezso Nyers, já não acha necessário manter as aparências: perfila-se abertamente como um aliado do imperialismo americano, como um representante dos novos capitalistas húngaros e como um correligionário da social-democracia ocidental. Vejamos os factos:

A cimeira dos sete maiores países industrializados, em Paris, decidiu fornecer aos países de Leste

«segundo as necessidades e de modo coordenado, uma ajuda económica destinada a transformar e a abrir a sua economia de modo durável».⁽⁶⁾

Traduzindo: em troca de algumas migalhas, os sete impõem medidas econômicas que permitem o desenvolvimento do capitalismo privado, um pouco como o fazem com um qualquer país do Terceiro Mundo. Nyers, o novo presidente do Partido

Socialista Operário Húngaro, congratula-se com os resultados da cimeira:

«Regozijamo-nos com o facto de os outros seis dirigentes do grupo dos sete tenham seguido a proposta do senhor Bush. O interesse primordial da Hungria, é que os ocidentais que o desejem, a ajudem a evitar a crise financeira».⁽⁷⁾

Que o senhor Nyers vá perguntar aos trabalhadores brasileiros, mexicanos, argentinos, zairenses e filipinos como os imperialistas «ajudam» estes países a «evitar a crise financeira». Quando lhe perguntam se não se trata de uma ingerência, Nyers responde:

«Não, absolutamente. A democratização política e a instauração de uma economia de mercado relevam do nosso interesse nacional. Aprovei totalmente o senhor Bush quando ele sublinhou que os Estados Unidos se interessam pelos direitos humanos, mas são neutros no que diz respeito aos nossos assuntos políticos internos.»⁽⁸⁾

É preciso estar possuído por uma paixão doentia pelos Estados Unidos para ousar afirmar, conhecendo as actuações dos americanos contra Cuba e contra a Nicarágua, que a CIA é «neutra» no que respeita aos assuntos internos dos países socialistas. Congratular-se com o interesse dos americanos pelos «direitos humanos» é também cínico: os dirigentes americanos reservam a defesa dos «direitos humanos» apenas aos reaccionários aptos a prestarem-lhes serviços.

«Parece-me inevitável», continua o reformador, o progressista, o adversário do stalinismo, o camarada Nyers, «que, numa primeira fase, as reformas econômicas levem à emergência de uma camada social muito rica. Para os mais desfavorecidos, é a política social que permitirá reduzir as desigualdades. Graças à generalização do crescimento, camadas mais amplas deverão em seguida poder melhorar a sua situação».⁽⁹⁾

Esta concepção não seria repudiada pela senhora Thatcher, se ela devesse ser levada, aquando de um novo desenvolvimento «corajoso» na Hungria, à cabeça do Partido Socialista Operário.

Os sociais-democratas que gerem há oito anos o imperialismo francês constataam a *«crise do comunismo totalitário»* e afirmam que *«a única resposta histórica»* não é, a Leste, o regresso ao capitalismo e, a Oeste, a sua acentuação, mas sim o *«socialismo democrático»*.⁽¹⁰⁾ Ora está agora claro como água que, na boca de Mitterrand, o «socialismo democrático» é o termo literário mais apropriado para descrever o capitalismo monopolista e o imperialismo com as cores da França.

«Querem organizar a transição para o capitalismo?», perguntam a Nyers. *«Não, responde o émulo de Mitterrand, o que nós queremos é o socialismo democrático, uma combinação de uma economia de mercado com uma política económica baseada nos valores socialistas. Temos uma oposição que preconiza uma economia de mercado completamente liberalizada».*⁽¹¹⁾

À questão seguinte: *«Há diferenças entre os programas económicos dos partidos da oposição (de direita) e o do Partido Socialista Operário»*, Nyers responde estupidamente:

«Há diferenças mas não oposição fundamental».⁽¹²⁾

Sabe-se que entre o capitalismo de Mitterrand e de Rocard e o de Giscard e de Chirac há diferenças, mas não oposição fundamental. Mas nenhum demagogo social-democrata francês cometeria a *gaffe* de o confessar tão abertamente.

«As privatizações são necessárias e úteis», continua Nyers que, decididamente, engoliu todo o programa de Fabius e de Rocard. *«O processo de privatização não vai fazer desaparecer o capital público nem o das cooperativas, mas vai completá-lo. Nós queremos fazer participar o capital privado numa economia mista.»*⁽¹³⁾

PRAGA 68: O CAMINHO PARA A COMUNIDADE EUROPEIA?

Na Polónia e na Hungria, o desmantelamento do Partido Comunista enquanto força marxista-leninista de vanguarda, a liquidação dos princípios políticos socialistas, a liberdade para as forças económicas e políticas do capitalismo privado e das multinacionais, tornaram-se evidentes aos olhos de todos os observadores. Como reagem então os porta-vozes da Primavera de Praga diante desta liquidação aberta dos princípios comunistas? Em 1968, eles tinham declarado querer

«libertar o marxismo da deformação stalinista e burocrática» e «formular a vocação humanista do movimento comunista».⁽¹⁴⁾

Que pode haver de mais aliciante do que estas promessas de um marxismo e de um comunismo renovados numa linguagem modernista?

Ora, hoje, Alexander Dubcek insiste, numa carta endereçada em 23 de Junho à direcção do Partido, para que esta não condene os projectos de reformas na Polónia e na Hungria!⁽¹⁵⁾ A «vocação humanista do comunismo» concretizar-se-ia então no capitalismo selvagem húngaro?

Em 1968, Jiri Pelikan foi eleito para o Comité Central, ao lado de Dubcek, no décimo quarto congresso clandestino do PCC. Ele declara hoje:

«Penso que nos países que têm uma tradição mais democrática que a URSS, como a Checoslováquia, a Hungria ou a Polónia, o processo de democratização irá mais depressa e mais longe do que pode ir na União Soviética». «O movimento democrático da Europa ocidental deve desenvolver o diálogo com o Solidarnosc ou com a Liberdade e Paz na Polónia, com o Fórum Democrático e outras organizações na Hungria, com a Carta 77, o Comité para a Defesa das Pessoas Injustamente Perseguidas (VONS), a Associação Independente pela Paz na Checoslováquia».⁽¹⁶⁾

Sabe-se que Brzezinski, o antigo conselheiro de Carter para a Segurança, defendeu recentemente, palavra por palavra, esta

mesma tática, a fim de que a ideologia burguesa ocidental fosse importada na Europa de Leste. Ora, Pelikan, o «comunista reformador» de 1968, tem assento, em 1988, no Parlamento Europeu, onde representa o Partido Socialista Italiano. Panegirista do imperialismo europeu, declara:

«A integração dos países da Comunidade Europeia é um passo positivo e necessário para o desenvolvimento dos países ocidentais. Se a Comunidade pode tornar-se um exemplo atractivo de dinamismo económico combinado com a justiça social e com o aprofundamento da democracia, ela pode ter um efeito positivo, nomeadamente nos países da Europa Central e de Leste. Se se pudesse votar amanhã na Europa Central sobre a adesão à Comunidade Europeia, haveria 90 por cento de votos favoráveis».⁽¹⁷⁾

Será por acaso que certos porta-vozes, aqueles que mais deram nas vistas na Primavera de Praga, são hoje ideólogos do imperialismo europeu e outros, entre eles, partidários da via húngara para o capitalismo?

DUBCEK ERA UM ROCARD CHECO?

Já em 1968 a ideologia dominante da equipa de Dubcek é claramente de orientação social-democrata. Os seus ataques contra a ditadura do proletariado são, palavra por palavra, uma cópia das teses de Vandervelde e de Kautsky. Dubcek declara:

«Até agora [1968], as ideias a favor do socialismo e do comunismo eram produto das condições de agravamento dos

conflitos de classe na época da ditadura do proletariado e da industrialização. Erigem assim em sistema instituições e métodos provisórios que não são senão um mal menor e estão, na verdade, em contradição com os fins humanistas do movimento».⁽¹⁸⁾

Estas posições de Dubcek em nada se distinguem das de Vandervelde, esse chefe do Partido Socialista Belga que se tornou o apologista do imperialismo e do colonialismo belga. Nos nossos dias, poucos se lembram a que tipo de demagogia este homem teve de recorrer para conter as massas exasperadas pelos horrores da guerra imperialista. E, em 1918, no momento em que Vandervelde entrava no mundo selecto dos gestores do capitalismo, conter e depois despedaçar a força revolucionária das massas revoltadas, era precisamente o que a burguesia lhe pedia. Eis em que termos o chefe socialista se dirigia aos trabalhadores belgas:

«A ditadura do proletariado, sim, para quebrar as resistências burguesas, para abrir, pelo ferro e pelo fogo que seja, as vias para a Revolução social». (Eis os termos estrepitosos que na época devia usar um traidor para manter a sua influência sobre as massas radicalizadas!) Depois continuava: «Mas a ditadura a título de expediente, de expediente temporário, e não o prolongamento indefinido do estado de sítio e do terror colocando os outros partidos fora da lei.»⁽¹⁹⁾

Hoje, Dubcek faz eco ao velho Vandervelde: a ditadura do proletariado, sim, a título provisório, já que esta desafina com esse humanismo que partilho com a burguesia...

Mas tornemos à Checoslováquia de 1968. A fim de amaciar a vigilância política dos comunistas, Dubcek afirma:

«A luta de classes cessou de ser um aspecto importante da evolução social no nosso país.»⁽²⁰⁾

A cada crise política num país socialista, os oportunistas escarram esta tese para proteger os nostálgicos do paraíso burguês. Para Dubcek, é preciso deixar de reprimir os contrarrevolucionários e os novos capitalistas e, pelo contrário, acordar-lhes o direito de criar partidos políticos:

«Ultrapassando os limites da luta de classes, a sociedade socialista deve encarar a liquidação das funções constrangedoras dos seus órgãos de Estado e a desmonopolização das suas actividades no domínio político.»⁽²¹⁾

Estas ideias primaveris de 1968 encaixam-se perfeitamente com os elogios da Democracia Ocidental que nos chegam hoje da Hungria e da Polónia.

E quanto ao elogio da Liberdade com maiúscula, quer dizer da liberdade de explorar, de acumular, de fazer frutificar o capital privado? Eis algumas das ideias chave da nova política económica de Dubcek, formulada na época pelo seu amigo Kolder.

«Empresas socialistas autónomas, separadas do Estado, agindo por conta própria e expostas às pressões do mercado e da concorrência económica, constituem-se como sujeitos da economia de mercado.» É preciso desenvolver o «mercado de

investimentos e de trocas internacionais», o «mercado do trabalho como instrumento da modificação das estruturas dos salários» e «tornar a dar aos preços a sua função económica em relação com os preços do mercado mundial.»⁽²²⁾

É o que apregoam nos nossos dias os amantes do FMI que reinam sobre Budapeste e sobre Varsóvia.

O advento da Primavera de Praga, em 1968, suscitou nos nababos do Ocidente as mesmas reacções entusiastas que acompanham hoje as reformas na Hungria e na Polónia. No seu livro *A alternativa da Cisão*, publicado em 1965, Brzezinski afirma que na Europa de Leste,

«o modo de transição mais desejável deveria começar por uma liberalização interna», «isto diz respeito em primeiro lugar à Checoslováquia».

Em 14 de Junho de 1968, Brzezinski deu uma conferência em Praga. como o fez recentemente em Varsóvia. Ele declarou na época:

«Parto da tese de que o leninismo está ultrapassado nas condições da sociedade desenvolvida actual». Depois exprimiu o seu apoio «à interessante experiência checoslovaca».⁽²³⁾

Após a intervenção soviética, o social-democrata austríaco Kreisky disse ao jornal *Die Welt*:

«Na Checoslováquia desenvolvia-se justamente a última fase de um verdadeiro processo de democratização. A

Checoslováquia tinha cessado de ser um Estado de ditadura comunista. O aparelho do poder da ditadura comunista estava paralisado pelo desenvolvimento interno.»⁽²⁴⁾

Assim, a ouvir os ideólogos mais informados das nossas multinacionais, a Primavera de Praga antecipou de longe a presente contra-revolução pacífica de Budapeste.

A LUTA DE CLASSE CONTINUA SOB O SOCIALISMO

O imperialismo dispõe de forças produtivas superiormente desenvolvidas, organiza cientificamente a exploração da classe operária, arranja vantagens suplementares pilhando as riquezas do Terceiro Mundo. Tudo isto permite-lhe levar a cabo ofensivas económicas, políticas e ideológicas contra os países socialistas. Longe de se atenuar, como pretendem os cansados do marxismo, estas ofensivas redobram de força por causa da crise geral do imperialismo e graças aos meios suplementares que a revolução tecnológica oferece. No interior dos países socialistas, o imperialismo encontra os interesses dos antigos reaccionários e capitalistas que se mantêm, durante dezenas de anos, enquanto forças ideológicas e políticas. Vai também ao encontro dos interesses de uma fracção de burocratas e de altos funcionários que apenas procuram o seu interesse pessoal. O combate pela edificação de uma sociedade socialista continua a ser uma tarefa relativamente nova. Erros e mesmo erros graves são inevitáveis; depois, a cada nova fase do desenvolvimento, surgem novos problemas. A ideologia burguesa continua a ser, de longe, no

mundo, a mais elaborada, a mais documentada, aquela que dispõe de meios de comunicação mais poderosos.

A cada curva, quando se trata de corrigir os erros ou de abordar novos problemas, os aprendizes de feiticeiro, imbuídos de Dallas,⁽²⁵⁾ negam a essência revolucionária do que no passado foi realizado, fazem uma avaliação unilateralmente negativa, para finalmente rejeitar os princípios fundamentais do marxismo-leninismo. Assim, Pelikan retoma a linguagem dos capitães da guerra-fria, afirma que foi montado na Checoslováquia um *«sistema burocrático e policial do socialismo»* entre 1948 e 1968. Que será substituído, pretende Pelikan, por um outro sistema totalmente diferente, por *«um socialismo de rosto humano.»*⁽²⁶⁾

Corrigir os erros e resolver os novos problemas, pressupõe um esforço consciente e sustentado para manter e desenvolver o espírito revolucionário e os princípios comunistas. É evidente que a equipa de Dubcek tinha deliberadamente rejeitado esta posição de classe. Pelikan afirma que, em 1968,

«os comunistas eram verdadeiros porta-vozes da sua nação e o partido era a sua força dirigente». Não havia senão *«os nossos stalinistas que brandiam o argumento segundo o qual o socialismo estava gravemente ameaçado pelas forças de direita».* *«Nenhuma mudança na estrutura económica e social foi concretizada [no decurso da Primavera de Praga]».*⁽²⁷⁾

Pelikan apresenta deste modo uma «defesa do comunismo» puramente verbal que esconde os propósitos práticos de natureza social-democrata e liberal. Se nenhuma mudança foi concretizada

nas estruturas econômicas, as razões disso foram estritamente de ordem tática: não deviam ser revelados prematuramente os seus planos de restauração. Mas ninguém se enganava sobre a orientação política e ideológica em direcção ao mercado, à livre empresa e ao pluripartidarismo burguês. Pelikan, que negava em 1968 a presença das forças de direita e afirmava defender a propriedade colectiva dos meios de produção, alinha hoje publicamente ao lado dos reaccionários do *Solidarnosc* e das multinacionais da Comunidade Europeia.

A INTERVENÇÃO: ESCOLHER ENTRE DOIS MALES?

Em 1968, o Partido Comunista da Checoslováquia, paralisado pela direcção de direita de Dubcek, não tinha a força necessária para vencer as forças anti-socialistas que irrompiam no país. Se a Checoslováquia houvesse mantido Dubcek à sua cabeça, teria provavelmente conhecido, no decurso dos anos 70, a evolução à qual assistimos hoje na Hungria. A intervenção soviética de 20 de Agosto de 1968 travou as actividades dos grupos anti-socialistas e contra-revolucionários ligados ao Ocidente e golpeou a ala revisionista do Partido checoslovaco. Mas também reforçou e consolidou os sentimentos anti-soviéticos e anticomunistas numa parte das massas que, por diversas razões, haviam seguido os dirigentes da Primavera social-democrata de Praga.

A direcção do Partido e do Estado, nas mãos do grupo de Dubcek, opôs-se à entrada das tropas do Pacto de Varsóvia. A intervenção violava claramente a independência nacional e a

soberania da Checoslováquia. Tal podia justificar-se no quadro da luta mundial entre o imperialismo e o socialismo. Mas o assunto complicava-se mais, posto que a União Soviética, que intervinha na Checoslováquia para pôr fim a uma degenerescência de direita declarada, conhecia ela própria desvios extremamente graves. Nikita Khruchov tinha liquidado os princípios da ditadura do proletariado. O burocratismo, com o seu cortejo de corrupção e de privilégios, desenvolvia-se há 12 anos na União Soviética. Um marxismo formalista afastava muitos quadros da vida real do povo. O aparelho militar pesava cada vez mais sobre a economia e a vida política. A União Soviética de Bréjnev pouco caso fazia do princípio da igualdade entre os partidos comunistas e espezinhava a sua independência; praticava a ingerência, o controlo e a hegemonia. A teoria da «soberania limitada» dava à União Soviética um direito de intervenção e de ingerência nos assuntos internos dos partidos cuja orientação parecia, vista de Moscovo, pôr em perigo as conquistas do socialismo.

Como analisámos, na época, estes acontecimentos? Sabíamos que forças sociais-democratas amadureciam sob a Primavera de Praga e que uma deriva para o capitalismo era provável, senão mesmo certa. Mas uma outra ameaça parecia-nos mais grave ainda: a intervenção militar soviética impunha-se-nos como sinal manifesto de uma tendência para a hegemonia de uma União Soviética onde o revisionismo havia triunfado sob Nikita Khruchov e Bréjnev. Acreditámos que este último aspecto era de longe o mais importante, o mais fundamental e o mais duradouro. Sobre esse ponto a história não nos deu razão. O Partido do Trabalho da Albânia teve razão, em 1968, em falar de uma confrontação entre

os ultra-revisionistas do séquito de Dubcek e os seus pais espirituais, os revisionistas em torno de Bréjnev. Tivemos tendência a pôr uma surdina à crítica ao revisionismo nos países socialistas. O combate contra o hegemonismo soviético, sem dúvida tarefa importante a nível mundial, obscureceu muitas vezes a luta contra o revisionismo. Hoje torna-se mais claro que a tendência hegemónica da União Soviética não era tão duradoura e fundamental como nós pensámos durante todos estes anos.

A União Soviética de 1989 está paralisada por uma economia de fraco desempenho e por conflitos entre nacionalidades de uma extrema gravidade. A direcção do PCUS adoptou importantes mudanças de política, nomeadamente reconhecendo a cada país socialista o direito de definir a sua linha em absoluta independência. Hoje, sabendo que uma nova intervenção soviética está praticamente excluída, os serviços secretos ocidentais querem fazer uma reencenação da Primavera de Praga: tática hábil para reagrupar a direita checoslovaca e encaminhá-la para a via polaca e húngara.

FIDEL CASTRO E A INTERVENÇÃO EM PRAGA

A intervenção soviética de 1968 foi diversamente interpretada pelos partidos comunistas. O Partido Comunista Belga, é claro, denunciou a intervenção na base da sua adesão às posições antimarxistas e antileninistas do grupo de Dubcek. Os partidos revolucionários que se sentiam directamente ameaçados pela tendência para a hegemonia da União Soviética, acentuaram o aspecto da ingerência, ocupação, violação da soberania; é o caso, entre outros, dos partidos chinês, albanês e romeno. Outros

partidos revolucionários pensaram que a política pró- capitalista de Dubcek constituía o aspecto principal da contradição. Foi o caso do Partido Comunista de Cuba. A tese essencial de Fidel Castro foi assim formulada:

«O campo socialista não podia permitir o desenvolvimento de uma situação política que teria conduzido ao afastamento de um país socialista e à sua queda nos braços do imperialismo».⁽²⁸⁾

Ao mesmo tempo, Fidel Castro sublinha que

«o remédio era dramático, draconiano e doloroso. Esta decisão não pode explicar-se senão do ponto de vista político e não do ponto de vista legal. Não tem um vestígio de legalidade. A soberania (da Checoslováquia) teve de ceder diante do interesse mais importante dos direitos do movimento revolucionário mundial e da luta dos povos contra o imperialismo.»⁽²⁹⁾

Fidel Castro assinala também que a intervenção soviética não poderá resolver duradouramente os problemas fundamentais que minam o Partido na Checoslováquia:

«Os métodos burocráticos na direcção do país, a falta de contacto com as massas — questão essencial de todo o movimento revolucionário —, a negligência dos ideais comunistas».⁽³⁰⁾

Fidel critica o

«afrouxamento e amolecimento do espírito revolucionário dos países socialistas: ignorância dos problemas do mundo subdesenvolvido, ignorância da horrível miséria que subsiste, tendência a conservar práticas de comércio com os países subdesenvolvidos que são as mesmas que as do mundo capitalista.»⁽³¹⁾

UMA CHECOSLOVÁQUIA ENTREGUE AO LIBERALISMO

É sempre difícil dizer qual era, em 1968, o menor dos dois males.

Uma Checoslováquia liberalizada, introduzindo estruturas burguesas de tipo social-democrata, teria impulsionado fenómenos de degenerescência em toda a Europa de Leste, como a Hungria o faz actualmente. Quais teriam sido as consequências do ponto de vista da luta anti-imperialista e anticapitalista mundial?

Não é inútil relembrar, aqui, em que contexto histórico a Primavera de Praga eclodiu. Em 1964-65, os Estados Unidos e a Bélgica esmagam a insurreição camponesa no Congo-Kinshasa; em 1965, os *marines* desembarcam em S. Domingos e, na Indonésia, Suharto massacra entre 500 mil e um milhão de «comunistas»; em 1967, os sionistas israelitas agridem a Jordânia, o Egipto e a Síria; em 1968, a guerra do Vietname está no auge, a agressão americana contra o Camboja está ainda para vir. A resistência desenvolve-se

nas colónias portuguesas. A Etiópia, o Irão, a Nicarágua continuam sob a pata de regimes neocoloniais e feudais.

O Partido checoslovaco, embora mais sólido que os partidos húngaro e polaco, não teria provavelmente podido encontrar forças suficientes no seu próprio seio para pôr fim ao desvio de direita, transformado em torrente pelo apoio ocidental. O triunfo da contra-revolução social-democrata na Checoslováquia, em 1968, teria provocado movimentos do mesmo género na Hungria e na Polónia. É difícil imaginar como a Europa de Leste, nestas condições, teria escapado às guerras civis, nas quais, mais tarde ou mais cedo, se teriam envolvido os Estados Unidos e a União Soviética. Os movimentos anti-imperialistas no conjunto do Terceiro Mundo teriam sofrido as consequências disso.

NÃO INTERVENÇÃO E INTERNACIONALISMO

Seja como for, a história realizou o outro mal, o da perda de influência e de crédito para o movimento comunista, devido à violação da independência da Checoslováquia e à prática do hegemonismo pela União Soviética.

Mas para estar à altura de fazer uma estimacção correcta da intervenção soviética de 1968, importa pormo-nos de acordo, antes do mais, sobre um certo número de princípios de base.

Na luta pelo comunismo, os interesses imediatos devem subordinar-se aos interesses fundamentais, os interesses da parte aos interesses do conjunto do movimento. A política e a táctica devem ser definidas depois de uma análise concreta da situação

presente do movimento comunista internacional e da situação política nacional e internacional. Quer dizer que não há «receitas» aplicáveis a todas as situações.

Pouco depois da agressão nazi de 1 de Setembro de 1939, o governo reaccionário polaco foi derrotado. Em 1920, a Polónia feudal tinha anexado a Ucrânia e a Bielorrússia ocidentais, instaurando aí um regime de terror e opressão para os ucranianos, os bielorrussos e os judeus. Em face da queda do regime polaco, o Exército Vermelho entrou nesses territórios, eliminou as forças dos senhores das terras, encontrando um grande entusiasmo entre os operários e os camponeses pobres. Os interesses da luta antifascista, da defesa da União Soviética socialista e das massas oprimidas da Ucrânia e da Bielorrússia ocidentais deviam prevalecer sobre a independência formal destes territórios. A intervenção do Exército Vermelho tornava possível a expressão, pela maioria da população, do seu ódio ao fascismo e do seu apoio ao regime soviético.

Depois da vitória sobre as forças nazis em 1944-45, a presença do Exército Vermelho facilitou o desenvolvimento da luta das classes oprimidas na Checoslováquia, na Polónia, na Hungria e na Roménia. Nessa época, a ameaça principal para a independência destes países, para não falar dos interesses das classes trabalhadoras, residia na política agressiva da aliança anglo-americana, como o prova a sua agressão contra a Grécia antifascista. Um pretenso «respeito absoluto» da independência destes países, tê-los-ia entregado, de facto, à dominação anglo-americana, como foi o caso da Turquia, da Grécia e da Itália. A presença do Exército Vermelho nesses países permitiu contrariar

as intrigas americanas e proteger o desenvolvimento das forças revolucionárias e democráticas.

Não podemos julgar o período de 1944-45 em função do critério absoluto de «oposição a qualquer forma de ingerência da parte da União Soviética», abstraindo-nos da luta de classes internacional e da política de conquista e de dominação americana. A crítica que Stáline e o PCUS formularam em 1948 contra a linha desenvolvida por Tito era provavelmente correcta no essencial. É o que o Partido Comunista da Albânia sempre defendeu. Noutras circunstâncias históricas, o Partido Comunista da China expressou a sua oposição a qualquer forma de ingerência nos assuntos dos outros partidos e, por consequência, denunciou a crítica de Stáline contra Tito. Enver Hoxha e o Partido albanês afirmaram que esta posição relevava do nacionalismo burguês e lançava às urtigas considerações ideológicas e políticas. Ora, a evolução na Jugoslávia deu antes razão a Stáline e à sua crítica da linha burguesa de Tito. No entanto, Stáline e o partido bolchevique, a partir da análise da situação internacional no seu conjunto, decidiram não intervir militarmente na Jugoslávia para aí defender o socialismo ameaçado, segundo eles, nos seus fundamentos.

O internacionalismo proletário exige que os interesses do conjunto do campo socialista prevaleçam sobre os interesses da parte. Mas esses interesses do conjunto devem ser definidos de comum acordo entre os partidos verdadeiramente comunistas. A intervenção do Exército Vermelho em Berlim, em 1953, era necessária para salvar o socialismo na RDA. A intervenção na Hungria, em 1956, era também necessária para derrotar uma contra-revolução dirigida pelas forças fascistas e pró-americanas.

Mas este caso contém já múltiplas complicações pelo facto de que Nikita Khruchov, ao mesmo tempo que esmagava a contra-revolução, desenvolvia ele próprio posições revisionistas e portanto uma política de conciliação com o capitalismo e o imperialismo.

A intervenção na Checoslováquia está ainda mais sujeita a discussão.

A CATÁSTROFE RETARDADA...

De qualquer modo, hoje, foi amplamente provado que a União Soviética não podia defender validamente as conquistas do socialismo mundial praticando o revisionismo nos seus assuntos internos e o hegemonismo nas suas relações exteriores. O Partido Comunista da Checoslováquia, estando ideológica e politicamente corrompido, necessitava de corrigir radicalmente os seus erros, sem o que a sua derrocada deveria, mais tarde ou mais cedo, produzir-se. Neste caso, a intervenção soviética não faria senão retardar a catástrofe.

Para defender validamente e a longo prazo as conquistas do socialismo internacional, a União Soviética deveria provar a superioridade do seu desenvolvimento económico e da sua democracia socialista. Os quadros do Partido soviético deveriam ser exemplos no que respeita ao espírito revolucionário, à ligação às massas e à prática da ajuda desinteressada ao movimento revolucionário mundial. O Partido Comunista da União Soviética deveria realizar análises materialistas, penetrantes e convincentes das diferentes correntes oportunistas que atravessavam a

comunidade socialista, respeitando simultaneamente a independência e a autonomia dos outros partidos. Ora, na década que se seguiu a 1968, os dirigentes do Partido e do Estado soviético perderam todas as qualidades marxistas-leninistas e as suas intervenções e *diktats* já não procediam de uma política marxista-leninista autêntica.

Além disso, assim que a maioria da direcção checoslovaca adoptou uma orientação liberal e social-democrata para a construção socialista, os comunistas autênticos deste país não deveriam ficar à espera essencialmente da ajuda exterior, como fizeram muitas vezes, mas sim retomar o caminho do trabalho revolucionário na base, pois somente as classes trabalhadoras, armadas de um ideal socialista, podem constituir a firme garantia de uma correcção no sentido marxista-leninista.

A AUTOCRÍTICA DO PARTIDO COMUNISTA DA CHECOSLOVÁQUIA

Depois da normalização, o Partido Comunista da Checoslováquia formulou um certo número de conclusões correctas da experiência dramática que tinha acabado de viver.

«Uma das causas determinantes desta evolução catastrófica foi a penetração gradual nos órgãos dirigentes do Partido de pessoas que haviam mais ou menos traído o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário, que violavam as normas da vida do Partido e os princípios do centralismo democrático. Esta gente tomou gradualmente lugar cimeiro

na direcção do Partido. No decurso dos últimos anos, o ponto de vista de classe sobre os problemas enfraquecera-se, a vigilância revolucionária e os princípios ideológicos sofreram recuos, os métodos pequeno-burgueses desenvolveram-se assim como o arrivismo e o oportunismo. A formação do homem socialista, a grande luta pela sua consciência socialista, a luta contra a inércia, contra as tendências estranhas ao ponto de vista de classe, não estavam fundadas num programa eficaz, adaptado às nossas condições, em que se manifestava a acção de fortes camadas da pequena burguesia e de diversas tradições e influências sociais-democratas. Os aspectos internacionais da nossa evolução, determinados pelo agudo antagonismo de classe do mundo contemporâneo, reforçavam substancialmente a urgência da luta política e ideológica. Não foi travada uma luta suficiente contra o oportunismo de direita crescente no Partido, que reflecte a acção das camadas pequeno-burguesas e das influências internacionais. A direcção do Partido também não tirou as conclusões necessárias da contra-revolução húngara e não preparou o Partido para defrontar os métodos de diversão ideológica que os imperialistas começaram a usar como arma principal contra os países socialistas.»⁽³²⁾

Estas análises parecem-nos válidas. Mas a questão permanece: o Partido Comunista da Checoslováquia terá encontrado os meios para realizar as rectificações profundas que deveriam seguir-se? Não temos as informações necessárias para fazer essa apreciação. Medidas autoritárias contra os inimigos do socialismo eram sem dúvida necessárias em 1968. Mas a

permanência do seu efeito depende da tenacidade dos esforços para corrigir, na base, os erros políticos que tornaram possível o desenvolvimento das teses pró-capitalistas e pró-imperialistas. A redobrada ofensiva do imperialismo contra os países socialistas a que assistimos hoje, colocará à prova a direcção checoslovaca. Os factos mostrar-nos-ão em breve se ela foi capaz, no decurso das duas décadas passadas, de reconquistar a confiança das massas e de ganhar uma parte dos comunistas que se afastaram do Partido seguindo a tendência de Dubcek.

CARTA 77: A VOZ DA RADIO FREE EUROPE

Não estamos em condições de prever se a direcção do Partido Comunista da Checoslováquia terá a capacidade política necessária para repelir os ataques renovados do imperialismo e dos seus agentes que actualmente efectuam tantas devastações na Polónia e na Hungria.

No entanto, o que podemos desde já afirmar é que a Carta 77 terá um papel importante em todo o movimento anti-socialista que se verifica na Checoslováquia.

Unindo estreitamente os seus esforços, os reaccionários checoslovacos e os meios de informações ocidentais fizeram há muito o balanço da experiência da luta de classes no socialismo. Em torno de um núcleo duro de anticomunistas, visam constituir um movimento tão largo quanto possível sobre uma plataforma democrática, ampla, «inocente». Exploram qualquer expressão de descontentamento, qualquer erro da parte do Partido, para alargar a audiência do seu movimento «democrático». Graças às suas

estreitas relações com as rádios e os media ocidentais, a CIA e os outros serviços secretos asseguram uma larga publicidade aos corajosos «movimentos democráticos» em luta contra os «stalinistas». A Carta 77 foi concebida segundo este esquema.

Duas forças constituíram a Carta 77: a direita católica e a social-democracia alérgica ao socialismo real. Mas para se encontrar à altura de tocar um público mais largo, os seus iniciadores fizeram um grande esforço para juntar uma terceira força, a dos revisionistas saídos do Partido Comunista.

Jan Tesar, um dos signatários da Carta, sublinha esta «necessidade do pluralismo político» e prossegue:

«Só a cooperação entre as três tendências fundamentais pode permitir o desenvolvimento de uma luta contra o despotismo».⁽³³⁾

Jiri Nemec, outro signatário, é um representante da tendência reaccionária cristã que gosta do *underground* e dos seus grandes concertos de rock. porque, diz ele, «o *underground procura a sua orientação no Evangelho*». Nemec encontrou a sua própria orientação nas obras dos filósofos da extrema-direita, Teilhard de Chardin — no seu período fascista —, Hannah Arendt e Heidegger, com a sua conversa incompreensível sobre a liberdade, sobre «a existência própria, autêntica, o homem pensando-se em referência ao seu próprio fim», conversa que orna a preceito a liberdade de explorar. Após esta citação de Heidegger, Jiri Nemec continua:

«A teoria evangélica e a teoria católica conduzem às fontes profundas da liberdade humana.» O homem livre é «o

contrário do revolucionário clássico que não espera senão a ocasião da sua vida para se colocar à frente das multidões em delírio».⁽³⁴⁾

Rudolf Battek, antigo deputado no Conselho Nacional Checo, signatário da Carta 77, é um anticomunista que se reclama da social-democracia. Verberando o «totalitarismo» que reina na Checoslováquia, é de opinião de que uma

«solução alternativa, num sistema totalitário, não se pode reduzir a "saladas reformistas" (...) Não se pode eliminar o sistema totalitário sem afastar por uma política apropriada todos os elementos de uma estrutura de ditadura política».⁽³⁵⁾

Jiri Hajek, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros de Dubcek, comunista «reformador», foi o porta-voz da Carta 77 no princípio da sua existência. O «comunismo democratizado» da Primavera de Praga continua a ser o seu ideal. Mas aceitou servir de biombo a todos os anticomunistas, prevendo, já em 1978,

«uma explosão de ressentimento popular muito mais espontânea e violenta do que tudo o que se pôde ver em 1968», no caso de o apoio soviético ao PCC deixasse de estar garantido.⁽³⁶⁾

Em Agosto de 1978 tiveram lugar os primeiros encontros entre a Carta 77 e o KOR⁽³⁷⁾ polaco representado por Adam Michnik, Jacek Kuron, Jan Litynski, três dos principais dirigentes do *Solidarnosc*. Comentando a Primavera de Praga, diziam então numa declaração comum:

«Toda a Europa democrática colocava as suas esperanças nos processos de democratização, nos quais via uma tentativa de criar uma alternativa a um sistema totalitário».

Assim, o *Solidarnosc*, com a sua orientação abertamente anticomunista, era desde logo considerado como seguimento lógico da Primavera de Praga e do seu pretensão « *socialismo de rosto humano*». Em 1978, a Carta 77 e o *KOR* assinaram também acordos de troca de informações e de apoio mútuo e estabeleceram contactos com os «defensores dos direitos humanos» na Arménia, na Geórgia, na Lituânia e na Ucrânia.⁽³⁸⁾

RUMO À LUTA FINAL?

Este ano, a Carta 77 lançou um apelo intitulado «Algumas frases», com o propósito de servir para «*uma acção permanente e de massas, uma espécie de referendo nacional*». Proclamado na quinta-feira, 29 de Junho de 1989 na *Radio Free Europe*, o apelo exige no seu ponto quatro:

«Libertar os media e a actividade cultural (na Checoslováquia) de qualquer forma de manipulação (...), abri-los a um debate livre».

Infelizmente para os «democratas» da Carta 77, algumas das suas consignas, enviadas à *Radio Free Europe*, foram tornadas públicas. Tratava-se, de facto, de um detalhado plano de batalha, indicando o que havia a fazer semana a semana, plano destinado à *Radio Free Europe*, assim como à *BBC* e à *Voz da América*. Os seus redactores insistem fortemente na necessidade de publicar o apelo

no *Le Monde*, *The Times*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, etc. Todas estas consignas confidenciais mostram claramente que o caminho da Carta 77, dirigido às massas checoslovacas, passa essencialmente pelas emissões das rádios pertencentes aos serviços secretos ocidentais e pela grande imprensa do mundo imperialista.

«Chegámos a acordo com os polacos», a Carta 77 nas suas directivas confidenciais, «para que, logo a seguir à publicação de «Algumas frases», a coisa seja apoiada publicamente pela fracção parlamentar do Solidarnosc. Vamos tentar obter o apoio dos húngaros.»⁽³⁹⁾

É desde então evidente que a Carta 77, de mão dada com a CIA, se prepara para a «luta final».

Acrescentemos que o trotskista Petr Uhl se encontra entre os mais activos deste concílio de anticomunistas, reunidos em torno da Carta 77. Gaba-se, aliás de ser um dos principais redactores desta Carta. Assinala que a oposição saída do Partido Comunista da Checoslováquia e que seguia a linha Dubcek—Mlynar, recusou sempre aderir à Carta 77. Confessa também que *«a maioria dos signatários, ou seja quase todos»*, não quer ouvir falar do marxismo.⁽⁴⁰⁾ Como em todos os países socialistas, os trotskistas apoiam na Checoslováquia a agitação empreendida pela CIA e por todo o arco-íris dos nostálgicos do mercado livre, pretendendo que essa bela gente ajude, inconscientemente, a vanguarda trotskista a realizar a sua «revolução política antiburocrática» que destruirá o «sistema stalinista»...

Por trás de Petr Uhl, o seu porta-voz checo, o grupo de Mandel alinha fogosamente com a grande subversão. A imprensa trotskista titula, em 15 de Novembro de 1988: *«Checoslováquia: chegou o momento das grandes mudanças?»* O artigo abre com um elogio a Vaclav Havel, esse escriba que se ufana da sua coragem na defesa das ideias da extrema-direita:

«Quando as pessoas tiveram a coragem de defender abertamente as suas ideias, o momento das grandes mudanças terá chegado. Assim se exprimia Vaclav Havel, porta-voz do grupo checo dissidente da Carta 77.»⁽⁴¹⁾

O grupo Mandel sabe perfeitamente que «as ideias» que Havel, Nemec e Battek têm «a coragem de defender» são as da direita pró-ocidental. Mas, pegando nos termos utilizados pelo próprio Havel, apresenta a realização destas ideias como «o momento das grandes mudanças». Hoje, que o andamento pró-capitalista na Hungria se tornou evidente, Mandel afirma que os movimentos de revolta na Checoslováquia, são *«ajudados pelas mudanças nos países vizinhos, a Hungria, por exemplo»*. Para combater o Partido Comunista da Checoslováquia e os fundamentos socialistas da Checoslováquia, os trotskistas retomam o programa social-democrata e pró-imperialista de Dubcek. Apoiam a linha de certos reformadores do partido checoslovaco, que propõe

«mais iniciativas para as empresas, a introdução de certos mecanismos de mercado, assim como um espaço mais amplo deixado à iniciativa privada. Enfim, uma verdadeira

perestroika à moda checa. Tão indispensável como na URSS, se o país quer escapar à catástrofe económica».

Mas, afirma a IV Internacional, esta excelente linha reformadora coloca um problema político insolúvel aos actuais dirigentes stalinistas já que essas reestruturações

«se assemelham estranhamente à reestruturação começada na Primavera de Praga sob a batuta do economista Ota Sik...»

Depois, prosseguem os nossos trotskistas, os burocratas checos

«têm um pavor medonho do Vento de Leste, da política de glasnost. Compreende-se: a glasnost lembra-lhes a Primavera de Praga, com as suas publicações livres.»⁽⁴²⁾

Assim, uma vez mais, Mandel embrulha em embalagem cor-de-rosa, a sua mercadoria liberal, na ocorrência, a defesa da linha social-democrata da Primavera de Praga.

É de esperar que nos meses e anos que aí vêm, a luta de classes se acentue na Checoslováquia, sob a redobrada pressão das potências imperialistas. O seu resultado terá grande significado para o conjunto dos países socialistas. Se o liberalismo económico e político deve submergir a Checoslováquia, então a Jugoslávia, a Hungria, a Checoslováquia e a Polónia constituirão uma zona contínua onde as multinacionais poderão exercer o seu poder. A República Democrática Alemã será completamente cercada. A maré das ideias capitalistas influenciará os direitistas que se escondem na equipa de Gorbatchov. O confronto entre o grupo

pró-capitalista de Sákharov—Éltsine e os marxistas-leninistas autênticos será inevitável; onde se situará Gorbatchov na hora da batalha decisiva?

OUTUBRO DE 1990 POST-SCRIPTUM ELES ESTAVAM DO LADO DA «REVOLUÇÃO»...

Não foram precisos anos para responder à questão colocada acima: três meses após a redacção deste estudo, o regime socialista checoslovaco, incapaz de opor a mínima resistência à ofensiva da direita nacional e internacional, ruía. Assistimos a importantes movimentos de massas em Praga. No Ocidente, forças que iam da extrema-direita ao trotskismo, passando pela social-democracia, saudaram *«o povo que tomou nas mãos o seu destino»* e aclamaram *«a revolução de veludo»*.

Para os marxistas era evidente que esse povo, completamente desorientado pela chuva de propaganda de direita e pela capitulação vergonhosa de todos os que se mascaravam de comunistas, marchava de olhos fechados na esteira das bandeiras da Restauração e do Antigo Regime. Ninguém dirá que os dirigentes da contra-revolução checa não tinham anunciado o que aí vinha. Já em 15 de Outubro de 1988, todas as grandes figuras da Carta 77 e de outros grupos de oposição - Rudolf Battek, Jiri Dienstbier, Vaclav Havel, Jaroslav Sabata, Ludvik Vaculik e uma centena de outros — haviam assinado um Manifesto do Movimento pela Liberdade cívica.

Eis as teses essenciais.

«O pluralismo económico é impossível sem pluralismo político. Só uma transformação do sistema político pode abrir o caminho a uma reforma económica verdadeiramente radical que libertaria as empresas do jugo da burocracia centralizada.» «Somos pelo pluralismo de diversas formas de propriedade e de decisão.»

E, após haver assinalado as formas autogestionárias e cooperativas, o Manifesto afirma:

«O pleno restabelecimento da empresa privada é inelutável nos domínios do comércio, do artesanato, das pequenas e médias empresas». «A economia checoslovaca deverá integrar-se, de maneira natural, na economia mundial, baseada na divisão internacional do trabalho.»⁽⁴³⁾

A reacção do trotskista Petr Uhl a este Manifesto da contra-revolução de veludo foi muito significativa: enquanto se declarava solidário com as intenções fundamentais, julgou oportuno não assinar um texto tão comprometedor. Uhl reafirmou o seu acordo com os signatários, por *«uma discussão de todos os problemas políticos no respeito do pluralismo»*.⁽⁴⁴⁾ O pluralismo de Uhl engloba, portanto, toda a gama das forças pró-capitalistas e pró-imperialistas. Trata-se, disse Uhl,

«de unir todos os adversários do centralismo burocrático e do stalinismo», a fim de «nos libertarmos do isolamento dogmático e da hegemonia burocrática»,

em suma, libertar-se do que ele chama o «socialismo real».

Entretanto, o Manifesto é tão francamente de direita que não deixa praticamente lugar aos pequenos truques de demagogia que constituem o contributo específico de Petr Uhl para a contra-revolução. É assim que é obrigado a constatar:

«Trata-se de uma plataforma liberal-democrata próxima do Partido Liberal alemão e dos liberais ingleses.» «A pretensão do Movimento para a Liberdade Cívica de coordenar todas as actividades políticas democráticas independentes tem um carácter totalitário.»

Mas esta acutilante análise não impede o trotskista de continuar a fazer olhos bonitos aos seus amigos do pluralismo anticomunista.

Ele lembra que muitos dos signatários têm

«um passado socialista no melhor sentido da palavra» e saúda no Manifesto *«a reivindicação da autogestão nas grandes empresas»*,

que não ultrapassa o quadro do accionariado operário da senhora Thatcher.⁽⁴⁵⁾

Assim, a direita checa proclama alto e bom som a sua vontade de restauração, mas passeia com ostentação um pequeno apêndice cor-de-rosa que oferece à admiração de uma certa «esquerda». Um punhado de trotskistas, sem a menor preponderância sobre as massas, esforçar-se-á para manter a ficção de que a direita, massiva e agressiva, age segundo a linha da «revolução política antiburocrática» de Trótski!

Depois da vitória da contra-revolução e da aplicação do Manifesto que ele próprio classificou de liberal, Uhl declara:

«Poder-se-á discutir em que medida a teoria de Trótski da revolução política foi justificada. Penso que é na Checoslováquia que a realidade é a mais próxima desta teoria».⁽⁴⁶⁾

E o homem, que não brilha por grande inteligência, põe-se a explicar esta «revolução política»:

«Enquanto de tratar de afirmar que se é contra o “comunismo”, contra o stalinismo, contra a burocracia, toda a gente está de acordo.»⁽⁴⁷⁾

Bela descrição da frente unida de todo o arco-íris anticomunista!

«Havia aqueles que viam na Carta 77 um passo na direcção da revolução política — era o meu caso; outros viam nela um meio de propagar a palavra de Cristo. Era um verdadeiro laboratório de tolerância.»⁽⁴⁸⁾

Para derrubar e destruir o socialismo (fosse um socialismo vigoroso e forte ou um socialismo doente e minado), os clérigo-fascistas, os nacionalistas reaccionários, os agentes da CIA e os sociais-democratas dão as mãos e, claro, fazem prova de uma grande «tolerância» em relação aos pseudo-socialistas que vêm reforçar a sua agitação a golpes de citações de Trótski.

A famosa «revolução antiburocrática» da IV Internacional teve assim o seu baptismo de fogo da prática. Revelou num ápice o seu carácter puramente demagógico. A sua substância reduziu-se a frases pomposas de consonância de esquerda, para maquilhar um processo contra-revolucionário. Um exemplo brilhante: o grupo de Mandel saúda o 12 de Janeiro de 1990:

«o brusco acesso à vida política de centenas de milhões de homens e de mulheres dos países de Leste».⁽⁴⁹⁾

Onze meses mais tarde, vê-se obrigado a confessar, de passagem, que esta frase pomposa não corresponde a nada. Em 23 de Novembro de 1990, escreve:

Segundo Petr Uhl, não haveria senão algumas centenas, talvez milhares de militantes do Fórum a nível regional e local». «O movimento estudantil, que foi em larga medida o motor dos acontecimentos de Novembro de 1989, já não existe.»⁽⁵⁰⁾

O acesso à vida política das massas significa, em linguagem marxista, que as massas se tornam conscientes dos interesses históricos da sua classe, que elas se organizam num partido marxista-leninista e que tendem a instaurar a ditadura popular contra as forças do imperialismo, do capitalismo e da burocracia. Mandel fala do acesso à vida política das massas no momento em que elas seguem uma direita ébria de vingança. Este «acesso à vida política» foi realizado na Checoslováquia, em Novembro de 1989, no seio do Fórum Cívico, dirigido por Havel, cujas ligações com a CIA não são segredo para ninguém. Segundo Pavel Pechacek, chefe da secção checoslovaca da *Radio Free Europe*, financiada pelo

governo americano, a influência da sua rádio na evolução dos países de Leste é manifesta.

«Tivemos sempre um papel importante. Segundo o dirigente da revolta estudantil em Bratislava, foi a Free Europe que deitou fogo à pólvora. Tivemos sempre contactos estreitos com Havel, Carnogursky e Dientsbier, que são hoje membros do nosso governo mas que, durante anos, trabalharam para nós como correspondentes independentes».

Em 20 de Novembro de 1989, Pechacek recebeu um visto de entrada da embaixada checa em Bona.

«Não consigo compreender, disse ele. Havel recusava-se a acreditar que eu o esperava em Praga, e Petr Pithart dizia que queria tocar-me antes de acreditar.»⁽⁵¹⁾

Tais são as personagens que «acordaram as massas para a vida política »...

Em Outubro de 1990, Vaclav Klaus foi eleito para chefiar o Fórum Cívico. Klaus, que se ligara a Havel em 1968, durante a Primavera de Praga, tornou-se num dos seus principais conselheiros. Desde há longos anos, Klaus mostra a sua admiração por Milton Friedman e por Hayek, os dois economistas mais destacados da direita americana, que se pronunciavam por uma *«economia de mercado sem qualquer adjetivo»*.⁽⁵²⁾ O acesso das massas à vida política é portanto dirigido pelos admiradores de Reagan.

Estas verdades, toda a imprensa internacional as havia amplamente exposto no início de 1990. É assim, com conhecimento de causa, que Mandel continuou, em Março deste ano, a louvar um processo tendo por programa a restauração do capitalismo.

«Em alguns Estados-satélites», declarou Mandel em 21 de Março de 1990, a um jornal bolsista belga, «a passagem para um modelo absolutamente ocidental é impossível, mas esse não é o caso em países como a União Soviética e a Checoslováquia.»⁽⁵³⁾

O grupo de Mandel sabe perfeitamente que a esmagadora maioria da Carta 77 e, depois, do Fórum Cívico se situa entre a direita *retro* e a direita *disco*. Uniu-se a estes indivíduos num ódio comum ao comunismo. E com a desenvoltura de um homem pouco esperto, Petr Uhl confessa que continuará solidário com esta direita enquanto os últimos restos do sistema socialista não forem eliminados! Comentando o modo como os chefes do Fórum Cívico se lançam sobre os lugares lucrativos, Uhl declara:

«Há uma corrida aos postos de ministros ou de deputados, por processos antidemocráticos. Por agora critico isso de maneira, digamos, educada, porque o antigo regime não foi ainda batido».⁽⁵⁴⁾

Um dos seus próximos, Fiser, também ele co-fundador da Carta 77, confessa:

«Havel não é o democrata que os media apresentam. O seu programa reduz-se a imbecilidades pseudo-humanistas. Os

seus conselheiros, alguns dos quais de conivência com a CIA, isolam-no de toda a crítica das outras tendências no seio do Fórum Cívico.»⁽⁵⁵⁾

Bela confissão, esta, de que o Fórum é dominado pelos partidários obtusos da ordem burguesa. E como é ridícula a queixa de Fiser de que os agentes da CIA impedem o querido Havel de ouvir as críticas da «esquerda» do Fórum! Essa pseudo-esquerda foi utilizada para influenciar certos meios progressistas no Ocidente. Uma vez que a restauração triunfou definitivamente, esses marginais perderam todo o valor.

E no entanto, mesmo após a restauração, um homem como Uhl continuará a servir a direita vitoriosa! Em Fevereiro de 1990, fazendo o panegírico da «revolução democrática», Uhl detecta no seio uma ala tecnocrática, maioritária, e uma ala «autogestionária» que tem a sua preferência.

«Ou aqueles que se empenharam na luta revolucionária tentam canalizar todo o processo revolucionário nas calhas do Estado, ou então tentam institucionalizar ou mecanismos sociais não estatais. Ou as pessoas são organizadas pelo Estado, ou então auto-organizam-se.»⁽⁵⁶⁾

Escolher entre Estado e autogestão é uma velha pecha anarquista. O Estado é sempre um instrumento da ditadura de uma classe e Uhl contribuiu para a restauração completa da ditadura da burguesia. Esta demagogia sobre a autogestão acabou em farsa grotesca quando o nosso autogestionário foi promovido à chefia da Agência de Notícias Checoslovaca (CTK), a voz oficial da nova

Checoslováquia burguesa! Desde Fevereiro de 1990, Uhl dirige os 1700 empregados da CTK, para informar o público das benfeitorias dos Havel e dos Klaus! Aquele que, ontem ainda, elogiava a autogestão, afirma hoje que o Estado representa a sociedade.

«Subentende-se geralmente que, se dependemos do Estado, apoiamos o governo. O que não é exactamente o caso. Devemos, é claro, “respeitar” o governo, mas se há um conflito é antes um comité parlamentar que deve decidir, porque o parlamento representa mais o Estado do que o governo. Temos a tarefa de divulgar as informações sobre a sociedade checoslovaca no estrangeiro. Isso diz respeito ao Estado checoslovaco porque ele representa neste momento a sociedade checoslovaca.»⁽⁵⁷⁾

Assim, o trotskista Uhl tornou-se no porta-voz oficial das forças que antes qualificava de burguesas-liberais. Será difícil encontrar melhor ilustração do conteúdo real da «revolução política antiburocrática».

Notas de rodapé:

(1) NRC-Handelsblad, 4 de Julho de 1989, p. 7, artigo de Hans Renner. (.)

(2) *Le Monde* , 26 de Julho de 1989, p. 4. (.)

(3) *La Libre Belgique*, 1 de Agosto de 1989. (.)

(4) *Le Monde* , 1 de Agosto de 1989, p. 24. (.)

(5) Ibidem. (.)

(6) *Le Monde*, 26 de Julho de 1989, p. 4.(.)

(7) Ibidem. (.)

(8) Ibidem. (.)

(9) Ibidem. (.)

(10) *Le Monde*, 28 de Julho de 1989, p. 6 e 7. (.)

(11) *Le Monde* , 26 de Julho de 1989, p. 4. (.)

(12) Ibidem. (.)

(13) Ibidem. (.)

(14) *Le Congrès clandestin - le 14^e congrès extraordinaire*, ed. Seuil, 1969, p. 148 e 146. (.)

(15) *De Standaard*, 3 de Agosto de 1989. (.)

- (16) Forum-dissidences n° 1, Maio de 1989, Genebra, p. 26-27. (.)
- (17) *Le Monde*, p. 14. (.)
- (18) *Le Congrès clandestin*, pp. 145-146. (.)
- (19) *Faut-il changer notre programme?*, 1921, p. 101. (.)
- (20) *Le Congrès clandestin*, p. 258. (.)
- (21) *Ibidem*, p. 156. (.)
- (22) *Ibidem*, p. 158 et 300. (.)
- (23) Citado em: *Les événements en Tchécoslovaquie: Faits, documents, presse, témoignages*, Moscovo, 1968 p. 90-91. (.)
- (24) *Ibidem*, p. 89. (.)
- (25) Alusão à conhecida série de TV norte-americana «Dallas», produzida entre 1978 e 1991, pela *CBS*, que descreve as intrigas entre duas famílias nos meios da alta sociedade texana. (N. Ed.) (.)
- (26) *Le Congrès clandestin ...*, p. 357 e 346. (.)
- (27) *Ibidem*, p. 346 e 348. (.)
- (28) Fidel Castro, Alocução de sexta-feira 23 de Agosto de 1968, Instituto del Libro, p. 10. (.)
- (29) *Idem*, *ibidem*, p. 10 e 19. (.)
- (30) *Idem*, *ibidem*, p. 12-13 e 15. (.)

(31) Idem, ibidem. (.)

(32) *XIV^e Congrès du Parti communiste de Tchécoslovaquie*, Praga, 1971, ed. Orbis, p. 19 e 16. (.)

(33) *Listy*, órgão da oposição socialista checoslovaca, n.º 8, 1978, p. 19. (.)

(34) *Listy* , n.º 15-16, 1980, p. 29-33. (.)

(35) Ibidem, p. 28. (.)

(36) Jiri Hajek, *Dix ans après*, ed. Seuil, 1978, p. 200. (.)

(37) *KOR*, iniciais polacas de Comité de Defesa dos Operários, estrutura clandestina criada em 1976 pelos opositores ao socialismo na Polónia. Em Outubro 1981 dissolve-se durante o congresso do Solidarnosc em Gdansk. (N. Ed.) (.)

(38) *Listy* , n.º 9, 1978, p. 23. (.)

(39) Citado em: *Le scénario et la mise en scène de Quelques Phrases*, *Rude Pravo*, 22 de Julho de 1989. (.)

(40) *Listy*, n.º 8, 1978, p. 24 et 26. (.)

(41) *La Gauche*, 15 de Novembro de 1988, p. 11. (.)

(42) Ibidem. (.)

(43) *Inprecor*, n.º 283, 1989, p. 24. (.)

(44) Ibidem, p. 26-30. (.)

(45) Ibidem. (.)

(46) *Inprecor*, n.º 304, 1990, p. 26. (.)

(47) Ibidem. (.)

(48) *Inprecor*, n.º 300, 1990, p. 8. (.)

(49) Ibidem. (.)

(50) *Inprecor*, n.º 319, 1990, p. 4. (.)

(51) *NRC-Handelsblad*, 13 de Janeiro de 1990. (.)

(52) *The Wall Street Journal*, 6 de Março de 1990, «Trague's Free market Minister». (.)

(53) *De Financieel Economische Tijd*, 21 de Março de 1990, Ernest Mandel: «Gorbatjov is te vergelijken met Roosevelt». (.)

(54) *Inprecor*, n.º 300, 1990, p. 8. (.)

(55) *La Gauche*, 3 de Outubro de 1990, «Fiser, co-fondateur Charte 77». (.)

(56) *Inprecor*, n.º 304, 1990, p. 26. (.)

(57) Ibidem, p. 27. (.)

OS PRIMEIROS FRUTOS PODRES DA «REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA»

[Janeiro de 1990]

Nestes últimos tempos, a imprensa fez notar, com uma desconcertante insistência, que

«só a Roménia resiste à vaga de liberalização» que se desencadeia a Leste, e entrincheira-se num «stalinismo anacrónico».



Ainda em 12 de Dezembro de 1989, os *habitués* da Bolsa de Bruxelas suspiravam:

«Apesar da liberalização geral na Europa de Leste, a Roménia de Nicolae Ceausescu continua a defender os valores do “socialismo científico” e do papel dirigente do Partido Comunista na vida política do país».⁽¹⁾

Depois disso, houve «a revolução», se acreditarmos na senhora Thatcher e no senhor Bush, peritos na matéria. O socialismo significa tirania, miséria e corrupção; o povo fez a sua revolução para obter a liberdade, a igualdade e a fraternidade. «Maravilhoso povo romeno», exclamou a senhora Thatcher, num

sobressalto pouco habitual nela. E os belgas puseram-se a juntar chocolate, açúcar, leite em pó, roupa usada, medicamentos, com a firme convicção de que iam contribuir para a nobre causa do combate contra a tirania e a miséria.

No entanto, é mais fácil oferecer um quilo de açúcar do que precisar o verdadeiro sentido da palavra liberdade. Que faces apresentarão a liberdade, a igualdade e a fraternidade na Roménia de amanhã? E se a liberdade significasse apenas privatização, a igualdade simplesmente a possibilidade para todos de comprar empresas — desde que todos possuíssem os meios necessários? E a fraternidade os laços de interesse que unem todos os exploradores do mundo?

Na «revolução» romena aparecem vedetas de um só dia para cantar com ênfase a Liberdade diante do povo. Mas também aparecem, bem longe das multidões delirantes, economistas a falar prosaicamente do essencial. Como tão bem diz um jornal financeiro a propósito das perturbações do Leste:

«Esta deriva do comunismo é acompanhada de reformas económicas que põem fim ao dogma da “socialização dos meios de produção”. As novas leis adoptadas um pouco por toda a parte, farão de 1990 o ano da privatização das empresas».⁽²⁾

Assim *LEcho de la Bourse* manifesta a esperança de que a revolução (sim, leitor conservador, é preciso seguir o movimento, *LEcho de la Bourse* é um decidido partidário da Revolução!)

conheça uma vitória total. Claro, a revolução poderia ainda ser um tanto travada pela

«existência de uma burocracia que tudo faz para deitar areia nas engrenagens dos que desejam andar em frente».⁽³⁾

Mas a revolução vencerá. A Bolsa não tem dúvidas.

O DIABO TRANSFORMA-SE EM ANJO E VICE- VERSA...

Pobres espíritos manipulados, os que acreditam que as nossas multinacionais e os nossos canais de televisão se interessam pela «liberdade», pela «democracia» e pela «luta contra a ditadura» na Roménia. Não foram os nossos políticos que cuspiram o seu mais negro veneno contra o tirano Jaruzelski? Depois do seu golpe de Estado de 13 de Dezembro de 1981 e a tomada do poder por um Conselho Militar de Salvação Nacional, Jaruzelski simbolizava o totalitarismo stalinista. Mas como o indivíduo desenrola hoje o tapete vermelho diante das nossas multinacionais, gaba-se-lhe agora a sabedoria e a sua estatura de homem de Estado. O *Figaro Magazine*, ponto de convergência de toda a direita anticomunista francesa, faz manchete em 21 de Outubro de 1989: *«Exclusivo: Jaruzelski. O golpe da sedução»*. E sob um retrato favorecido do antigo monstro stalinista, pode ler-se:

«A aprendizagem do consenso. Comunista, militar devotado ao partido, o general Jaruzelski procura hoje inventar um novo

personagem: o presidente acima dos partidos, que encarnaria a nação e não uma ideologia».⁽⁴⁾

Não há ainda dez anos, num momento em que era ainda preciso dividir os países socialistas para melhor os poder infiltrar um a um, Ceausescu recebia uma medalha real das próprias mãos da rainha de Inglaterra e foi recebido com grande pompa pelo rei Balduíno. Ainda mesmo em 1982, Willy De Clercq, (ex-chefe do Partido Liberal, homem da *Société Générale*, Comissário Europeu) sustentava sobre a Roménia:

«Nicolae Ceausescu é um pacifista de longa data. (...) Apesar da ideologia socialista do Partido Comunista Romeno, o próprio país desenvolve uma política exprimindo as verdadeiras intenções dessa nação».⁽⁵⁾

Nessa altura, a direita classificava Ceausescu como:

«grande trabalhador», «humanista», «inimigo dos abusos da burocracia» e «homem sóbrio, levando uma vida muito simples».⁽⁶⁾

O mesmo Ceausescu foi hoje transformado, por esses propagandistas da direita, num tirano sanguinário, no «Drácula dos Cárpatos», num «vampiro», no «Rei-Sol da Roménia», pela única razão de que se opôs, bem tarde, à vaga de capitalismo selvagem desencadeada sobre a Europa de Leste.

Num passe de mágica, os nossos especialistas da guerra psicológica podem transformar o tirano Jaruzelski em homem de Estado e o reformador Ceausescu em terrível ditador. Estes

meandros da propaganda nada têm a ver com a duplicidade e a hipocrisia. Servem uma finalidade constante, prosseguida com espírito de continuidade: dividir o movimento comunista, apoiar as tendências revisionistas, promover os interesses do mundo capitalista.

Contrário à intervenção soviética na Checoslováquia, em 1968, como à ocupação do Afeganistão, em 1979, Ceausescu contribuía aos olhos do Ocidente para o desenvolvimento do nacionalismo anti-soviético e o esboroamento do campo socialista. Aceitando avidamente os abundantes créditos que o Ocidente lhe oferecia, Ceausescu permitiu o crescimento dos privilégios entre a elite do partido e espalhou a ideia de que o socialismo podia casar-se com o crescente domínio das multinacionais sobre o país. Nada havia de hipócrita na hábil propaganda de Willy De Clercq à glória do revisionismo romeno.

Mas em 1989, personagens que abertamente desfraldavam a bandeira americana chegaram ao poder na Polónia e na Hungria. Quem, no Ocidente, teria ainda necessidade do revisionista Ceausescu como apoio? Tanto mais que este, alarmado há vários anos com a crescente agressividade do capitalismo, se retractou. Não dizia ele em 24 de Outubro de 1989:

«Os meios imperialistas proclamam cada vez mais insistentemente o capitalismo todo-poderoso e predizem de novo o desaparecimento iminente do socialismo. Estes reaccionários desencadearam novamente uma ofensiva ideológica e política visando difamar e minar o socialismo, uma política de ingerência nos assuntos internos e de

desestabilização dos países socialistas, usando todos os meios do arsenal da guerra fria, desde a informação desnaturada da opinião pública e o denegrimento do socialismo, a chantagem, a diversão, as sanções econômicas e políticas, até ao financiamento directo de grupos e de forças anti-socialistas e antinacionais ».⁽⁷⁾

Nada nestas palavras é falso. Para que não sejam escutadas, os antigos louvaminheiros de Ceausescu declará-lo-ão «vampiro», «Nero», «fanático de pornografia»...

A FAUNA MULTIPARTIDÁRIA QUE INVADIU A HUNGRIA

A liberdade política que a direita quer impor na Roménia, a golpes de mentira, de encenações macabras e com profusão de espingardas e de tanques é já uma realidade na Hungria. Impossível fechar os olhos sobre a contra-revolução burguesa que toma conta do país.

Já em Maio de 1989, uma conferência da fracção «reformatora» do Partido Comunista Húngaro adoptou um manifesto de ruptura com todo o passado socialista. Sob a autoridade de três membros do *Bureau* Político, Imre Pozsgay, Rezso Nyers e Pal Vastagh, a conferência abjurou o comunismo, essa forma de «despotismo asiático», para abraçar o socialismo democrático à ocidental. Reabilitou a contra-revolução anti-socialista de 1956 e o seu chefe, Imre Nagy. E, com toda a lógica, tirava da gaveta o programa de 1956:

*«neutralidade garantida pelas duas superpotências»,
«transição planificada para um sistema multipartidário»,
«transformação completa da economia».*⁽⁸⁾

Esta fracção tornou-se dominante no Congresso de 7 de Outubro de 1989, que enterra o *«Partido Socialista Operário Húngaro, uma formação de tipo bolchevique(!)»*, para formar o novo Partido Socialista Húngaro, cujas palavras de ordem são: *«Uma democracia parlamentar pluripartidária», «economia de mercado»* e *«a liberdade de aquisição de bens»*.⁽⁹⁾ Imre Pozsgay dará o tom:

«O comunismo já não está na ordem do dia. O nosso objectivo é o socialismo democrático. Tenho bons contactos com Bettino Craxi, o número um do partido socialista italiano, com Hans Jochen Vogel, presidente do SPD alemão ocidental. Aprecio a política seguida pelos socialistas franceses».⁽¹⁰⁾

Em Outubro de 1989, fazendo o balanço de seis meses de trabalho governamental, o primeiro-ministro Miklos Nemeth menciona, entre outras, as mudanças fundamentais introduzidas: instauração de uma

«democracia parlamentar», «início de um programa de liberalização até hoje sem precedentes nos países do Leste europeu» e o *«começo de uma vasta reforma da propriedade»*. *«Graças a tudo isso, a economia húngara aproximou-se das economias de mercado modernas».*⁽¹¹⁾

Enfim, o antigo partido comunista pronuncia-se sem artifícios por um sistema político e económico burguês.

Ora, é necessário recordar que a Hungria conta também com um partido social-democrata, fundido em 1948 com o partido comunista, mas que renasce das cinzas em finais de 1988. Como é que estes socialistas podem perfilar-se perante um partido ex-comunista, completamente social-democratizado? Muito simplesmente, falando com mais franqueza do que os partidos sociais-democratas ocidentais têm por hábito fazer!

«Os sociais-democratas húngaros», esclarecem-nos estes senhores, «entendem estabelecer a ponte entre os empresários, quer dizer os burgueses médios, e a classe operária. Não aceitam a contradição trabalho-capital, já que estimam que o rendimento nacional só crescerá na medida em que o seu motor seja a camada de empresários.»⁽¹²⁾

Que bem formulado!

Eis-nos informados acerca da «esquerda» húngara. (Louis Van Geyt, presidente de um partido,⁽¹³⁾ esse também em vias de extinção, escreverá a Rezso Nyers, presidente do novo Partido Socialista Húngaro: *«Os nossos melhores votos de sucesso na empresa de renovação democrática do socialismo na Hungria.»⁽¹⁴⁾* É com esta voz que os mortos devem falar.)

Olhemos agora para o resto da fauna multipartida. Em 18 de Setembro de 1989, os dois partidos mencionados assinaram um acordo com cinco partidos da direita, o Fórum Democrático Húngaro, o Partido dos Pequenos Proprietários, o Partido Popular Húngaro, o Partido Democrata Cristão e a Sociedade Endre Bajcsy-Zsilinsky.

Em conjunto proclamam a intenção de inscrever na nova constituição que a nação húngara «*aceita os valores da democracia burguesa e do socialismo democrático*»!⁽¹⁵⁾ Três partidos da oposição recusaram assinar este acordo porque continha demasiadas concessões aos comunistas.

O socialismo, sociedade revolucionária em que dominam os interesses dos trabalhadores, não pode defender-se e desenvolver-se senão sob a direcção firme de um partido de vanguarda marxista-leninista. O Partido Comunista Húngaro levou 36 anos, de 1953 a 1989, a degenerar-se. O multipartidarismo foi introduzido na Hungria pela «revolução de veludo» de 1989, como um novo regime com múltiplos partidos burgueses.

E que é feito dessa outra conquista da «revolução»: a liberdade de imprensa? Em Outubro de 1989, a *Radio Free Europe*, financiada em primeiro lugar pela CIA para ser retomada a seguir pelo Congresso americano, pôde abrir escritório em Budapeste e começar a recrutar jornalistas locais. Rupert Murdoch já comprou 50 por cento das acções de dois jornais populares húngaros e Robert Maxwell anuncia que investirá nas televisões e jornais da Hungria. A liberdade de imprensa será a de qualquer país capitalista: a liberdade para o capital de comprar toda a indústria da informação e a liberdade para os serviços policiais de a manipular.⁽¹⁶⁾

REVOLUÇÕES QUE RENDEM MUITO ÀS NOSSAS MULTINACIONAIS!

O sentido real dos acontecimentos na Roménia não pode ser extraído do cocktail de meias verdades, de críticas justificadas, de intoxicações e de ódios anticomunistas que hoje nos é servido pelos *media*. E no entanto, na feroz luta de classes que se desencadeou a nível internacional, não se torna difícil compreender que forças sociais vão dirigir a Roménia «livre».

Basta-nos examinar objectivamente o curso dos acontecimentos na Polónia e na Hungria para nos darmos conta do que se passa na realidade na Roménia: a queda final de um socialismo minado pelos seus erros e fraquezas, o retorno ao poder de uma direita e de uma extrema-direita ébrias de vingança, o restabelecimento, através de pequenos passos tácticos, da feroz ditadura das multinacionais europeias e americanas.

Hoje, as multinacionais já não discutem o futuro da Europa de Leste: têm a tranquila certeza de que o restabelecimento do seu poder se encontra ali assegurado. As suas discussões incidem agora sobre o modo como fazê-lo, sobre a táctica, sobre os escolhos a evitar. A imprensa americana dá o tom.

«As insurreições populares na Europa de Leste concentraram-se essencialmente sobre o derrube dos partidos comunistas autoritários que governaram durante mais de quarenta anos. A questão fundamental, afirmam unanimemente os peritos, é a de saber até que ponto será necessário dismantelar os

sistemas económicos comunistas centralizados e avançar no sentido do capitalismo do mercado livre com a sua propriedade privada e a sua capacidade de criar uma sociedade de ganhadores e de perdedores».⁽¹⁷⁾ «Como as amplas estruturas de planificação e de regularização são suprimidas nos diferentes países, os negócios com a Europa de Leste começarão a assemelhar-se às operações com os outros países em vias de desenvolvimento, dizem os peritos. “Dentro de dois ou três anos, assim será no caso da Polónia, entalada entre a Checoslováquia e a Alemanha de Leste”, afirma o perito David M. Kemme, um economista do Instituto de Estudos Este-Oeste de Nova Iorque. »⁽¹⁸⁾

Na Roménia, as multidões agitam ainda as bandeiras esburacadas da vitória sobre o socialismo. Mas a propósito da Polónia e da Hungria, os jornais bolsistas, que ainda há um ano faziam soar os tambores da mobilização pela liberdade e a democracia, falam já mais prosaicamente.

«Tal como se sabe demasiado bem na América Latina», escreve L'Echo de la Bourse, «as reestruturações a que serão submetidos os polacos e os húngaros correm o risco de causar danos.»⁽¹⁹⁾

Mas, perguntarei, estes polacos e estes húngaros, não terão acabado de sair do inferno comunista? E propõem-lhes causar-lhes mais danos do que eles sofreram nesse inferno?

Nenhum homem de negócios de Paris ou de Nova Iorque nos contradirá: depois da tirania de Ceausescu que proibia de importar

livremente, de investir e de comprar empresas, eis-nos entrados a toque de caixa na grande era da liberdade de pilhar, de explorar, de conquistar.

Em breve, as multinacionais serão livres na Roménia, como já o são na Hungria. O economista Jacques Nagels fala de um capitalismo selvagem na Hungria. Só em parte é verdade: o essencial do capital nacional passará para as mãos das multinacionais, caindo o restante no regaço dos exploradores húngaros que, a justo título, serão chamados de «selvagens». Desde Janeiro de 1989, três leis determinam o novo curso capitalista na Hungria. A primeira permite criar sociedades anónimas, empregando até 500 trabalhadores. A segunda dá luz verde a participações estrangeiras maioritárias e à exportação de lucros em divisas. A terceira regulamenta a privatização das empresas do Estado.⁽²⁰⁾ Pouco depois, a firma *Ganz*, importante fabricante de material ferroviário, passa para mãos britânicas e 49,65 por cento das acções da *Tungsram AG*, fabricante de lâmpadas eléctricas, são adquiridos pela *Girozentrale* austríaca. Comentário de Kalman Mizsei, economista húngaro:

«Se metade de uma das maiores e mais avançadas empresas pode ser comprada por 110 milhões de dólares, a Alemanha Federal pode comprar todo o país».⁽²¹⁾

O secretário-geral da Câmara de Comércio húngara, Peter Lorincze, estima que 25 por cento da indústria húngara pode passar para mãos estrangeiras, «o que é mais ou menos o ratio de antes da guerra».⁽²²⁾ Em nome da autogestão, 80 por cento das empresas húngaras são dirigidas, desde 1984, e portanto sob Kadar, por

conselhos de empresa, cujos membros agem de facto como accionistas privados. Nos primeiros 11 meses de 1989, 40 empresas importantes foram vendidas pelas suas direcções «autogestionárias» a investidores estrangeiros.⁽²³⁾

Todos os filantropos que enviam o seu quilo de açúcar e o seu pacote de chocolate para a Roménia podem encontrar aqui matéria de reflexão. Como poderá o adorado povo romeno manter a independência se o FMI lhe dita sua a lei? Como poderá desenvolver a sua economia quando a livre concorrência externa lhe levará a devastação? Como poderá conhecer o bem-estar quando as multinacionais começarem a drenar as magras riquezas em direcção a Paris, Bona e Nova Iorque? E é precisamente isto que os banqueiros ocidentais preparam.

«A derrocada da cortina de ferro poderia dar um empurrão suplementar às nossas economias ocidentais. É esta pelo menos a opinião do banco Indosuez, ao prever que, até 1995, os países da OCDE beneficiarão de um crescimento suplementar anual de meio por cento. A República Federal Alemã arrecadando para si um crescimento suplementar acumulado de 4,5 a cinco por cento no decurso dos próximos seis anos».⁽²⁴⁾

Assim, o Produto Interno Bruto referente apenas à Alemanha crescerá 35 mil milhões de dólares graças à «liberdade» reencontrada na Europa de Leste. Foi para isto que demos o nosso quilo de açúcar? Quem pagará este «crescimento suplementar» no mundo imperialista senão os trabalhadores polacos, húngaros e romenos? Quem poderá continuar e fingir que as multinacionais

ajudaram a derrubar Ceausescu para «arrancar os romenos da miséria»?

A ENTRADA TRIUNFAL DOS CARNICEIROS DO FMI

As multinacionais podem fazer alarde de uma tal confiança no seu futuro na Polónia e na Hungria porque os seus homens já lá estão no poder. Bronislaw Geremek é o presidente do grupo parlamentar do *Solidarnosc*. De passagem por Bruxelas, declara:

«Sabemos o que queremos: uma economia de mercado que funcione bem. Pode-se pensar também que deveria haver lugar no seio da Comunidade Europeia para países como a Polónia e a Hungria. E se o método que actualmente empregamos para chegar à economia de mercado não é o melhor, então devemos mudá-lo. A CEE pode ajudar a Polónia a diminuir os custos sociais destas transformações».⁽²⁵⁾

Isto corresponde às aspirações mais temerárias que a direita europeia podia exprimir nos anos 70: a Polónia deve submeter-se às leis do mercado e integrar-se na Europa imperialista que fará a supervisão dessas transformações. E para as necessidades da reconquista da Europa de Leste, a Comunidade Europeia criou de urgência um «banco de desenvolvimento dos países de Leste»⁽²⁶⁾ com um capital de 11 mil milhões de ECU.⁽²⁷⁾ Jacques Attali, braço direito do muito socialista senhor Mitterrand, será o seu presidente.

«A crer no primeiro relatório dos peritos, será possível estabelecer créditos da ordem dos 1,1 a 2,2 mil milhões de dólares, essencialmente para financiar investimentos privados».⁽²⁸⁾

Mas para dirigir a mudança na Polónia e na Hungria, a Europa chamará o Fundo Monetário Internacional, melhor perito na matéria, mais rodado na preparação dos «planos de reestruturação» e nos «planos de salvamento» que semeiam a miséria, a mais desumana indigência, a morte na África e na América Latina. E, efectivamente, os carneiros do FMI foram já colocados no trono pela direita polaca e húngara.

Destruir os sectores socialistas e reintroduzir o reino das multinacionais, eis a tarefa exaltante, decerto, mas completamente nova para os *wonderboys*⁽²⁹⁾ americanos do FMI.

«O Fundo Monetário Internacional nunca teve de dirigir a transição de um comunismo de estilo soviético para um capitalismo baseado no mercado. De facto, 90 por cento da indústria polaca são propriedade do Estado. Não é nada claro o modo como privatizações tão amplas poderão ser postas em prática.»⁽³⁰⁾

Uma agência do Banco Mundial, a *International Financial Corporation*, anunciou já um plano de cinco pontos para ajudar a Polónia a privatizar a sua economia e para criar mercados financeiros. Estes desenvolvimentos são considerados pelas multinacionais como condições necessárias para investir na Polónia.⁽³¹⁾ A Polónia «livre» deixa-se portanto colonizar

complacientemente pelos peritos do FMI e pelos diplomados da *Harvard University* que pululam nos gabinetes ocultos dos novos ministros. Sacrifícios, austeridade, desencadeamento das forças do mercado livre.

«Segundo Witold Trzeciakowski, presidente do Conselho Económico, o "tratamento de choque" poderia integrar uma fórmula para transformar a indústria do Estado em propriedade privada, a dissolução dos monopólios, o refinamento dos procedimentos de falência, a organização de uma bolsa de acções, a criação de um sector bancário que funciona segundo os princípios capitalistas, a elaboração de uma nova estrutura de taxas, a abertura de agências para desempregados e, é claro, a garantia de ajuda financeira ocidental para toda esta operação.»⁽³²⁾

No princípio de Dezembro de 1989, o parlamento húngaro rejeitou as condições do programa económico governamental, redigido de acordo com os peritos do FMI.

«Miklos Nemeth, primeiro-ministro húngaro, fez questão de avisar o parlamento, pedindo-lhe para adoptar o programa económico, sob pena de se ver fecharem-se as torneiras dos financiamentos ocidentais e talvez mesmo de se assistir ao afundamento da economia do país.»⁽³³⁾

Ao escutar estas palavras, lembremo-nos de que estes bravos húngaros acabaram há pouco de escapar à tirania comunista. Conquistaram a democracia com o multipartidarismo e um parlamento burguês e toda a companhia. A democracia

parlamentar é a expressão da vontade do povo, a encarnação da sua soberania, ninguém deve duvidar. Esta é a retórica. Mas estes húngaros um pouco ingênuos têm ainda de familiarizar-se com a realidade terra a terra. Os parlamentares têm ainda de aprender a exprimir fielmente a vontade do Fundo Monetário Internacional, das multinacionais e da nova raça de tubarões, os empresários húngaros. E Miklos Nemeth — antigo chefe do partido comunista — perante algumas reticências, vê-se obrigado a ladrar: Obedeçam! Senão, as torneiras dos bancos imperialistas fecham-se e a economia húngara afunda-se! Pobres húngaros. Congratularam-se com a morte de um socialismo doente; não vão tardar a sentir o tacho de ferro do capital, a ditadura muito mais terrível de uma classe que acumula os capitais submetendo sem piedade a força do trabalho.

MISÉRIA ABOMINÁVEL E MISÉRIA SALVADORA...

Desde há vários anos que o imperialismo sabotou a cooperação económica com a Roménia a fim de sangrar a sua população e alimentar assim o descontentamento popular. Lembramos que apenas há 20 anos, para alargar a influência ocidental à Roménia, os financeiros ocidentais cortejavam assiduamente Ceausescu acenando-lhe com uma cooperação multiforme...

Em Abril de 1989, a CEE rompe as negociações para uma nova cooperação económica com a Roménia. Os Estados Unidos haviam-lhe já retirado o estatuto de nação mais favorecida. Ao mesmo

tempo, durante os nove primeiros meses de 1989, regista-se uma queda de 51 por cento no comércio EUA-Roménia.⁽³⁴⁾ No momento em que alguns anunciam o fim da guerra fria porque se juntaram ao campo do inimigo, o Ocidente conduz a guerra psicológica e económica com uma arrogante franqueza.

«A Comissão Europeia está decidida», poderá dizer o comissário Frans Andriessen, «a encorajar a passagem pacífica a um sistema económico e político pluralista neste país (a Roménia)».⁽³⁵⁾

Foi em 20 de Dezembro de 1989. A luta final havia soado. A Europa capitalista lançava-se à reconquista dos territórios perdidos.

Esta guerra económica, apresentada favoravelmente como uma questão de «sanções económicas por causa de violações dos direitos humanos», visava agudizar os sofrimentos do povo romeno. Somada aos males causados pelos erros do Partido Comunista, tal deveria ser suficiente para suscitar insurreições contra-revolucionárias na Roménia.

Pelo contrário, na Polónia e na Hungria, países em que as nossas multinacionais investem, a cooperação roda à máxima velocidade desde há um ano. Segundo Witold Trzeciakowski, a Polónia recebeu, desde a chegada ao poder do *Solidarnosc*, somas que *«ultrapassam sensivelmente os dez mil milhões de dólares»*, sob a forma de créditos do FMI (2,1 mil milhões de dólares), do Banco Mundial (2 mil milhões), de reescalonamento de dívidas, de donativos e de créditos públicos, etc.⁽³⁶⁾

A propósito da Roménia, descreveram-nos largamente a miséria insustentável do seu povo, como se a restauração do capitalismo fosse feita com a intenção de eliminar a miséria e não de enriquecer os exploradores. Ao ouvir os nossos grandes industriais, que num impulso humanitário se apiedaram profundamente da miséria dos romenos, convém lembrar a situação da Polónia livre. A partir do momento em que esses mesmos filantropos cravaram as garras na Polónia, começaram a louvar as vantagens do desemprego, da baixa dos salários e da miséria como pontes obrigatórias para a prosperidade da sociedade de consumo ocidental! Segundo Jeffry Sachs, um economista da Harvard University, tornado «conselheiro» do *Solidarnosc* e um dos arquitectos da estratégia económica polaca, o desemprego, hoje inexistente, subirá para cinco por cento da população activa no princípio de 1990. Os despedimentos tornaram-se legais desde que o governo deixou de subsidiar a siderurgia e a construção naval. Trzeciakowski e outros funcionários polacos sugeriram que a reforma poderia deixar sem trabalho até um terço da mão-de-obra.⁽³⁷⁾ A população activa da Polónia é de 17 milhões.

«Jerzy Osiatynski, chefe do Gabinete Central de Planeamento, declarou que o governo se preparava para pôr em circulação senhas de alimentação para os pobres, estimados em quatro milhões.»⁽³⁸⁾

Segundo as estatísticas de Agosto de 1989, a produção da indústria alimentar caiu quase 26 por cento relativamente a Agosto de 1988.⁽³⁹⁾ O controlo dos preços foi eliminado e a inflação ultrapassa os 50 por cento por mês. Segundo o *Die Zeit*, o fosso

entre ricos e pobres cresce de modo inquietante. As primeiras escolas privadas fizeram a sua aparição: a despesa média por criança representa um quarto do rendimento médio.⁽⁴⁰⁾

Na Roménia, a direita quer conquistar a «liberdade» e o «Estado de direito» que a sua contraparte polaca acaba de obter: a «liberdade de empresa» e a «protecção da propriedade privada» estão já inscritas na nova constituição da Polónia burguesa.⁽⁴¹⁾ E que oferece este capitalismo de última colheita em matéria de erradicação da miséria? Skubizsewski, ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, um íntimo dos nossos dirigentes sociais-cristãos, acaba de declarar:

«As medidas que o governo deve tomar serão muito severas para a população. Falei da possibilidade de ver os rendimentos reais reduzidos de 20 a 30 por cento».⁽⁴²⁾

O *Echo de la Bourse* precisa o sentido que a palavra «revolução» terá para os trabalhadores.

«Para jugular a hiper-inflação (900% em 1989), o governo aposta numa séria redução da procura e do consumo. Oficialmente, o nível de vida dos polacos deve descer 20 por cento, mas numerosos economistas referem em privado 40 por cento.»⁽⁴³⁾

Imaginem que o objecto ditador Ceausescu, o «vampiro dos Cárpatos», ávido da miséria popular, tivesse querido diminuir os rendimentos reais em 40 por cento! Hoje, contribuímos com a nossa tablete de chocolate para suavizar a miséria; amanhã ficaremos a saber que o FMI, consolidada a sua experiência de

vanguarda na Polónia, pretenderá reduzir em um quarto o consumo dos romenos. Ontem, quando alguns pilares do enfermiço socialismo estavam ainda de pé na Polónia, o *Solidarnosc* ameaçava fazer a «revolução» perante aumentos de preços de 50 por cento. Hoje, com a liberdade económica entregue aos empresários, o *Solidarnosc* faz multiplicar por sete o preço do carvão de uso doméstico, aumenta em 500 por cento o preço do aquecimento central, da água quente, da electricidade e do gás doméstico.⁽⁴⁴⁾

BUDAPESTE: LIBERDADE PARA OS VADIOS E MENDIGOS...

Aliás, um ano após a «revolução democrática», que devia pôr fim à miséria causada pelo socialismo real, as populações começaram a provar a miséria verdadeira provocada pela liberdade e a democracia. Os reformados húngaros vivem numa indignação que se acentua de dia para dia; Budapeste já tem os seus vadios e mendigos que se arrastam pelas gares. Uma correspondente da *AFP* telegrafia: «Cada vez mais se vai criando uma diferenciação entre duas camadas da população, estima um diplomata. Uma minoria importante ligada ao Ocidente, e que avança com os seus métodos até ao ultraliberalismo, e o resto da população que vegeta num sistema social votado ao abandono.»⁽⁴⁵⁾ Em princípios de 1989, a Hungria reconhece oficialmente 2500 famílias com uma fortuna de oito a dez milhões de florins, sendo o salário médio de 6500 de florins. Dois milhões e 260 mil pessoas vivem com um rendimento inferior ao mínimo vital de 2800 florins.⁽⁴⁶⁾ A unidade

popular em torno da liberdade e da igualdade não tardou a estilhaçar-se. Numa sociedade dividida em classes sociais, não se escapa nunca à questão: liberdade para que classe? Hoje, na Hungria, amanhã na Roménia, liberdade significa ultraliberalismo para os empresários e os tecnocratas ligados ao Ocidente, mas liberdade significa também miséria, desolação e exploração para aqueles que, pelo seu trabalho, alimentam esta nova classe capitalista. Sabe-se que na Roménia havia pouca coisa nas lojas e que era preciso fazer bicha. A Hungria livre não conhece a penúria. Tudo se pode encontrar, desde perfumes franceses a ultramodernas aparelhagens *hi-fi*... na condição de se ter divisas estrangeiras que abrem o acesso às numerosas lojas onde o florim húngaro foi banido. As lojas estão cheias, mas para quê fazer bicha se não se têm dinheiro para comprar o que quer que seja?

O IMPERIALISMO AMA OS SEUS «SOCIALISTAS»

A ofensiva do imperialismo para reconquistar a Europa de Leste avança abertamente com todas as bandeiras desfraldadas. Quem não se esforce por mascarar as realidades, coloca-se inexoravelmente a questão: para quem trabalham aqui certos indivíduos que se fazem passar por socialistas? Exaltado, Guy Spitaels propõe-se exportar para a Polónia os métodos de gestão da *Caterpillar*, da *GB*, da *Société Générale*...

«O que se passa na Polónia parece-me o máximo que se pode esperar na hora actual. É preciso ajudar a Polónia de modo

estrutural, levando- lhe os nossos métodos de gestão, interessando os polacos pelo futuro das suas empresas.»⁽⁴⁷⁾

«As suas» empresas que estão a ser vendidas às nossas multinacionais e aos polacos ricos.

Mas o Grande Prémio da Mistificação vai sem dúvida para o trotskista Mandel. Em Março de 1989, no momento em que se tornava evidente que o imperialismo e a direita se impunham na Polónia e na Hungria, Mandel teve de procurar uma justificação para o seu apoio indefectível a todas as forças anticomunistas em luta contra o «stalinismo». É preciso lembrar que, em 1981, Mandel pretendeu que o *Solidarnosc* praticava, de maneira inconsciente, é verdade, o trotskismo... Mandel disse então:

«O Solidarnosc funciona cada vez mais como um órgão de duplo poder; a revolução política antiburocrática já começou na Polónia».⁽⁴⁸⁾

Sempre fiel a esta ideia, Mandel revela-nos hoje:

«A legislação do Solidarnosc é uma vitória para a classe operária».⁽⁴⁹⁾

Em 1989, a «revolução política» aproxima-se portanto, da sua consagração. E para concluir, em nome do trotskismo, alguns bravos até ao fim do caminho traçado pela CIA, Mandel dá a lição em 6 de Março de 1989.

«Contrariamente ao que uma apreciação superficial poderia fazer crer, a burguesia europeia não vê com bons olhos esta

desestabilização. Não tem a esperança de recuperar a Europa de Leste para o capitalismo».⁽⁵⁰⁾

Palavras históricas que não precisam de comentário.

Notas de rodapé:

(1) *Echo de la Bourse*, 19 de Dezembro de 1989. (.)

(2) *Echo de la Bourse*, 3 de Janeiro de 1990, p. 1. (.)

(3) Ibidem. (.)

(4) *Le Figaro magazine*, nº 14.044, 21 de Outubro de 1989, p. 101. (.)

(5) De Launoy Jacques: *Nicolae Ceausescu - un combat pour le désarmement et la paix*, éd. Paul Legrain, p. 7-8. (.)

(6) Ibidem, p. 17-18. (.)

(7) Ceausescu: Discurso de 24 de Outubro de 1989. (.)

(8) *International Herald Tribune*, 23 de Maio de 1989, «Hungary Party Radicals». (.)

(9) *Bulletin hebdomadaire*, 27 de Outubro de 1989, p. 1. (.)

(10) *Le Figaro*, 11 de Outubro de 1989, «Imre Poszgay: Le communisme...» (.)

(11) Ibidem, p. 4. (.)

(12) Ibidem, p. 7. (.)

(13) Trata-se do Partido Comunista Belga (*N.T.*) (.)

(14) *Le Drapeau Rouge*, 25 de Outubro 1989. (.)

- (15) *Radio Free Europe, Hungarian SR/15*, 4 de Outubro de 1989, p. 37. (.)
- (16) *The Wall Street Journal*, 10 de Outubro de 1989: «Radio Free Europe Gets Budapest Office». (.)
- (17) *International Herald Tribune*, 12 de Dezembro de 1989. (.)
- (18) *International Herald Tribune*, 19 de Dezembro de 1989. (.)
- (19) *Echo de la Bourse*, 12 de Dezembro de 1989. (.)
- (20) *Intermédiaire*, 11 de Setembro de 1989, p. 31. (.)
- (21) *The Wall Street Journal*, 28 de Setembro de 1989, «Knocking of Hongrie on Door...». (.)
- (22) Ibidem. (.)
- (23) *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 20 de Dezembro de 1989, «In Ungarn Widerstand...». (.)
- (24) *Echo de la Bourse*, 12 de Dezembro de 1989. (.)
- (25) *La Dernière Heure*, 7 de Dezembro de 1989. (.)
- (26) Trata-se do Banco Europeu para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BERD), criado em 1991 para financiar as privatizações e outras transformações econômicas nos países da antiga União Soviética e do bloco socialista do Centro e Leste europeu. (N. Ed.) (.)

(27) ECU: iniciais inglesas de *European Currency Unit* (Unidade Monetária Europeia), moeda criada em 1999 pela União Europeia e substituída pelo Euro em 2002, que servia apenas para transacções entre bancos, nunca tendo sido emitidas valores em papel ou metal. (N. Ed.) (.)

(28) *Echo de la Bourse*, 8 de Dezembro de 1989. (.)

(29) Em inglês no original, *wonderboy* significa rapaz prodígio (N. Ed.) (.)

(30) *Radio Free Europe Research Background report* 186, 10 de Outubro de 1989, p. 4-5. (.)

(31) *Ibidem*, p. 4. (.)

(32) *Radio Free Europe*, 12 de Outubro de 1989, Polish SR/15, p. 13. (.)

(33) *Echo de la Bourse*, 12 de Dezembro de 1989. (.)

(34) *Radio Free Europe Research, weekly report on E.E.* Vol 1 n. ° 1, p. 30, 5 de Janeiro de 1990. (.)

(35) *Echo de la Bourse*, 21 de Dezembro de 1989. (.)

(36) *Echo de la Bourse*, 12 de Dezembro de 1989 (.)

(37) *Radio Free Europe Research Background report* 186, 10 de Outubro de 1989, p. 4-5. (.)

(38) *Radio Free Europe, weekly records of events*, 5-11 de Outubro de 1989, p. 15. (.)

(39) *Ibidem*, p. 14 (.)

(40) *Die Zeit*, 10 de Novembro de 1989. (.)

(41) *Echo de la Bourse*, 3 de Janeiro de 1990. (.)

(42) *La Libre Belgique*, 15 de Dezembro de 1989. (.)

(43) *Echo de la Bourse*, 3 de Janeiro de 1990.(.)

(44) *Dépêches AFP* de Florence Biedermann, 30 de Dezembro de 1989, n° 3004743-3004745. (.)

(45) *Ibidem*. (.)

(46) *Blätter für Deutsche und internationale Politik*, 6 de Julho de 1989, S.827. (.)

(47) *La Wallonie*, 4 de Setembro de 1989 (.)

(48) *Inprecor*, n. ° 105, 6 de Julho de 1981, p. 14. (.)

(49) *Inprecor*, n.° 283, 6 de Março de 1989, p. 3. (.)

(50) *Inprecor*, n. ° 105, 6 de Julho de 1981, p. 14. (.)

BUDAPESTE, 1956: A CONTRA-REVOLUÇÃO ARMADA

[Maio de 1990]

Não sendo já, neste ano de 1990, a restauração do capitalismo na Hungria um assunto de discussão, eminentes pensadores apresentam-nos as suas teorias em que expõem profundas justificações sobre este processo «libertador».



Segundo uns, esta ressurreição do capitalismo seria a prova final da falência de 45 anos de «stalinismo». Outros estimam que o capitalismo provou o seu notável dinamismo e que o socialismo foi ao tapete por *KO* económico. Uma terceira explicação justificadora diz isto: o homem não vive só de pão, a ausência de democracia e de liberdade própria do «stalinismo» ou mesmo do socialismo, levou as massas a desfazer-se do regime totalitário. E uma última teoria aparece a cloroformizar-nos os espíritos: não teríamos razão em lamentarmos a actual restauração, não sendo nosso este enterro; a Hungria, que sofreu um despotismo asiático imposto pelos tanques soviéticos, nunca conheceu o socialismo.

Estas quatro teorias, difundidas pelos filósofos oficiais do Ocidente, levam-nos à resignação diante da restauração, senão mesmo à simpatia pela «libertação» húngara. E encontraram um eco favorável entre a esquerda domesticada do mundo imperialista.

Recordando algumas linhas essenciais da história húngara, pretendemos salientar quatro verdades.

Entre 1945 e 1948, os trabalhadores húngaros levaram a cabo uma revolução socialista e instauraram a ditadura do proletariado.

Em 1956, uma contra-revolução violenta, provocada pela direita húngara com o apoio do «mundo livre», ameaçou as próprias bases do regime socialista.

Após o restabelecimento da ordem pelo exército soviético, Janos Kadar manteve certos traços do socialismo, rompendo ao mesmo tempo com o marxismo-leninismo e seguindo uma linha de lento apodrecimento interno.

Em 33 anos de evolução pacífica, Kadar e os seus sucessores realizaram finalmente todos os objectivos avançados pelos revoltosos de 1956. A contra-revolução armada mergulhou nas massas para vir à superfície e triunfar, três décadas mais tarde, como contra-revolução pacífica.

A LIBERTAÇÃO, APÓS UM QUARTO DE SÉCULO DE FASCISMO

Na esteira da revolução bolchevique, os revolucionários húngaros instauraram em 1919 a ditadura do proletariado sob a forma de uma República dos Conselhos, dirigida por Béla Kun. Após 133 dias de existência, esta foi esmagada com a ajuda de exércitos estrangeiros. Miklos Horthy fundou então um regime de terror, de facto, o primeiro poder fascista estabelecido na Europa, que asfixiará a Hungria até 1944. Durante esses 25 anos, toda a propaganda comunista foi severamente reprimida, refugiando-se o Partido na clandestinidade.

Em Setembro de 1944, o Exército Vermelho faz recuar as tropas alemãs, que, alguns meses antes, em 19 de Março de 1944, ocuparam o território do seu aliado húngaro. O jornal clandestino *Szabad Nep*, escreve nessa altura:

«Horthy e os seus acólitos espalham fábulas alarmistas sobre milhões de operários romenos que teriam sido deportados para os trabalhos forçados pelo Exército Soviético, e pretendem que a mesma sorte está reservada aos trabalhadores húngaros se o país não se mantiver ao lado de Hitler».⁽¹⁾

Esta intoxicação provoca uma verdadeira psicose em todos aqueles que um quarto de século de desinformação fascista atormentou. A partir desse dia, o nacionalismo anti-soviético será um dos vectores essenciais da ideologia fascista.

Em 15 de Outubro de 1944 reúne-se um Conselho da Coroa em torno do regente Horthy. Percorramos a acta desta reunião.

«Segundo o primeiro-ministro “não se deve esperar até que os russos apertem completamente entre as tenazes os nossos dois exércitos, estacionando um na Transilvânia e o outro sobre a linha dos Cárpatos orientais”.

«Segundo o regente, não há nenhuma esperança de receber ajuda. As promessas alemãs não são sérias. “Eles não cumpriram nenhuma das suas promessas”.

«O regente espera que, se concluirmos o armistício com os Aliados hoje mesmo, “as comissões inglesa e americana poderiam chegar a Budapeste ao mesmo tempo que os russos ou pouco depois da entrada destes”.

«O ministro da Agricultura teme a chegada, com os russos, de um grande número de “agitadores comunistas, o que poderia desencadear um forte movimento comunista”.

«Segundo o regente “teremos força suficiente para conter esse movimento”.»⁽²⁾

O que manifestamente invade o espírito de Horthy é o seu ódio pelos comunistas húngaros, tanto como pelo Exército Soviético. Quer concluir um armistício com os Aliados para permitir aos ingleses e aos americanos de voarem em seu socorro e salvar a nata do seu exército. Horthy declara ainda que o armistício facilitará a «sobrevivência do país»: a palavra de ordem da «independência da Hungria» terá, a partir de então, na boca da

direita, uma conotação fascista, anti-soviética e pró-anglo-americana.

Mas nesse mesmo dia 15 de Outubro, por instigação dos alemães, o major Ferenc Szalasi toma o poder. É o chefe das Cruzes de Setas, bandos nazis extremistas que, sabendo o fim próximo, instauram um terror louco.

Em 3 de Dezembro de 1944, a Frente Húngara para a Independência Nacional vê a luz do dia. Agrupa, para além do Partido Comunista, as formações burguesas que continuaram a actuar na legalidade sob o regime fascista de Horthy: o Partido Social-Democrata, o Partido Independente dos Pequenos Proprietários, o Partido Nacional Camponês e o Partido Democrata Burguês. O programa da Frente compreende a dissolução das organizações fascistas. Mas, estipulando ser

«necessário colocar os cartéis e os grandes bancos sob o controlo do Estado» e «promover eficazmente a iniciativa e a empresa privadas», não sai de modo algum do quadro burguês.⁽³⁾

A Hungria perdeu no decurso da guerra 700 mil habitantes de uma população de 10 milhões. Trinta por cento das suas instalações mecânicas, 36 por cento das suas vias-férreas e 25 por cento dos seus imóveis de habitação foram destruídos.⁽⁴⁾ A seguir à libertação, reformas económicas permitem mobilizar as energias dos trabalhadores: 640 mil famílias camponesas recebem 1,8 milhões de hectares de terra; um primeiro plano trienal permite

aos operários e aos técnicos desenvolver o seu entusiasmo na reconstrução do país.⁽⁵⁾

O PRIMEIRO *COMLOT* FASCISTA

Mas, como já assinalámos, as forças horthystas e reaccionárias não foram de modo algum liquidadas no momento em que tem início a reconstrução do país.

Em Dezembro de 1946, os Serviços de Segurança descobrem um *complot* fascista: militares preparam-se para tomar o poder, tirando proveito da assinatura do tratado de paz e da retirada do Exército Soviético. Entendem restabelecer o poder de Horthy em nome da «continuidade legal». Os conjurados fazem parte de uma organização secreta chamada *Magyar Kozossegy* (Comunidade Húngara), estruturada em «famílias» e depois em «clãs» e «tribos», o conjunto dirigido por um Comité de Sete. Entre os chefes contam-se: Gyula Gombos, presidente do Conselho entre 1933 e 1936, Myklos Kallay, presidente do Conselho a partir de 1942, Andras Szentivanyi, oficial do Estado-maior sob Horthy, e Balint Arany, secretário nacional do Partido Independente dos Pequenos Proprietários.

Durante o processo, eles revelam que Béla Varga, presidente do Partido dos Pequenos Proprietários, e Ferenc Nagy, presidente do Conselho em funções, se encontram à cabeça do *complot*. Ferenc Nagy combinara com representantes dos Estados Unidos seguir uma política prudente de limitação da influência da esquerda, para só agir abertamente depois da ratificação do acordo de paz.

O general americano Weems, membro da Comissão de Controlo aliada na Hungria, em carta endereçada em 5 de Março de 1947 aos responsáveis soviéticos, acusa-os de

«uma intervenção estrangeira nos assuntos internos húngaros a fim que os elementos minoritários da Hungria imponham a sua vontade à maioria eleita pelo povo».

Assim, desde 1947, o imperialismo americano combina o seu apoio aos antigos elementos horthystas e reaccionários com a denúncia da «intervenção soviética» na Hungria.⁽⁶⁾

O ARCEBISPO MINDSZENTY APOSTA NA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL...

A hierarquia católica foi um dos apoios maiores do regime de Horthy, ao longo de toda a sua existência. Perante a consolidação do poder democrático, a reacção interna, tal como os seus elementos emigrados e os seus protectores americanos, servem-se dela para o trabalho de informação e de subversão.

Nas suas *Memórias*, publicadas em 1974, o arcebispo Mindszenty explica, com uma franqueza a roçar a indecência, que se considera como um homem político cuja primeira vocação é o combate anticomunista.⁽⁷⁾ Cita o seu predecessor, o cardeal Seredi, a quem chama de «brilhante jurista», para fazer suas as palavras dele:

«Na pessoa de cada primaz da Hungria estão felizmente ligadas a mais alta dignidade da Igreja católica e a do direito

público húngaro, o que simboliza a realeza cristã e húngara. (...) Em consequência de uma lei emitida pelo rei Estêvão, o primaz é a primeira autoridade de direito comum, depois do rei ou do chefe de Estado».

Isto explica que Mindszenty possa ter tido em 1919, durante um breve período, a direcção do Partido Cristão, novamente criado, e que tenha apoiado o regente Horthy durante todo o seu percurso, dos anos 20 aos anos 40. A partir do momento em que o Exército Vermelho começa a varrer as tropas nazis, Mindszenty escreve a palavra «libertadores» entre aspas, para depois a substituir claramente por «ocupantes».⁽⁸⁾ Logo após a libertação da Hungria de um quarto de século de regime fascista, Mindszenty redige as *Cartas Pastorais* para atacar o socialismo. Já em Maio de 1945 manda ler em todas as igrejas:

«Nenhum Estado pôde subsistir sem estar baseado na justiça e na moral. Mas a base da moral é a Igreja. (...) Nós tiramos as bases de uma verdadeira democracia do Evangelho e não exploramos a democracia como cobertura para servir ambições egoístas.»

Nas suas *Memórias*, anota:

«A primeira grande procissão religiosa (!), em 20 de Agosto de 1946, foi a expressão clara da rejeição do comunismo. Nesse dia, 500 mil fiéis seguiram em procissão a mão direita de Santo Estêvão, que ficou intacta».

Em Dezembro de 1945, em Roma, Mindszenty encontra-se com quatro cardeais norte-americanos que *«não estavam nada*

satisfeitos com a aliança russo-americana»...⁽⁹⁾ Eles prometem-lhe ajuda financeira e material. Nas eleições de 1946, o arcebispo dá instruções às suas ovelhas para que se oponham à esquerda e apoiem o império inglês:

«Um eleitor cristão não pode dar o seu voto a um partido ou a um grupo que traz novamente em si a opressão e a ditadura e que já bastantes vezes aboliu os direitos do homem e o direito natural. O ministro inglês dos Negócios Estrangeiros tem razão quando diz que se tem a impressão de que na Hungria um regime totalitário não será substituído senão por um outro.»⁽¹⁰⁾

Do mesmo passo, Mindszenty opõe-se à reforma agrária (que tende a *«liquidar certas classes da nossa sociedade»*), protesta contra a intenção do governo de *«abolir a monarquia milenar húngara»* e preocupa-se com *«a sorte daqueles a quem chamavam “criminosos de guerra”, [cuja] maior parte são gente inocente.»*⁽¹¹⁾

Em Junho de 1947, o arcebispo Mindszenty e o seu secretário Andras Zakar vão para Ottawa assistir a um congresso mariano. Fazem um curto desvio para os Estados Unidos onde se encontram com o cardeal Spellman, o porta-voz dos anticomunistas mais exaltados. Spellman arranja-lhes um encontro com Tibor Eckhardt, um dos principais responsáveis do regime de Horthy, refugiado nos Estados Unidos, e com Otto von Habsbourg, que lhe expõem longamente os seus projectos para a restauração dos Habsbourg no quadro de uma união austro-húngara. Desde 1945 que Mindszenty transmite regularmente informações a Selden Chapin e a Kocsak, dois diplomatas americanos. Aquando do seu processo,

em princípios de Fevereiro de 1949, Mindszenty confessará, perante acusações irrefutáveis que escreveu uma carta ao senhor Chapin pedindo-lhe um carro e um avião para fugir da Hungria. No início de 1948 o cónego Mihalovics, director da Acção Católica e colaborador directo de Mindszenty, foge para os Estados Unidos. Entra em contacto com o barão Gabor Apor, com Endre Hlatky e outros homens do séquito de Horthy. Numa carta a Mindszenty, o cónego anuncia a sua decisão de publicar regularmente informações sobre a Hungria, para mobilizar apoios políticos e materiais.

«Lanço-me na luta contra o comunismo servindo-me do interesse suscitado pela minha fuga», escreveu.⁽¹²⁾

Num fulminante panfleto contra o «terror comunista» na Hungria, Roland Varaigne nota com certo embaraço:

«O facto de o cardeal se ter reconhecido culpado provocou uma intensa estupefacção no Ocidente». No entanto, reconhece, «Mindszenty estava perfeitamente lúcido». Entretanto, os que o acusaram de «capitulação total», foram demasiado apressados: «Na realidade, Mindszenty contesta de modo muito embaraçado embora, os pontos essenciais da acusação».

E Varaigne cita como prova esta passagem efectivamente bastante embaraçosa...

«Mindszenty: Sinto-me culpado por ter cometido parte considerável dos actos de que sou acusado. Naturalmente, daí

não resulta que reconheça as consequências que daí extrai o acto de acusação.

«O presidente do Tribunal: No decurso de conversações, o senhor encarou a eventualidade de ocupar provisoriamente o posto de Chefe do Estado.

«Mindszenty: Pensámos nisso apenas no caso de — visto que em 1947, em toda a Europa, a hipótese de uma terceira guerra mundial iminente circulava com persistência — as mudanças históricas criarem igualmente na Hungria uma situação tal que, neste país, as forças exteriores e a guerra produziram uma mudança levando a um vacuum juris; encarámos o que, em tal caso, deveria e poderia ser feito.»⁽¹³⁾

Aí está portanto um homem que, pretendendo falar em nome de Deus todo-poderoso, se preparava para dirigir um governo pró-americano logo que os Estados Unidos lançassem a tão esperada terceira guerra mundial anti-soviética. E o mundo «livre» a pintar os horrores de um abominável processo stalinista!

A CIA E OS SOCIAIS-DEMOCRATAS DE DIREITA

A partir de 1947, James McCargar, secretário da legação americana em Budapeste, e o capitão McClemens, utilizam vários dirigentes da ala direita da social-democracia, entre os quais Karoly Peyer e Frigyes Pisky-Schmidt, para a constituição de redes de espionagem.⁽¹⁴⁾ Assinala-se que tal corresponde às actividades,

publicamente confessadas desde então, que os serviços secretos americanos empreenderam na mesma altura junto de dirigentes sociais-democratas da Suécia, da Itália e da Bélgica. Em 8 de Fevereiro de 1948, o secretário-geral do Partido Social-Democrata, Szakasits, anuncia a decisão de excluir do partido a sua ala direita. Em Junho de 1949, o seu partido funde-se com o Partido Comunista para formar o Partido dos Trabalhadores Húngaros. Notemos que aquando das eleições de 1947, o Partido Comunista se tornou a primeira força política, com 22 por cento dos votos, obtendo o Partido Social-Democrata 14 por cento.⁽¹⁵⁾

O ESTABELECIMENTO DO PODER OPERÁRIO

Entre 1945 e 1948, os comunistas puderam desenvolver a luta política contra as forças reaccionárias em condições muito favoráveis. Primeiro, havia o entusiasmo dos trabalhadores mais pobres, libertados de um quarto de século de terror fascista. Em seguida, a presença do Exército Vermelho provocava um salutar receio entre a direita e tornava muito difíceis as intervenções abertas americanas. Intensificando a luta de classes e fazendo um trabalho político em profundidade, os comunistas conseguiram dismantelar, um após outro, os núcleos irredutíveis de todas as formações políticas burguesas e trazer consigo as suas forças democráticas. A partir de 1948, o Estado de democracia popular assumia na Hungria as funções da ditadura do proletariado. Do mesmo modo, o Partido pôde impulsionar, por etapas, a nacionalização da indústria. Partindo de início da reivindicação de um controlo do Estado sobre os bancos, passou-se à nacionalização dos três maiores, depois à nacionalização das minas, das fábricas

metalúrgicas, etc. Em finais de Março de 1948, todas as empresas com mais de 100 trabalhadores foram nacionalizadas e a base económica do capitalismo foi reduzida de modo importante.⁽¹⁶⁾

É útil lembrar que na época, o estabelecimento da ditadura do proletariado foi levado a cabo com um imenso entusiasmo popular que os liberais esclarecidos não puderam negar. Pierre Paraf escreve num livro publicado em 1962 na Fayot:

«Arrastado pela história à mais frugal simplicidade, o povo das democracias populares suportou melhor que outros os duros sacrifícios que comportava o arranque da construção do socialismo, pago por vezes pelo preço do rude constrangimento ao trabalho obrigatório. O entusiasmo quotidiano vivificou a disciplina imposta pela lei. A juventude operária e intelectual entregou-se a essa construção como a uma aventura exaltante e fecunda: a do solo e do subsolo que preparava a do Cosmos. (...) O comunismo representa, desse ponto de vista, o que o cristianismo pôde representar na Idade Média, apoiado em fulgurantes conquistas da Ciência. É isto, muito mais do que as diferenças no nível de vida, que distingue um mundo do outro».⁽¹⁷⁾

Em 17 de Março de 1949, a Hungria, por ter depurado o seu sistema político dos antigos fascistas e dos colaboradores americanos, depara-se com a acusação, por parte do Departamento de Estado americano, de «violações dos direitos humanos». Assim, a arma dos «direitos humanos» que os americanos hoje brandem nas suas novas cruzadas, foi forjada no tempo do desencadeamento da guerra-fria.

Na época, a réplica do governo húngaro não tardou: vós, os defensores americanos «da liberdade, da democracia e dos direitos humanos» (assim falavam já os americanos em plena batalha pela hegemonia mundial!), dais refúgio a chefes fascistas tais como o general Karol Bartha, ministro da Guerra em 1941, a Henrik Werth, o chefe do Estado-Maior de Horthy durante a guerra, a Laszlo Bankuty e Béla Jurcsek, ministros de Szalasi, o nazi demente; protegeis no exterior o próprio regente Miklos Horthy, o general Kisbarnaki-Farkas e o tenente Gusztav Hennyey. Vós recusais extraditar para a Hungria, conforme aos acordos oficiais, todos esses dirigentes fascistas.⁽¹⁸⁾

AS CONFISSÕES DE RAJK

É no seio do Partido Comunista, reconhecido como a força dirigente na construção do socialismo, que surgirão, a partir de então, as mais perigosas ameaças ao poder dos trabalhadores.

Em 26 de Abril de 1949, um jornal suíço, *Die Tat*, publica um artigo bastante estranho, baseado, segundo as suas próprias afirmações, nas confidências de John Foster Dulles:

«Os americanos ajudam activamente as Igrejas e os sindicatos não comunistas ilegais, em todos os países situados por detrás da cortina de ferro. Em Washington, onde os emigrantes de Leste são particularmente activos, o lobby anticomunista é muito dinâmico e já não fala para surdos. A partir de agora, o dinheiro e as armas chegam aos países totalitários do Leste por numerosas vias de contrabando. (...) Depois de John Foster Dulles ter anunciado há um ano, o nascimento do movimento

clandestino, chamado Operação X e apoiado pelo Ocidente, muitas coisas se passaram neste domínio. O Ocidente tentou, seguindo o exemplo comunista, introduzir-se junto dos quadros e dos meios dirigentes das democracias populares e parece que o sucesso ultrapassa as expectativas.»⁽¹⁹⁾

Isto constitui uma boa introdução ao processo de Rajk Laszlo, antigo secretário do Comité Central do Partido Comunista Húngaro, antigo ministro do Interior. Citamos em primeiro lugar as declarações de Rajk aquando do seu processo público, que teve lugar de 16 a 24 de Setembro de 1949.

Retornado no Outono de 1945 à Hungria e nomeado secretário na organização do partido em Budapeste, Rajk foi, segundo disse, contactado por Kovach, membro da missão militar americana. Este último afirmava ter provas de que Rajk havia trabalhado para a polícia de Horthy.

«Mais tarde», disse Rajk, «informei Kovach de que, segundo as informações do Partido Comunista, na Hungria, os diversos elementos de direita, os partidários do regime Horthy—Szalasi, os trotskistas, o grupo de Weiszhaus, os partidos de direita como o Partido dos Pequenos Proprietários e a ala direita do Partido Social-Democrata tinham empreendido um poderoso trabalho de organização e tentavam colocar em todas as fábricas, instituições e gabinetes, elementos hostis à democracia popular, elementos nacionalistas, xenófobos e anti-soviéticos.»

O tenente-coronel Kovach dizia-me, continua Rajk, que

«eu devia fazer tudo para que esses elementos pudessem desenvolver a sua actividade política sem serem incomodados, na medida do possível».

Kovach pôs Rajk em ligação com Marton Himmler, um agente dos serviços secretos americanos.

«Ele queria confiar-me a tarefa», disse Rajk ao tribunal, «de assegurar a tomada do poder pelas forças de direita, de desagregar a força do Partido Comunista organizando no partido uma fracção aparte, dirigida contra Rákosi. Eu devia introduzir na opinião pública de que existe uma fracção Rajk, oposta ao Partido Comunista dirigido por Rákosi. A ideia de Himmler era a de que, se se conseguisse espalhar na opinião pública a ideia de que no seio do Partido Comunista não havia unidade, mas que, sob a minha direcção, haveria uma forte fracção nacionalista, anti-soviética e de orientação americana, isso criaria uma tal perturbação e uma tal desorganização entre as forças de esquerda, que se tornaria bem mais fácil às forças de direita tomarem a dianteira.»

«Como ministro do Interior, em finais de 1946, e por instrução dos americanos», disse Rajk, «coloquei no Ministério do Interior Sandros Cseresnyes, que era o homem dos serviços de informação jugoslavos, Lazlo Marschall, que trabalhava para o 2.º Bureau, serviço de informações francês, Frigyes Major, que era agente do serviço de informações americano CIC, Béla Szasz, homem do Intelligence Service inglês. Além disso, o tenente-coronel Kovach pôs à minha disposição, no princípio de 1946, Tibor Szonyi, que era um homem seu.»⁽²⁰⁾

Tibor Szonyi prestou ao tribunal as seguintes declarações:

«Permaneci na Suíça, a partir de finais de 1938, como emigrado político. Na Suíça, durante a guerra, achava-se o centro europeu do serviço americano de informações estratégicas do exército, o OSS. O seu chefe era Allen Dulles. Foi na Suíça, em Setembro de 1944, que Micha Lompar, um jugoslavo, me fez a proposta de entrar em ligação directa com Allen Dulles. Encontrámo-nos regularmente com Dulles em Berna, entre Setembro de 1944 e Janeiro de 1945, até ao meu regresso à Hungria. Dulles expôs-me longamente as suas concepções políticas para o pós-guerra, dizendo-me ser evidente que, em toda uma série de países da Europa Oriental que seriam libertados pelas tropas soviéticas, os partidos comunistas tornar-se-iam partidos governamentais e que, no interesse da orientação americana e da política de cooperação com a América, era preciso exercer a nossa actividade em primeiro lugar no interior do Partido Comunista.»

Mais adiante, Tibor Szonyi fala dos seus contactos com Noel Field, um colaborador de Dulles, e depois declara:

«Em Maio de 1949, Laszlo Rajk informou-me longamente e com detalhe sobre o plano de golpe de Estado. Quinze dias antes da minha detenção, disse que tinha concebido o projecto da eliminação física de homens de Estado dirigentes, a saber os ministros Rákosi, Farkas e Gero, e que o havia deliberado com o ministro do Interior jugoslavo Ránkovitch». Depois da formação de um novo governo, presidido por Rajk,

«projectava-se proceder à modificação da estrutura política do país, tomando por modelo a situação interna jugoslava. O papel dos partidos, em primeiro lugar do Partido dos Trabalhadores Húngaros, seria relegado para segundo plano na vida política para dar lugar a uma frente popular de base alargada. Encaravam-se também lentas e graduais mudanças deste género no domínio da política externa. Quanto ao programa, que consistia em fazer passar a Hungria do lado da União Soviética e das democracias populares amigas para o lado dos Estados Unidos da América, queríamos também executá-lo de maneira lenta e gradual.»⁽²¹⁾

RAJK, NAGY, POZSGAY, NYERS E A RESTAURAÇÃO

Estas declarações de Rajk e de Szonyi resumem-se a alguns pontos essenciais.

- Os partidos burgueses, sociais-democratas e trotskistas tudo fazem para derrubar o regime socialista e, com esse fim, têm assegurado o apoio dos serviços secretos estrangeiros. A actividade destas formações tem a cobertura e a protecção de elementos hesitantes no seio do Partido Comunista.
- As fracções revisionistas quebram a unidade do Partido a fim de promover elementos duvidosos.
- O nacionalismo burguês é um factor essencial na desintegração dos partidos revolucionários.

- A supressão do papel dirigente do Partido Comunista, em proveito de uma frente «popular» agrupando as forças burguesas, constitui uma etapa essencial no processo de restauração.
- A eliminação física dos elementos chave da direcção marxista-leninista pode igualmente ter aí um papel importante.
- Enquanto as forças do socialismo forem suficientemente poderosas, importa adoptar uma acção gradual no processo de restauração.

A vitória da contra-revolução pacífica, em 1989, ilumina estranhamente as declarações de Rajk e de Szonyi: fossem ou não culpados, necessário se torna constatar que o processo de restauração do capitalismo tem essencialmente seguido o caminho indicado pelas suas confissões. É possível que os inquiridores da época tenham querido ir demasiado longe e tenham apresentado como provas da ligação entre Rajk e os americanos elementos que não eram conclusivos.

Mas só uma nova geração de revolucionários húngaros poderá fazer sair da sombra toda a verdade sobre estes dois fenómenos capitais: a actividade dos serviços secretos ocidentais e a evolução do oportunismo no seio do Partido no decurso dos anos 1945-1953. Eis algumas razões disso.

Hoje, a *CIA* tornou público certo número das suas actividades na Europa de Leste. O que se segue provém de um livro de um jornalista inglês, Stewart Steven, que revela algumas verdades, sem dúvida para encobrir melhor outras operações e outras pessoas.⁽²²⁾

É sabido agora que o tenente-coronel polaco Josef Swiatlo, que teve um papel importante no processo contra Rajk, foi recrutado em 1948 pelos serviços ingleses, antes de ser transferido para a *CIA*.

Nesse momento, Swiatlo é o número dois do 10.º Bureau da Segurança, aquele que segue os assuntos do Partido e do Governo. Figura entre a dúzia de pessoas mais importantes da Polónia Socialista e pode determinar, em larga medida, o futuro de todos os quadros. Acerca do capitão Michael Sullivan que o recrutou, sabemos isto:

«Desde que a Polónia foi libertada (1944), Sullivan foi para lá como chefe de uma missão de abastecimento britânica e, a coberto de caridade, organizou uma das mais complexas e mais elaboradas redes de informação política que até agora se podem encontrar no mundo».⁽²³⁾

Allen Dulles, o chefe da *CIA*, mostra-se encantado assim que Swiatlo entra ao seu serviço.

«Dulles insistiu para que ele fosse posto de reserva, durante 20 anos se necessário, até que o grande golpe pudesse ser montado».⁽²⁴⁾

Mas rapidamente Swiatlo recebeu a missão de montar falsas acusações contra os quadros comunistas que teriam entrado ao serviço da *CIA*. Swiatlo inventa então uma rede de espionagem com ramificações internacionais, na qual desmascara como alavanca operária Noel Field, que foi durante a guerra director para a Europa da organização de entreajuda protestante dos unitarianos

americanos.⁽²⁵⁾ Field é um simpatizante comunista e conhece pessoalmente grande número de dirigentes das democracias populares. Swiatlo prova que Field, diplomata do Departamento de Estado americano desde 1926, trabalha para a CIA sob as ordens directas de Dulles e que recrutou quadros importantes na maior parte dos países comunistas da Europa de Leste. A Segurança Soviética recebe de várias fontes a confirmação desta acusação.

Field estava inocente? Terá sido vítima de um *complot* da CIA com Swiatlo, como afirma o autor Steven? Seja como for, anos mais tarde, o próprio Field confirmará o seguinte. Robert Dexter trabalhava durante a guerra, sob as ordens de Field na missão protestante dos unitarianos na Europa. Dexter era um oficial da OSS, o serviço de informações americano, dirigido a partir de Berna por Allen Dulles. Dexter pôs Field em contacto com Dulles, com a confessada intenção de o recrutar para a OSS. Depois disso, Field introduziu junto de Dulles vários comunistas de diversos países, entre os quais alemães e jugoslavos.⁽²⁶⁾

Segundo as palavras de Swiatlo, este utilizou a «rede Field» para acusar falsamente quadros comunistas como Rajk na Hungria e Slansky na Checoslováquia. Conseguiu operar devastações no topo do Partido polaco fazendo prender o número dois, Jakub Berman, e depois Wladyslav Gomulka. Assim que as suspeitas começaram a concentrar-se sobre si mesmo, Swiatlo passou-se para o Ocidente, em 21 de Dezembro de 1953.⁽²⁷⁾

Esta história prova-nos, pelo menos, que os serviços secretos ocidentais conseguiram recrutar nos países socialistas, gente altamente colocada. Utilizaram alguns dos seus homens para

montar provocações entre os quadros comunistas. A existência de tendências oportunistas e nacionalistas nesses partidos oferecia-lhes um terreno ideal. Comunistas honestos, mas que manifestavam inclinações sociais-democratas, tornavam-se facilmente vítimas de *complots* montados pelos americanos. Não só a *CIA* semeava a cizânia dentro do Partido, mas contava colher, anos mais tarde, dividendos suplementares destas operações: falsamente acusados de ligações à *CIA*, injustamente presos e muitas vezes maltratados, estes homens podiam ser mais facilmente ser recrutados em seguida, após haverem sentido na carne as malfeitorias do «stalinismo». Assinalemos ainda ser muito provável que as revelações de Swiatlo, feitas nos Estados Unidos, revelando-nos algumas verdades, servissem também para proteger homens que continuaram a trabalhar para os serviços americanos.

Na áspera luta de classes que caracteriza os primeiros anos da edificação socialista, os comunistas estavam assim confrontados com dois fenómenos diferentes mas muitas vezes interligados: a existência de correntes oportunistas e nacionalistas que, levadas ao extremo da sua lógica, se uniam ao campo imperialista e da acção subversiva dirigida directamente pelas potências imperialistas.

Caberá aos futuros historiadores revolucionários húngaros desenredar todo este novelo de lutas diversas que constitui o caso Rajk.

Mas a essência política deste processo, tal como os comunistas húngaros o olhavam na época, pode resumir-se deste modo: no decurso da luta de classes que se desenrola nas

condições do socialismo, os elementos oportunistas e nacionalistas burgueses no seio do Partido, evoluem muitas vezes para um programa abertamente restaurador e entram, pelo caminho, em ligação aberta com as potências imperialistas e com a reacção interna. E é contra esta lição, essencial para a consolidação do socialismo, que se obstinam raivosamente todos os fanáticos do anti-stalinismo.

«O processo de Budapeste», escreve François Fejto, «foi uma cerimônia de culto. O absurdo das teses expostas, o seu evidente non-sens, tinha uma função social e religiosa.»⁽²⁸⁾

Este autor procura esconder, com o seu verbalismo venenoso, o fundamento político da luta em curso de que ele, no entanto, se dá perfeitamente conta.

«Na Hungria», confessa Fejto, «Tito possuía numerosos simpatizantes entre os velhos militantes do Partido, com o ministro do Interior Laszlo Rajk à cabeça.»⁽²⁹⁾

Estes processos, continua lucidamente, constituem *«uma vasta ofensiva contra as tendências autóctones reformistas e nacionais»*, querendo Rajk e os outros fazer

«concessões reais às aspirações nacionais e liberais das populações por meio de uma realização das “virtualidades democráticas” do socialismo.»⁽³⁰⁾

Deste modo, Fejto descreve perfeitamente a orientação nacionalista-burguesa, anti-soviética, e a deriva social-democrata, reformista, cujos primeiros sintomas eram já aparentes em 1949-

1953, e que acabaram, após longa incubação, por derrubar o socialismo em 1989. Quando Tito, em 1950, apoiou a agressão americana contra a Coreia, a verdadeira natureza desta orientação não é susceptível de dúvidas. Feito admite que Rajk pertencia a essa mesma corrente.

Aquando do segundo enterro solene de Rajk, em 6 de Outubro de 1956, Imre Nagy, num gesto patético, abraçou a viúva de Rajk. Duas semanas mais tarde, Nagy encabeçava um movimento que mesmo Tito, seu protector, teve de classificar de contra-revolucionário.

Em 1988, foi possível assistir-se ao *remake*⁽³¹⁾ do funeral de Rajk, organizado com grande pompa. Alguns meses mais tarde, os dirigentes do Partido húngaro que presidiam à homenagem, restabeleciam o capitalismo privado, acolhiam triunfalmente o presidente dos Estados Unidos, deixavam o Pacto de Varsóvia e declaravam a sua intenção de se juntarem à NATO. Mas quando os comunistas acusaram Rajk e Nagy de terem entrado precisamente nessa via, toda a imprensa burguesa berrou tratar-se de mentiras grotescas, de acusações absurdas, de efabulações inacreditáveis. Importa portanto sublinhar, independentemente até da culpabilidade efectiva de Rajk no que toca a algumas das acusações pronunciadas contra ele, que a direcção de Rákosi tinha, nos anos 1948-1953, agarrado bem os mecanismos essenciais da luta de classes sob o socialismo.⁽³²⁾

A OFENSIVA AMERICANA

No princípio de 1948 é editado nos Estados Unidos um jornal de extrema-direita húngaro, que tem por título *Amerikai Magyar Nepszava*. O seu director é Zoltan Pfeiffer, antigo proprietário de terras e deputado próximo de Horthy. Entre os colaboradores, o fascista Tibor Ekhardt, o chefe da direita húngara Ferenc Nagy e o social-democrata Karoly Peyer. Em 27 de Maio de 1948, o presidente Truman envia uma carta aos editores:

«O povo húngaro combate atrás da cortina de ferro para reconquistar a sua liberdade e para edificar um Estado verdadeiramente democrático. Neste combate e no centro destas aspirações, estais vós de quem o povo espera as suas directivas. Estou convicto de que vós, que gozais dos benefícios da democracia americana, não os abandonareis.»⁽³³⁾

Os americanos são nessa altura os protectores da organização fascista Comunidade Fraternal dos Guerreiros Húngaros, com sede na Alemanha Ocidental e dirigida por Ferenc Kisbarnaki-Farkas e Andras Zako, dois homens do fascista louco Szalasi. No seu Boletim Central n.º 12, de Abril de 1950, escrevem:

«Qual é a nossa finalidade? Ajudar todos os que se dispõem a lutar para libertar a Pátria húngara do bolchevismo, não apenas pela palavra escrita mas também, chegado o momento, pelos actos e pelas armas.»

No n.º 13 do mês de Maio, precisam:

«Temos o direito de esperar, em virtude da evolução provável dos acontecimentos internacionais, que as forças militares dos Estados Unidos nos abrirão o caminho do regresso.»⁽³⁴⁾

O *Le Monde* escreve em 2 de Outubro de 1951:

«Um crédito de 100 milhões de dólares está previsto no projecto de lei americano sobre a ajuda militar e económica ao estrangeiro, com vista a permitir a constituição de corpos especiais de refugiados dos países a Leste da cortina de ferro. Estas unidades, precisam as informações de Washington, serão misturadas com as divisões americanas e integradas no exército do Atlântico».

Assim, em 1950, dois mil e quinhentos refugiados são incorporados no exército americano. Após cinco anos de serviço, poderão obter a nacionalidade americana. O porta-voz do primeiro grupo húngaro, Thomas Dosa, combateu durante um ano no exército fascista na frente Leste.⁽³⁵⁾

Em 1950, os serviços da guerra psicológica do exército americano, por decisão do seu governo, lançam o projecto *Radio Free Europe*. Despacho da *Reuter*, de 25 de Outubro de 1950:

«O general Lucius D. Clay, antigo comandante da zona americana, anunciou que o serviço colocado sob a sua direcção, está a construir potentes emissores para apoiar a propaganda dirigida aos países por detrás da cortina de ferro. O pessoal será recrutado entre aqueles que fugiram recentemente de países do Leste europeu, aos quais esta propaganda é destinada. (...) Se esta actividade levar a acções

subterrâneas nos países em questão “não ficaremos surpreendidos”», afirmou, para continuar de seguida: «“Não há limites ao que podemos fazer e ao que faremos”.»⁽³⁶⁾

A partir de 1950, os Estados Unidos empenham-se activamente numa política dita de «libertação das nações cativas», das quais James Burnham, braço direito de Trótski até 1940, se apresenta como advogado. É a época em que Burnham e quase todo o *establishment* americano aguardam com uma paixão impaciente a guerra, ou melhor, a Terceira Guerra Mundial.

«A política de libertação revela-se um preventivo da guerra geral. A política de libertação, na medida em que tiver êxito, fustiga por detrás da frente soviética e corta as linhas de comunicação dos soviéticos. Ao mesmo tempo desperta os elementos internos que são, do ponto de vista soviético, mais susceptíveis de desconjuntar o regime. Mas, a longo prazo, embora não seja inevitável, a guerra geral continua provável».⁽³⁷⁾

É neste contexto global que Burnham situa a actividade americana na Hungria e na Europa de Leste.

«As palavras por si só não serão suficientes para convencer as massas de que a América se empenha em libertá-las. É necessário que ela o demonstre todos os dias pelos seus actos. Essa demonstração será feita de três maneiras: guerra política por todo o lado; acções auxiliares militares e paramilitares lá onde as circunstâncias o exigirem; preparação apropriada para qualquer acção militar que venha a verificar-se

necessária no futuro. Os Estados Unidos estão desde já activos nestes três planos. A mudança política alargará o seu raio e acentuará o ritmo destas actividades, sobretudo a guerra política.»⁽³⁸⁾

Esta política de conquista e de hegemonia americana será vendida na Hungria com a marca da «independência nacional»: É arrancando a Hungria à influência soviética e ao seu futuro socialista ligado aos destinos do socialismo soviético que os americanos pretendem atribuir-se um ramalhete de neocolónias na Europa Central.

O DESENCADear DA LUTA CONTRA O «STALINISMO»

Logo após a morte do camarada Stáline, o Comité Central do Partido dos Trabalhadores Húngaros, na sua sessão de 27 e 28 de Junho de 1953, critica os «erros esquerdistas» da direcção de Rákosi, Gero e Farkas, e nomeia Imre Nagy, um oportunista de direita de longa data para o cargo de primeiro-ministro. Nagy afirmou sempre que a democracia popular não devia ser definida como uma forma de ditadura do proletariado. Crê que a Hungria deve passar por um estágio de capitalismo de Estado e que as forças produtivas no campo desenvolver-se-ão mais rapidamente com uma política de apoio aos camponeses médios. Afirma, além disto, querer evitar que a Hungria seja envolvida na confrontação entre os blocos. Em 1954, à cabeça do governo, Nagy desenvolve um programa centrado sobre a «unidade nacional», apelando aos nove milhões e meio de húngaros para que unam os seus corações

e as suas almas.⁽³⁹⁾ Mas em Novembro de 1955, Rákosi consegue fazer expulsar do Partido o revisionista Nagy.

Imediatamente após o XX Congresso do PCUS, os oportunistas húngaros lançam-se numa crítica redobrada ao «stalinismo» de Rákosi. No dia 1 de Julho de 1956, Imre Nagy declara-se pronto a

«lutar, ombro com ombro, para eliminar as distorções stalinistas do marxismo nos domínios ideológico, político e metodológico» e jura fidelidade às ideias e aos princípios de Lénine».⁽⁴⁰⁾

A Associação dos Escritores Húngaros manda os seus melhores plumitivos fazer campanha por Imre Nagy, que se torna num ápice a principal vedeta da *Radio Free Europe* e da *BBC*. Em 17 de Setembro, a Associação vira-se contra *«a resistência burocrática, sectária e dogmática»* e apela à luta contra *«o perigo de uma restauração stalinista e rakosista»*.⁽⁴¹⁾

O Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos consagra, em finais de Junho de 1956, uma reunião especial dedicada à agitação a Leste. Em 29 de Junho, John Foster Dulles resume assim as conclusões:

«O Mundo Livre deve estar unido para exercer pressões que irão acelerar a desintegração completa do comunismo internacional e, talvez, o actual sistema da União Soviética. É necessário sobretudo intensificar a pressão sobre os países satélites, o que pode conduzir à sua completa libertação.»⁽⁴²⁾

Curvando-se sob a campanha contra Stáline, levada a cabo conjuntamente por Nikita Khruchov e pela *Radio Free Europe*, pelo grupo de Imre Nagy e pela velha direita húngara, o Partido dos Trabalhadores decide organizar um novo funeral solene das «vítimas do stalinismo». Em 6 de Outubro, a «reencenação» destes funerais transforma-se em festa anticomunista. 300 mil pessoas, entre nostálgicos e ingénuos confusos, proclamam Imre Nagy como seu ídolo.

Nas semanas que se seguem, a maior parte dos estudantes e dos intelectuais participam nas manifestações nacionalistas dirigidas contra a presença das tropas soviéticas, pela retirada da Hungria do Pacto de Varsóvia e pela recuperação dos territórios perdidos após a «derrota» de 1944. O nacionalismo burguês apresenta-se sob um duplo aspecto: anti-soviético pela sua aversão ao primeiro país socialista e adepto da ideologia fascista pela sua nostalgia dos 25 anos de «grandeza» húngara.

A CIA DITA O PROGRAMA DA «REVOLUÇÃO»

A partir de 23 de Outubro de 1956 propagam-se por toda a parte manifestações contra o governo socialista. A *Radio Free Europe*, segundo Robert T. Holt, um dos seus principais responsáveis, recebe todos os dias do quartel-general em Nova Iorque, instruções técnicas detalhadas. A rádio da CIA prega uma política de ampla unidade popular, alertando contra qualquer forma de precipitação. É necessário glorificar os valores nacionais húngaros e pedir um «aperfeiçoamento» e uma «rectificação» do sistema socialista. No decurso da acção poder-se-á, passo a passo,

elevar a qualidade das reivindicações. Com essa finalidade, a CIA lança a palavra de ordem:

«*Fazer da revolução uma revolução permanente!*».⁽⁴³⁾

Ainda a partir de 23 de Outubro, os amotinados levam a cabo ataques armados de pequena envergadura. Em 25, o coronel Pal Maléter, encarregado de reprimir os insurrectos, passa para o lado da contra-revolução. O conselheiro militar da *Radio Free Europe*, Julian Borsanyi, antigo tenente-coronel do exército de Horthy, a pretexto de «*discutir a maneira como os insurrectos operam*», dá instruções para a condução da insurreição.⁽⁴⁴⁾ A Comissão da *Radio Free Europe* financia o Centro Militar, estabelecido em Viena, que coordena a ajuda militar do estrangeiro. O general Andras Zako, chefe da principal organização fascista húngara, toma o comando do Centro. Os ataques armados a Budapeste são dirigidos por pessoas com grande experiência da guerra e da guerrilha: oficiais do exército de Horthy, membros das milícias fascistas das Cruzes de Setas e alguns trânsfugas do exército húngaro. Começa assim o que *The New York Herald Tribune* chama, em 17 de Novembro de 1956:

«*A primeira batalha da Terceira Guerra Mundial pelos valores ocidentais*».⁽⁴⁵⁾

Durante esta primeira fase da contra-revolução, o Partido organiza Guardas Operárias nas fábricas e oficinas e distribui-lhes certa quantidade de armas. O exército húngaro permanece, na maioria, leal ao governo e leva a cabo operações eficazes, com o

apoio de unidades soviéticas.⁽⁴⁶⁾ Em 28 de Outubro, os insurrectos anticomunistas estão praticamente derrotados.

No mesmo dia, o quartel-general da Comissão da *Radio Free Europe* envia de Nova Iorque um telegrama para Munique, contendo um «programa de oito pontos» para a insurreição húngara. Este será imediata e intensamente divulgado pela *Radio Free Europe* e retomado por quase todos os grupos anticomunistas. Eis o essencial desse programa:

1. Retirada imediata e total de todas as tropas soviéticas do território húngaro.
2. Dissolução integral e imediata da AVH (Força de Segurança do Estado). (...)
3. Amnistia total para todos os combatentes da liberdade que participaram na insurreição.
4. Exclusão do novo governo provisório de todas as pessoas que, de um modo ou de outro, estiveram associadas ao regime, ao governo ou à direcção superior do Partido após o último governo de Nagy.
5. A maioria do gabinete do novo governo provisório deve provir de diferentes grupos patrióticos numa base representativa.
6. Reunião imediata de uma Assembleia Constituinte, escolhida em eleições livres e secretas, para redigir uma nova carta de governo e um programa de acção. (...)

7. Retirada da Hungria do Pacto de Varsóvia.
8. Manutenção dos conselhos operários e outros conselhos locais formados durante a crise e comunicação permanente entre eles até que as condições mencionadas estejam preenchidas.⁽⁴⁷⁾

O REVISIONISTA NAGY À CABEÇA DO GOVERNO

No momento em que a contra-revolução se desencadeia no país, a firmeza do Partido Comunista adquire uma importância decisiva para o resultado da luta. Ora, o Partido encontra-se num estado lastimoso. Quando o comité central se reúne em 23 e 24 de Outubro, é abalado por um vento de pânico. Em lugar de se orientar para a firmeza e para a mobilização das massas fiéis ao socialismo, os seus membros procuram refúgio na Grande Unidade. A tendência Mathias Rákosi—Erno Gero, tratada de «stalinista» por todos os lados, encontra-se já bastante isolada. O grupo Janos Kadar—Ferenc Munnich, tornado maioritário, apela à unidade de todos os comunistas, mesmo aos homens Imre Nagy. Imre Nagy é restabelecido na qualidade de membro do partido e é-lhe oferecido o cargo de primeiro-ministro! No entanto, toda a gente sabe que Nagy se acha na base da agitação antigovernamental nos meios estudantis e intelectuais. Como dirá Kadar mais tarde:

«Estávamos reticentes em tomar a decisão muito séria de revelar ao mundo que não havia unidade no seio do órgão dirigente superior do Partido e do governo.»⁽⁴⁸⁾

Em 23 de Outubro, Nagy dá o seu acordo para apelar a ajuda do Exército soviético. Mas cinco dias mais tarde, em 28 de Outubro, no momento em que os contra-revolucionários se encontram encurralados, Nagy decreta na rádio um cessar-fogo imediato e geral e anuncia a retirada das tropas soviéticas de Budapeste!

«O governo rejeita a ideia de que o largo movimento popular que se desenvolve na hora actual seja uma contra-revolução», exclama.

E a revolta torna-se

«um movimento nacional e democrático» visando garantir «a nossa independência nacional, a nossa autodeterminação e soberania».

Nagy prossegue:

«O governo apoiará os novos órgãos democráticos criados por iniciativa do povo e integrá-los-á na administração do Estado».

Anuncia a criação de uma nova força de segurança, formada a partir de

«unidades do exército, da polícia e também das unidades armadas de operários e de jovens».⁽⁴⁹⁾

De facto, o revisionista Nagy retoma por sua conta o essencial do programa ditado pela *Radio Free Europe*.

A 29 e 30 de Outubro, o Exército Vermelho retira de Budapeste. Uma vaga de euforia leva às nuvens os contra-revolucionários. Nagy recebe um dos principais chefes dos «combatentes da liberdade», Dudas, que fez seus os «oito pontos» da CIA. No dia seguinte, a *Radio Free Europe* anuncia:

«Parece possível que a democracia multipartidária seja restaurada na Hungria e que a Hungria possa assumir uma posição de liberdade e de neutralidade segundo o modelo austríaco».⁽⁵⁰⁾

NAGY À CABEÇA DA CONTRA-REVOLUÇÃO

Partindo da sua oposição ao «dogmatismo», ao «sectarismo» e ao «stalinismo». Imre Nagy passa em poucos dias para a contra-revolução aberta. Em 30 de Outubro, declara na rádio:

«O governo reconhece todas as autoridades locais, autónomas e democráticas, criadas pela revolução, nós apoiamos-nos nelas e pedimos-lhes o seu apoio.» E prossegue: *«O gabinete aboliu o sistema de partido único e coloca o governo na base da cooperação democrática entre partidos de coligação, como existiam em 1945.»*

No *Presidium* do Partido dos Trabalhadores Húngaros, Nagy acaba de obter uma maioria para... dissolver o partido e formar um novo! Núcleos dos antigos partidos burgueses foram já estabelecidos sob o impulso de emigrados anticomunistas. Estes partidos que se haviam estilhaçado entre 1945 e 1948 nos combates travados entre os elementos reaccionários e os

elementos antifascistas, renasciam agora como forças abertamente de direita e pró-imperialistas. Em 1 de Novembro, o Partido dos Pequenos Proprietários escreve:

«Queremos uma nova constituição, uma República em lugar de uma República Popular.» Numa circular de 31 de Outubro, este partido afirma-se como *«partidário incondicional da empresa privada e da economia privada»*.

Em 2 de Novembro, Jozsef Pasztor, o dirigente da Social-Democracia, declara:

«O Partido aceita a propriedade privada.»

O programa do Partido da Independência Húngaro menciona:

«4. A inviolabilidade da propriedade privada (...) 6. Pôr em prática a democracia pura, eterna e burguesa.»⁽⁵¹⁾

Em 30 de Outubro, Imre Nagy liberta o cardeal Mindszenty da prisão e este apressa-se a declarar:

«Vou continuar do ponto onde fui forçado a parar há oito anos.»⁽⁵²⁾

Nas suas memórias, Eisenhower anota as suas reflexões de 1 de Novembro de 1956:

«O problema da Hungria é que os insurrectos têm falta de um dirigente forte que tenha autoridade. Imre Nagy falha e os insurrectos pedem a sua demissão. O cardeal Mindszenty

poderia ser esse dirigente, se for apoiado pelo fervor católico do povo húngaro.»⁽⁵³⁾

Na rádio, em 3 de Novembro, Mindszenty saúda o «povo» e a «luta armada», denuncia o «império russo» e declara que «o antigo regime já foi varrido».

«Nós queremos ser um país e uma nação com um espírito exclusivamente cultural-nacional, baseado na propriedade privada que é limitada pelas obrigações sociais.»⁽⁵⁴⁾

Em 31 de Outubro, Nagy anuncia a sua intenção de se retirar do Pacto de Varsóvia e no dia seguinte proclama a neutralidade da Hungria, concluindo o discurso com as palavras: «*Viva a Hungria livre, independente, democrática e neutra!*» A Hungria cessou de ser socialista. E a bandeira da independência esconde mal que as formações de insurrectos dependem, em grande parte, do imperialismo. O *Bureau* da Internacional Socialista, reunido em Viena, e o presente Eisenhower, em Nova Iorque, prometem imediatamente uma «ajuda económica» para reerguer a economia da Hungria.⁽⁵⁵⁾

Entretanto, os generais Béla Kiraly e Maléter distribuíram milhares de armas aos insurrectos. Kiraly e dois outros oficiais de Horthy constituem, em 1 de Novembro, um Comité de Reabilitação a fim de criar um corpo de oficiais do antigo regime fascista: apresentam-se 500...⁽⁵⁶⁾ E no mesmo dia, Nagy nomeia Pal Maléter, o general que se havia passado para os insurrectos, para o cargo de ministro de Defesa!⁽⁵⁷⁾

Na cidade de Gyor, na Transdanúbia, a parte da Hungria que tem fronteira com a Áustria, um Conselho Nacional transdanubiano apresenta-se como governo alternativo. O presidente do Conselho, o antigo edil social-democrata Udvaros, numa entrevista, expõe a sua orientação:

«O Conselho sofreu uma evolução nacionalista. Os comunistas refugiaram-se junto dos russos que têm a guarnição nos arredores de Gyor. O primeiro objectivo da multidão foi a destruição da polícia política. Em Gyor eles eram uma centena, os chefes foram mortos e os outros fugiram. Nós somos contra a colectivização das terras. Damos toda confiança a Nagy. Aliás, ele recebeu a nossa líder, Anna Ketly, e assegurou-nos que partilhava os pontos de vista do Conselho Nacional transdanubiano. Enfim, aqueles que fizeram esta revolta estão no governo, com Pal Maléter, que acaba de ser chamado ao Ministério da Defesa Nacional. Em caso de eleições, a maioria dos votos iria para um partido clerical, na proporção de 60 por cento. O partido social-democrata poderia obter 18 a 20 por cento.»⁽⁵⁸⁾

O general Zako, chefe do Cruz de Flechas, viaja de Viena para Gyor e uma delegação de Gyor parte para Munique para encontrar-se com o tenente-coronel Julian Borsanyi, antigo horthysta e cérebro na *Radio Free Europe*...⁽⁵⁹⁾

A direita inicia a caça aos comunistas: três mil são presos pelos contra-revolucionários. O jornal *Nova Hungria* escreve em 2 de Novembro:

«A nossa polícia neutraliza os inimigos da revolução nacional. (...) A operação de limpeza começou sob o controlo do Comité Revolucionário das Forças Especiais.»⁽⁶⁰⁾

O Partido da Cruz de Flechas e fundamentalistas católicos levam o espírito de vingança ao ponto de inquietar um jornalista de direita como Alain de Seydouy, embora se trate de um fanático da «Indomável Hungria». O seu texto, publicado com esse título, diz a propósito dos últimos dias da insurreição:

«Aproveitando a fraqueza do governo Nagy, elementos da extrema-direita, como Dudas, podiam fazer temer o retorno de elementos fascistas, o que agora é explorado a fundo pelos stalinistas. Desde a sua libertação, que o cardeal Mindszenty multiplicou as declarações imprudentes. Enfim, a desapareição dos comunistas de todos os postos-chave lançou o país na anarquia. O próprio Tito se mostrou inquieto.»⁽⁶¹⁾

Estas notas de um anticomunista declarado constituem uma excelente introdução à análise que o grupo de Mandel apresentou sobre a contra-revolução húngara. O 9.º congresso mundial trotskista prestou homenagem aos revoltosos húngaros nos seguintes termos:

«A revolução húngara de Outubro-Novembro de 1956 foi mais longe na via da revolução política antiburocrática plenamente desenvolvida.»⁽⁶²⁾

É nestes termos que Mandel nos revela que a contra-revolução armada húngara era o trotskismo «plenamente desenvolvido».

KADAR E A SUA AMA NIKITA KHRUCHOV

Em 1 de Novembro, Janos Kadar e Ferenc Munnich, dois membros do governo Nagy, decidem romper com o primeiro-ministro. No dia seguinte recebem o apoio de Gyorgy Marosan, Antal Apro, Imre Horvath e Karoly Kiss. Proclamam a constituição de um governo revolucionário de operários e camponeses que apela ao exército soviético para restabelecer a ordem. Em 4 de Novembro, o Exército Vermelho ataca as duas bases principais dos insurrectos, que agrupam cerca de dez mil homens armados. Os combates violentos duram dois dias. Em 9 de Novembro, os principais chefes da contra-revolução passam para o Ocidente. De 23 de Outubro a 9 de Novembro, contou-se três mil mortos.⁽⁶³⁾

Kadar opôs-se à contra-revolução aberta e ao revisionismo extremo de Imre Nagy. No entanto, o próprio Kadar contribuiu para repor Nagy à cabeça do governo, do qual, aliás, fez parte. Além disso, atacou furiosamente a linha revolucionária defendida por Rákosi. A sua proclamação, em nome do governo revolucionário, em 4 de Novembro de 1956, começa com frases:

«Em 23 de Outubro, nasceu um movimento popular. A finalidade desse movimento era a liquidação do regime criminoso de Rákosi e dos seus cúmplices, a aquisição da nossa independência nacional e a defesa da nossa soberania nacional. Devido à fraqueza do governo de Imre Nagy, elementos contra-revolucionários conseguiram infiltrar-se nesse movimento.»⁽⁶⁴⁾

No que ele chama de resolução histórica de 5 de Dezembro de 1956, Kadar inscreveu o seguinte:

«Desde o final de 1948, a clique Rákosi—Gero desviou-se dos princípios fundamentais do marxismo-leninismo.»⁽⁶⁵⁾

Assim, todas as vitórias obtidas durante a revolução, na edificação económica e na repressão da reacção, foram denegridas como sendo desvios.

Kadar é um órfão da social-democracia húngara, adoptado pela sua ama Nikita Khruchov. Rákosi é um bolchevique autêntico, combateu ao lado de Béla Kun em 1920, foi encerrado nas prisões de Horthy de 1927 a 1940. Mas, depois da guerra, o seu Partido foi formado por um agrupamento de forças diversas, grandemente influenciadas pela social-democracia. Rákosi não conseguiu unificar os quadros numa óptica marxista-leninista, através de um trabalho ideológico, político e organizacional em profundidade. O Partido continuou a ser um saco de diversas e variegadas correntes.

O «stalinista» Rákosi foi eliminado do topo do Partido após uma intervenção directa do PCUS. Nikita Khruchov também impeliu à reabilitação de Rajk, à libertação de Kadar (preso em 1950 por causa da sua orientação titista) e à reintegração de Nagy.⁽⁶⁶⁾

Em Junho de 1956, no momento em que a contra-revolução se desenrola ao olhos de todos, Suslov tem nas suas mãos uma autocrítica escrita por Imre Nagy, em quem tem total confiança, afirmando que a situação na Hungria tende a normalizar-se. Após os primeiros combates em Budapeste, Andrópov, o embaixador soviético, afirma:

«Não podemos considerar os insurrectos como contra-revolucionários, porque há entre eles gente honesta. O novo governo [de Nagy] é bom e é necessário que seja mantido para estabilizar a situação. Nagy procura manter a ligação com as massas.»⁽⁶⁷⁾

São os soviéticos que, em 2 de Novembro, reúnem Kadar e os seus amigos na Crimeia e que, após concertação com Tito, impõem Kadar como novo chefe do Partido.⁽⁶⁸⁾

Nikita Khruchov, Tito, Kadar e Nagy estavam ligados pela sua defesa comum de uma política revisionista e pela luta contra o «stalinismo». Só no momento em que Nagy passou abertamente para o lado do imperialismo e ameaçava, por consequência, a própria base do poder de Nikita Khruchov, é que este reagiu.

LÉNINE A PROPÓSITO DA REVOLUÇÃO HÚNGARA

O episódio crucial da luta interna no Partido situa-se no início da insurreição, com a reintegração de Nagy e a sua nomeação como primeiro-ministro. No momento em que a luta de classes se transformava abertamente em guerra civil, os revisionistas, em nome do anti-stalinismo, agiram de forma diametralmente oposta aos ensinamentos de Lénine. Algumas das suas observações parecem ter sido escritas, com 40 anos de antecedência, tendo em vista os acontecimentos de Budapeste em 1956.

É a propósito do oportunismo no Partido Comunista Húngaro (já!) que Lénine escreve, em 1920:

«Não há dúvida de que uma parte dos socialistas húngaros passaram sinceramente para o lado de Béla Kun e se declaram sinceramente comunistas. Mas a essência da questão em nada se altera por isso: um homem que se proclama "sinceramente" comunista, que na prática, em vez de uma política impiedosamente firme, invariavelmente resoluta, abnegadamente audaciosa e heróica (só uma tal política corresponde ao reconhecimento da ditadura do proletariado) vacila e se mostra pusilânime, esse homem comete, pela sua falta de carácter, pelas suas vacilações, pela sua indecisão, a mesma traição que o traidor autêntico. No plano pessoal a diferença entre o traidor por fraqueza e o traidor por intencional e premeditado é muito grande; do ponto de vista político essa diferença não existe, porque a política é de facto o destino de milhões de pessoas, e esse destino não se altera pelo facto que milhões de operários e camponeses pobres serem traídos por traidores por fraqueza ou de traidores por interesse.»⁽⁶⁹⁾

A conclusão de Lénine é inapelável: nos momentos decisivos é necessário afastar os dirigentes oportunistas, hesitantes. Nikita Khruchov e Kadar farão exactamente o oposto: em plena guerra civil, fazem entrar no Partido, em nome da «unidade», os oportunistas e os traidores que tinham sido expulsos! Também neste ponto salta aos olhos que o dito «anti-stalinismo» visa directamente o próprio coração da obra de Lénine. Este havia tirado da sua experiência o seguinte ensinamento geral:

«Tendo nas suas fileiras reformistas e mencheviques não é possível vencer na revolução proletária, não é possível defendê-la. (...) Na Rússia ocorreram muitas vezes situações difíceis, quando seguramente o regime soviético teria sido derrubado se os mencheviques, reformistas e democratas pequeno-burgueses permanecessem dentro do nosso partido (...) Num tal momento, não só é absolutamente necessário o afastamento dos mencheviques, reformistas e turatistas⁽⁷⁰⁾ do partido, mas também pode mesmo tornar-se proveitoso o afastamento de excelentes comunistas susceptíveis de vacilar e que revelam oscilações para o lado da “unidade” com os reformistas, o afastamento de todos os cargos de responsabilidade. (...) Nas vésperas da revolução e no momento da luta mais encarniçada pela vitória, as menores vacilações dentro do partido são capazes de arruinar tudo, de fazer fracassar a revolução, de arrancar o poder das mãos do proletariado».⁽⁷¹⁾

Assim, aqueles que esmagam a contra-revolução aberta de 1956 renunciaram eles próprios às concepções revolucionárias da ditadura do proletariado.

Os oportunistas e os agentes do imperialismo, quanto a esses, tiram uma conclusão maior da sua derrota; é preciso conquistar posições no interior do Partido e fazer, discretamente e por longo período, um trabalho de divisão e de restauração.

COMO KADAR FEZ APODRECER O PARTIDO

Depois de terem seguido durante 30 anos estradas paralelas, kadaristas e agentes da C/A caem finalmente, em 1989, nos braços uns dos outros para realizarem a contra-revolução pacífica. No segundo centenário da Revolução Francesa, o Partido Comunista Húngaro rendeu-se praticamente sem resistência, revelando-se a grande maioria dos seus quadros como sendo burgueses sem máscara.

É importante recordarmos que concepções ideológicas e políticas mascararam esse apodrecimento gradual e total.

Vejamos algumas teses do Partido Socialista Operário Húngaro a meio caminho entre a contra-revolução violenta de 1956 e a contra-revolução pacífica de 1989. Estamos em 1974/1975. Como era de esperar tudo vai pelo melhor.

«O nosso povo segue o nosso Partido, o poder operário é forte, as posições do socialismo são sólidas.»⁽⁷²⁾

Kadar dixit.

«A roda da história rodou muito: a Hungria deixou para sempre de ser o país dos senhores parasitas, dos exploradores; os capitalistas, os imperialistas perderam o país e jamais haverá um único pedaço de terra que lhes pertença.»⁽⁷³⁾

O sempre e o nunca de Janos Kadar durarão exactamente 14 anos.

As duas primeiras grandes ideias de Kadar são a extinção da luta de classes e a democracia para interesses sociais diferentes. Com a primeira, ele impede que a ditadura do proletariado se abata sobre os burgueses antigos e novos; com a segunda, assegura a esses mesmos burgueses espaços de livre desenvolvimento.

«A actividade política das forças internas anti-socialistas vem enfraquecendo cada vez mais; a função repressiva do Estado orientou-se cada vez mais para a ameaça externa.»⁽⁷⁴⁾

Em todos os tempos os revisionistas fazem crer que os burgueses se retiram tranquilamente de cena ou se convertem em partidários do «socialismo». Não é preciso atacá-los.

«O Estado da ditadura do proletariado transformar-se-á gradualmente num Estado socialista de todo o povo.»⁽⁷⁵⁾

Quem quiser que acredite. Liquidámos, diz Kadar,

«o dogma insensato segundo o qual a luta de classes se intensifica à medida que o socialismo avança.»⁽⁷⁶⁾

Assim, a contra-revolução violenta de 1956 não terá ensinado nada a este oportunista. Ele continua a sonhar que a luta de classes se apaga calmamente sob a ligeira brisa.

Os revisionistas não negam a luta de classes, mas pretendem que as diferentes classes amam, com uma paixão comum, o socialismo!

«Uma das maiores conquistas da nossa revolução é a unidade nacional de espírito socialista que respeita a todas as classes, todas as camadas fundamentais da nossa sociedade.»⁽⁷⁷⁾

Graças a esta manha, os pequenos e médios capitalistas «trabalhadores» prosperam, os burocratas apropriam-se dos frutos do trabalho colectivo, os intelectuais tecnocratas prosternam-se diante das proezas das multinacionais ocidentais e os quadros corruptos multiplicam-se. Tudo em nome da diversidade de interesses!

«No nosso país, a livre expressão pública dos interesses que existem na nossa sociedade, a apresentação das divergências de interesses que com eles aparecem são garantidas sem a pluralidade dos partidos.»⁽⁷⁸⁾

Este desenvolvimento progressivo das forças reaccionárias, capitalistas, pró-imperialistas, foi levado a cabo sob a bandeira tão popular no Ocidente, da democracia. O «socialismo morreu por falta de oxigénio democrático», pode ouvir-se por aí nos nossos dias. No entanto, é precisamente agitando a palavra de ordem de democracia que os revisionistas húngaros minaram, durante longos anos, o socialismo até ao seu total abastardamento. Eis o que o kadarismo badalava a qualquer propósito:

«No decurso da edificação de um socialismo desenvolvido, o papel da democracia é decisivo não apenas nos locais de trabalho mas também na vida do Partido, na vida pública. (...) A democracia conduz-nos, bem como muitas outras coisas, a

um Estado de todo o povo».⁽⁷⁹⁾ «O socialismo e a democracia são dois conceitos inseparáveis um do outro.»⁽⁸⁰⁾

Sim, inseparáveis, até ao dia em que a democracia para os burgueses terá acabado por liquidar os últimos restos da ditadura do proletariado. Depois acorda-se para constatar que o poder dos empresários privados e das multinacionais foi restabelecido.

E, sob o reinado da livre empresa, a «democracia para todos» reintroduzirá a ditadura económica e política do capital.

No reino da democracia pura à Kadar, onde a luta de classes já não tem lugar, a tarefa essencial dos trabalhadores é, pois claro, a de fazer prosperar a economia.

«Depois da conquista do poder, a tarefa mais importante da classe operária é a de contribuir sem tréguas para colocar as bases económicas da nova sociedade, depois a de construir essa economia. O sucesso deste trabalho de edificação da economia decide do destino do socialismo.»⁽⁸¹⁾

À força de cegar sobre a edificação económica, a classe operária húngara viu por fim o capitalismo restaurado. A este propósito, é preciso notar que a derrocada do socialismo foi produzida a partir da liquidação política da ditadura do proletariado e não por causa de um falhanço económico tornado intolerável, como o afirma uma teoria justificadora da restauração. Em 1975, em cada 100 lares húngaros, 50 tinham uma máquina de lavar, 39 um frigorífico, 58 uma televisão.⁽⁸²⁾ A Hungria não era o Chile, nem as Filipinas, nem o Zaire, nem o Egipto onde, no entanto, nenhuma

potência imperialista chama a população à «revolução» para pôr fim ao falhanço económico completo do sistema.

O partido «comunista» com o qual Kadar conduziu a mudança na direcção da restauração pacífica, havia renunciado à sua vocação de dirigir a luta de classes dos trabalhadores, de insuflar-lhes uma consciência de classe, de os mobilizar contra o imperialismo e a reacção. Aberto a todos os homens de boa vontade, o partido tornou-se refém dos burocratas e dos oportunistas que em nada se distinguiam da equipa de Imre Nagy. Ora, em 1974, Kadar pensava ser apropriado anunciar uma vez mais os *«crimes cometidos contra as vítimas do culto da personalidade»*, fórmula que, ao mesmo tempo que atacava a concepção leninista da luta no interior do Partido, reabilitava os Rajk e os Nagy. Felizmente que pusemos fim, continuava Kadar,

«à monstruosa política que procura o “inimigo” nas fileiras do partido da classe operária.»⁽⁸³⁾

Como resultado da política «humanista» de Kadar, 15 anos mais tarde, por mais que se «procurasse o comunista» nas fileiras do partido, já não o encontrávamos.

Notas de rodapé:

- (1) *Libération de la Hongrie - Choix de documents 1944-1945*, éd. Corvina, Budapest, 1975, p. 21. (.)
- (2) Ibidem, pp. 33-34. (.)
- (3) Ibidem, pp. 59-60. (.)
- (4) Ibidem, p. 89. (.)
- (5) Paraf Pierre, *Les démocraties populaires*, Payot, Paris, 1962, p. 187. (.)
- (6) Boldizar Ivan, *L'impérialisme américain contre le peuple hongrois*, éd. d'Etat, Budapest, 1952, pp. 23-25. (.)
- (7) Mindszenty, *Mémoires*, éd. La Table Ronde, Paris, 1974, p. 68. (.)
- (8) Ibidem, pp. 55-59. (.)
- (9) Ibidem, p. 76. (.)
- (10) Ibidem, p. 83. (.)
- (11) Ibidem, pp. 84, 87 e 91. (.)
- (12) Boldizar Ivan, *L'impérialisme américain contre le peuple hongrois*, éd. d'Etat, Budapest, 1952, pp. 51-52, 53-54. (.)
- (13) De Seydouy Alain et Roland Varaigne, *Indomptable Hongrie*, éd. Les 4 fils Aymon, Paris, 1956, pp. 85-86. (.)

- (14) Boldizar Ivan, op. cit., p. 104. (.)
- (15) De Seydouy., op. cit., pp. 79-80. (.)
- (16) Ibidem, p. 90 (.)
- (17) Paraf Pierre, *Les démocraties populaires*, Fayot, 1962, pp. 67 e 93. (.)
- (18) Boldizar Ivan, op. cit., p. 129. (.)
- (19) Ibidem, p. 66. (.)
- (20) Ibidem, pp. 68-70. (.)
- (21) Ibidem, pp. 75-79. (.)
- (22) Stewart Steven, *Le grand piège*, éd. Robert Laffont, 1976. (.)
- (23) Ibidem, pp. 42-43 e 34. (.)
- (24) Ibidem, p. 90. (.)
- (25) Trata-se dos membros do *Unitarian Service Committee* fundado em 1940, sob a direcção de Robert Dexter, sacerdote mais tarde recrutado para o OSS de Allen Dulles. A organização teve escritórios em Lisboa, Marselha, Genebra e Paris, tendo ajudado um grande número refugiados judeus a fugir às perseguições nazis na Europa. (N. Ed.) (.)
- (26) Ibidem, pp. 92-93, 95-96, 76-79. (.)
- (27) Ibidem, pp. 143-144 e 191. (.)

(28) Fejto François, *Histoire des démocraties populaires*, tomo 1, éd. Seuil, Paris, 1971, p. 268. (.)

(29) Ibidem, p. 250. (.)

(30) Ibidem, p. 363. (.)

(31) Em inglês no original: *remake* aqui no sentido de reencenação. (N. Ed.) (.)

(32) O processo de Rajk e de outros agentes do imperialismo na Hungria, bem como noutros países socialistas europeus fundados no pós-guerra, foi aprofundado pelo historiador Kurt Gossweiler, que se debruçou muito em particular sobre casos análogos ocorridos no mesmo período na República Democrática Alemã. Ver a este propósito a série de artigos *As Origens do Revisionismo Moderno ou como o Browderismo foi implantado na Europa*, disponível em português em www.hist-socialismo.net. (N. Ed.) (.)

(33) Boldizsar Ivan, op. cit., pp. 135-136. (.)

(34) Ibidem, p. 133. (.)

(35) Ibidem, p. 134. (.)

(36) Ibidem, pp. 125-126. (.)

(37) Ibidem, p. 240. (.)

(38) Ibidem, p. 240. (.)

(39) Bercez Janos, *1956 Counter-revolution in Hungary*, Akadémiai Kiado, Budapeste, 1986, pp. 43 e 54. (.)

(40) Ibidem, p. 79. (.)

(41) Ibidem, p. 86. (.)

(42) Ibidem, p. 89. (.)

(43) Ibidem, p. 111. (.)

(44) Ibidem, p. 113. (.)

(45) Ibidem, p. 112. (.)

(46) Ibidem, p. 123. (.)

(47) Holt, Robert T., *Radio Free Europe*, Minneapolis, 1959, p. 191. (.)

(48) Bercez Janos, op. cit., p. 128. (.)

(49) Ibidem, p. 133. (.)

(50) Holt, R.T., op. cit., p. 192. (.)

(51) Bercez Janos, op. cit., pp. 151-152. (.)

(52) Ibidem, p. 152. (.)

(53) Eisenhower D.D., *The White House Years*. Vol 2: «Waging Peace, 1956-1961». Nova Iorque, 1965, p. 82. (.)

- (54) Berecz Janos, op. cit., p. 171. (.)
- (55) Ibidem, pp. 156-157. (.)
- (56) Ibidem, p. 162. (.)
- (57) De Seydouy Alain, op. cit., p. 122. (.)
- (58) Ibidem, p. 126. (.)
- (59) Berecz Janos, op. cit., p. 167. (.)
- (60) Ibidem, p. 147. (.)
- (61) Ibidem, p. 147. 58. De Seydouy, op. cit., p. 169. (.)
- (62) *Inprecor*, Xle Congrès mondial de la IVe Internationale, Novembro de 1979, p. 250. (.)
- (63) Berecz Janos, op. cit., pp. 202 e 107. (.)
- (64) De Seydouy Alain, op. cit., p. 179. (.)
- (65) Berecz Janos, op. cit., p. 223. (.)
- (66) Hoxha Enver, *Les Khrouchtchéviens*, Tirana, 1980, p. 291. (.)
- (67) Ibidem, pp. 287 e 297-298. (.)
- (68) Ibidem, declaração do embaixador Krilov em Tirana, p. 306. (.)

(69) «Notas de um publicista», V.I. Lénine, 14 de Fevereiro de 1920, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante, 1986, t. 5, p. 48. (N. Ed.) (.)

(70) Partidários de Turati.(N. Ed.) (.)

(71) «Acerca da Luta interna no Partido Socialista Italiano», Dezembro de 1920, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), Moscovo, 1981, t. 41, pp. 416-417. (N. Ed.) (.)

(72) *Pouvoir, liberté, démocratie*, colectânea de artigos e discursos, éd. Corvina, Budapeste, 1978, p. 125. (.)

(73) Ibidem, p. 178. (.)

(74) Ibidem, p. 116. (.)

(75) Ibidem, p. 7. (.)

(76) Ibidem, p. 154. [Na tradição khruchoviana (foi Nikita Khruchov quem pela primeira vez levantou esta questão no seu «relatório secreto» de 1956), este «dogma insensato» continua a ser hoje imputado a I.V. Stáline, como prova do seu afastamento das ideias leninistas. Todavia, em 1919, Lénine escreveu o seguinte: «A supressão das classes é o resultado de uma luta de classes longa, difícil e obstinada, que não desaparece (...) depois do derrubamento do poder do capital, depois da destruição do Estado burguês, depois da implantação da ditadura do proletariado, mas apenas muda de forma, tornando-se em muitos aspectos ainda mais encarniçada.» («Saudação aos Operários Húngaros», V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1979, t. 3, p. 136.) (N. Ed.)] (.)

(77) Ibidem, p. 177. (.)

(78) Ibidem, p. 120. (.)

(79) Ibidem, pp. 118-119. (.)

(80) Ibidem, p. 217. (.)

(81) Ibidem, p. 140. (.)

(82) Ibidem, p. 174. (.)

(83) Ibidem, pp. 154-155. (.)

QUANDO O VAMPIRO DOS CÁRPATOS ATACOU TIMISOARA

[JULHO DE 1990]

E DEPOIS HOUE A ROMÉNIA

O horror, o pavoroso, o impensável.

Treze mil e duzentas pessoas presas pela *Securitate* em Timisoara: 7600 foram imediatamente passadas pelas armas. Nas valas, os cadáveres, mãos e pés cortados, unhas arrancadas, cabeças meio arrancadas dos corpos, caras queimadas com ácido, a maior parte dos corpos esventrados e sumariamente recosidos. Testemunhas viram os tanques passar sobre crianças. A mulher do pastor Laszlo Tokes, grávida de seis meses, foi obrigada pela *Securitate* a abortar.

Sente ainda, sem dúvida, caro leitor, a emoção que o invadiu na véspera de Natal de 1989, no momento em que leu essas linhas no jornal *La Libre Belgique*.⁽¹⁾ Depois, o telejornal da *TF1* revelou-lhe que acabava de se descobrir, na Roménia, cadáveres esvaziados de sangue. E foi assim que ficou a saber que Ceausescu, que sofria de leucemia, renovava o seu sangue todos os meses fazendo matar inocentes.⁽²⁾

Depois de tantas revelações traumatizantes, como não ter escolhido como seu o lado da liberdade e da democracia? Como não se associar à homenagem prestada por esse homem político francês ao

«levantamento vitorioso do povo e do exército contra o comunismo, o sistema político mais bestial e criminoso que oprimia a Roménia desde há mais de 40 anos»?⁽³⁾

Do que foi feito de todas estas revelações que nos gelaram o sangue, falaremos depois. Notemos por agora que nos parece impossível abordar a experiência dos países de Leste, entre os quais a Roménia, «por um canudo»,⁽⁴⁾ abstraindo-nos do conjunto da história revolucionária deste século e da actual situação mundial no seu conjunto.

Em 20 anos, encontrámos bastantes militantes de esquerda que se excitavam tanto com os erros do socialismo, colocando mal a questão, que por fim se arrumaram do lado da barbárie imperialista. No decurso de conferências que demos durante este último ano, alguns levantaram-se para exclamar: «À ditadura da burocracia romena ou chinesa, prefiro a democracia burguesa». Nada pode ilustrar melhor a passagem de uma certa «esquerda» para o lado do imperialismo. Para melhor situar as nossas posições no que respeita ao Leste e à Roménia, lembremos então alguns factos que são essenciais para julgar na sua perspectiva verdadeira as «revoluções pela democracia e pela liberdade».

DEMOCRACIA IMPERIALISTA, DITADURA DAS MULTINACIONAIS

A democracia burguesa, nascida com a Revolução Francesa passou por muitas transformações para vir a ser hoje a democracia das multinacionais, uma democracia imperialista. Aliás, a

comemoração da tomada da Bastilha ofereceu-nos algumas imagens maravilhosas que ilustram como a democracia burguesa se transformou em democracia imperialista: Mitterrand festejando 200 anos de revolução ao lado de um Mobutu; ainda Mitterrand arrastando atrás de si um longo séquito de dignitários chegados das colónias e das neocolónias francesas às festividades do 14 de Julho; Mitterrand, sempre ele, limpando da história os Robespierre e os Saint-Just. E, vendo os folhetins televisivos que a França produziu em 1989, adquire-se a convicção de que Luís XVI e Maria Antonieta foram os heróis de 1789. E é neste ambiente que uma certa «esquerda» ataca encarniçadamente a «ditadura burocrática» dos regimes socialistas, para afirmar que o nosso regime político, lá por ser burguês, não deixa de representar a melhor encarnação da Democracia. Forma hábil para mascarar os traços essenciais do nosso sistema de ditadura da grande burguesia.

Nos nossos países capitalistas, as eleições «livres» não são outra coisa senão um biombo para esconder os verdadeiros centros de poder: conselhos de administração das multinacionais, altos cenáculos das instituições do Estado. O parlamento é apenas uma cena (muitas vezes vazia) onde se desenrolam peças trágico-cómicas; não é o lugar onde se decidem as batalhas reais entre os interesses socioeconómicos antagónicos. Raymond Aron pretende que num regime pluralista «*o poder emana da competição entre os grupos e as ideias*».⁽⁵⁾ Mas quem poderá ter ilusões sobre a natureza das eleições «livres» organizadas nos Estados Unidos, esse grande bastião da democracia burguesa? Os partidos republicano e democrata agrupam forças e interesses bastante diversos, canalizam toda a espécie de protestos, mas fazem-no sob

a direcção e a dominação sem falhas da grande burguesia americana. Há competição, crítica e autocrítica, «*checks and balances*»,⁽⁶⁾ democracia, mas apenas no interior de uma única classe e numa óptica apenas, a da defesa da livre empresa e do sistema imperialista mundial. A maneira como os chefes dos republicanos e dos democratas competem em patriotismo para mergulhar na guerra contra o Panamá diz muito sobre este pluralismo de voz única.

A nossa «democracia» é apenas um derivado, afinal bastante marginal, de três dados materiais fundamentais.

As multinacionais e os seus aliados directos, os pequenos e médios patrões possuem todos os meios de produção que constituem as alavancas mais importantes da ordem social.

Controlam todas as engrenagens vitais da máquina do Estado, instrumento de coacção concebido para proteger a ordem económica existente.

Dominam os aparelhos ideológicos (redes de ensino, *media*, igrejas) para justificar a ordem capitalista que impõem como uma ordem natural.

Esta «democracia», profundamente enraizada na espessa camada das empresas capitalistas que cobre os nossos países, é inseparável da história e da realidade actual do imperialismo. Enquanto se não manifestam forças significativas para atacar frontalmente os fundamentos do capitalismo, a ditadura burguesa exerce-se de maneira liberal, pluralista e «democrática».

Esta fachada democrática tem, além do mais, a vantagem de camuflar uma actividade sistemática de espionagem contra todas as forças opostas ao sistema, um trabalho de infiltração, de controlo das actividades da esquerda, realizado numa tão larga escala que não está ao alcance de nenhuma ditadura aberta do Terceiro Mundo. E logo que uma crise profunda desponta ou que o regime se aventura numa guerra externa (guerra das Malvinas, ataque contra a Líbia, agressão ao Panamá), as medidas extraordinárias apagam as aparências democráticas.

Desde 1981, já vimos muitos «progressistas» que, seguindo o trilho de Mitterrand, rejeitaram estas verdades julgadas demasiado elementares. Bebendo a grandes goles o ódio anticomunista que os *media* quotidianamente nos servem, passaram a detestar a tal ponto os erros e as fraquezas dos países socialistas que acabaram por tornar-se defensores da nossa democracia, sistema imperfeito, concordam, mas «*a humanidade ainda não encontrou nada melhor*».⁽⁷⁾ Então, toca a andar em frente, sob a batuta do tio François. E passemos sobre os pormenores, as colónias francesas que as nossas tropas guardam, o reforço das multinacionais francesas, aquelas pequenas guerras no Tchad, no Médio-Oriente ou noutros lugares onde o dever de ingerência nos chama.

Com efeito, um traço distintivo da democracia burguesa actual é que ela se apresenta como uma democracia imperialista. A verdadeira natureza da «nossa» democracia exprime-se mais claramente na realidade política, económica e social do Terceiro Mundo. Fazem-nos crer que os países industrializados abrigam homens inteligentes e diligentes que, pelo seu trabalho intenso, conquistaram o bem-estar e a democracia. Fora deste paraíso

situa-se o imenso espaço selvagem do Terceiro Mundo, que está apenas no início do processo de arranque económico e que muitas vezes é regido por déspotas sanguinários que caracterizam as sociedades atrasadas.

Na realidade, o nosso mundo, ou pelo menos o mundo imperialista, já se tornou numa aldeia e os seus bairros mais miseráveis dependem da junta de freguesia onde se sentam, sob o ar enganador de velhos sábios, as multinacionais. O neocolonialismo em África, na América Latina e na Ásia não é senão a ditadura política e económica da «nossa» grande burguesia que impõe a sua vontade através dos chefes locais: presidentes da República, altos funcionários, banqueiros, grandes empresários e comerciantes do Terceiro Mundo. Quem quiser apanhar a face autêntica da «nossa» democracia, tem de observar os massacres, os genocídios, o terror estatal que organizam, supervisionam e justificam no Salvador e no Peru, em Moçambique e no Zaire, na Palestina e na Turquia, nas Filipinas e na Indonésia. Em praticamente todos os países do Terceiro Mundo, os quadros dos serviços de repressão oficiais foram formados e treinados pelo Ocidente e muitas vezes colocados sob a supervisão directa de oficiais superiores vindos do mundo «livre». Os esquadrões da morte que se encarregam das tarefas sujas, dos assassinios selvagens, são quase todos oriundos destes serviços oficiais e colocados sob a direcção da extrema-direita ocidental, parte integrante da «nossa» democracia. Matanças legais e ilegais em África, na América Latina e na Ásia, são patrocinadas por políticos locais que receberam a sua educação das ideologias que a democracia ensina nas nossas universidades e junto dos nossos

partidos democráticos. Duarte e Cerezo Arevalo, Houphouët-Boigny e De Klerk, Mobutu e Abdou Diouf, Hassan II e Aquino são produtos da «nossa» democracia. É no Terceiro Mundo que vemos claramente que a «nossa» democracia é um sistema de terror de Estado e de genocídios permanentes.

Estas verdades também elementares para qualquer homem de esquerda. Mas segue-se que a democracia popular não pode ser instaurada no Terceiro Mundo senão como ditadura do povo trabalhador contra todas as forças da «democracia imperialista». O povo da Nicarágua paga já bem caro o facto de o ter esquecido e de ter aceitado uma «democracia para todos» que teria de dar, mais cedo ou mais tarde, a vitória aos reaccionários, apoiados pelas forças econômicas, políticas e militares do imperialismo.

LÉNINE, STÁLINE E A DITADURA DO PROLETARIADO

As primeiras manufacturas, esses germes da sociedade industrial europeia surgiram do genocídio dos povos da África negra e da América Índia. A descoberta dos impérios dos Incas e dos Astecas pelos «civilizadores» europeus custou 60 milhões de mortos à população indígena. E, é claro, toneladas de ouro.

A partir do início do século XVI, os comerciantes europeus capturaram e depois venderam entre 100 e 200 milhões de negros. Dezenas de milhões de homens perderam a vida na Ásia e na África quando as conquistas coloniais do século passado que destruíram as sociedades locais, deram origem a fomes, espalharam doenças

desconhecidas, impuseram o ópio e o álcool. A revolução industrial na Europa nos séculos XVIII e XIX foi acompanhada da expulsão violenta de milhões de camponeses das suas terras e pelo trabalho forçado das crianças e das mulheres, 12 a 15 horas por dia. Os Estados burgueses europeus lançaram-se numa Primeira Guerra Mundial visando uma nova partilha das colónias: milhões de trabalhadores pagaram com a vida esta rivalidade entre colonialistas.

Face a estas realidades, o socialismo não podia nascer e manter-se senão através da ditadura do proletariado, unindo todas as camadas populares contra a burguesia.

Por esta razão podemos afirmar que, no contexto actual da «democracia imperialista», a experiência fundamental de Lénine e de Stáline adquire um muito particular significado para os povos que desejam libertar-se da opressão imperialista. O Chile em 1973 e a Nicarágua em 1990 constituem provas *a contrario*.⁽⁸⁾ Cuba, a China, a Coreia do Norte e a Albânia continuam, neste momento, fiéis à via socialista, defendendo também esta experiência fundamental do partido bolchevique.

Os operários e camponeses russos, tendo sofrido o terror secular do tsarismo, pagaram um preço excessivamente elevado durante a Primeira Guerra Mundial: quase três milhões de vítimas. Desta insuportável opressão, os bolcheviques extraíram a energia, a coragem e a determinação necessárias para dirigir a revolução socialista e quebrar pela força a ditadura burguesa. A terra e os meios de produção tornaram-se propriedade pública, a máquina do Estado opressivo do tsarismo foi sistematicamente

desmantelada e substituída pelo Estado dos operários e dos camponeses.

Ajudadas pelos exércitos intervencionistas ingleses, franceses e checos, as classes reaccionárias e as forças tsaristas desencadearam um terror branco contra o socialismo. Praticamente sós contra o mundo inteiro, os bolcheviques conseguiram levar as amplas massas camponesas a seguir a classe operária e a organizar um terror de massas contra os seus inimigos.

Foi nesse baptismo de fogo que o bolchevismo lançou profundas raízes entre os camponeses pobres. Sem esse implacável terror vermelho não teria havido socialismo na Rússia e o terror branco teria restabelecido esse bastião da reacção mundial que foi o tsarismo.

Foi Lénine quem elaborou os princípios essenciais da edificação socialista sob a ditadura do proletariado. Mas faleceu em 1924, apenas começado esse trabalho. Entre 1924 e 1953, o partido bolchevique, dirigido pelo camarada Stáline, realizou no essencial os planos de Lénine. Graças a um heroísmo popular sem precedentes, a União Soviética edificou uma indústria e uma agricultura socialistas. Stáline não tinha o génio de Lénine e, numa situação nacional e internacional extraordinariamente difícil e complexa, cometeu alguns erros que Lénine teria provavelmente conseguido evitar. Mas, no essencial, o partido bolchevique e o povo soviético cumpriram, sob a sua direcção, as tarefas que Lénine lhes havia legado.

As realizações da ditadura do proletariado na União Soviética entre 1924 e 1953 agitaram toda a situação mundial e mudaram profundamente a relação de forças a nível internacional. Os que mostram desprezo e ódio por estas realizações, escondem com o seu «anti-stalinismo» ou, sob a quimera de um mundo ideal, uma aversão ao socialismo realmente existente — lutando, sofrendo, vacilando, mas em marcha. Entre 1921 e 1941, o partido bolchevique realizou a industrialização socialista, permitindo-lhe fazer frente aos exércitos fascistas. Graças à revolução cultural, formou um exército de técnicos e de especialistas, bem qualificados e politicamente conscientes, que dirigiu o esforço de guerra. A colectivização da agricultura bloqueou a tendência espontânea para a diferenciação de classes no campo e impediu o florescimento de uma classe de kulaques, a ameaça interna mais perigosa para o socialismo. O número de membros do partido bolchevique passou de 250 mil em 1918 para 2,5 milhões nas vésperas da guerra, e o partido enquadrou e dirigiu com inquebrantável vontade toda a resistência antifascista.⁽⁹⁾ Depois da guerra, Stáline e o partido dirigiram a reconstrução de um país devastado, elevando o índice da produção industrial de 1085 pontos em 1940 para 1713 em 1950.⁽¹⁰⁾ Dos anos 20 aos anos 50, o partido bolchevique teve um papel essencial no reforço do movimento comunista internacional e a própria existência da União Soviética tornou possível a segunda vitória de importância mundial, a revolução socialista chinesa.

Os sucessos da edificação socialista na URSS, ligados à sua política externa de independência e de paz, impulsionaram o movimento de descolonização em África e na Ásia.

A PENETRAÇÃO DAS TESES SOCIAIS- DEMOCRATAS

Recordar estas verdades parece-nos essencial para abordar os acontecimentos da Europa de Leste e isto pela boa razão de que, hoje em dia, as concepções do socialismo burguês e do socialismo reaccionário, denunciadas em 1848 no *Manifesto do Partido Comunista*, dominam amplamente a esquerda europeia. Não queremos criticar Ceausescu na companhia de socialistas burgueses que pedem ao proletariado

«que fique na sociedade actual, mas que se desfaça das odiosas representações que faz dela».⁽¹¹⁾

A propósito da sociedade socialista, são as concepções contra-revolucionárias elaboradas durante os anos 20 e 30 pela social-democracia que dominam actualmente os meios progressistas europeus. A social-democracia que justificou a guerra imperialista de 14-18, que esmagou a insurreição operária na Alemanha e que defendeu com unhas e dentes o sistema colonial. Em 1930, o seu chefe Karl Kautsky pregava uma «revolução democrática» contra a «aristocracia soviética». Esperava ver em breve «insurreições camponesas» contra a «degenerescência fascista do bolchevismo». O seu programa fundamentava-se sobre «a nossa reivindicação de democracia para todos», «a democracia pura». Defensor do multipartidarismo, Kautsky pregava o derrubamento do partido bolchevique e a tomada do poder por uma coligação de sociais-democratas e de democratas burgueses para fundar «uma República democrática parlamentar».⁽¹²⁾

É notável reencontrar em 1989, durante os movimentos contra-revolucionários que a China e a Roménia conheceram, praticamente palavra por palavra, esse programa anticomunista.

Desde final dos anos 50, quando a maioria dos partidos comunistas da Europa ocidental passaram para o lado da ordem estabelecida, raras são as organizações políticas e os intelectuais que ousam remar contra a maré da ideologia imperialista e defendem a experiência histórica da ditadura do proletariado.

Quase todas as teses anticomunistas que circulavam nos anos 20 nos meios clericais, liberais, sociais-democratas e fascistas são hoje consideradas como verdades estabelecidas por toda a esquerda reformista. O método de análise de classe é substituído pela demagogia moralizante senão mesmo pelo panegírico da sociedade imperialista. O exemplo tipo é a condenação em bloco, como o mais arbitrário dos crimes, da colectivização e da depuração organizadas pelo partido bolchevique durante os anos 30.

Em 1928, a União Soviética conta sete por cento de camponeses sem terra, 35 por cento de camponeses pobres, 53 por cento de camponeses médios e cinco por cento de camponeses ricos, os kulaques, que possuem 20 por cento dos cereais comercializados.⁽¹³⁾ A evolução espontânea reforça os kulaques que, através de um acrescido controlo sobre o trigo comercializado, podem levar a fome às cidades e sabotar a indústria socialista. Não há outra via senão a da colectivização, durante a qual explode o ódio secular dos camponeses pobres e médios contra os kulaques. Esta luta de classe organizada pelos

camponeses pobres e médios é o factor decisivo da colectivização, posto que o partido bolchevique, com 200 mil membros no campo, continua muito fraco no meio camponês.⁽¹⁴⁾ A colectivização é realizada através de uma guerra civil nos campos, com os camponeses ricos e os reaccionários matando grande número de quadros e de dirigentes entre os camponeses pobres e abatendo o gado para sabotar a economia colectiva. O terror que os camponeses pobres exercem contra os kulaques é, em boa parte, uma reacção inevitável a séculos de opressão.

A depuração do partido, organizada por Stáline entre 1936 e 1940, foi necessária na previsão da guerra que aí vinha, mas foi acompanhada de erros graves, alguns inevitáveis num combate tão complexo, outros devidos a análises erradas ou atitudes arbitrárias.

Stáline tinha compreendido que a exacerbação dos conflitos internacionais e a iminência de uma guerra de agressão contra a União Soviética imprimia um carácter muito particular às lutas políticas no interior do partido. Sabia que, na previsão do conflito mundial que se aproximava, a Alemanha nazi e as outras potências imperialistas enviariam numerosos espões, sabotadores e agentes de diversão para a URSS.

Os restos das classes exploradoras e os antigos reaccionários procurariam inevitavelmente vingar-se do socialismo ligando-se às potências imperialistas «libertadoras». Os oportunistas e os derrotistas no partido, impressionados pela «superioridade» esmagadora do imperialismo, poderiam entrar em contacto com o inimigo. Os sucessos económicos da União Soviética haviam minado a vigilância de alguns bolcheviques que se consagravam

inteiramente aos problemas económicos, negligenciando a luta de classes.⁽¹⁵⁾ Stáline organizou uma vasta mobilização popular para apoiar a depuração e impôs exigências muito grandes aos novos membros do partido no que respeita à sua devoção ao socialismo, ao seu espírito de sacrifício, ao seu ardor no trabalho e à disciplina.

No decurso dessa depuração, graves erros de organização foram cometidos: aconteceu que as regras do centralismo democrático não foram respeitadas, o arbitrário substituíra por vezes o exame rigoroso, os serviços policiais foram, em certos momentos, subtraídos ao controlo do Partido. Isto conduziu a erros políticos de envergadura, tomando a repressão uma extensão demasiado considerável e sendo a pena de morte aplicada em numerosos casos em que se não justificava em absoluto. Se ela se impunha no caso de um traidor como Trótski, ela não se impunha no caso de um oportunista como Bukhárine⁽¹⁶⁾ e foi um erro grave no caso de um revolucionário como Piátnitski.⁽¹⁷⁾

Mas a prova de fogo da guerra antifascista mostrou que, contrariamente a todos os outros países do mundo, a União Soviética produziu muito poucos colaboracionistas. Na Europa Ocidental, pelo contrário, a previsão de Stáline de que os oportunistas se juntariam ao ocupante nazi realizou-se plenamente. Na Bélgica, Henri De Man, presidente do Partido Socialista, e Victor Grauls e Achille Van Acker, dois dos seus principais dirigentes, prestaram publicamente homenagem à acção libertadora de Adolf Hitler. Na França, a maioria dos sociais-democratas votaram plenos poderes ao colaborador Pétain e os expulsos do Partido Comunista Francês como Jacques Doriot,

Pierre Celor e Henri Barbé tornaram-se chefes do partido fascista, o Partido Popular Francês.⁽¹⁸⁾

DE NIKITA KHRUCHOV A CEAUSESCU: 35 ANOS DE REVISIONISMO

Há 35 anos, um áspero e violento debate dilacerou e dividiu o movimento comunista internacional. A esquerda, dirigida por Mao Tsé-Tung e Enver Hoxha, afirmava que se deviam manter e desenvolver todas as ideias de Lénine e de Stáline, embora corrigindo os erros cometidos; a direita, dirigida por Nikita Khruchov, pretendia que Stáline tinha desnaturado completamente o socialismo e que era preciso mudar de orientação para dar um verdadeiro impulso à sociedade socialista. Durante 35 cinco anos, Nikita Khruchov, Tito e Togliatti, e depois Dubcek, Ceausescu e Gorbatchov invectivaram o stalinismo, a ditadura, o dogmatismo, a ortodoxia, o sectarismo, o pensamento rígido e pretenderam trazer a renovação, as ideias criativas, o retorno ao leninismo, o socialismo democrático. Hoje assistimos ao estilhaçar de todas essas promessas empoladas. A Leste, entre outros na Roménia e na União Soviética, vivemos a falência irremediável da corrente revisionista. Esta corrente demagógica desagua na restauração do capitalismo e na integração no mundo imperialista.

Nikita Khruchov começou por afirmar, em 1956, que o imperialismo estava fortemente enfraquecido, que já não podia desencadear grandes guerras de agressão, que a sua natureza agressiva tinha mudado. A União Soviética, dizia, quer ter relações

de amizade e cooperação confiante com os Estados Unidos para desse modo assegurar a segurança dos povos. Foi o início da colaboração com a pior força de opressão e de guerra no mundo. Nikita Khruchov continuava a pretender que já não era necessário para os países do Terceiro Mundo prosseguir e aprofundar os movimentos de massas anti-imperialistas: os países do Terceiro Mundo podiam desenvolver-se de modo acelerado graças à ajuda económica da União Soviética. Ainda segundo Nikita Khruchov, o sistema capitalista nas metrópoles imperialistas, iria transformar-se de maneira pacífica, pela via parlamentar, em regime socialista, dado o enfraquecimento do capitalismo. Fanfarrão, Nikita Khruchov clamava que o socialismo havia definitivamente triunfado na União Soviética e na Europa de Leste e que a restauração do capitalismo era a partir de então impossível. A profecia de um burro, pronunciada em 1961. E a partir desta tese seguia-se logicamente que a ditadura das massas trabalhadoras tinha deixado de ser uma necessidade; Nikita Khruchov pregava a democracia para o povo inteiro, mesmo para as forças burguesas. Como as classes exploradoras haviam desaparecido, já não havia lugar para lutar contra a sua resistência. Querer continuar a luta de classes sob o socialismo era pregar a repressão, o arbitrário, o permanente entrave à democracia. Nikita Khruchov punha-se então a falar de humanismo e de valores universais da humanidade: as ideias da grande burguesia e o seu estilo de vida tornaram-se de bom-tom. Como já não havia luta de classes a travar, o partido tornava-se o partido do povo inteiro: os elementos corruptos, que buscavam privilégios e enriqueciam de modo ilegal, subiam no partido e já não arriscavam ser desalojados.⁽¹⁹⁾

Lénine e Stáline construíram o socialismo num período de 36 anos; Nikita Khruchov, Bréjnev e Gorbatchov tiveram necessidade de trinta e seis anos para apagar completamente os princípios marxistas-leninistas que fizeram da URSS o primeiro Estado socialista do mundo. Quando a direita afirma hoje que a derrocada de Leste prova o falhanço do «stalinismo», demonstra uma manifesta desonestidade intelectual: a sua contrapartida soviética, de Nikita Khruchov a Gorbatchov, teve de bater-se mais de 30 anos para desfazer-se dos princípios revolucionários de Lénine e de Stáline.

Ceausescu seguiu, no essencial, as teses revisionistas de Nikita Khruchov. Como a experiência de luta revolucionária do Partido Comunista Romeno era bastante limitada quando tomou o poder graças ao apoio do Exército Vermelho, o socialismo assentou, desde o início, em bases bastante fracas. No entanto, em 1965, Ceausescu proclamou *«a vitória definitiva do socialismo na nossa pátria»* e *«o desaparecimento das classes exploradoras»* e portanto da luta de classes... num país onde a influência ideológica do fascismo continuava a ser bastante forte.⁽²⁰⁾ O socialismo, quer dizer, a ditadura do proletariado, é a continuação da luta de classes sob outras formas. Os comunistas que o esquecem encontram-se já na ladeira escorregadia da degenerescência política. De qualquer modo, a burguesia, tanto nacional como internacional, não perde nunca de vista esta verdade e age em consequência de maneira constante e tenaz.

O estágio para os novos membros do partido foi suprimido. Arrivistas, reformistas e mesmo fascistas infiltraram-se em grande número.

«A proposta de suprimir o estágio dos candidatos assenta nas modificações essenciais que se verificam na estrutura da nossa sociedade: as classes exploradoras foram liquidadas; os operários, camponeses e intelectuais colaboram estreitamente e aplicam com determinação a política do Partido; o nível político das massas populares, o nível dos seus conhecimentos elevou-se.»⁽²¹⁾

Em 1959, o partido contava 750 mil membros, esse número duplicou em 1965, para atingir três milhões e 850 mil em 1989. Como o partido já não servia para defender a ditadura do proletariado e travar a luta de classes sob as formas mais complexas que esta toma na sociedade socialista, toda a espécie de correntes burguesas e pequeno-burguesas podia facilmente lá entrar.

A exigência principal feita aos quadros dizia respeito à sua capacidade técnica e científica.

«O que antes de tudo deve caracterizar um dirigente é o conhecimento profundo do desenvolvimento da actividade do sector onde trabalha.»⁽²²⁾

Numerosos tecnocratas sem convicções revolucionárias, sem prática revolucionária entre as massas, sem empenhamento na luta anti-imperialista internacional invadiam o partido.

Entretanto, Ceausescu declarava que *«a unidade no seio do PCR é indestrutível»*.⁽²³⁾ Ele pretendia, ainda em 1965, que

«o partido comunista romeno é seguido pelo povo inteiro com uma devoção e uma confiança sem limites».⁽²⁴⁾

Isto era baixar toda a vigilância na luta de classes nacional e internacional. Por outro lado, ao aproximar-se imprudentemente dos capitalistas ocidentais durante os anos 70, Ceausescu permitiu que numerosos quadros superiores fossem seduzidos pelo estilo de vida da grande burguesia internacional. Enquanto Ceausescu tagarelava sobre o fim da luta de classes, elementos reaccionários e fascistas estendiam a sua influência no povo com a ajuda eficaz do imperialismo, no domínio, entre outros, da propaganda. Assim, o partido foi cercado ao nível das massas por uma direita renascente. No interior do partido, as correntes políticas praticando o burocratismo e pregando o tecnocratismo e a convergência com o capitalismo tomavam conta de todas as engrenagens essenciais.

Quando aborda o drama romeno, a pseudo-esquerda que chafurda na democracia imperialista não liga absolutamente nada a estes pontos essenciais do revisionismo, bem pelo contrário. Subscrive plenamente estas posições burguesas de Ceausescu, mas critica a «repressão» contra os elementos abertamente fascistas ou pró-imperialistas, as suas «violações dos direitos humanos» contra esses reaccionários declarados. Nós criticamos Ceausescu por não ter formado o partido como uma força de combate e instrumento de mobilização das massas trabalhadoras, de não ter empenhado os trabalhadores na luta para proteger o socialismo e reprimir eficazmente tanto os agentes externos como os antigos fascistas e os novos elementos burgueses surgidos no seio do partido e do Estado socialista.

No fim da vida, Ceausescu, diante dos ataques do imperialismo e dos *complots* dos soviéticos, tentou retornar a certos princípios essenciais do socialismo. Em 20 de Dezembro, após as manifestações contra-revolucionárias de Timisoara, declarava:

«Os dados disponíveis permitem-nos declarar que estas acções de carácter terrorista foram organizadas e desencadeadas em estreita ligação com os meios reaccionários, nacionalistas, imperialistas e com os serviços de espionagem de diversos países estrangeiros. A finalidade destas acções antinacionais provocadoras foi gerar a desordem com vista a desestabilizar a situação política e económica, criar as condições para o desmembramento territorial da Roménia, para a destruição da independência e da soberania da nossa pátria socialista, fazer marcha atrás, retornar à situação de dominação estrangeira, liquidar o desenvolvimento socialista da nossa pátria.»⁽²⁵⁾

Esta análise de Ceausescu era pertinente e as coisas desenrolaram-se exactamente como ele indicou. A sua própria responsabilidade na degenerescência, como a sua impotência frente às forças anti-socialistas desencadeadas, não muda nada. A pseudo-esquerda deitou-nos muitas vezes à cara: «Então vocês ousam apoiar essas afirmações de Ceausescu, desse Vampiro dos Cárpatos, desse Rei-Sol?» Pois sim, adversários do revisionismo de Ceausescu, sem ilusões de que ele pudesse endireitar a situação, ousamos afirmar que estas últimas tomadas de posição correspondiam, no essencial, à realidade da luta de classes. Como também afirmamos que os que apoiaram o golpe de Estado em

nome da «liberdade» e da «democracia» ajudaram o imperialismo e a reacção romena a liquidar os últimos restos do socialismo.

Mas, isolado no seu próprio partido, Ceausescu não tinha já os meios de endireitar uma situação que ele próprio havia ajudado a fazer apodrecer. O fruto estava maduro. O golpe de Estado, bem orquestrado e acompanhado de uma campanha de intoxicação que ultrapassou as melhores façanhas de Goebbels, encontrou pouca resistência.

CÓLERA POPULAR E «TOTALITARISMO»

Para justificar o derrubamento de Ceausescu, alguns fazem referência à «enormidade da cólera popular». Parece-nos uma interpretação bastante discutível do que realmente se passou: minado a partir do interior, o regime romeno deixou de se defender, estando a maioria dos seus quadros de acordo com a restauração da liberdade capitalista reclamada pela oposição. E além disso, essa «enorme cólera popular» tomou muitas vezes os tons do clericalismo, do nacionalismo, do anticomunismo, enfim, de todas as ideologias que fizeram a desgraça dos povos dos Balcãs durante os anos 30 e 40. Um marxista bater-se-á sempre, remando contra a maré destas ideologias assim que elas tomam conta das massas.

A rapidez da derrocada do regime revisionista romeno permite também julgar do verdadeiro valor desse grotesco cavalo de batalha da direita que é o «totalitarismo socialista». No entanto, a influência desta «análise» faz-se também sentir no seio da esquerda. Assim, ouve-se formular a seguinte tese: Como o poder

económico e político se confundem no regime socialista, assim que os dirigentes cometem erros graves, vem ao de cima uma ditadura burocrática que ultrapassa, na sua cegueira repressiva, tudo o que as democracias ocidentais têm de pior. Ora, a derrocada, como os castelos de cartas, dos regimes do Leste, refuta esse raciocínio.

A repressão antipopular no Ocidente tem raízes históricas muito mais profundas. É constituída por um conjunto coerente e sólido de medidas tecnológicas, políticas, económicas e científicas aterradoras, tem à sua disposição reservas importantes entre os fascistas e as forças de direita e sobretudo, na época do imperialismo, possui uma dimensão internacional que é essencial. Vejamos como a burguesia «depura» todas as engrenagens importantes do seu sistema de elementos «potencialmente subversivos», através de uma selecção política, ideológica e social rigorosa e comparemo-la com a infiltração no Partido Comunista Romeno, ao mais alto nível, de elementos burgueses, anti-socialistas e pró-ocidentais. A *Stasi* da RDA, tão caluniada, ruiu após algumas procissões, enquanto que uma República Federal mal desnazificada lança unidades de elite contra a esquerda e dispõe de computadores superpoderosos e de laboratórios de tecnologia de ponta para apanhar todos os «inimigos da liberdade».

Quando os fundamentos do regime capitalista são colocados em perigo, nenhum Estado burguês hesita a massacrar dezenas e, se for necessário, centenas de milhares de trabalhadores: a Alemanha em 1918 e a Hungria em 1919, a contra-revolução de Franco em Espanha, o período fascista com Mussolini e com Hitler, a guerra de agressão britânica contra a Grécia antifascista em 1944-1950. A repressão nos países socialistas não pode ser

comparada com o terror sistemático que a polícia americana faz reinar há décadas nos *ghettos* negros, nem com o terror do exército britânico na Irlanda. Para apanhar um antigo agente da *CIA* tornado presidente do Panamá, o exército americano não hesitou em massacrar cinco mil civis. Tal como a *CIA*, segundo recentes revelações, havia perfeitamente preparado a exterminação de mais de 500 mil «comunistas» que ameaçavam a ordem neocolonial na Indonésia. O imperialismo está pronto a massacrar numa tal escala logo que os seus interesses são ameaçados num país do Terceiro Mundo. Que aconteceria se os trabalhadores visassem o próprio coração do seu sistema nas metrópoles?

CEAUSESCU VERSUS KOHL E THATCHER

Para tornar aceitável o deslizamento para posições de «combatentes da liberdade» dizem-nos:

«A imagem de Ceausescu de tirano sanguinário não é desprovida de fundamento: as massas sofreram a opressão e a indignância, e o socialismo não era senão uma pura ficção odiosa.»

A nosso ver, as campanhas anti-socialistas que a burguesia leva a cabo nunca se fundamentam nos problemas reais que as massas podem experimentar num país socialista. Nessas campanhas exprime-se, primeiro que tudo, o ódio de classe, a aversão pela própria ideia do poder dos trabalhadores, a oposição cega a qualquer experiência socialista. Mesmo quando nada pode dar uma aparência de justificação à sua histeria anticomunista, os escribas da direita escarram as suas acusações contra qualquer

regime socialista. Alguns oportunistas pretenderam que os «erros reais» de Ceausescu estavam na base das acusações lançadas pelos *media*; ora, com Ceausescu liquidado, logo as mesmas acusações foram lançadas contra Fidel Castro. Estes oportunistas que se vergaram perante o furacão e que uivaram com os lobos que Ceausescu eram um louco trágico, um fóssil do arqueo-stalinismo, ajudaram a reforçar uma corrente política que visa derrubar os regimes progressistas e socialistas da Albânia, de Cuba, da Coreia do Norte, de Angola, de Moçambique, da Nicarágua, do Vietname e do Laos. Enumerando todos estes países, o jornal da extrema-direita espanhola *ABC* escreve:

«O sucesso da revolução popular na Roménia semeou o medo nas outras ditaduras comunistas.»

Merece ser lembrado que, em plena histeria anticomunista, no final de Dezembro de 1989, os jornais do mundo inteiro viraram o seu tiro para Cuba. O jornal espanhol antes citado, continuava assim:

«Castro, como Ceausescu, só pode ser derrubado pelo exército porque ele fez desaparecer qualquer possibilidade de reagrupamento político sob a sua ditadura arqueo-stalinista. Hoje, um dos dois morreu. Resta apenas um louco trágico do absolutismo, o ditador de Havana.»⁽²⁶⁾

O *Libre Belgique* falava, em 28 de Dezembro, de Castro nestes termos:

«Um potentado a envelhecer, metendo na prisão aqueles que o criticam.»

Alguns, aterrados pela violência da campanha anticomunista, apoiaram, «em nome do socialismo», a direita e o imperialismo na Roménia. Exclamaram: mas não podemos nunca apoiar um Ceausescu! Entre esta gente, alguns apoiaram certamente a guerra de agressão contra as Malvinas, porque «não podiam nunca estar do lado dos generais fascistas argentinos». Apoiaram a guerra de agressão de Bush contra o Panamá, porque «nunca poderiam ver-se na companhia de um ditador como Noriega». No que nos respeita, não «apoiámos Ceausescu na medida em que temos lutado, desde 1968, contra o revisionismo. Mas defendemos o socialismo romeno (minado pela doença revisionista, moribundo) e Ceausescu, contra o assalto final da direita pró-imperialista (do social-democrata Roman à clerico-liberal Doina Cornea) e do imperialismo ocidental. A Roménia de Ceausescu oferecia um melhor terreno de luta para os que aspiram à ditadura do proletariado do que uma Roménia recolonizada pelo imperialismo alemão e francês. Sob Ceausescu, a indústria romena continuava nacionalizada e o país mantinha a independência; no seio do Partido Comunista Romeno, os marxistas-leninistas que se opunham ao revisionismo podiam fazer um trabalho ideológico e organizacional. A história mostrou que os marxistas-leninistas eram demasiado fracos, que a correcção revolucionária já não era possível e que a derrota frente ao assalto da direita se tornou inevitável. O combate para reconstituir um partido comunista revolucionário será portanto longo e difícil. Mas jamais um comunista digno desse nome, constatando a fraqueza das forças marxistas-leninistas no seio do PCR, poderia usar tal situação como pretexto para se juntar ao campo da direita e do imperialismo.

MÃOS CORTADAS, MULHERES ESVENTRADAS, HOMENS ESVAZIADOS DE SANGUE

É útil, neste passo, determo-nos sobre certas características da luta de classes virulenta da qual a Roménia foi teatro em Dezembro de 1989.

Muitos militantes anticapitalistas deixaram-se influenciar pelas torrentes de desinformação que nos submergiram a propósito da Roménia. No entanto, esta campanha nada tinha de novo e não deveria ter apanhado os progressistas de surpresa. Dezenas de livros redigidos por especialistas militares ensinam-nos que na doutrina oficial da NATO a desinformação é tão vital como a artilharia pesada para a guerra. Como disse o coronel Roger Trinquier, especialista da guerra anticomunista:

«A guerra é hoje um conjunto de acções de todas as naturezas — políticas, sociais, econòmicas, psicológicas, armadas, etc. — que visa o derrubamento do poder estabelecido num país.»⁽²⁷⁾

Em qualquer luta importante, as informações que os *media* burgueses fornecem são constituídas por uma sábia mistura de falsidades, de meias verdades, de factos verídicos. Na sua autobiografia, Joseph Smith, um dos melhores peritos da CIA em *black propaganda*, quer dizer, na ciência da mentira, explica que utilizou durante anos «o senhor Li, o melhor jornalista de

Singapura», para espalhar no mundo inteiro as falsas notícias que prepararam o ambiente para a intervenção americana no Vietname. Mas segundo Smith, mentir de maneira convincente é ainda a menor das proezas.

«Dizer que os comunistas são maus é apenas tagarelice. Apresentar actos maus, mascarados de comunistas, eis o que pode ter uma credibilidade efectiva.»⁽²⁸⁾

Como é possível que gente progressista não se tenha lembrado de tais confissões, no momento em que o moinho da desinformação rodava na Roménia? Recordamo-nos de um episódio da guerra antifascista na Grécia, narrado por Richter na sua excelente obra sobre a guerra civil grega. Os nazis afirmavam que os *partisans* gregos torturavam e extirpavam os prisioneiros. E apresentaram à imprensa internacional um balde completamente cheio de olhos que os comunistas tinham arrancado às suas vítimas. A revelação causou uma impressão extraordinária. Foram necessários longos meses para que a encenação fascista fosse denunciada: os nazis haviam extirpado cadáveres, desenterrados para a ocasião.

Em 24 de Dezembro de 1989, lembrando-nos dos preceitos elementares da guerra psicológica ensinados nos exércitos imperialistas, tomámos conhecimento com muito cepticismo das imagens que a TV nos apresentava a carnificina de 4630 corpos em Timisoara. Através de uma observação atenta das fotos, médicos do Partido do Trabalho da Bélgica chegaram rapidamente à conclusão de que se tratava de uma encenação montada e foram os primeiros a denunciá-la publicamente. Ora, qualquer homem de

esquerda poderia ter chegado à mesma conclusão. Mas a guerra psicológica tem precisamente a finalidade de criar um clima de histeria anticomunista que leva as pessoas a ver o que se lhes diz para ver e a acreditar na veracidade do que é apenas encenação e mentira. E isso pegou mesmo, em Dezembro de 1989, a propósito da Roménia.

O primeiro-ministro belga, Wilfried Martens, pôde afirmar durante a emissão *Le Septième Jour* da BRT, em 24 de Dezembro de 1989: «*Houve 12 mil mortos em Timisoara.*» Ele acreditava sem dúvida nisso. Ora, sabemos hoje que houve 90 mortos em Timisoara, entre os quais certo número de comunistas. O factor de exagero é de 133. Imagina-se um homem de esquerda a declarar na TV que houve 655 mil mortos aquando da agressão americana ao Panamá? No entanto, o factor de exagero seria exactamente o mesmo: 133. Segundo as actuais estimativas, claramente baixas, houve cinco mil mortos no Panamá. Mas as regras da guerra psicológica ensinam que os estragos de uma operação executada por um exército imperialista devem ser, não multiplicadas por 133, mas divididas, digamos, por 20. Assim, as cinco mil vítimas serão reduzidas a 250.⁽²⁹⁾

Mas, para os mais excitados pela guerra da intoxicação, 12 mil cadáveres era ainda um número muito prosaico. Com um pouco de imaginação, eles serviram-nos a verdade sob a seguinte forma:

«*Só em Timisoara, 12 mil pessoas foram mortas, atrozmente assassinadas. Muitas foram enterradas vivas e queimadas.*»⁽³⁰⁾

Com efeito encontramos-nos perante uma das características mais interessantes da civilização ocidental e da sua «democracia», posta em evidência centenas de vezes desde que os bravos cristãos foram exterminar a população índia da América: os banhos de sangue horripilantes que os colonialistas e os imperialistas causam entre os povos agredidos são mascarados, ocultados ou negados absolutamente pelos assassinos que, ao contrário, efabulam incansavelmente acerca de banhos de sangue imaginários cometidos pelas próprias vítimas.

Em 27 de Dezembro de 1989, a imprensa democrática afoga-se nestas efabulações nauseabundas. «*O preço da liberdade: 100 mil mortos?*», titula o *Bilk*, e *Le Journal et Indépendance* faz-lhe o eco: «70 mil mortos, 300 mil feridos: o preço da liberdade». Seguem-se histórias sobre os assassinos da *Securitate* de pôr os cabelos em pé. Eugène Ionesco, dramaturgo de origem romena de pensamento medieval, insurge-se contra «os khmers *vermelhos*, os *nazis da Securitate*». E todas estas «carnificinas» confirmam a sua opinião que ele exprime nestes termos:

«*É preciso que os comunistas desapareçam da vida romena*».⁽³¹⁾

Eis-nos regressados à quintessência, ao núcleo puro da propaganda imperialista: difundir massacres imaginários para excitar matanças bem reais.

Todas as afirmações com que iniciámos este capítulo, e que fomos buscar textualmente a *La Libre Belgique*, se revelaram falsas. Como falsas eram as «informações» sobre os corredores

subterrâneos donde podiam surgir por toda a parte, em Bucareste, os homens da *Securitate*, sobre a água envenenada pelos comunistas, sobre a intervenção de «mercenários» palestinos e sírios, sobre os órfãos transformados por Ceausescu em máquinas de matar, sobre a destruição do centro de Sibiu, sobre um comboio de 40 helicópteros voando em socorro de Ceausescu, sobre a fome em certas regiões da Roménia...⁽³²⁾ E no entanto, este encadeamento de mentiras permitiu a Le Pen pronunciar a sua diatribe contra «o *comunismo, esse sistema bestial e criminoso*» e, o que é muito mais grave, esta intoxicação massiva levou ecologistas, sociais-democratas e terceiros-mundistas a subscrever as palavras do chefe fascista. Assim, reunido em 9 de Fevereiro de 1990, o parlamento belga votou por unanimidade dos 133 presentes este texto:

«A Câmara dos Representantes congratula-se com o facto de a revolução popular de 22 de Dezembro ter arrastado a queda do ditador romeno Ceausescu; recorda que esta revolução popular visava pôr fim a um regime verdadeiramente totalitário dominado pelo partido comunista, no qual os direitos humanos eram permanentemente violados e as minorias eram oprimidas e onde a liberdade e a democracia eram inexistentes.»

Annemans, um pequeno Le Pen flamengo, congratulou-se com essa unanimidade e fez notar muito judiciosamente que

«antigamente, estas posições eram avançadas unicamente pela direita.»

A guerra psicológica contra a Roménia de Ceausescu, esta utilização sistemática, concertada e obsessiva da mentira, nada tem a ver com «erros de deontologia jornalística»: procede de uma necessidade política que está na base da mobilização contra-revolucionária. Elementos fascistas e golpistas militares estão sempre prontos a usar a violência para se impor; mas é-lhes necessário arrastar uma grande parte das massas no ódio ao comunismo para poderem conseguir a tomada do poder. Assim, para obter o apoio popular ao golpe de Estado, a *Securitate* foi descrita como uma «guarda pretoriana», dispondo de armas ultra-sofisticadas, operando em redes subterrâneas clandestinas cobrindo toda a cidade de Bucareste, «assassinos atirando cegamente sobre a multidão». Mas depois da vitória, o general Ionel revela-nos que o exército perdeu durante os combates 196 oficiais e sargentos.⁽³³⁾ Aparentemente, a *Securitate* não atirava às cegas nem sobre a multidão: deu provas de grande precisão e discernimento. Quando tudo estava acabado, a imprensa livre pôde mesmo dizer algumas verdades: os dividendos políticos das mentiras já estavam em caixa. No *Nouvel Observateur*, de 11 de Janeiro de 1990, Guy Sitbon faz algumas constatações que poderiam também ter sido feitas (mas então com uma carga política diversamente explosiva!) algumas semanas antes.

«Os quatro edifícios da Securitate estão terrivelmente maltratados, crivados de balas ou calcinados. Face a eles, o imóvel do Comité Central, ocupado desde as primeiras horas pelos insurrectos e que era suposto ser o alvo da Securitate, não foi arranhado: nenhum impacto de tiro, três vidros partidos. Porque é que a sede dos democratas foi poupada

enquanto as da polícia secreta foram carbonizadas? Resposta fornecida pelas testemunhas mais fiáveis: os agentes da Securitate dispararam pouco. Não eram bastante numerosos nem estavam suficientemente armados e motivados. Disparavam um ou dois tiros a intervalos regulares. O exército ripostava com um dilúvio de aço e de pólvora. Este tiro de barragem infernal que se ouvia na televisão, era o exército que o produzia.»⁽³⁴⁾

O BOM ASSASSINATO E OS DIREITOS HUMANOS

Depois veio o processo e o assassinato de Nicolae e de Elena Ceausescu. Raramente foi dado ao mundo civilizado assistir a uma farsa tão nojenta, tão degradante, tão grosseiramente fascista como este processo. E no entanto toda a matilha dos nossos «democratas» aplaudiu, uns com moderação, outros freneticamente. Imagine o caro leitor que após uma revolução nas Filipinas ou no Zaire, os revolucionários prendessem a senhora Aquino ou o senhor Mobutu e que lhes atirassem com um «processo» diante de um tribunal militar secreto, do género do processo Ceausescu, para os fuzilar de seguida no local. Durante 20 anos, os imperialistas haviam de nos encher os ouvidos sobre o carácter bárbaro, desumano, sanguinário do novo regime revolucionário que tivera início por um processo de modelo «stalinista e totalitário».

Vale a pena recordar algumas passagens desta farsa de justiça.

«A acusação: Que Ceausescu nos fale então das suas contas nos bancos suíços.

«Elena: Provas, provas, provas. Ceausescu: Não há nenhuma conta, você é um provocador.

«A acusação: Bem, bem, não há contas mas se elas existirem, está de acordo que o dinheiro reverta para o Estado romeno? Ceausescu: É uma provocação.

A acusação: Hoje há mais de 64 mil vítimas em todas as nossas cidades. Reduziste o povo à pobreza. Há gente instruída, verdadeiros sábios, que fugiram do país para te escapar. Quem são então os mercenários estrangeiros que dispararam? Quem os mandou vir?

Ceausescu: Isto é uma provocação.

«A acusação: Que razões vos impedem de responder?

Ceausescu: Falarei somente diante da Grande Assembleia Nacional e diante da classe operária. Perante este golpe de Estado não vou responder. Foram vocês que fizeram vir mercenários. (...) Tu traíste o povo, tu destróis a independência da Roménia.

«Elena: Eles dizem que se mataram crianças. Não é verdade.

A acusação: Os acusados recusam-se a reconhecer o genocídio, não apenas o de Timisoara e de Bucareste. Trata-se de 25 anos de crimes. Se ao menos tivessem fuzilado velhos

como vocês. Mas vocês arrancaram os tubos de oxigénio nos hospitais, vocês fizeram explodir os depósitos de plasma sanguíneo.»⁽³⁵⁾

A direita acusa falsamente a esquerda de todos os crimes que ela própria tem o hábito de cometer. Herman Bodenmann, presidente da Comissão Bancária suíça, teve de fazer um relatório referente às «contas suíças» de Ceausescu:

«Não há nenhum indício de semelhantes contas. Parece ser habitual, quando da queda de um ditador, lançar-se a afirmação de que ele teria escondido o seu dinheiro na Suíça. O único dinheiro vindo da Roménia para a Suíça, foi no quadro de transacções comerciais normais.»⁽³⁶⁾

Os adeptos do antigo regime, que foi realmente sanguinário (durante a guerra, sob o regime de Antonescu, pelo menos 209 mil judeus foram massacrados, acusam Ceausescu de «genocídio. Alguns dias depois da execução de Ceausescu, em 27 de Dezembro, Kouchner, secretário de Estado francês, recebe um relatório oficial romeno indicando 766 mortos durante os acontecimentos de Dezembro, em todos os hospitais. No fim de Janeiro, o presidente do tribunal militar de Bucareste, Adrian Nitoiu apura a exacta dimensão do «genocídio»: 689 pessoas mortas e 1200 feridas. O balanço definitivo estabelecerá 1033 mortos, dos quais 270 militares e civis pertencentes ao Ministério da Defesa. Em Sibiu, entre 205 mortos houve 120 presumíveis membros da *Securitate*.⁽³⁷⁾ Quer dizer que o número de comunistas e de partidários de Ceausescu entre as vítimas era considerável!

Não foi por acaso que o ignóbil assassinato de Ceausescu foi aplaudido pelos nossos fanáticos dos «direitos humanos». Durante os últimos anos, a burguesia ocidental fez uma barulheira incessante sobre o tema dos «direitos humanos» na Roménia para proteger os elementos pró-imperialistas romenos. Fez tal barulho que levou a crer que Ceausescu «matava todos os opositores».

Na realidade, os agentes do imperialismo, a quem o Ocidente assegurou bem os «direitos humanos», gente como Manescu, Iliescu, Mazilu e Cornea, estão hoje de perfeita saúde. As vítimas das «violações sistemáticas dos direitos humanos» estão vivas, enquanto que o violador dos direitos humanos foi abatido como um cão. É portanto falso crer que os «direitos humanos», usados desde Jimmy Carter como uma das armas ideológicas principais do imperialismo, são um conceito humanista acima das classes. Este conceito serve não apenas para defender por toda a parte os reaccionários e os fiéis do imperialismo; visa também excitar o ódio contra os seus adversários, os «stalinistas» e outros «ditadores». E também não é de espantar quando se lê panegíricos da morte e do assassinio escritos pelas mais peritas penas em cantar os «direitos humanos». A *Libre Belgique* esmerou-se neste registo após a execução sumária de Ceausescu:

«Poderemos humanamente censurar um punhado de homens e mulheres, que fazem tudo para assegurar uma transição tão harmoniosa quanto possível entre a tirania e a democracia, por tomar decisões que lhes parecem capazes de servir a sua causa? (...) Poderemos ser severos por terem executado Ceausescu que, vivo, continuava a ser uma ameaça potencial?»⁽³⁸⁾

Assim os nossos «defensores dos direitos humanos» justificam o assassinato de comunistas porque esses crimes «parecem servir a causa» da direita! E confessam: Ceausescu vivo continuaria a ser uma ameaça potencial. Com efeito, se os golpistas tivessem feito um processo público com acusações tão grotescas, teriam sido irremediavelmente desmascarados.

A CONTINUAÇÃO DA LUTA DE CLASSES NO SOCIALISMO

Para o marxismo, a análise da base material da sociedade constitui uma diligência fundamental. Mas então, qual é a base material do poder de um homem que alguns classificam de «vampiro dos Cárpatos» e outros de revisionista? Como se poderá afirmar que a base material desta sociedade foi socialista?

É preciso primeiro eliminar a concepção economicista e mecanicista da relação entre a infraestrutura económica e a superestrutura política. Entre 1918 e 1921, Lénine mostrou que a sociedade soviética possuía uma base muito complexa, comportando a economia natural camponesa, a pequena produção mercantil, o capitalismo privado, o capitalismo de Estado e a economia socialista. A natureza socialista da União Soviética era determinada pelo «*Estado soviético (...) onde está assegurado o poder dos operários e dos pobres*». «*A ditadura do proletariado é a direcção política do proletariado*», que garantia uma transformação progressiva da infra-estrutura económica no sentido do colectivismo.⁽³⁹⁾

Na Roménia de Ceaurescu, a propriedade pública da grande maioria dos meios de produção, constituía a base económica do socialismo. Mas ela entrava em luta permanente com os factores económicos capitalistas. O mercado mundial imperialista pesava sobre a Roménia. Investimentos estrangeiros, *joint-ventures*, empréstimos estrangeiros representavam o imperialismo no seio da formação socialista. Desenvolvia-se um sector capitalista privado, parcialmente legal, parcialmente «na sombra». Fracções da burocracia lucravam com o seu controlo sobre os meios de produção para adquirir privilégios ilícitos e para os transformar em propriedade privada de facto. Só a solidez e a consolidação do poder político podiam garantir que esta batalha acabasse com a vitória da economia socialista sobre os factores capitalistas.

A derrocada do socialismo na Roménia demonstra de maneira estrondosa a justeza da análise feita por Mao Tsé-Tung durante os anos 60. O revisionismo é o maior perigo que ameaça a ditadura do proletariado. Um partido comunista pode ver desenvolver-se no seu seio o burocratismo, o tecnocratismo, a busca de privilégios e a ruptura com as massas. Se estes os fenómenos de degenerescência não são eliminados, pode mudar de natureza e tornar-se um partido burguês. A luta entre a via capitalista e a via socialista na economia prossegue durante todo o período da ditadura do proletariado e uma restauração do capitalismo continua a ser possível. O partido deve depurar continuamente as suas fileiras e preservar o seu espírito revolucionário e é necessário mobilizar as massas para denunciar os seus lados sombrios.⁽⁴⁰⁾ Por razões diversas, Mao Tsé-Tung não soube resolver o problema, mas teve o mérito histórico de colocar bem a questão.

Mais de 20 anos depois, o trotskista Mandel combateu os marxistas-leninistas a partir de uma posição economicista vulgar. Mantinha que uma restauração do capitalismo não era possível sem uma contra-revolução violenta. Como o socialismo não estava ameaçado e posto que o inimigo principal era a «burocracia», Mandel pregava a «democracia para todos», o multipartidarismo, que tornaria a dar ao socialismo o seu verdadeiro carácter democrático. Em fins de Dezembro de 1989, chegou a ultrapassar a própria imprensa burguesa vociferando contra os «monstruosos crimes stalinistas cometidos em Timisoara». A sua linha de «democracia para todos» foi aplicada na Hungria, na Polónia e na RDA. Ainda em Dezembro de 1989, Mandel declarava:

«Sinto-me verdadeiramente excitado com tudo o que se passa em Berlim»; «a tendência anti-socialista é particularmente fraca».

Mandel saudava «a revolução» em que «tudo o que Trótski sempre esperou pode agora ser realizado»!⁽⁴¹⁾

Hábil defesa da contra-revolução com um vocabulário de esquerda. Seis meses mais tarde, a restauração completa do capitalismo e a reconquista da RDA pelo imperialismo era um facto.

«A ditadura do proletariado não é possível senão através do partido comunista».⁽⁴²⁾

O falhanço romeno suscitou ainda outras questões. «Como desenvolver a democracia socialista sem deixar que se expressem as concepções burguesas? Quem arbitrará essas discussões? Se forem os dirigentes do partido, como evitar a ditadura exercida

pelos dirigentes?» Para responder a isso, importa partir da experiência concreta da luta de classes sob o socialismo e por de lado os sonhos sobre a democracia e a igualdade acima das classes. A revolução socialista cumpre-se em condições históricas determinadas, os partidos reaccionários e burgueses «democráticos» lançam-se sempre na guerra civil contra as forças socialistas. Toda a experiência histórica mostra que o socialismo não pode ser instaurado sem a direcção política do partido comunista, mesmo que outros partidos revolucionários possam ter um papel em aliança com o partido. Sem o partido comunista não há salvação para o socialismo.

Isto pode incomodar alguns, mas a experiência da contra-revolução na Europa de Leste é clara a este propósito. Para a burguesia, a questão chave sob o socialismo é esta: Como alargar a democracia? Para ela, trata-se de criar um espaço legal para os seus antigos partidos esmagados durante a revolução. Para o proletariado, a questão chave coloca-se nos seguintes termos: Como assegurar que o partido comunista mantenha o seu espírito revolucionário, a sua linha socialista e a sua ligação com as massas? Se o partido degenera não há nada a fazer, o socialismo está perdido. Não se remedeia os erros do partido criando organizações burguesas. Os trotskistas que apoiaram o *Solidarnosc*, a Carta 77 e o *Neues Forum* para «melhorar o socialismo», não foram senão instrumentos cegos às mãos do imperialismo. A luta decisiva trava-se no interior do partido comunista: é preciso assegurar uma orientação correcta das regras do centralismo democrático, instaurar os mecanismos que permitam às organizações de massas exercer um controlo sobre os membros e os quadros do partido,

formular exigências muito rigorosas para os quadros e mobilizar as massas para que elas controlem a sua observação.

Sem uma prática correcta da luta de classes sob a ditadura do proletariado, não há consolidação do socialismo. Stáline pressentiu a importância desta luta de classes, Mao formulou-lhe os princípios, mas ambos cometeram erros esquerdistas na sua aplicação, erros que será necessário analisar de maneira dialéctica, tendo em conta a restauração capitalista levada a cabo em vários países ex-socialistas. Pode-se compreender que um ideólogo da direita liberal como Raymond Aron ache que a continuação da luta de classes sob o socialismo seja uma ideia absurda.

«Perguntamo-nos», escreve, «como 30 anos após a revolução, os ex-banqueiros, que já não são banqueiros, poderiam ainda constituir um inimigo contra quem o Estado socialista deve agir.»⁽⁴³⁾

É também a posição de Mandel, que negou com constantemente que o perigo para a ditadura do proletariado venha da aliança entre o imperialismo, das antigas classes contra-revolucionárias e das tendências revisionistas no Partido. Ele, Mandel, afirma

«lutar há mais de meio século, sem descanso nem compromisso contra o reino opressor e detestável (...) das castas burocráticas privilegiadas na URSS e na China».

É uma linguagem que nem Raymond Aron nem Jean-Marie Le Pen recusariam. Fazendo-se conscientemente apóstolo dos

partidos burgueses e pró-imperialistas, Mandel ataca Lénine colocando algumas questões que crê serem pérfidas:

«Partidos que tenham uma maioria de membros originários da classe operária mas ao mesmo tempo uma ideologia burguesa serão interditos? Qual é a linha de demarcação entre o “programa burguês” e a ideologia reformista? Suprimir-se-á a social-democracia? (...) Nenhuma verdadeira democracia operária é possível sem a liberdade de constituir um sistema pluripartidário».⁽⁴⁴⁾

Sob um verbalismo tão retumbante como oco, agitando febrilmente a bandeira do anti-stalinismo, Mandel arvorou-se em porta-voz da reconquista imperialista dos países de Leste. Já em 9 de Março de 1990, o seu adjunto Vercammen reclamava para a social-democracia uma liberdade total sob o socialismo. Algumas semanas mais tarde já ninguém podia negar que a social-democracia alemã tivera um papel de vanguarda na infiltração da RDA e na consequente conquista pelo imperialismo alemão ocidental. Qualquer regime socialista deve proibir a existência legal das organizações que combateram durante a guerra civil ao lado da grande burguesia. Enquanto o imperialismo disponha de uma esmagadora superioridade ao nível mundial, o socialismo deve interditar as organizações políticas ao serviço da grande burguesia e do imperialismo. A Nicarágua aí está para nos convencer desta verdade. Proibir a organização política da burguesia em nada impede a expressão de toda a espécie de ideias burguesas. Estas ideias exprimir-se-ão de mil maneiras e o socialismo deve organizar um combate ideológico permanente para lhes demonstrar a

falsidade. Sem o desenvolvimento contínuo da democracia socialista, não há reforço das bases socialistas.

Logo que o partido comunista age de forma autenticamente revolucionária e quando a luta de classes é correctamente levada por diante, a democracia socialista pode desenvolver-se plenamente. O socialismo continuará a ser muito vulnerável por tanto tempo quanto a democracia socialista não for largamente desenvolvida. As massas trabalhadoras devem estar associadas à elaboração das leis, dos regulamentos e das medidas políticas e participar na verificação da sua concretização. O socialismo consolida-se à medida em que os trabalhadores, através da luta, aprendem a defender os princípios e as realizações da ditadura do proletariado e a criticar as infracções aos princípios e os erros, venham de onde vierem. Uma vida democrática dinâmica na base permitirá a expressão de numerosas ideias e propostas que podem consolidar e desenvolver a sociedade socialista.⁽⁴⁵⁾

Notas de rodapé:

(1) *La Libre Belgique*, 26 de Dezembro 1989, «Charniers et exécutions sommaires: les Roumains au bout de l'horreur», por R.V. (.)

(2) *NRC-Handelsblad*, Raymond Van den Boogaard, «Massagraf in Timisoara werd kerkhof van betrouwbaarheid». (.)

(3) Le Pen Jean-Marie, *Le Monde*, 27 de Dezembro de 1989, «La Roumanie après l'exécution de Nicolae Ceausescu et les réactions». (.)

(4) No original é utilizada a expressão idiomática «*par le petit bout de la lorgnette*», cuja tradução literal é «pela pequena ponta da luneta». (N. Ed.) (.)

(5) Aron Raymond, *Démocratie et totalitarisme*, éd. Gallimard, 1965, p. 169. (.)

(6) Em inglês no original, a expressão *checks and balances* designa o sistema de poderes e contrapoderes (freios e contrapesos) que visa garantir o equilíbrio político na democracia burguesa. (N. Ed.) (.)

(7) *La crise du mouvement révolutionnaire*, deuxième congrès du PTB, Março de 1983, pp. 52-55. (.)

(8) A *contrario* é uma locução latina que significa «em sentido contrário» do argumento precedente. (N. Ed.) (.)

(9) Ellenstein, *L'URSS en guerre* (tomo 3), éd. sociales, 1974, p. 48. (.)

(10) *Les progrès du pouvoir soviétique depuis 40 ans*, recueil de statistiques, Moscovo, 1958, p. 26. (.)

(11) *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels, *Obras Escolhidas*, em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1982, t. 1, p. 131. (N. Ed.) (.)

(12) Kautsky, *Het bolchevisme in het slop*, Arbeiderspers, 1931, pp. 156, 91, 113, 106, 93 e 136. (.)

(13) Ellenstein, *Le socialisme dans un seul pays*, (tomo 2), éd. sociales, 1973, pp. 67-68. (.)

(14) Idem, ibidem, p. 106. (.)

(15) Staline, *Pour une formation bolchevik*, 3 de Março de 1937, éd. Naim Frasheri, Tirana, 1968. [Trata-se de uma referência ao discurso, no Plenário do CC do PCU(b), em 3 de Março de 1937 «Sobre as insuficiências do trabalho do partido e as medidas de liquidação dos trotskistas de outros dúplices», I.V. Stáline, *Obras*, (em russo), t. 14, Pissatel, 1997, pp. 151-173, http://grachev62.narod.ru/stalin/t14/t14_42.htm. (N. Ed.)] (.)

(16) No seu livro *Um Outro Olhar sobre Stáline*, igualmente disponível em *hist-socialismo.net*, face a documentos que entretanto ficaram acessíveis, Ludo Martens faz uma avaliação diferente da figura de Bukhárine: «*Nas declarações que fez*», lembra o autor, «*Bukhárine reconheceu que a sua orientação*

revisionista o levou a procurar relações ilegais com outros opositores, que apostou em revoltas no país para tomar o poder e que adoptou a táctica do terrorismo e do golpe de Estado.» Ver op. cit., p. 147, edição electrónica, e p. 242, edição impressa. (N. Ed.) (.)

(17) Piátnikski foi de facto um revolucionário bolchevique julgado e executado no final dos anos 30 na URSS. Contudo, não nos foi possível encontrar indícios de que o seu julgamento tenha sido injusto (nem o autor refere nenhuma fonte nesse sentido). Aliás, uma tal conclusão terá necessariamente de ser baseada na análise do respectivo processo judicial. Ora, é sabido que tais arquivos continuam, na sua maioria, vedados aos investigadores. Como revela o historiador canadiano Grover Furr, o próprio processo de reabilitação das «vítimas», desencadeado após a morte de Stáline, não assentou no reexame rigoroso das provas e factos apresentados em tribunal, mas sobretudo em decisões de natureza e com objectivos políticos. Ver Grover Furr, *Antistalinskaia podlost*, Moscovo, Algoritm, 2007, p. 174, obra recentemente publicada em inglês sob o título *Khrushchev Lied*, Erythros Press and Media, 2011. (N. Ed.) (.)

(18) Gérard-Libois et Gotovitch, *L'an 40*, éd. CRISP, 1971; Aron Raymond, *Histoire de Vichy*, Livre de Poche, 1966, capítulo. III; Brunet Jean-Paul, *Doriot*, éd. Balland, 1986. (.)

(19) Khrouchtchev, *Rapport d'Activité au XXe congrès*, éd. en langues étrangères, Moscovo, 1956, pp. 35-36, 27, 46-47; *Vers le communisme*, Recueil de documents du XXIIe congrès, éd en langues étrangères, Moscovo, 1961, p. 17, 585-586. (.)

(20) Ceausescu, *Rapport au IXe congrès du PCR*, éd. Méridiane, Bucarest, 1965, p. 73-76. (.)

(21) Ibidem, p. 88. (.)

(22) Ceausescu, *Oeuvres choisies*, tomo 2, «Le rôle dirigeant du parti», p. 299. (.)

(23) Ceausescu, *Rapport au IXe congrès du PCR*, éd. Méridiane, Bucarest, 1965, p. 73-76. (.)

(24) Idem, ibidem, p. 83. (.)

(25) Ceausescu, discurso de 20 de Dezembro de 1989. (.)

(26) *ABC*, 2 de Janeiro de 1990, pp. 31 e 13. (.)

(27) Trinquier Roger, *La guerre moderne*, éd. La Table Ronde, Paris, 1961, p. 15. (.)

(28) Smith Joseph, *Portrait of a cold warrior*, Ballantine books, Nova Iorque, 1976, pp. 164 e 80. (.)

(29) *International Herald Tribune*, 9 de Janeiro de 1990. (.)

(30) *Blik*, 27 de Dezembro de 1989, p. 1. (.)

(31) *La Libre Belgique*, 3 de Dezembro 1989. (.)

(32) *NRC-Handelsblad*, Raymond Van den Boogaard, «Massagraf in Timisoara werd kerkhof van betrouwbaarheid». (.)

(33) *La Libre Belgique*, 4 de Janeiro de 1990. (.)

(34) Sitbon Guy, «La télé m'a menti», *Nouvel Observateur*, 11 de Janeiro de 1990, p. 40. (.)

(35) *L'Humanité*, 28 de Dezembro de 1989, p. 6-7. (.)

(36) *De Morgen*, 30 de Dezembro de 1989. (.)

(37) Reitlinger G., *The final Solution*, Sphère books, 1971, p. 540-541; *Libération*, 28 de Dezembro de 1989 e 11 de Junho de 1990; *Le Monde*, 1 de Fevereiro de 1990. (.)

(38) *La Libre Belgique*, 27 de Dezembro de 1989. (.)

(39) *Sobre o Imposto em Espécie* (1921), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, 1979, t. 3, pp. 493, 495. (N. Ed.) (.)

(40) Lin Piao, *Rapport au IXe congrès du PCC*, 1-14 Agosto de 1969, in: *La Grande Révolution Culturelle Prolétarienne*, éd. en langues étrangères, Pequim, 1970. (.)

(41) Entrevista a Mandel, em *Humo*, 21 de Dezembro de 1989, pp. 18-20. (.)

(42) «Discurso de encerramento sobre o relatório do CC do PCR(b)», 9 de Março de 1921, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante!, 1986, t. 5, p. 257. (N. Ed.) (.)

(43) Aron Raymond, *Démocratie et totalitarisme*, éd. Gallimard, 1965, p. 254. (.)

(44) *XI^e Congrès mondial de la IVe Internationale*, Novembro de 1979, *Inprecor*, pp. 251, 241 e 236237. (.)

(45) Zhou Enlai, *Oeuvres choisies*, tomo II, Pequim, 1989: «*Maintenir la dictature, élargir la démocratie*», pp. 234-241. (.)

A UNIÃO SOVIÉTICA À BEIRA DO ABISMO

[JANEIRO DE 1990]

«Sou partidária convicta da perestroika. É uma ideia ousada e muito atractiva. Traz mais liberdade aos soviéticos, inaugura a via que conduz ao progresso e à prosperidade. Considero que a União Soviética cumpre hoje uma missão histórica.»⁽¹⁾

Deixamo-vos adivinhar por um instante quem será a autora desta declaração. Para vos dar uma boa pista, citar-vos-emos uma afirmação da agência *Novosti*, constatando que, no mundo de hoje, vemos operarem-se «*duas revoluções, uma a Leste e uma a Oeste*». A Oeste, a agência soviética descobre

«uma revolução na mentalidade política dos líderes dos países mais importantes do mundo, que mudam o seu comportamento em relação aos países socialistas, por vezes, em 180 graus».⁽²⁾

Entre esses líderes que procederam à grande viragem em relação ao socialismo está a Senhora Thatcher, autora da declaração atrás citada.

A ouvir a Dama de Ferro, como a escutar o presidente Bush e o primeiro-ministro Martens, poder-se-ia pensar que tudo vai bem na União Soviética, que a democracia se instaura, que a liberdade progride, que a prosperidade se anuncia. Dá para nos perguntarmos onde está então essa famosa crise do comunismo...

No entanto, se a senhora Thatcher se considera feliz com a evolução na União Soviética, para os trabalhadores desse país, a «crise do comunismo» torna-se numa realidade quotidiana. O *Financial Times* publicou, em 20 de Novembro de 1989, a reportagem de uma importante conferência sobre o futuro económico da União Soviética. Abálkine, vice-primeiro-ministro e responsável pelas reformas económicas apresentou aí um relatório. Durante a discussão que se seguiu, o jornal bolsista anotou uma intervenção invulgar que provocou grande perturbação. O seu autor, operário de uma empresa, exclamou:

«Tudo começou a correr mal na União Soviética com Nikita Khruchov, quando foram introduzidos elementos do capitalismo no comunismo. Não se podem misturar os dois sistemas. É preciso voltar aos anos 50.»

O jornalista do *Financial Times* acrescenta que esta tomada de posição reflectia manifestamente o sentimento de grande parte do auditório.⁽³⁾ Os soviéticos que acreditam no comunismo estão perfeitamente conscientes de que, na sua terra, as coisas vão por mau caminho. O operário citado considera que o país está lentamente a virar à direita desde há cerca de 30 anos e que, de promessas em reformas, a situação não cessa de se degradar.

NIKITA KHRUCHOV NA LADEIRA

ESCORREGADIA

É oportuno relembrar aqui quatro teses essenciais lançadas por Nikita Khruchov, há 30 anos, que permitem compreender melhor o que se passa actualmente na União Soviética.

Primeira tese: Já não há poder da classe operária na União Soviética, o Estado da classe operária é substituído pelo Estado de todo o povo.

«Após ter assegurado a vitória total e definitiva do socialismo e a passagem da sociedade à construção do comunismo, a ditadura do proletariado cumpriu o sua missão histórica, (...) o Estado (...) transformou-se em Estado de todo o povo.»⁽⁴⁾

Esta tese conduziu à cessação da luta contra as correntes burguesas, reaccionárias, influenciadas pelo imperialismo, e visava, além disso, assegurar a tranquilidade de uma burocracia que estava a caminho de se separar completamente dos trabalhadores. Num Estado de todo o povo, a burocracia podia instalar-se confortavelmente, adquirir privilégios, tirar proveito pessoal das suas posições políticas e económicas, já que, de qualquer modo, as contradições de classe não podiam surgir entre ela e as massas trabalhadoras.

Segunda tese: Nikita Khruchov anuncia em 1962 que a União Soviética atingirá o comunismo em 1980 e que, nesse momento, terá ultrapassado os Estados Unidos.

«Bastará pouco tempo para ultrapassar economicamente os Estados Unidos. (...) A União Soviética obterá uma vitória histórica de alcance universal na competição pacífica com os Estados Unidos.»⁽⁵⁾ «Teremos tudo o que é necessário para criar em duas décadas a base técnica e material do comunismo? Sim, camaradas, possuímos tudo isso.»⁽⁶⁾

Hoje, portanto, a União Soviética teria conhecido já a plenitude da felicidade em pleno comunismo, abundância de tudo para todos, e isso há já dez anos! Na realidade, adormecendo as massas entre as quais a ideia da revolução, do socialismo e do comunismo era muito popular, tais promessas de um futuro paradisíaco permitiram consolidar o poder e a posição dos tecnocratas e burocratas.

Terceira tese de Nikita Khruchov. Declara que o capitalismo está a desmoronar-se no mundo inteiro, enquanto o socialismo marcha irresistivelmente para o triunfo. Os progressos fulgurantes da União Soviética atraem o olhar dos trabalhadores de todo o mundo, enquanto o capitalismo enfraquecido já quase não tem capacidade de resistência. Por isso tornou-se possível tomar o poder na Europa e no resto do mundo pela via parlamentar e pacífica.

«Criaram-se condições mais favoráveis à vitória do socialismo nos outros países porque o socialismo triunfou na União Soviética.» «O vasto campo dos países do socialismo, nos quais a população ultrapassa os 900 milhões de habitantes, cresce e consolida-se. (...) As ideias do socialismo apoderaram-se efectivamente do espírito de toda a humanidade

trabalhadora.» «O capitalismo tornou-se muito mais fraco. (...) Os partidos burgueses de direita e os governos que formam falham cada vez mais.» Daí a possibilidade «de conquistar uma sólida maioria no parlamento e de transformá-la em instrumento de uma verdadeira vontade popular.»⁽⁷⁾

Estas posições face à sociedade imperialista e à ditadura da burguesia, posições embrulhadas nas pregas do anti-stalinismo, constituem uma mudança total de orientação política.

O quarto ponto diz respeito à atitude de Nikita Khruchov em relação aos Estados Unidos. A superpotência imperialista era considerada até então como o gendarme número um no mundo, praticando a ingerência e a agressão nos cinco continentes. E eis que Nikita Khruchov declara:

«Queremos ser amigos dos Estados Unidos e cooperar com eles na luta pela paz e a segurança dos povos. Empenhamo-nos nesta via com boas intenções e sem desígnios escondidos»...⁽⁸⁾

Isto num momento em que a maior parte dos povos do Terceiro Mundo, seja na Ásia, na África ou na América Latina, afrontam com vigor o imperialismo americano que lhes impõe uma ditadura neocolonial das mais terroristas. Compreender-se-á facilmente que esta atitude do dirigente do primeiro país socialista nada tem a ver com a coexistência pacífica sempre defendida pelos comunistas.

BRÉJNEV: ESCLEROSE E LOUCURA

Em seguida vem Bréjnev. Alguns comunistas estimam que ele se demarcou dos erros mais grosseiros de Nikita Khruchov para tornar ao caminho recto da revolução. A análise dos quatro congressos do Partido a que ele presidiu não permite confirmar essa opinião.

Vejamos primeiro o que foi feito das quatro «novas ideias» com quais Nikita Khruchov marcou a ruptura com Stáline.

Primeira: o fim da luta de classes, Estado de todo o povo, solicitude para com a burocracia privilegiada.

Bréjnev, em alguns lances idealistas, continuou por esta via. Apresenta-nos imagens paradisíacas de uma sociedade sem classes, que servem para disfarçar uma crescente diferenciação das camadas sociais. Congratula-se com

«a aproximação de todas as classes e grupos sociais». «A nossa intelligentsia soviética considera que a sua vocação é a de consagrar a sua energia criadora à obra de edificação da sociedade comunista.»⁽⁹⁾

Ora, na época, parte importante dessa *intelligentsia* está completamente despolitizada e enfeitiçada pelo Ocidente. Nas quimeras brejnevianas apagam-se não apenas as diferenças entre as classes mas também as distinções entre nacionalidades. Bréjnev inventa a noção de «povo soviético» em que tanto as classes como as nacionalidades se dissolvem.

«No nosso país viu-se formar uma nova comunidade histórica: o povo soviético. Novas relações harmoniosas entre as classes e os grupos sociais, entre as nações e as nacionalidades, nasceram do trabalho comum.»⁽¹⁰⁾

Com Bréjnev, o marxismo-leninismo metamorfoseia-se de ciência da luta de classes em ideologia, quer dizer, na falsa consciência que exprime os interesses de uma camada privilegiada a caminho de separar-se dos trabalhadores. Nunca, durante o período de quatro congressos, se verá Bréjnev agarrar as realidades vivas, em movimento, das diferentes classes, camadas e forças políticas para daí retirar palavras de ordem de luta e de mobilização.

Bréjnev é obrigado a constatar certos fenômenos sociais que relevam da luta de classes, mas, incapaz de os analisar em profundidade, considera-os como marginais. As suas críticas são puramente formais e não dão lugar a uma prática consequente de luta de classes.

«Infelizmente», diz ele «há ainda gente, reclamando-se das artes, que se consagra a denegrir o nosso regime, a caluniar o nosso povo heróico. Claro, podem-se contar pelos dedos».

Eis a que se reduz o combate contra a corrente ideológica conduzida por Soljenítsine.

«Alguns jovens têm uma mentalidade de parasita, exigindo muito do Estado mas esquecendo os seus deveres para com a sociedade. Os ideólogos burgueses apostam nesses homens

pouco aguerridos para usá-los no seu interesse. Por felicidade, eles são muito raros entre nós.»⁽¹¹⁾

A despolitização da juventude decorre necessariamente da concepção do Estado de todo o povo. Um marxismo-leninismo esclerosado e fastidioso não pode ancorar-se no espírito dos jovens. Ora, desde Lénine que sabemos que não existe vazio em matéria ideológica. Onde a ideologia socialista não se implanta, reina, sob as suas múltiplas formas, a ideologia burguesa.

Com Bréjnev, a elite burocrática torna-se quase inamovível. Ele declara:

«A solicitude e a atenção aos quadros são regra no Partido. Acabaram as transferências injustificadas e as remodelações demasiado frequentes de funcionários.»⁽¹²⁾

O brejnevismo é a tranquilidade assegurada à camada emburguesada. Stáline mostrava-se excessivamente exigente com os quadros, os que cometiam erros eram despedidos ou presos e os jovens, formados num espírito bolchevique puro e duro, eram promovidos a altas responsabilidades. Adepto de Nikita Khruchov, Jaurès Medvédiev escreve a propósito:

«Na época de Stáline, os dignitários do Partido sentiram-se ainda mais ameaçados pelos órgãos de segurança do que os simples cidadãos.»⁽¹³⁾

E prossegue:

«Bréjnev não era um verdadeiro chefe em 1964, mas sim o representante da burocracia que procurava viver tranquilamente e com mais segurança, enquanto aumentava os seus privilégios. Os seus eleitores não eram outros senão a elite burocrática.

«A este respeito, Bréjnev também mudou o sistema, porque criou, mais que ninguém, as condições da expansão de uma verdadeira elite privilegiada, uma real nomenklatura.»⁽¹⁴⁾

Estando asseguradas para a elite a tranquilidade e a inamovibilidade, os seus membros não se contentavam com os proventos legais.

«A estabilidade da elite teve um outro efeito negativo. A corrupção oficial não cessou de desenvolver-se a todos os níveis. A disciplina do Partido baixou, o nepotismo tornou-se um fenómeno normal e o prestígio ideológico e administrativo do Partido murchou.»⁽¹⁵⁾ «A grande corrupção dos burocratas soviéticos altamente colocados tornou-se numa forma de “doença profissional”. A distinção entre propriedade pública e propriedade privada não era respeitada.»⁽¹⁶⁾

Vamos à **segunda** grande ideia de Nikita Khruchov: nós ganharemos a competição pacífica com o imperialismo, realizaremos o comunismo em 1980.

Dez anos mais tarde, Bréjnev perde-se na mesma auto-satisfação beata e estúpida.

«No nosso país», declara, «foi construída uma sociedade socialista desenvolvida que se transforma progressivamente em sociedade comunista.» «É uma economia sem crises e em perpétuo crescimento. É uma sociedade em face da qual se abrem as perspectivas ilimitadas de um progresso contínuo.»⁽¹⁷⁾

Se Nikita Khruchov prometia o poderio e a abundância num futuro próximo, Bréjnev acreditava que estavam já ao alcance da mão.

«Sim, este Estado socialista, mais vigoroso e próspero que nunca, existe! O poderio da URSS no plano económico, militar e noutros é inquebrantável!»⁽¹⁸⁾

Terceira descoberta de Nikita Khruchov: o capitalismo desmorona-se, a passagem pacífica ao socialismo torna-se possível.

Fugindo à análise concreta como gato escaldado que da água fria tem medo. De congresso em congresso, Bréjnev repisa os mesmos clichés:

«A crise geral do capitalismo continua a aprofundar-se.»⁽¹⁹⁾ «O imperialismo é impotente para obstaculizar a marcha da história.»⁽²⁰⁾

A teoria da impotência torna-se no alicerce da via parlamentar para o socialismo, que Bréjnev pensa ser praticável na França, na Itália, nos Estados Unidos e por aí fora.⁽²¹⁾ Citando a República Árabe Unida (o Egipto e a Síria), a Argélia, o Sudão, a Somália (substituída depois pela Etiópia), o Mali, a Guiné, o Congo Brazaville

e a Birmânia, onde «*sérias transformações sociais foram realizadas*», Bréjnev afirma:

«As massas populares convencem-se de que a melhor via é a do desenvolvimento não capitalista. (...) Nós estabelecemos relações estreitas e amigáveis com os jovens Estados que se orientam para o socialismo.»⁽²²⁾

Assim, não há necessidade alguma de fazer uma análise de classe das forças no poder ou do antigo aparelho de Estado colonial, muitas vezes deixado intacto, ou ainda do poder real do imperialismo sobre as alavancas econômicas. A burguesia e a pequena-burguesia do Terceiro Mundo dirigirão a revolução socialista de marca Bréjnev.

Quarta ideia de Nikita Khruchov: a amizade sincera com o imperialismo.

Bréjnev não a largará. Rivalizando em força militar com o imperialismo, mantém no entanto toda a confiança nele. Assim, Bréjnev considera a conclusão do tratado de 1970, entre a URSS e a RFA, como uma vitória estratégica, implicando, por parte do imperialismo, «*a sua renúncia a pôr em causa as fronteiras europeias existentes*».⁽²³⁾ Ele vê apenas o evidente espírito de revanche primitivo, militarista, e não entende o perigo do revanchismo escondido, inteligente, social-democrata.

Do mesmo modo, Bréjnev saúda os laços económicos, científicos, técnicos e culturais com o Ocidente:

«Tudo isso, camaradas, é a materialização do desanuviamento.»⁽²⁴⁾

Nem uma palavra sobre o modo como o imperialismo daí tira proveito para ganhar influência política e infiltrar os meios dirigentes.

Longe de arrepiar caminho sobre os erros de Nikita Khruchov, Bréjnev lançou-se na mesma nefasta direcção, agravando mais o curso revisionista.

Primeiro, Bréjnev imprimiu uma orientação militarista a toda a política soviética. Aposta quase exclusivamente no crescimento das forças militares soviéticas para defender e alargar as posições da União Soviética.

«Reforçar o Estado Soviético quer dizer também reforçar as suas forças armadas, aumentar ao máximo a capacidade de defesa da nossa pátria.»⁽²⁵⁾

E vá de saudar

«o equilíbrio militar e estratégico que se instaurou entre a URSS e os Estados Unidos».⁽²⁶⁾

A via da «paridade militar e nuclear» com o complexo militar e industrial é impraticável e destruidora para um país socialista. Relegando para o museu da história a mobilização das massas, a continuação da luta de classes e a educação revolucionária, Bréjnev adopta uma concepção e uma doutrina militar próprias dos seus adversários. Tudo o que fazia a força da Defesa socialista no tempo

de Stáline desaparece. Um esforço militar desmesurado mina toda a economia civil da União Soviética.⁽²⁷⁾

Em seguida, por efeito acumulado do revisionismo e do hegemonismo, Bréjnev faz estilhaçar o movimento comunista internacional.

Em 1966, Bréjnev excomunga, por «*desviacionismo de esquerda*» a China e a Albânia, que expressaram o seu desacordo com o novo evangelho de Nikita Khruchov. Três anos mais tarde, Bréjnev transforma a confrontação política com a China em confronto armado. Exige o controlo do conjunto do rio Ussuri, que marca em mil e duzentos quilómetros a fronteira entre os dois países. Bréjnev coloca a sua fronteira na margem chinesa, contrariamente aos usos internacionais que fazem passar a linha de fronteira pelo meio do canal de navegação.

«É Bréjnev quem dá a ordem à artilharia para atacar massivamente as tropas chinesas, o que levou à morte de vários milhares de soldados chineses e a um profundo ressentimento da China para com a União Soviética.»⁽²⁸⁾

Embragados pelas «novas ideias» de Nikita Khruchov, muitos partidos comunistas avançam a toda a velocidade para a reconciliação com a burguesia dos seus próprios países, o que provoca a destruição da unidade do movimento comunista internacional. Bréjnev tem de reconhecer que o movimento rebenta em quatro eixos: os que defendem a experiência revolucionária de Lénine são expulsos por «*revisionismo de esquerda*»; os que pregam a social-democratização e a integração

no mundo imperialista, os Dubcek e os Carrillo, vêm-se afastados por «*revisionismo de direita*»; os partidos que se opõem ao modelo soviético como única referência, aos *diktats* e às intervenções da União Soviética nos assuntos dos outros, são banidos por «nacionalismo» e «anti-sovietismo», e finalmente restam os que fazem prova de uma fidelidade incondicional à URSS, os «marxistas-leninistas autênticos».⁽²⁹⁾

Enquanto o revisionismo corrói as bases do socialismo na Europa de Leste, Bréjnev tem de recorrer ao controlo militar para manter uma aparência de unidade no seu campo. Proclama:

«As fronteiras da comunidade socialista são invioláveis e intangíveis.» «A unidade fraternal dos países socialistas é a melhor muralha contra as forças que tentam atacar e enfraquecer o campo socialista.»⁽³⁰⁾

Na aparência, a União Soviética exprime assim a sua fidelidade ao internacionalismo proletário. Mas a sua ingerência e o seu controlo cada vez mais directos, corroem cada vez mais um socialismo raquítico. A teoria da «*melhor muralha: a protecção da União Soviética*» é uma inépcia. A melhor muralha será sempre a mobilização dos trabalhadores, o desenvolvimento da sua consciência, o seu esforço independente para defender o seu poder. Nesta base, um país socialista pode apelar, em circunstâncias excepcionais e por período limitado, à ajuda dos países amigos, como o fez a República democrática e popular da Coreia, agredida, em 1950, pelo exército americano.

Isto permite-nos voltar ao problema da «reorientação à esquerda» que Bréjnev teria iniciado reabilitando Stáline e apoiando activamente os movimentos revolucionários no mundo.

Nos quatro congressos brejnevianos, não se contra uma palavra que seja para restabelecer o prestígio de Stáline. Pelo contrário, em 1966, Bréjnev afirma apoiar-se

«na linha dos XX e XXII congressos do Partido».⁽³¹⁾

Cinco anos mais tarde sublinha que o «*dogmatismo*» do tempo de Stáline cedeu o lugar ao «espírito criador» e que a «*destalinização*» e a «*liquidação das sequelas do culto da personalidade*», empreendidas por Nikita Khruchov, eram necessárias e correctas. Não quer ouvir falar nem da ditadura do proletariado nem da continuação da luta de classes nem da depuração do partido dos seus elementos oportunistas, porque

«são opiniões contrárias ao elemento novo, criador, que o partido introduziu durante os últimos anos».⁽³²⁾

Tomando uma orientação chauvinista que glorifica a «grandeza do passado», a União Soviética pôs em surdina as críticas a Stáline. Evitava mostrar-se contra Stáline tal como lhe repugnava criticar os tsares.

O apoio de Bréjnev aos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo, com a ajuda de muitas citações de Lénine, inseria-se essencialmente no quadro dos esforços soviéticos para arranjar esferas de influência. Bréjnev opôs-se constantemente à estratégia da insurreição armada e da ditadura do proletariado no Terceiro

Mundo. Pronunciou-se sempre a favor da estratégia reformista, a da direcção da burguesia «esclarecida», aliada a formações revisionistas: era a famosa via não capitalista de desenvolvimento.

A sua «revolução mundial» é essencialmente o alastramento a todo o planeta do hegemonismo soviético, seguindo o modelo da Europa de Leste. Bréjnev nega que o socialismo mundial nascerá da soma de diferentes experiências revolucionárias mundiais. Desconhece que os partidos revolucionários devem ancorar-se nas realidades específicas dos seus países, que lhes é necessário mobilizar as amplas massas para a luta revolucionária tendo em conta as suas particularidades e que devem esmagar o imperialismo e a reacção locais.

«O desenvolvimento dos países socialistas, o crescimento do seu poderio, constituem hoje o eixo principal do progresso social da humanidade.»⁽³³⁾

A concepção do «eixo principal» exprime a subestimação, se não mesmo a negação, de dois eixos fundamentais do movimento revolucionário mundial: o da revolução nacional e democrática e o da revolução socialista.

Bréjnev rejeita a ideia de que as massas populares em armas constituem a única muralha contra o imperialismo e a reacção. Faz rebrilhar perante os povos do Terceiro Mundo a intervenção do exército soviético como garantia da liberdade deles. Bréjnev:

«O socialismo serve de muralha aos povos que lutam pela sua liberdade e independência.»⁽³⁴⁾

A União Soviética apoia reformistas (Chile), putschistas e aventureiros (Etiópia e Afeganistão), assim como militaristas (Egipto, Síria), que apresenta indistintamente como obreiros da revolução socialista. Como a União Soviética *«está a seu lado»* e que o seu exército *«constitui o bastião que lhes garante a liberdade»*, Bréjnev intervém em vários países para manter no poder forças reformistas e putschistas pró-soviéticas. Lá onde o imperialismo agride um povo, a União Soviética enviará os seus soldados, lá onde o imperialismo exporta a contra-revolução, o exército soviético está pronto a defender a revolução. É o que Bréjnev, já com os pés para a cova, declara de modo oficial em 1981, dando provas de um aventureirismo completamente estranho ao marxismo-leninismo.

«Cada vez que é preciso ajudar as vítimas de uma agressão, o soldado soviético aparece ao mundo como um patriota desinteressado e corajoso, como um internacionalista pronto a ultrapassar qualquer dificuldade.»⁽³⁵⁾ «Quando nos pedem, ajudamos os Estados a reforçar a sua capacidade de defesa. Somos contra a exportação da revolução, mas também não podemos aceitar a exportação da contra- revolução.»⁽³⁶⁾

Esta política aventureirista atingiu o seu ponto culminante no momento das invasões do Kampuchea e do Afeganistão.

No domínio económico, a crise futura da sociedade soviética transparece no último relatório de Bréjnev, em 1981.

Há já dez anos que ele insiste na necessidade de certas mudanças qualitativas nas estruturas e mecanismos da economia.

Com um tom fatigado, repete-se sublinhando a necessidade da *«passagem a um desenvolvimento essencialmente intensivo»* em que a palavra de ordem seja a *«eficácia»*. Mas porque se não chegou lá? *«Ainda não se ultrapassou a força da inércia.»*⁽³⁷⁾

Tal como nos relatórios precedentes, Bréjnev constata que os resultados da ciência são introduzidos na produção com *«intolerável lentidão»*.⁽³⁸⁾ Retoma também os exemplos há muito conhecidos de desorganização, de falta de disciplina e de incúria. O sector do grande consumo continua negligenciado, embora dois planos quinquenais fossem baseados na *«satisfação das necessidades quotidianas das pessoas»*.⁽³⁹⁾

Bréjnev confessa que a planificação, um dos fundamentos da economia socialista, é cada vez mais deficiente.

«O Partido encarou sempre o plano como uma lei. Esta verdade manifesta tendência para ser esquecida.»⁽⁴⁰⁾

Desde há anos que são tomadas decisões, mas não se está em condições de planificar consequentemente o desenvolvimento económico, Bréjnev constata que alas inteiras do edifício económico soviético ruem sem que ele consiga aperceber-se das causas e ainda menos de as remediar.

GORBATCHOV: REVIRAVOLTAS E

PROMESSAS ALICIANTES

A militarização, o sobre-armamento, as aventuras estrangeiras minaram cada vez mais a economia soviética levando-a à beira do desmoronamento e da crise.

E nestas circunstâncias dramáticas, o novo profeta tão esperado sobe ao palco da história: como um arcanjo, Mikhail Gorbatchov aparece. Maravilha o mundo com um discurso novo no qual se mostram quatro linhas de força.

Gorbatchov põe praticamente fim à política de militarização. As tropas soviéticas são retiradas do Afeganistão. O Vietname sofre pressões para sair do Kampuchea. Várias empresas militares são reconvertidas ou sê-lo-ão nos dois anos seguintes.

Gorbatchov afirma a necessidade da democratização da vida política na União Soviética. Deseja que tudo possa ser livremente discutido, que haja debates contraditórios. A necessidade de tal abordagem não pode ser contestada num país onde as amplas massas, desgostadas de um marxismo vazio de conteúdo, detestando as práticas burocráticas, já não se interessam pela coisa pública. Era absolutamente necessário que esse povo retomassem o gosto da prática do debate político, da luta ideológica, do socialismo. É verdade que só a luta ideológica aberta, só o confronto com as correntes reaccionárias e revisionistas, poderia acabar com o marxismo esclerosado e ossificado da época de Bréjnev, e reintroduzir um marxismo vivo, autêntico,

revolucionário. Gorbatchov afirma querer reavaliar tudo o que foi errado na construção do socialismo retornando ao espírito e às teses de Lénine, o maior pensador e prático da acção revolucionário que o mundo conheceu.

Gorbatchov afirma enfim que a União Soviética deve dominar as últimas conquistas da revolução científica e tecnológica que alastra pelo mundo. Acrescenta que imporá à economia soviética um maior dinamismo e encorajar a criatividade dos trabalhadores por todos os meios, económicos e outros.

Nós seguimos com interesse a evolução destas linhas de força. Pudemos, após cinco anos de *perestroika* e de *glasnost*, fazer certo número de constatações e de análises.

Abordaremos em primeiro lugar o domínio político, em seguida o domínio económico e por fim a política externa da União Soviética.

GLASNOST PARA OS ANTICOMUNISTAS

No domínio político, comecemos por uma interrogação: a quem aproveitou a *glasnost*, quais as camadas e as forças políticas que realmente se exprimiram e que impuseram a sua orientação política aos *media* soviéticos?

A liberdade e a democracia nunca estão acima das classes e da luta de classes, mesmo e sobretudo na União Soviética pós-nikita khruchoviana. A *glasnost*, a liberdade de discussão, permitiu o alastramento de uma propaganda claramente contra-revolucionária, anti-socialista e pode-se dizer que quase tudo o que

o povo russo construiu através de esforços titânicos e heróicos, viu-se atacado, manchado, denegrado. Na leitura das publicações soviéticas, damos conta que a fracção mais abertamente burguesa entre os intelectuais tomou o controlo dos meios de comunicação.

Gorbatchov e Rijkov, o primeiro-ministro, fizeram declarações oficiais sobre o balanço histórico da construção do socialismo.

Aquando do 70.º aniversário da URSS, Gorbatchov declarou que era preciso reconhecer os enormes méritos de Stáline, a sua força de trabalho, a sua vontade de ferro, a sua capacidade de organização para reconstruir o país e defendê-lo contra o fascismo. Sublinhou igualmente que era necessário reconhecer, analisar e criticar todos os erros e todos os crimes que foram cometidos durante esse período. Rijkov fez declarações do mesmo género, criticando certos erros cometidos por Stáline, para colocar em evidência

«o conjunto do Partido, os milhões de gente simples cujo apego às ideias de Lénine e aos ideais revolucionários não foi abalado».⁽⁴¹⁾

Estas declarações podiam ser passíveis de um debate entre comunistas, embora para nós seja claro que os imensos méritos e conquistas do Partido, no período de 1924-1953, são também e antes de mais devidos à direcção do Comité Central do PCUS e de Stáline.

Infelizmente, desde há quatro anos, é preciso desfolhar muitas publicações soviéticas para encontrar um só artigo que seja

expondo e explicando o trabalho revolucionário dos comunistas durante os anos 20, 30 e 40, nos domínios da industrialização, da colectivização, da revolução cultural e da defesa do país, para já não falar do que respeita à ajuda internacionalista.

Pelo contrário, há centenas de artigos, inspirados directamente na literatura burguesa e fascista mais revoltante, para denunciar as realizações deste período histórico crucial.

Hoje, a imprensa soviética é abundante neste estilo de extrema-direita:

«Stáline foi um monstro e, se alguma vez existiu um autêntico inimigo do povo, foi ele»,⁽⁴²⁾ ou ainda: «os limites da glasnost a respeito do stalinismo devem ser definidos pela Constituição, a qual proíbe a propaganda da violência».⁽⁴³⁾

Em resumo, a liberdade, a democracia e a *glasnost* quase chegam a proibir os soviéticos de recordarem a experiência heróica da geração precedente, de desenvolver o espírito revolucionário e as teses fundamentais que guiaram a construção do socialismo e a sua defesa contra a agressão hitleriana.

Um filósofo soviético de direita lamenta que actualmente trabalhadores descontentes comecem a exprimir a sua admiração pelo entusiasmo que mobilizava o país durante os anos 20. E zangasse: um célebre jornalista pretendeu mesmo que

«estes românticos não eram amorais mas que tinham uma moral particular. Ora, foi justamente essa moral que criou Auschwitz e a Kolima».⁽⁴⁴⁾

Eis um resumo perfeito da posição da extrema-direita pós-hitleriana: stalinismo igual a fascismo — e os iluminados revolucionários são arrumados junto dos criminosos.

OS ATAQUES CONTRA O STALINISMO VISAM O SOCIALISMO

Que têm a dizer contra o stalinismo os numerosos autores que dominam hoje a imprensa soviética? Dois temas essenciais sobressaem dos seus escritos.

O crime principal de Stáline é o de ter conduzido a luta de classes.

«Toda a gente tinha o dever de odiar os fidalgos, os padres, os funcionários e outros elementos socialmente hostis. (...)

Era preciso odiar classes inteiras. Este ódio foi cultivado a tal ponto que tomou raiz geneticamente.»⁽⁴⁵⁾ Porque Stáline recusou

«a ideia de paz entre as classes (para impor) a ideologia da hostilidade, (...) o país mergulhou durante dezenas de anos na fantasmagoria do delírio paranóico».⁽⁴⁶⁾

Estas frases contêm uma maravilhosa lição de dialéctica para todos os que se deixaram levar a um dado momento pelo encanto do anti-stalinismo. Contra os «erros grosseiros» de Stáline, mudava-se o rumo para os «princípios de Lénine». Mas no fim do caminho, damo-nos conta que agora o «crime principal» de Stáline foi o de ter conduzido a luta de classes! Será necessário acrescentar

que erradicando a luta de classes da história também se enterra tanto o marxismo como o leninismo?

O segundo crime de Stáline diz respeito à sua política externa. O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Elguiz Pozdianikov fala disso.

«Optando pela revolução mundial, (...) contávamos dividir o mundo em proletários e em burgueses. (Se isso) se pode justificar ainda no período de efervescência revolucionária no mundo, é inadmissível noutras condições, estando em total contradição com as normas das relações entre Estados civilizados.»⁽⁴⁷⁾

Tão simples e tão estúpido como isto. Gostaríamos de perguntar a esse ignaro se os Estados fascistas dos anos 30 e 40 eram Estados «civilizados», se os Estados colonialistas inglês e francês o eram, se o imperialismo americano durante o período da guerra fria e da guerra da Coreia agia de maneira «civilizada». Pois que foi contra estes adversários que Stáline teve de lutar e lutou bem. Ou ainda, do mesmo autor:

É preciso «um novo internacionalismo apostando no advento da “internacional pan-humana”, quer dizer, do futuro da comunidade humana única sobre a terra, que substituirá o internacionalismo baseado nos interesses de classe, de partido, de grupo ou de Estado.»⁽⁴⁸⁾

Um outro fanático da *glasnost* começa por escrever:

«Havendo levado a cabo a revolução no nosso país, os proletários renunciaram aos valores que se mostravam estranhos à sua consciência de classe e aos seus interesses».

E acrescenta:

«Já não existem proletários, em todo o caso não os há no Leste e no Oeste da Europa. Há operários, camponeses, empregados, empresários, representantes das profissões liberais, sacerdotes de cultos, estudantes, militares, reformados, crianças».

Reagan e Thatcher não diriam melhor. Por fim, o nosso autor chega ao fundo do seu pensamento:

«Todos eles têm um interesse comum: viver em paz e sobreviver. Eis a razão por que é tempo de renunciar à palavra de ordem: Proletários de todos os países, uni-vos!».⁽⁴⁹⁾

Para este anticomunista que passa os dias como conselheiro principal dos Negócios Estrangeiros, o maior crime de Stáline é o de ter defendido a solidariedade de todos os proletários do mundo.

Uma vez lançados nesta larga estrada, já nada faz parar os nossos reformadores. Há um ano e meio, deixaram de tagarelar a propósito de Stáline e passaram desde então a atacar Lénine e a revolução socialista. Declaram que a Revolução de Outubro foi um erro e que é essa, finalmente, a mensagem que os «anti-stalinistas» pretendem fazer passar.

Um representante do CVP, a democracia-cristã flamenga, foi à União Soviética para entregar fundos do Partido Democrata-Cristão e financiar a publicação de livros de Soljenítsine. Durante o ano de 1990, foram impressos alguns milhões de livros desse autor. Artigos na imprensa já comentam os escritos de Soljenítsine:

«Desde há 70 anos, a moral humana incondicional foi substituída por um totalitarismo de classe unificado, apoiando-se numa ideologia capaz de justificar não importa que crime».⁽⁵⁰⁾

Os trotskistas podem propagar este género de literatura em nome da liberdade de expressão, eles, que fazem uma propaganda barulhenta a propósito dos escritos de Soljenítsine, o autor preferido de Le Pen. Mas nós gostamos de dizer que essa é uma literatura puramente fascista. Também o *Nouvelles de Moscou* pode continuar, com toda a lógica, a propagar estes pensamentos:

«A responsabilidade pessoal de Lénine nos aspectos ideológicos da história soviética, antes da ditadura stalinista, deve ser sublinhada. Pensadores de orientação nacionalista como Soljenítsine intervêm há muito, deixando supor que o leninismo e o stalinismo são dois fenómenos da mesma espécie.»⁽⁵¹⁾

Torna-se portanto à glorificação pública do tsarismo, que Soljenítsine tão bem exprime no seu estilo enfático, em jornais que se dizem comunistas. Num longo texto sobre o estado actual da União Soviética, pode ler-se a seguinte intervenção de Mikhail Lobanov, jornalista político, partidário feroz da *glasnost*:

«Em 70 anos destruiu-se a espiritualidade e, daí, os apoios culturais do sistema económico, indo até às tradições nacionais, à consciência de si próprio. O essencial é não espezinhar mais uma vez a Igreja.»⁽⁵²⁾

O socialismo é assim atacado por haver esmagado a espiritualidade do tempo dos tsares e o sistema económico que encontrava aí a sua justificação.

Sublinhemos enfim que a agitação das ideias abertamente anticomunistas é tal que o próprio Gorbatchov já não sabe em que pé dançar. Algumas das suas intervenções bastante medíocres assim o demonstram. Num discurso em Setembro de 1989, diz:

«Toma-se por vezes uma atitude niilista no que respeita ao caminho percorrido pelo nosso país, a Revolução de Outubro é apresentada como um erro, uma tragédia que perturbou o curso normal das coisas e não trouxe senão sofrimento ao nosso povo.»⁽⁵³⁾

Gorbatchov não consegue dar réplica à dimensão da ofensiva anticomunista. Nenhuma diligência por pouco militante que seja. Ele contenta-se com constatações desencantadas.

VALORES UNIVERSAIS: O GRANDE RECUO

Abordamos agora a teoria dos «valores universais», colocada em evidência desde há três ou quatro anos pela equipa de Gorbatchov, e que constitui hoje a linha ideológica orientadora do Partido. Fatigado dos valores socialistas, Gorbatchov redescobre os valores universais da civilização europeia...

«Os êxitos económicos da Europa e da América do Norte são indivisíveis de todas as outras componentes tradicionais da civilização europeia. São normas da moral e das ideias sobre o destino do homem, baseadas em primeiro lugar no cristianismo, nos princípios da democracia que foram desenvolvidos durante séculos. (...) Estamos prontos a adoptar de novo os valores da civilização europeia que negámos durante os últimos 70 anos sob o pretexto de imperativos de classe. Para nós, isso marcará com efeito um grande passo na direcção da paz com o Ocidente. (...) A história demonstrou manifestamente que a ignorância das leis inevitáveis e necessárias da economia de mercado e a renúncia às normas da democracia e da moral elaborada no seio da civilização europeia durante séculos, levam a atrasos no desenvolvimento.»⁽⁵⁴⁾

Na Bélgica, era preciso ir muito longe à direita para encontrar uma expressão tão franca da ideologia liberal e imperial! Se se quisesse voltar séculos atrás para falar de democracia e de moral na Europa, deveria começar-se por falar dos 150 a 200 milhões de escravos africanos de que os civilizadores se apoderaram, sobre o trabalho dos quais o capitalismo «democrático» foi em parte construído. Seria necessário igualmente falar dos 60 milhões de índios massacrados no México e no Peru para que a civilização europeia pudesse devorar o ouro e a prata desse continente. É preciso falar das dezenas de milhões de escravos que foram mandados vir de África para rebentarem nas plantações de cana-de-açúcar. É preciso falar da extensa cadeia de massacres necessários à construção da conquista colonial no século XIX e da

opressão colonial no presente século. A democracia europeia e a moral europeia cristã distinguiram-se particularmente aquando do ascenso e do triunfo do fascismo.

E basta olhar as ditaduras neocoloniais para constatar que a Europa e os Estados Unidos, cujos especialistas de economia, de intriga política e de tortura dirigem esses países nos bastidores, continuam sempre a um palmo da concepção fascista do mundo.

Sem ir tão longe na extravagância das declarações pró-imperialistas acima citadas, Gorbatchov aproximou-se bastante delas, quando ao fundo, pela sua apreciação dos valores universais. Diz, por exemplo, que a União Soviética redescobrirá

«os verdadeiros valores do socialismo ligados à elevação do homem, à humanização, à democratização das relações sociais». Fala de «socialismo humano e democrático apoiando-se sobre todos os progressos da civilização contemporânea», canta «a palavra de ordem Liberdade! no sentido mais lato e universal deste termo».⁽⁵⁵⁾

Compreende-se desde logo a razão por que Marc Eyskens, ministro belga dos Negócios Estrangeiros, declarou que o CVP, Partido Social-Cristão, primeiro partido do imperialismo belga, lhe poderia acordar o título de «membro honorífico». É efectivamente o mesmo falatório oco, dito universal, que se encontra em todos os documentos dos partidos cristãos e liberais da Europa civilizada!

DEUS E O SEU PROFETA, O REVERENDO MOON

Enfim, um artigo de *Temps Nouveaux* anuncia-nos em título que a visita de Gorbatchov ao Vaticano constitui

«um símbolo do continuado retorno da União Soviética aos valores universais da civilização mundial»!⁽⁵⁶⁾

Aqui é a religião católica, versão João Paulo II, verdadeira doutrina da apologia do imperialismo, que é ostentada como valor universal a redescobrir. Um académico, a quem perguntaram qual o seu prognóstico para a União Soviética em 1990, respondeu que nesse ano iria

«acentuar-se a atracção da religião na sociedade. Trata-se de uma tendência geral», e depois acrescenta: *«Durante todo o poder soviético, (...) uma intensa propaganda anti-religiosa era levada a cabo por ímpios belicosos e por sábios ateus. (...) A transparência [glasnost] varreu os simulacros de ideais, isso leva o homem e a sociedade a tornarem aos ideais milenários.»*⁽⁵⁷⁾

É já o delírio. Mas o pior está para vir. Num jornal da seita Moon pode-se ler um diálogo entre Moon e um jornalista soviético. Moon, que se sabe estar ligado à CIA, exprime aí, em quatro páginas, as suas reflexões político-filosóficas, e nelas o jornalista soviético vai descobrir numerosos traços comuns entre o pensamento de Moon e o novo pensamento soviético!

«Nós apoiamos o presidente Gorbatchov nas suas reformas pelo novo pensamento!», titula o reverendo Moon.

E o jornalista soviético Iordanski vai mais longe:

«As palavras do reverendo Moon parecem, de qualquer modo, provar de maneira impressionante, que os conceitos filosóficos do novo pensamento oferecem-nos novos horizontes na colaboração mundial».⁽⁵⁸⁾

A questão da religião na União Soviética não é portanto um mero detalhe, está ligada à constatação de que os dirigentes do partido soviético crêem cada vez menos nas teses do marxismo-leninismo, afastam-nas completamente da prática política e empurram deliberadamente face ao vazio ideológico, os trabalhadores para os «ideais milenares».

O CANCRO DO NACIONALISMO BURGUEÊS

A agitação do nacionalismo burguês no país e no partido constitui uma terceira tendência marcante na vida política e ideológica. Esta terá, num futuro que pode estimar-se bastante próximo, pesadas consequências.

Há quatro anos, Gorbatchov declarava que era necessário desenvolver o pluralismo socialista. Concordávamos que, após o período Bréjnev, era preciso permitir, na base do socialismo, a expressão de diferentes ideias. O pensamento revolucionário não podia revigorar-se senão através da luta contra as correntes burguesas. Mal foi lançada esta ideia, numerosas organizações e numerosas frentes populares foram criadas para apoiar a

perestroika. Tratava-se de coligações entre forças abertamente reaccionárias e de «reformadores» da época de Nikita Khruchov, verdadeiras máquinas de guerra contra o que resta de socialismo na União Soviética.

Tomemos o exemplo da Ucrânia onde, por iniciativa de gente de direita do Partido, foi criado o Movimento Popular Ucraniano para a *Perestroika*, a Frente Popular desta República, que reivindica 280 mil membros. O seu congresso inaugural contava com 1100 delegados dos quais 25 por cento eram membros do Partido. Esta Frente provocou uma vaga de fundo de ideias anti-socialistas e anticomunistas, o que levou o seu congresso a denunciar o socialismo e o partido comunista sob as aclamações da sala. Na tribuna, os representantes que tentaram defender o PCUS foram vaiados e expulsos. O assunto era a ocupação da Ucrânia pela União Soviética. Reclamava-se a partida do Exército Vermelho e a criação de um exército ucraniano. E qual seria o núcleo desse exército? Durante a Segunda Guerra Mundial houve um exército ucraniano criado pelos bons cuidados de Hitler. O Movimento Popular Ucraniano para a *Perestroika* escutou respeitosamente uma inverosímil intervenção de um tal Lukianenko. Este declarou perante o Congresso que era preciso reabilitar os guerrilheiros de Stepan Bandera, o chefe fascista ucraniano, como vítimas do stalinismo e «combatentes pela liberdade».⁽⁵⁹⁾ Um livro sobre a *World Anti-Communist League* (extrema-direita fascista controlada pelos americanos e pelos taiwaneses) explica que, depois da guerra, os ingleses e os americanos prenderam um número considerável de membros do grupo de Bandera. Assim, derrotado o nazismo, centenas de colaboradores ucranianos foram

recrutados pelos serviços ocidentais para fazerem espionagem na União Soviética. Membros do grupo de Bandera trabalharam na *Radio Free Europe*. Há uns anos produziram algumas emissões abertamente pró-fascistas que suscitaram vivos protestos nos Estados Unidos! Estas emissões faziam abertamente o elogio do grupo nazi «Gallician SS».

Que antigos nazis das SS, reconhecidos como tal na Ucrânia, tenham podido enviar um dos seus representantes para tomar a palavra numa reunião da Frente Popular, no momento em que se expulsam os comunistas, eis o que dá para reflectir acerca da degenerescência política na Ucrânia. Relevemos aqui, entre parênteses, que as publicações trotskistas do grupo de Mandel apoiam o combate «democrático» das Frentes Populares na União Soviética e publicam as suas tomadas de posição, segundo a bem conhecida táctica da frente unida contra o comunismo, mesmo moribundo.

Também na Letónia foi constituída uma Frente Popular de todos os antimarxistas. Um dos seus líderes declarava quando do último congresso da Frente:

«É importante para nós estreitar os laços com os países do Ocidente, estabelecer contactos económicos (...) para preparar o caminho de regresso da Letónia ao mundo civilizado da Europa à qual a Letónia pertenceu no seu tempo.»
E acrescentou: *«A forma principal de propriedade na República da Letónia deve ser a propriedade privada. A experiência dos Estados ocidentais industrializados prova que*

a propriedade privada e a iniciativa privada asseguram um funcionamento altamente eficaz do mercado livre.»⁽⁶⁰⁾

Não se pode ser mais explícito: é o regresso ao capitalismo, ao mundo imperialista e às leis mais elementares, mais simples, do capitalismo mundial.

GORBATCHOV: LASTIMOSO

A agitação das ideias anticomunistas nas repúblicas bálticas inquieta muito vivamente o PCUS. Com efeito, estas repúblicas decidem reivindicar a sua independência assim como a adesão, em duas ou três fases, ao Mercado Comum. O Partido Comunista da União Soviética declarou então:

«O carácter anti-socialista, anti-soviético dos seus objectivos revelou-se. Viu-se aparecerem organizações que lembram as formações do período burguês e da ocupação fascista, assistiu-se à criação de órgãos paralelos do poder.»⁽⁶¹⁾

Esta constatação é exacta. No entanto, as críticas, os protestos, as denúncias não impediram os reaccionários de continuar o seu trabalho de sapa. e o próprio PC lituano passou recentemente para o lado dos «independentistas», declarando que já não pertencia ao PCUS e se tornara um partido independente, com o seu programa próprio, definido por si próprio e com os seus próprios estatutos. Quer iniciar negociações com o PCUS para determinar as bases das suas futuras relações.

Em 25 de Dezembro último, Gorbatchov pronuncia um dos mais interessantes discurso, em que revela todo o impasse em que

se meteu... e que soa já como o canto do cisne. Fala da cisão entre o partido lituano e o PCUS.

Há alguns anos, disse Gorbatchov,

«não se contavam na república senão algumas dezenas de “guerreiros” da oposição. Apenas procuravam tornar-se populares, atizando as tendências nacionalistas. A oposição juntou-se às palavras de ordem da perestroika com o fito de comprometer o socialismo. O perigo que este fenómeno representava não foi notado em tempo útil».⁽⁶²⁾

Há aparentemente muitas coisas que Gorbatchov não nota em tempo útil. Tornaremos a falar disso.

Em seguida, Gorbatchov sublinha

«a perda de influência do partido nos media (...). À medida que estas posições eram tomadas, a Sajudis (Frente Nacionalista da Lituânia) empenhava-se no caminho da luta pelo poder real».⁽⁶³⁾

Aqui Gorbatchov confessa que a *glasnost*, a política de transparência, caiu nas mãos da direita e da extrema-direita. Mas volta a reconhecer que não notou em tempo útil este deslizamento.

Depois Gorbatchov constata que,

«para assegurar as condições necessárias para a tomada parlamentar do poder, uma parte dos deputados

representando Sajudis propagam as palavras de ordem da perestroika. Elaborou-se e aplica-se escrupulosamente a tática das cadências do desmantelamento das conquistas do socialismo».

Assim, Gorbatchov concede que nos domínios da *perestroika*, da *glasnost* e da democracia — três das quatro linhas de força da sua nova política — não notou em tempo útil o que realmente se passava na União Soviética.

A quarta constatação de Gorbatchov a propósito da Lituânia é uma confissão de incompetência política. Houve numerosos contactos com o PC lituano. Este último assegurava-lhe que as massas caminhavam no sentido do nacionalismo e que o PC era obrigado a segui-las para poder mantê-las sob a sua direcção. E Gorbatchov confessa:

«É preciso reconhecer que nós demos ouvidos às suas propostas, e que muitas vezes fomos além dos seus próprios desejos.»

Segundo as suas próprias confissões, uma tal situação

«é utilizada pelos elementos nacionalistas, separatistas, anti-soviéticos, (...) que sonham fazer renascer os regimes de antigamente, regimes autoritários, de extrema-direita».

É perfeitamente verdade, mas que conta fazer agora Gorbatchov? A sua medíocre análise é seguida de algumas reflexões da mesma estirpe. Primeiro,

«devemos demonstrar grande contenção, reflexão e circunspeção. (...) [É preciso pedir a toda a gente para] reflectir mais uma vez».

Em lugar de pedir aos outros para reflectirem quando já era tarde demais, Gorbatchov teria feito melhor em reflectir ele próprio no avanço das forças que ia desencadear.

Aos membros do Comité Central que dizem ser preciso reagir, que não se pode deixar ir as coisas até à catástrofe, ele responde: Vocês têm a nostalgia do

«socialismo de caserna», «cada vez que temos de enfrentar manifestações das largas camadas da população, nós empregamos meios políticos».

Mas que meios políticos lhe restam?

Depois agita um outro argumento:

«Vocês dizem que o poder já não é forte, que se esfarrapa». Ora, «o ideal de uma política forte não é a animosidade nem a confrontação, é a concórdia e a solidariedade».

Assim é necessário

«compreender o grande valor dos compromissos razoáveis».

Conhecendo nós os fascistas e a extrema-direita, perguntamo-nos como fará Gorbatchov para jogar sozinho este grande jogo dos compromissos.

Gorbatchov acrescenta ainda isto:

«É indispensável tomar decisões enérgicas para conservar o Estado federal e assegurar a sua unidade. E que ninguém se iluda acerca das intenções e das possibilidades do Centro».⁽⁶⁴⁾

Depois de tudo o que declarou, estas são palavras vãs, de que todos os reaccionários rirão a bandeiras despregadas. Gorbatchov completa esta ideia dizendo:

«É necessário submeter ao exame do órgão legislativo superior a questão da legalidade das organizações e dos movimentos políticos que encorajam o terror nacionalista».

Eis ao que se reduz a feroz exclamação de

«que ninguém tenha dúvidas quanto às intenções e às possibilidades...».

Este discurso mostra-nos um Gorbatchov enleado num impasse total. E a «profundidade» da sua análise deixa-nos a braços com numerosas interrogações sobre o futuro da União Soviética.

FRIEDMAN, AJUDE-NOS A RESTAURAR O CAPITALISMO

Depois de ter sublinhado os três maiores eixos da orientação política e ideológica, exporemos brevemente as concepções económicas avançadas actualmente pela maioria da direcção do PCUS.

Há cinco anos, Gorbatchov declarou categoricamente que as coisas deviam mudar neste domínio. Estagnação, inércia, taxa de crescimento em baixa, falta de alimentos, impossibilidade de responder às necessidades mais elementares, é preciso, dizia ele, lançar uma política económica nova. Após quatro anos, constata-se que nada mudou, salvo para pior!

Na revista editada pelo ministério dos Negócios Estrangeiros, pode-se ler que,

«com a crise actual na União Soviética, cada vez encaramos mais seriamente o alerta lançado por F. Hayek, o nosso principal oponente entre os conservadores monetaristas. Este pretende que mesmo a via pacífica social-democrata conduz de qualquer modo ao colectivismo total sócio-estatal, à economia planificada e directivista. É a via do monopolismo do estrangulamento do individualismo, da democracia e da liberdade».

E Larissa Piácheva, investigadora no Instituto do Movimento Operário (!) Internacional, neófita na ciência económica do capitalismo selvagem, termina o seu ensaio com uma condenação da economia mista. Afirma ela que, na União Soviética, há a necessidade das ideias de Milton Friedman e de Friederich Hayek, porque

«a economia mista onde a propriedade privada se amalgama com a propriedade do Estado, onde o mercado tem de coexistir com os preços planificados, não tem futuro». «Todos estes elementos do sistema de mercado, enxertados com

tanta dificuldade na grande árvore estatal, agonizarão inevitavelmente, até ao dia em que o mecanismo jurídico, os novos sistemas de propriedade e formas de poder substituirão os sistemas e formas existentes. Há uma saída: é a inteira liberalização da nossa vida económica e social, é dar uma boa formação aos nossos agricultores, aos nossos lavradores cooperativos, comerciantes, banqueiros, artesãos, a todos aqueles que formarão a classe dos futuros administradores e dirigentes do país - pessoas hábeis e diligentes».⁽⁶⁵⁾

É portanto a doutrina de Friedman que vai salvar o socialismo na União Soviética, depois de ter salvado o capitalismo periférico no Chile!

A LONGA MARCHA NA DIRECÇÃO DA EMPRESA PRIVADA

Desde há dois anos constatamos que Gorbatchov nada tem a dizer no domínio económico que seja inspirado pelo socialismo científico. Ele fala da Nova Política Económica de Lénine fora de qualquer contexto histórico para melhor rejeitar o conjunto da doutrina de Lénine sobre a economia e a política. As suas propostas práticas são cada vez mais nitidamente orientadas para a empresa privada e para o mercado. Um artigo na revista *Temps Nouveaux* contém esta pérola:

«Embora o país viva sem Stáline há quase 40 anos, continuamos a não poder libertar-nos definitivamente dos entraves do sistema stalinista, dos princípios feudais das

estruturas econômicas que ele fundou, ao passo que outros tiranos europeus do século XX levaram com eles para a tumba as instituições sociais que haviam criado, dando lugar à democracia na economia e na política. Porquê? Porque nem Hitler nem Franco tinham destruído a propriedade privada, sobre o fermento da qual, logo que a ditadura desapareceu, desabrochava uma sociedade florescente».⁽⁶⁶⁾

O maior crime de Stáline foi o de eliminar a propriedade privada. Eis porque ele é pior do que Hitler. É um discurso que Le Pen não repudiaria, nem os antigos combatentes da Frente Leste. E compreendemos melhor por que razão Stáline e Mao Tsé-Tung sublinharam a necessidade de manter a ditadura do proletariado contra os elementos politicamente degenerados, verdadeiros agentes da influência imperialista.

O director do Instituto Plekhánov, o senhor Vladímir Grochev, ainda por cima professor, diz que

«a propriedade privada [dos meios de produção] está presente no país sob a forma de economia da sombra, de certas cooperativas e empresas mistas. O capital privado sob a forma de centenas de milhares de milhões de rublos, de vários milhares de milhões de dólares, erra através da União Soviética».

Por muito professor que seja, ele tem na cabeça questões que não são de ordem puramente académica.

«Não será melhor achar um meio de reconhecer esta forma de propriedade privada colocando-a ao serviço da perestroika?»⁽⁶⁷⁾

Colocar o capitalismo selvagem existente ao serviço da *perestroika*? Mas não será antes a *perestroika* que se coloca inteiramente ao serviço do capitalismo selvagem? O mesmo professor conta que um congresso de homens de negócios soviéticos propôs que a propriedade privada dos meios de produção seja reconhecida no mesmo plano que a propriedade do Estado. A sua conclusão:

«Nós, os sábios, ajudá-los-emos a terem êxito.»⁽⁶⁸⁾

Bom exemplo da aliança entre os novos capitalistas e os intelectuais tecnocratas.

Uma outra professora, Margarita Maximova, doutorada em economia, afirma que

«é necessário desestatizar a propriedade» e «assegurar a igualdade, a concorrência e a competitividade de todas as formas de propriedade enquanto fundamento da liberdade económica dos cidadãos»; é preciso preparar «o estabelecimento de zonas de empresas livres».⁽⁶⁹⁾

Apelos às multinacionais, odes à liberdade de explorar como fundamento da liberdade económica. As únicas propostas concretas formuladas visam o regresso ao capitalismo pela tática gradual dos pequenos passos.

Há um ano, Gorbatchov nomeou Abálkine vice-primeiro-ministro responsável pela reforma económica. Este é apresentado no *Financial Times* como um homem que defende de maneira convincente «a desnacionalização da propriedade». A sua tese é a de que

«não há alternativa válida no mecanismo de mercado para coordenar as actividades e os interesses dos agentes económicos». «A diversidade das formas de propriedade, a sua igualdade e a sua competição são a condição fundamental da liberdade económica dos cidadãos que assegura a utilização óptima das suas capacidades», afirma o relatório apresentado por Abálkine em Novembro de 1989.⁽⁷⁰⁾

Isto demonstra que Gorbatchov se insere cada vez mais claramente na corrente da direita liberal.

O IMPERIALISMO QUE JÁ NÃO EXISTE...

Passemos ao capítulo da política externa soviética. Trataremos da nova concepção do imperialismo, das consequências que disso decorrem ao nível da política mundial, e da análise das subversões na Europa de Leste.

Vejamos o que afirma um conselheiro principal do ministro dos Negócios Estrangeiros:

«Uma atitude profundamente enraizada em nós (...) consiste em ver no Ocidente um saqueador descarado dos países em vias de desenvolvimento. É um erro». «Uma parte considerável dos países do Terceiro Mundo continua a pronunciar-se a favor

das palavras de ordem da “nova ordem económica”, esquecendo que uma política económica voluntarista é o mais das vezes a causa principal do estado catastrófico das suas economias. (...) Nós aprendemos, por nossa própria e amarga experiência, ao que leva a violência para com a economia.»⁽⁷¹⁾

Vá perguntar-se ao Zaire, ao Brasil e às Filipinas, por exemplo, como é doce viver onde não existe «*violência para com a economia*», onde as multinacionais e os latifundiários, a máfia do grande comércio, os negreiros do trabalho infantil gozam de todas as liberdades económicas... E onde eles mergulham as massas populares num inferno de violências de toda a espécie. O combate pela elevação dos preços das matérias-primas do Terceiro Mundo seria portanto, segundo este conselheiro económico em «comunismo», uma violência para as leis naturais da economia. Para marcar mais claramente a sua passagem para o campo da antiga ordem económica imperialista, ele acrescenta:

«Não seria possível instaurar uma nova ordem. É evidente que esta ideia pode bloquear a regulação dos problemas económicos mundiais e levar-nos a uma rivalidade política [com o Ocidente]».

A nova ordem económica, tal como é geralmente formulada, consiste na realização de reivindicações não pondo em causa os fundamentos do sistema imperialista. Os sociais-democratas foram os primeiros a compreender que se a situação do Terceiro Mundo continuar a degradar-se, haverá explosões revolucionárias um pouco por toda a parte. É preciso, por consequência, ser-se previdente, deixar cair algumas migalhas para salvar o essencial da

dominação imperialista! Mas eis que um conselheiro comunista ultrapassa Mitterrand e Brandt pela direita. A conclusão de Kolossovski é a seguinte: É preciso acabar com as afirmações de que

«o Terceiro Mundo é uma reserva do socialismo», porque tal posição «empurrar-nos-á para uma luta de classes em todos os azimutes na arena internacional. (...) O Terceiro Mundo não é uma arena para uma confrontação com o Ocidente. O Ocidente já não é o nosso adversário comum.»⁽⁷²⁾

VIVAM AS MULTINACIONAIS E O FMI!

Propõe-se aos meios progressistas dos países do Terceiro Mundo

«lutar, não contra o reforço das relações capitalistas enquanto tais, mas pelo capitalismo democrático, contra o reforço dos seus traços reaccionários»...

e em conclusão:

«As multinacionais poderiam criar condições favoráveis aos trabalhadores das suas empresas».⁽⁷³⁾

Nutridos com tal pensamento humanista e imbuídos de tais valores universais, podeis utilmente apresentar os vossos serviços à *Société Générale* ou à *Ford Company*!

Uma outra proposta: É preciso acabar com as críticas ao Fundo Monetário Internacional nas suas iniciativas no Terceiro Mundo, porque:

«Não ligados directamente aos interesses de tal ou tal grupo privilegiado nos países em vias de desenvolvimento, o FMI e o BIRD são muitas vezes mais consequentes do que os meios dirigentes locais, tanto no que respeita à análise das dificuldades económicas (...) como para a elaboração de medidas com vista a resolvê-las».⁽⁷⁴⁾

No entanto, não será necessário ser marxista para compreender que o FMI estrangula os países do Terceiro Mundo, isso é coisa reconhecida por todas as forças patrióticas!

Mas os novos filósofos soviéticos ignoram até as verdades mais simples.

E, como para mostrar bem que o revisionismo, uma vez desencadeado e sem freios, não pode evitar o ridículo e o grotesco, o mesmo doutor em ciências económicas e mestre de investigação formula uma proposta prática de envergadura estratégica:

«Foi dito também, sem ambiguidade, que a União Soviética reconhece os laços históricos Norte-Sul (...) e que convém sanear estas relações. É tempo de descobrir e, mais do que isso, de formar activamente zonas de interesses comuns no Leste e no Ocidente, no Sul».⁽⁷⁵⁾

Depois de se ter ouvido os aselhas académicos deste nível, compreende-se melhor Fidel Castro que, em 9 de Dezembro de

1989, exprimia o seu receio de ver certos países (ex)-socialistas inserir-se nas redes da economia imperialista para explorar Cuba e a América Latina.

OS DESERDADOS DO MUNDO: POTENCIAIS TERRORISTAS...

Vejamos o que resulta, no domínio da luta política anti-imperialista, destas considerações gerais.

Um autor aborda o tema: «*Terceiro Mundo: zonas de risco*». Os riscos não provêm absolutamente em nada da opressão bárbara do imperialismo, da política de genocídio permanente contra milhões de pessoas, não, os riscos provêm essencialmente dos revolucionários.

«O Terceiro Mundo é a fonte de um outro mal do nosso tempo: o terrorismo (...) Há um ramo que desestabiliza particularmente a situação internacional, que conduz a acções conscientes contra os cidadãos dos países desenvolvidos, em primeiro lugar, ocidentais.»⁽⁷⁶⁾

É a linguagem de um racista branco e de um contra-revolucionário. Destaca a liquidação de alguns brancos por um ou outro movimento fanático, e não diz palavra sobre as centenas de milhares de mortos em consequência do terrorismo de Estado praticado por Israel, Taiwan, Estados Unidos e África do Sul. O terrorismo, senhor Kossolovski, o verdadeiro terrorismo é o imperialismo; aquele que tanto o excita é quando muito a

expressão do desespero de seres humanos constantemente espezinhados, esmagados, despedaçados. O senhor, que se baba diante de séculos de civilização europeia, olhe para uma das suas últimas proezas:

«Desde 1976, a Renamo, criou em Moçambique um dos maiores desastres do mundo moderno. Segundo um relatório das Nações Unidas, publicado em Outubro de 1989, 900 mil pessoas foram mortas em condições horrorosas. Civis vítimas de tiros, assassinatos a catana ou a machado, incêndios de cubatas, afogamentos forçados ou asfixia.»⁽⁷⁷⁾

Num outro texto de análise política, o autor Viktor Chéinis, vai ainda mais longe na mesma direcção: ele liga directamente os movimentos das classes mais oprimidas do Terceiro Mundo às noções de terrorismo, ditadura cruel e violência sangrenta. Lembremos que, aquando da ocupação do Afeganistão, certos ideólogos expuseram a «teoria» do golpe de Estado militar revolucionário, abrindo o caminho à revolução propriamente dita, sustentando que os camponeses eram demasiado atrasados para constituir uma base para a revolução. Hoje, alguns desenvolveram criativamente essa asneira: se os camponeses se mobilizam, tal não pode levar senão ao terrorismo e à violência destruidora.

«Há um ponto de vista, fundado numa tradição científica e ideológica de longa data, segundo o qual (...) o objectivo central das forças progressistas seria activar a luta das camadas oprimidas, deserdadas das sociedades em vias de desenvolvimento e as formas mais extremas de uma tal luta seriam as mais eficazes. (...) Seria muito perigoso apoiar um

qualquer movimento da “base”, sobretudo aquele que leva a uma escalada de violência. (...) O carácter conflitual da evolução interna põe em causa a unidade nacional (...). As forças em oposição, cada uma defendendo os seus próprios interesses, são periodicamente tentadas a apelar às camadas tradicionalistas e marginais da população, a colocar em acção reservas de apoio e de pressão que facilmente escapam a qualquer controlo (...), fornecem terroristas, levam a violências sangrentas, a pogroms, e provocam a instauração de ditaduras mais ou menos cruéis».⁽⁷⁸⁾

Esta é uma posição francamente reaccionária. Chéinis não vê terrorismo nem ditaduras sangrentas no Peru, na Guatemala, nas Filipinas.

«O imperialismo», diz, «não é uma característica dominante do capitalismo neste final do século XX.»⁽⁷⁹⁾

O problema essencial para o Terceiro Mundo é o de se empenhar no *«processo de modernização»* e, deste ponto de vista, a contribuição do capitalismo é positiva. Aqueles que mobilizam a base, as massas tradicionalistas, os deserdados e os oprimidos, põem em perigo a unidade nacional e, por consequência, o processo de modernização. Estas massas atrasadas, uma vez levantadas, correm o risco de instaurar o seu poder que será, contrariamente ao regime neocolonial modernizador, uma ditadura cruel. A União Soviética deveria portanto, segundo o senhor Victor Chéinis, doutor em ciências económicas, ficar do lado da ordem neocolonial, contra os

«possuídos» e os «*elementos irresponsáveis e amorais*» que pregam as velhas concepções da «*violência justa*».⁽⁸⁰⁾ «*Não seria sem dúvida razoável ver na sangrenta epopeia dos Khmers Vermelhos um episódio isolado e único na história de um pequeno país atrasado, tal como seria errado subestimar o perigo das sevícias como as que são perpetradas pela organização peruana Sendero Luminoso (...). Kampuchea, Peru, quem pode afirmar que esta espécie de “revolucionários” não ameaçaria a sociedade noutros países em vias de desenvolvimento? Digo bem: uma ameaça para a sociedade inteira, que eclipsa o número de disputas e desacordos políticos.*»⁽⁸¹⁾

O contra-revolucionário Chéinis faz de conta que não sabe que os bombardeamentos americanos sobre o Kampuchea causaram a morte de 600 mil camponeses, que a fome criada pelas tropas americanas em fuga do Kampuchea provocou a morte de um milhão de kampucheanos, e isto segundo documentos oficiais. Na América Latina, vários movimentos de guerrilha, bem implantados numa população camponesa que os apoiava, foram mesmo assim esmagados pela violência contra-revolucionária; foi o caso da Colômbia, tal como o da Guatemala. Que o *Sendero Luminoso* conseguisse não apenas manter-se, mas também alargar a guerrilha a grande parte do território, prova que esta organização tem capacidades revolucionárias reais, seja qual for a opinião que se possa ter sobre algumas das suas táticas e métodos. Mas Chéinis fala deste movimento revolucionário de massas índias e camponesas como o faria um perito americano em contra-insurreição. Quando as massas populares, oprimidas durante

séculos, aterrorizadas pelas matanças em massa, se levantam, mesmo a organização mais disciplinada não pode evitar acções de vingança e erros. Todo o revolucionário sabe que estes fenómenos são inevitáveis em qualquer movimento de libertação popular. Tomar isso como pretexto para preferir o terror e o genocídio permanente sob a dominação imperialista é passar para o campo da reacção.

CIA E KGB DE MÃOS DADAS CONTRA A REVOLUÇÃO?

Na realidade, o que se anuncia nestas declarações, é o direito de ingerência, o direito de decidir quais são os revolucionários bastante bons, civilizados, educados e mansos para merecer a consideração da União Soviética e dos seus aliados ocidentais, e quais são os revolucionários bárbaros e sangrentos que americanos, ingleses, israelitas e outros civilizados podem abater como coelhos para salvar a «*sociedade inteira*».

Em Janeiro de 1990, a *Temps Nouveaux* dá a palavra ao chefe do regime de *apartheid*, F. De Klerk... para dizer o quê? Eis a sua mensagem ao povo e aos comunistas soviéticos:

«*Nunca defendi o apartheid. Nós lutamos apenas contra os movimentos que se dedicam a actividades terroristas.*»⁽⁸²⁾

Pik Botha foi à Hungria (agora em regime de liberdade e de democracia!) a fim de aí negociar um contingente de mão-de-obra

de especialistas e de quadros de direcção para a África do Sul. Aproveitou para declarar triunfalmente a propósito do ANC:

«Que tenha em atenção que os seus camaradas irmãos da Europa de Leste viraram as costas à sua ideologia e ao seu sistema político. Que é tempo de o ANC compreender que aquilo que gostaria de estabelecer na África do Sul, acaba de morrer na Europa de Leste e está a morrer na União Soviética.»⁽⁸³⁾

Nisto ele tem alguma razão! Este exemplo permite compreender quais as repercussões do que se passa a Leste sobre os povos que sofrem desde há séculos. As primeiras vítimas desta demagogia a propósito da democracia e da liberdade instauradas a Leste serão os povos do Terceiro Mundo que lutam pela sua libertação. Ao lado dos próprios trabalhadores dos países de Leste, que acordarão bem depressa das suas ilusões.

Em conclusão, podemos dizer que os revolucionários do Terceiro Mundo devem tomar consciência de um perigo que os ameaça, o das acções concertadas entre a superpotência americana e uma União Soviética que se lhe submete. Esta perspectiva tornar-se-á realidade se as concepções mencionadas sobre o terrorismo, as massas deserddadas «sanguinárias», os *Khmers Vermelhos* e o *Sendero Luminoso* se impuserem definitivamente na direcção do país. Aliás, o próprio chefe do *KGB* evoca a possibilidade de acções conjuntas *CIA—KGB* no domínio do terrorismo (Médio Oriente, Irão), da luta contra a droga (América Latina) e nos pontos quentes do planeta África Austral, América Central, Indochina). Eis as respostas de Vladímir Kriutchkov,

presidente do Comité de Segurança de Estado da URSS, a um jornalista:

«Em 1990 o KGB projecta estender os seus contactos com os serviços secretos de diferentes países, nomeadamente com a CIA. Trata-se antes de tudo de travar o terrorismo, o tráfico de droga, o contrabando. Por exemplo, estando a URSS e os Estados Unidos mutuamente interessados em fazer baixar a tensão nos “pontos quentes” do planeta, o KGB e a CIA poderiam trocar informações secretas a fim de que os governos dos dois países elaborem e efectuem acções comuns.»⁽⁸⁴⁾

GOLPES DE ESTADO A LESTE, ORQUESTRADOS PELA URSS

Logo à sua chegada ao poder, Gorbatchov declarou querer renovar o socialismo e regressar ao espírito revolucionário de Lénine. O que se passa a Leste e nos partidos comunistas destes países mostra claramente que estas declarações eram vãs e que as repercussões da pretensa «nova mentalidade» são ainda mais catastróficas para o socialismo na Europa de Leste do que na União Soviética.

Informações cada vez mais numerosas tendem a mostrar que, apesar das declarações de não ingerência nos países de Leste, a União Soviética intrometeu-se largamente nos seus assuntos. Isto é claro na Alemanha de Leste, onde o próprio Gorbatchov «sugeriu» vincadamente as mudanças a introduzir na direcção do

partido. Efectivamente, sabemos agora que a intervenção directa dos soviéticos abalou a direcção e empurrou o SED⁽⁸⁵⁾ para a deriva. Uma jornalista bem introduzida nos corredores do poder, Marina Pavlova-Silvanskaia, escreve:

«É significativo que após as sevícias contra os manifestantes, E. Honecker e M. Jakes estavam prontos a continuar a defender os seus regimes. Saberemos mais tarde certamente como foi evitado um desenvolvimento trágico dos acontecimentos na RDA. Contentemo-nos, por agora, a confiar nas declarações de W. Brandt afirmando que os militares soviéticos estavam metidos na coisa».⁽⁸⁶⁾

As autoridades da RDA tinham perfeitamente o direito de decidir reprimir manifestações que tomavam um carácter anti-socialista. Mas os hegemónistas soviéticos continuavam a ditar o que os outros deviam fazer. Quanto a «evitar a tragédia», a reunificação alemã e o revanchismo alemão, a partir de uma posição dominante na Europa, serão bem cedo uma catástrofe de uma outra amplitude, não apenas para os trabalhadores da ex-RDA, mas para a Europa inteira.

A direcção do partido búlgaro, inicialmente favorável às acções de Gorbatchov, distanciou-se depois e declarou que jornais como o *Nouvelles de Moscou*, a revista *Ogoniok* e outros se haviam tornado os porta-vozes das correntes anti-socialistas.⁽⁸⁷⁾ Hoje pode ler-se na imprensa soviética apreciações que mostram que o antigo reflexo hegemónico sobre os países de Leste não desapareceu completamente. Por exemplo, o *Nouvelles de Moscou* escreve:

«A natureza bestial do governo búlgaro era conhecida e deixava presumir que um banho de sangue não o travaria para manter o poder».⁽⁸⁸⁾

E explicava com aprovação aquilo que é pura e simplesmente uma conjura e um golpe de Estado. Mas ouçam. Primeiro, o jornal declara que Jívkov queria

«punir severamente todos os contestatários». Depois, os partidários «das reformas radicais no Estado e no partido (...) decidiram agir. Ao princípio eram pouco numerosos: Djurov, Mladenov, Atanassov, Lukanov, Stanichev. Puseram-se de acordo? Sim, e estando as suas vidas em jogo, escolheram os membros do CC em que podiam fiar-se nessa matéria. (...) O general Djurov, assim como Stanichev e lotov foram encarregados de anunciar pessoalmente a Jívkov que este devia deixar o seu cargo. (...) Estavam prontos a recorrer a meios excepcionais? É possível, a julgar pelos resultados.»⁽⁸⁹⁾

Esta conspiração de um punhado de dirigentes, apoiando-se essencialmente no exército, implicou necessariamente uma participação activa da União Soviética desde o princípio.

CONSTRUIR O SOCIALISMO COM O

SOLIDARNOSC?

Após a chegada ao poder do *Solidarnosc* na Polónia e dos seus parceiros na Hungria, era claro para qualquer comunista que importantes lutas de classes se produziriam nos outros países de Leste em torno da questão: tomada do poder por uma direita ao

estilo do *Solidarnosc* ou rectificação do poder socialista numa base autenticamente marxista-leninista. Ora, a equipa de Gorbatchov encorajou manifestamente o derrube dos dirigentes comunistas que, de um modo ou de outro, pretendiam manter certos princípios leninistas, em benefício de dirigentes de tendência social-democrata e pró-capitalista. Ambartsúmov saúda a subversão a Leste como

«uma autêntica revolução. Não contra o socialismo, (...) mas contra o stalinismo e o brejnevismo. (...) Assim que a actual irrupção de paixões passar, as organizações e as correntes e tendências social-democratas começarão a marcar pontos.»⁽⁹⁰⁾

Trata-se portanto de uma «revolução» contra os princípios de base sobre os quais a União Soviética foi fundada, em proveito das concepções «sociais-democratas» do mundo imperialista. O restabelecimento do capitalismo selvagem é glorificado por autores soviéticos em termos idênticos aos utilizados pelos representantes das multinacionais europeias.

«Os povos da Europa oriental parecem proteger agora os mesmos valores que a nossa perestroika: liberdade, democracia, glasnost, honestidade. (...) Em resumo, o socialismo democrático de face humana.»⁽⁹¹⁾

A direita soviética impulsionou deliberadamente os processos de restauração do capitalismo na Europa de Leste para aí achar uma base de apoio para a luta, muito mais decisiva e árdua, com vista à sua restauração na própria União Soviética.

«Felicitemo-nos pelo facto de que a revolução actual tenha tirado o tapete debaixo dos pés dos organizadores de um pacto anti-perestroika à escala internacional. (...) Agora, Berlim, Sófia e Praga foram perdidas para esse pacto. Ele está condenado nas suas últimas trincheiras.»⁽⁹²⁾

A última frase indica claramente a vontade da direita soviética de encorajar os movimentos anti-socialistas, ditos anti-stalinistas e antidogmáticos, na Roménia, em Cuba, na Coreia do Norte, na Albânia, no Vietname e na China.

A REVOLUÇÃO DE QUEM CONTRA O QUÊ?

Nos anos 20, 30 e 40, o Partido Comunista da União Soviética deu uma contribuição de imenso significado histórico à causa do socialismo e da libertação nacional. Num país em ruínas, os comunistas erigiram a ditadura da classe operária, dos camponeses pobres e médios, dos trabalhadores contra as antigas classes exploradoras, mobilizaram as camadas oprimidas há séculos para a edificação do poder socialista, industrializaram o país a uma velocidade incrível, colectivizaram a agricultura e tornaram assim impossível a evolução capitalista espontânea no sentido da ditadura dos kulaques, camponeses ricos, conseguiram uma grande revolução cultural levando o ensino científico aos lugares mais remotos, dirigiram a grande guerra antifascista e destruíram o essencial das forças nazis. Stáline foi um grande dirigente comunista e, sob a sua direcção, o Partido Comunista levou a cabo tarefas essenciais que a história lhe impunha. A seguir a Nikita Khruchov, oportunistas de todos os matizes pretenderam que desejavam corrigir os erros de Stáline. Ora, longe de corrigir os

erros, bem reais e muitas vezes inevitáveis na época, atacaram as próprias bases da concepção leninista defendidas por Stáline.

A seguir a Nikita Khruchov, sistematicamente, passo a passo, segundo ritmos táticos bem calculados, estes oportunistas puseram em causa todas as teses marxistas-leninistas, retomando cada vez mais abertamente as concepções elaboradas pelos ideólogos da burguesia ocidental, que foram apresentadas como adaptações criativas do marxismo à realidade presente, recuperações do humanismo socialista, aprofundamentos do socialismo que lhes dariam uma face humana. Como se os pobres e os oprimidos não tivessem uma face humana e só os burgueses, os banqueiros, os profetas da civilização ocidental possuíssem a face humana, da qual o socialismo, numa versão Mitterrand, tem necessidade. Os partidos comunistas da Europa de Leste seguem desde há 30 anos, no essencial, as concepções de Nikita Khruchov, já não têm praticamente nada em comum com as concepções revolucionárias em vigor sob Stáline. Ora, a palavra stalinismo é usada para indicar todas as teses e todos os valores do socialismo e é sob a bandeira da luta antistalinista que se travam os combates para eliminar o socialismo até aos últimos vestígios.

Ouçamos o politólogo Evgueni Ambartsumov:

«As forças de reestruturação na URSS estão interessadas na derrocada definitiva do stalinismo, seja qual for o preço desta revolução. Uma revolução, com efeito, porque não se trata de melhorar o socialismo mas de o transformar na base. (...) O carácter revolucionário da actual reviravolta reside igualmente na renúncia ao objectivo quanto à sua essência: a

edificação de uma sociedade ideal. [Trata-se de uma] renovação interrompida pela contra-revolução totalitária stalinista. »⁽⁹³⁾

Oleg Bogomolov, deputado e colaborador de Gorbatchov, e Marina Pavlova-Silvanskaia aprofundam estas reflexões. Diz a última:

«Uma reviravolta radical na política económica exige precisamente aos partidos comunistas o abandono das suas raízes ideológicas teóricas e sociais de classe».

E Bogomolov aprova:

«Por contraditório que seja este movimento, é um passo no desenvolvimento da civilização e nos esforços para reparar os erros que fizeram sofrer milhões de pessoas».⁽⁹⁴⁾

Bogomolov, economista, académico, deputado-confidente de Gorbatchov, não deixa dúvidas quanto à sua orientação política e económica.

«A perestroika na URSS e as reformas na Polónia e na Hungria (...) possuem grande número de traços comuns. (...) É necessário dismantelar de uma vez por todas o modelo stalinista.»

E o economista propõe

«a organização da economia de mercado com a manutenção do controlo social e a protecção dos fracos contra as adversidades»!⁽⁹⁵⁾

A GLASNOST E AS MENTIRAS ROMENAS

Acrescentemos uma palavra sobre o papel desempenhado pela direita soviética aquando do derrubamento do Partido Comunista Romeno. Em nenhuma outra ocasião foi tão claro que a *glasnost* entrega os *media* soviéticos à reacção. Todas as mentiras da CIA, distribuídas cegamente pela imprensa imperialista, foram reproduzidas com avidez pela imprensa soviética. Aqui vão algumas pérolas.

«Combatentes da liberdade foram esmagados, abatidos, mortos ou espancados até à morte — 70 mil caíram, um em cada 300 habitantes...»⁽⁹⁶⁾

Um outro jornal muito *glasnost*:

«70 mil vidas levadas só na primeira semana da revolução».⁽⁹⁷⁾

Ceausescu era

«um tirano louco, de poder ilimitado», «na Roménia, o povo sofria uma tirania mais stalinista que brejneviana, uma estrutura totalitária mais ávida de sangue do que apática».⁽⁹⁸⁾

«Em Timisoara mostraram-me fotografias de valas comuns abertas por exigência do povo. Os corpos dos mortos encontravam-se em poses anormais: à pressa, enterravam os feridos com os mortos.»⁽⁹⁹⁾

Claro, estes defensores do humanismo e dos valores universais aplaudiram o assassinato de Ceausescu.

«O país teria perdido muito mais vidas se estes dois se houvessem mantido por mais tempo. Para os terroristas fanáticos romenos e árabes, formados desde a infância em campos especiais, Ceausescu vivo teria sido uma bandeira pela qual eles se bateriam até à morte.»⁽¹⁰⁰⁾

Todas estas mentiras de tipo fascista se enquadram perfeitamente na política soviética oficial, expressa por Chevardnádze:

«A revolução romena, que é de importância mundial, é perfeitamente compatível com a nossa, a que chamamos de perestroika. [A União Soviética] opõe-se a todas as ditaduras, sejam comunistas, ditas comunistas ou burguesas.»⁽¹⁰¹⁾

É extremamente curioso ouvir sublinhar «a importância mundial» da contra-revolução romena: quem é visado: A China? Cuba? A Coreia do Norte?

Mencionemos para concluir que Ligatchov, que representa a esquerda no actual *Bureau* Político, tomou algumas distâncias em relação à euforia liberal que acabamos de evocar. Disse ele que

«na Europa de Leste, assistimos também a acontecimentos ligados à restauração do capitalismo e à decomposição de partidos fundados sobre os princípios comunistas (...). Alguns afirmam que a sociedade evolui no sentido do chamado

“capitalismo democrático”, mas eu não compreendo esse termo.»⁽¹⁰²⁾

EM DIRECÇÃO À DESAGREGAÇÃO

Por tudo o que vimos, podemos concluir que várias forças políticas e económicas se orientam para a desagregação da União Soviética. O processo já está muito avançado e não vemos como poderá ser travado.

No seio do PCUS, duas correntes situam-se nos antípodas uma da outra. A primeira toma a direcção do capitalismo selvagem no estilo húngaro ou polaco. É representada por Sákharov e Élt sine, quer dizer, por um anticomunista de longa data e por um antigo membro do *Bureau* Político. O seu programa é essencialmente o mercado livre e a empresa privada, com existência legal de partidos burgueses e reaccionários, quer dizer, do multipartidarismo. Tudo isso se encontra no projecto de Constituição, o último texto de Sákharov. Na nova Constituição, Sákharov e Élt sine esperam inscrever:

«A longo prazo, a União [Soviética] aspira a uma aproximação mútua pluralista, à convergência dos sistemas socialista e capitalista».⁽¹⁰³⁾

Esta tendência política que defende a liberalização quase total do país, agrupa cerca de 400 pessoas no Soviete Supremo, na maior parte também dirigentes do partido. Recordemos aqui que o grupo trotskista de Mandel apoia, há anos, a fracção Sákharov—Élt sine, a que chama de «esquerda radical».

A corrente oposta, muito minoritária, pronuncia-se pelo restabelecimento dos princípios marxistas-leninistas. É chamada pela burguesia, tanto europeia como soviética, de tendência conservadora, dogmática, stalinista. Zaslavski, um membro do grupo de Élt sine, fala, por exemplo,

«das pessoas que se inspiram, desde há muitos anos, na ideologia do totalitarismo e que acreditam nela sinceramente. Eles são particularmente numerosos entre as pessoas de idade avançada».

É claro que *«esta gente de idade avançada»*, que lutou nos anos 20, 30, 40 e 50, sob a direcção de Stáline, pela construção do socialismo, que sofreu para defender o partido e o país contra os nazis, tem ideias revolucionárias profundamente enraizadas no coração.

Entre estes pólos extremos há variadas posições. A terceira corrente, taxada também de «conservadora» no Ocidente, é favorável ao restabelecimento do brejnevismo. Alguns são de opinião de que, sob Bréjnev, havia pelo menos ordem, que as coisas eram previsíveis, que nessa época podia-se comandar sem ter de lutar e convencer politicamente e que toda a gente tinha comida suficiente.

Uma quarta corrente, se se pode chamar assim ao conjunto de pessoas cujo imobilismo é o traço dominante, é a dos burocratas, prontos a seguir o poder, qualquer que ele seja. É o bloco amorfo dos «estou-me nas tintas».

Gorbatchov dirige a primeira tendência, hoje majoritária, já que se alia tanto com os brejnevianos como com os amorfos. Visa a evolução lenta, progressiva mas sistemática, para a restauração capitalista. Muito popular no Ocidente, Gorbatchov e a sua *perestroika* defrontam uma aversão crescente na União Soviética. Gorbatchov, encostado à parede, procura cada vez mais apoios, tanto políticos como económicos, do lado do mundo imperialista. Em troca, deixa os ocidentais fazer praticamente tudo o que querem na União Soviética — financiar organizações anti-socialistas, criar rádios «livres», enviar contentores cheios de bíblias e despachar peritos para erguer partidos pró-ocidentais.

EM DIRECÇÃO ÀS CRISES QUE IRÃO ABALAR

O CONTINENTE EUROPEU

A via que o Partido Comunista tomará nos próximos cinco anos será portanto, provavelmente, a das lutas internas encarniçadas e a da desagregação sobre um pano de fundo de guerras civis locais. O que não pode deixar de levar à paralisia da política internacional da União Soviética. A sua repercussão sobre a situação na Europa de Leste poderá tornar-se grave.

Os partidos comunistas da Europa de Leste foram varridos. Já não têm senão um papel marginal na vida política. Ao contrário, os antigos partidos de direita e fascistas retomam força com o apoio do Ocidente. A crise económica aprofunda-se. O restabelecimento do capitalismo e a intervenção das multinacionais arrastarão um descontentamento generalizado cujos sinais precursores já se manifestam. A única saída para as classes dirigentes será a

utilização dos remédios tradicionais, que consistem em arrastar as massas para o nacionalismo, o chauvinismo e a ideologia de extrema-direita. A consequência será o confronto entre as nacionalidades a Leste.

Entretanto, nos próximos cinco anos, nada mais poderá fazer parar a reunificação das duas Alemanhas. A Alemanha de Leste dispõe de poucos trunfos para resistir a uma Alemanha Ocidental, terceira potência imperialista do mundo. O PC da Alemanha de Leste está em crise, dividido e paralisado, e portanto sem meios. A reunificação fará da Alemanha, que domina já o Mercado Comum, também a potência hegemónica em toda a Europa de Leste. O Leste foi tradicionalmente o domínio reservado da Alemanha imperialista que, hoje, ultrapassa largamente a França, a Itália e a Inglaterra no plano da penetração económica e financeira na Checoslováquia, na Jugoslávia, na Polónia e na Hungria. Actualmente fala-se muito da aceleração da unificação política da Europa e da dimensão militar que esta deve ter. Uma Europa Ocidental, munida de meios militares consideráveis, sob a direcção da Alemanha Ocidental, será fortemente tentada a intervir nas situações caóticas que não deixarão de surgir na Europa de Leste. A questão das fronteiras entre a Polónia e a Alemanha, a existência de minorias alemãs na Hungria, Polónia e Roménia, os conflitos nacionalistas possíveis um pouco por toda a parte, serão outros tantos pretextos e ocasiões para a Europa e a Alemanha, em nome do dever de ingerência, da protecção dos direitos humanos e da «democracia», de se imiscuir militarmente nos assuntos da Europa de Leste.

A CRISE FINAL DO REVISIONISMO

Do período de Nikita Khruchov ao de Gorbatchov, passando pelo de Bréjnev, foi o revisionismo que conduziu à crise do socialismo. O debate foi lançado há 35 anos, com a chegada ao poder de Nikita Khruchov e o enunciado das suas teses: o imperialismo perdeu a sua agressividade, tornou-se numa força de paz com a qual se pode colaborar em todos os domínios; já não há luta de classes nos países socialistas posto que o socialismo triunfou definitivamente; o Partido Comunista, tornado em partido de todo o povo, já não tem a missão de manter a ditadura do proletariado.

Hoje assistimos ao fim lamentável desta corrente demagógica que invectivou durante três décadas contra o stalinismo, a ditadura, o dogmatismo, a ortodoxia, o sectarismo e o pensamento rígido, e que apresentou as suas ideias, roubadas aos sociais-democratas, como a renovação, o regresso a Lénine, o pensamento criador, o socialismo de face humana. O revisionismo, que induziu em erro e influenciou tantos homens de esquerda, percorreu todo um ciclo de maturação para acabar na restauração do capitalismo e na integração no mundo imperialista. Por tudo isto, muitas ilusões voaram em estilhaços. Mas será necessário aprofundar as raízes da degenerescência.

À luz dos acontecimentos actuais pode-se afirmar que, manifestamente, o imperialismo é uma força bem mais resistente, dinâmica e agressiva do que numerosas correntes oportunistas no movimento operário acreditavam sê-lo desde há 30 ou 40 anos. O imperialismo não é democrático nem pacífico, não respeita nem a

independência nem os princípios da coexistência pacífica; o imperialismo ocupa-se da arte, da cultura, do turismo, vende produtos, faz cooperação técnica, empresta dinheiro e através de tudo isso realiza a estratégia de dominação económica, militar e política na cena mundial. No debate dos problemas do comunismo, um ponto essencial é a percepção da natureza do imperialismo e das suas capacidades de expansão, infiltração e agressão.

Os países socialistas não podem abordar correctamente as lutas sociais complexas que percorrem a sociedade se não discernirem o essencial: a natureza do partido como vanguarda dos operários e dos trabalhadores; a concepção do partido como partido de luta de classes, de luta pela produção e pela revolução científica e técnica: o estilo do trabalho do partido, como partido ligado às massas, praticando um estilo de vida simples, assíduo no trabalho, impiedoso contra a corrupção e os privilégios.

Só um tal partido pode resolver o problema fundamental do socialismo: manter a ditadura do povo trabalhador contra os antigos exploradores e agentes do imperialismo, desenvolvendo ao mesmo tempo a democracia socialista, indispensável para o reforço da base política da nova sociedade. O partido e as massas devem compreender o carácter prolongado da luta de classes nos domínios político, ideológico e económico. É impossível manter o socialismo e desenvolvê-lo correctamente se se abrandar a vigilância na luta incessante contra todas as forças hostis.

Notas de rodapé:

(1) *Temps Nouveaux*, n.º 40, 1989, p. 7. (.)

(2) *Agence de Presse Novosti, Bulletin*, 5 de Dezembro de 1989, p. 3. (.)

(3) *Financial Times*, 20 de Novembro de 1989, «The battle Lines are drawn». (.)

(4) Khrouchtchev, *Programme XXIIe Congrès*, p. 585. (.)

(5) Idem, ibidem, p. 77. (.)

(6) Idem, ibidem, p. 211. (.)

(7) Khrouchtchev, *XXe Congrès*, p. 47. (.)

(8) Idem, ibidem, p. 36. (.)

(9) Brejnev, *Rapport au XXIVe congrès du PCUS*, éd. Agence Novosti, Moscovo, 1971, pp. 129, 132 e 136. (.)

(10) Idem, ibidem. (.)

(11) Brejnev, *Rapport au XXIIIe congrès du PCUS*, Moscovo, éd. Novosti, 1966, pp. 127 e 151. (.)

(12) Brejnev, *Rapport au XXVe congrès du PCUS*, Moscovo, éd. Agence Novosti, p. 96. (.)

(13) Medvedev Jaurès, *Andropov au pouvoir*, Paris, Flammarion, 1983, p. 7. (.)

- (14) Idem, ibidem, pp. 226-227. (.)
- (15) Idem, ibidem, p. 104. (.)
- (16) Idem, ibidem, p.110. (.)
- (17) Brejnev, *Rapport XXVe congrès*, pp. 110 e 118. (.)
- (18) Brejnev, *Rapport XXIIIe congrès*, p. 174. (.)
- (19) Brejnev, *Rapport XXIVe congrès*, p. 24. (.)
- (20) Brejnev, *Rapport XXIIIe congrès*, p. 8. (.)
- (21) Idem, ibidem, pp. 22-23. (.)
- (22) Idem, ibidem, p.4. (.)
- (23) Brejnev, *Rapport XXVe congrès*, pp. 22, 24 e 30. (.)
- (24) Idem, ibidem. (.)
- (25) Brejnev, *Rapport XXIVe congrès*, p. 144. (.)
- (26) Brejnev, *Rapport au XXVle congrès du PCUS*, Moscovo, éd. Agence Novosti, 1981, p. 41. (.)
- (27) A tese de que a economia civil estava minada pelo sobredimensionamento do sector militar é hoje questionada por vários autores que estudaram os problemas da economia soviética. Ver, por exemplo, Roger Keeran e Thomas Kenny, *O Socialismo Traído, Por trás do Colapso da União Soviética*, ed. Avante!, Lisboa, 2008. (N. Ed.) (.)

- (28) Medvedev, op. cit., p. 189. (.)
- (29) Brejnev, *Rapport XXIVe congrès*, p. 35. (.)
- (30) Idem, ibidem, pp. 21-22. (.)
- (31) Brejnev, *Rapport XXIIIe congrès*, p. 5. (.)
- (32) Brejnev, *Rapport XXIVe congrès*, pp. 183 e 157. (.)
- (33) Brejnev, *Rapport XXVe congrès*, pp. 37-38. (.)
- (34) Idem, ibidem, p. 15. (.)
- (35) Brejnev, *Rapport XXVIe congrès*, p. 127. (.)
- (36) Idem, ibidem, p. 22. (.)
- (37) Idem, ibidem, p. 69. (.)
- (38) Idem, ibidem, p. 81. (.)
- (39) Idem, ibidem, p. 21. (.)
- (40) Idem, ibidem, p. 95. (.)
- (41) *Nouvelles de Moscou*, n.º 3, 1988, p. 4. (.)
- (42) Ibidem. (.)
- (43) *Nouvelles de Moscou*, n.º 18, 1988, p. 11. (.)
- (44) *Nouvelles de Moscou*, n.º 51, 17 de Dezembro de 1989, p. 13.
[Kolima é uma vasta região no longínquo Nordeste da Sibéria.]

Importante centro de extracção mineira, foram aí instalados, nos anos 30, campos de trabalho para reclusos. Por isso, a propaganda anticomunista associa infamemente esta região aos tenebrosos fornos crematórios nazis que funcionaram em Auschwitz, na Polónia, durante a II Guerra. (N. Ed.)] (.)

(45) *Nouvelles de Moscou*, Alexandre Vassinski, n.º 45, 5 de Novembro de 1989, p. 3. (.)

(46) *Temps Nouveaux*, Léonid Lonine, n.º 42, 1989, p. 35. (.)

(47) *Vie Internationale*, Junho de 1989, pp. 8 e 12. (.)

(48) Idem, ibidem. (.)

(49) *Vie Internationale*, A. Kolossovski, conselheiro do vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Agosto de 1989, pp. 43-44-45. (.)

(50) *Nouvelles de Moscou*, n.º 45, 5 de Novembro de 1989, p. 12. (.)

(51) *Nouvelles de Moscou*, n.º 46, 12 de Novembro de 1990, pp. 8-9, artigo intitulado «Octobre 17». (.)

(52) *Vie Internationale*, Julho de 1989, p. 37. (.)

(53) Gorbatchev, «La perestroika, le parti, le socialisme», 28 de Setembro de 1989, *Pravda*, 30 de Setembro de 1989. (.)

(54) Discurso de Gorbatchov no Plenário do CC de 12 de Julho de 1989, *Pravda*, 14 de Julho de 1989. Discurso de Gorbatchov no II Congresso dos Deputados do Povo, *Pravda*, 25 de Dezembro de 1989. (.)

(55) Idem, ibidem. (.)

(56) *Temps Nouveaux*, n.º 52, 1989, p. 36. (.)

(57) *Nouvelles de Moscou*, Raouchenbakh, n.º 1, 7 de Janeiro de 1990, p. 7 (.)

(58) Ein frohes Fest Deutschland, CAUSA Deutschland, postfach 1320, 5303 Bornheim 1, Dezembro de 1989 p. 25 e 20. (.)

(59) *Daily Review*, 15 de Setembro de 1989, pp. 5-7. (.)

(60) *Temps Nouveaux*, n.º 42, 1989, p. 25. (.)

(61) Gorbatchev, discurso no CC, em 25 de Dezembro de 1989. (.)

(62) Idem, ibidem. (.)

(63) Idem, ibidem. (.)

(64) Idem, ibidem. (.)

(65) *Vie Internationale*, Maio de 1989, pp. 104 e 110. (.)

(66) *Temps Nouveaux*, n.º 47, 1989, p. 34. (.)

(67) *Bulletin Agence Novosti*, 24 de Outubro de 1989, p. 1-2. (.)

(68) Idem, ibidem. (.)

(69) *Bulletin Novosti*, 12 de Dezembro de 1989, pp. 4-5 (.)

(70) *The Financial Times*, 20 de Novembro de 1989. (.)

- (71) *Vie Internationale*, Agosto de 1989, pp. 48-49, 52. (.)
- (72) Idem, ibidem. (.)
- (73) *Vie Internationale*, Março de 1989, p. 67. (.)
- (74) *Sciences Sociales*, Academia das Ciências da URSS, n.º 3, 1989, Viktor Chéinis, p. 148. (.)
- (75) Idem, ibidem, p. 158. (.)
- (76) *Vie Internationale*, Agosto de 1989, pp. 48-49, 52. (.)
- (77) *Le Soir*, Robert Job, «La mort honteuse de 900.000 personnes». (.)
- (78) *Sciences sociales*, n.º 3, 1989, pp. 150-151. (.)
- (79) Idem, ibidem, p. 141. (.)
- (80) Idem, ibidem, pp. 151-152. (.)
- (81) Idem, ibidem. (.)
- (82) *Temps Nouveaux*, n.º 1, 1990, Entrevista de Klerk. (.)
- (83) *Le Monde*, 5 e 6 de Janeiro de 1990, «Pik Botha rentre optimiste de Hongrie». (.)
- (84) *Nouvelles de Moscou*, n.º 1, 1990, p. 7. (.)
- (85) *SED, Sozialistische Einheitspartei Deutschlands*, Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA). (N. Ed.) (.)

- (86) *Nouvelles de Moscou*, n.º 52, 31 de Dezembro de 1990, p. 6. (.)
- (87) *Moscow News*, nº 1, 1990, p. 14-15. (.)
- (88) Ibidem. (.)
- (89) Ibidem. (.)
- (90) *Nouvelles de Moscou*, n.º 49, 3 de Dezembro de 1989, p. 9. (.)
- (91) Ibidem. (.)
- (92) *Nouvelles de Moscou*, n.º 45, 5 de Novembro de 1989, p. 7. (.)
- (93) *Moscow News*, n.º 1, 1990, p. 13. (.)
- (94) *Nouvelles de Moscou*, n.º 50, 10 de Dezembro de 1989, p. 3. (.)
- (95) *Moscow News*, n.º 1, 1990, p. 14. (.)
- (96) *Temps Nouveaux*, n.º 2, 1990, p. 5. (.)
- (97) *Nouvelles de Moscou*, n.º 52, 31 de Dezembro de 1989, pp. 6 e 3. (.)
- (98) *Temps Nouveaux*, n.º 2, 1990, p. 5. (.)
- (99) *Moscow News*, nº 1, 1990, p. 14. (.)
- (100) *Le Monde*, 9 de Janeiro de 1990. (.)
- (101) *Bulletin A.P. Novosti*, 25 de Janeiro de 1990, p. 1. (.)
- (102) *Temps Nouveaux*, n.º 52, 1989, p. 26. (.)

(103) *Bulletin A.P. Novosti*, 14 de Dezembro de 1989, p. 2. (.)

A RESTAURAÇÃO DO CAPITALISMO NO CAOS E NA GUERRA CIVIL

[JANEIRO DE 1991]

No limiar de 1991, a União Soviética encontra-se lançada no abismo. Não de fala senão de caos, de desorganização, de criminalidade e o grande pesadelo dos soviéticos é este sentimento de naufrágio, de desmoronamento e de insegurança total.

O país realizou uma colheita recorde em 1990, mas o povo não encontra nada para levar à boca. «*O culpado é o sistema socialista criminoso*», apregoam em total harmonia os pasquins de direita do Ocidente e da União Soviética. Propaganda refinada. Na realidade, a fome é a primeira vergasta de que se arma o capitalismo nascente na União Soviética para disciplinar os trabalhadores. A nova grande burguesia que tomou o poder trata de destruir o sistema planificado da economia, que, por consequência, ficou impossibilitado de assegurar o abastecimento normal da população das cidades. E a máfia da economia paralela, esses patrões capitalistas que se multiplicam na ilegalidade, desviam as mercadorias e especulam com a penúria.

O momento parece propício aos governos ocidentais para um pequeno número de cinismo que apaixonam os nossos arautos dos direitos humanos e do humanismo: o Ocidente porá em cena uma campanha humanitária de ajuda aos esfomeados soviéticos! É difícil acreditar que há seis anos, Reagan nos lançava violentas repreensões para que não cedêssemos diante do poder satânico soviético. Era preciso tremer diante do totalitarismo vermelho. Os

atentados terroristas provavam que os primeiros destacamentos da próxima agressão já se encontravam nas nossas muralhas. Hoje, os mesmos ideólogos incitam-nos a oferecer um quilo de arroz a essa população do Terceiro Mundo que habita a União Soviética. Na Etiópia, no Sudão, em Moçambique, onde os camponeses tiveram colheitas catastróficas, dez milhões de pessoas estão ameaçadas de uma morte atroz, sem que os nossos cínicos dos direitos humanos e do humanismo mexam um dedo. Com efeito, na euforia do triunfo, o Ocidente quase não esconde que a operação «Ajuda à União Soviética» é essencialmente política: os nossos futuros parceiros capitalistas soviéticos organizam a fome em casa deles e nós, capitalistas ocidentais determinados, oferecemos graciosamente, com um pequeno esforço da nossa economia ultra perfeita, alguma coisa para alimentar essa gente cansada do socialismo. O efeito psicológico será imenso: os soviéticos render-se-ão à economia livre.

Os ex e futuros nazis que reinam na Grande Alemanha desembolsaram 800 milhões de marcos para salvar os soviéticos de morrerem à fome.⁽¹⁾ São os mesmos que, em 1942, organizaram o bloqueio de Leningrado, provocando a morte à fome de um 1,1 milhões de soviéticos.⁽²⁾ Os *media* serviram-nos a história enternecedora desses antigos combatentes do exército nazi que, ao volante de camiões carregados de vitualhas, regressaram quase meio século depois àquele país que outrora haviam devastado. Desta vez, os habitantes de Leninegrado estão esfaimados pelo bloqueio comunista, riram eles. Sabor da suprema vingança: comboios de tropas alemãs velaram pela segurança dos transportes de víveres atravessando a pátria dos bolcheviques!

Trata-se de humilhar até ao mais fundo da alma, toda essa geração de comunistas que combateu o fascismo como a expressão mais agressiva do capitalismo. Hoje, o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Genscher, fala da

«intensificação dos laços com a URSS nos domínios da política, da economia, da tecnologia e da cultura, etc.»⁽³⁾

Um tratado assinado em 9 de Novembro, em Bona, materializa essas intenções. Friedrich Wilhelm Christians, presidente do *Deutsche Bank*, participou na invasão da União Soviética, em 22 de Junho de 1941. Recentemente visitou a futura zona económica livre de Kaliningrado, onde declarou:

«Existem premissas psicológicas para uma aproximação dos nossos países».⁽⁴⁾

Uma nova geração de vlassovianos, esses colaboradores que seguiram o general russo Vlássov nas fileiras do exército hitleriano, apresentam-se. O economista «radical» Nicolai Chmélev declara:

«A República Federal, e depois a Alemanha unificada, poderia dirigir a ajuda internacional para o apoio à perestroika e à passagem da URSS à economia de mercado».⁽⁵⁾

Eco longínquo de palavras de uma outra época. Em 1943, na sua declaração de adesão ao regime hitleriano, Vlássov dizia:

«Os interesses do povo russo harmonizaram-se sempre com os do povo alemão, com os interesses de todos os povos da Europa. O bolchevismo isolou o povo russo da Europa com um

muro impenetrável. Em aliança e em cooperação com a Alemanha, o povo russo deve construir uma pátria nova e feliz no seio da família dos povos da Europa livres e iguais em direitos.»⁽⁶⁾

Estas ideias de Vlássov são hoje veiculadas em toda a União Soviética, integradas no «novo pensamento».

GLASNOST: A PREPARAÇÃO DOS ESPÍRITOS PARA O CAPITALISMO

O ano de 1990 viu revelar-se uma verdade para a qual cinco anos de *glasnost* haviam preparado os espíritos: a *perestroika* é uma revolução contra o Grande Outubro de 1917. Sabe-se em que contexto Lénine tinha dirigido a Revolução de Outubro. A burguesia russa continuava a guerra mundial assassina, reprimia as revoltas camponesas, fuzilava os operários comunistas e levada por diante uma campanha eleitoral em que dizia:

«Nós empenhamo-nos em reconhecer o princípio da igualdade e da democracia consequente, com a manutenção da propriedade privada e da submissão ao capital.»⁽⁷⁾

Hoje, o programa de Gorbatchov preconiza o restabelecimento da propriedade privada e a submissão ao capital e, proclamando bem alto a *glasnost*, a igualdade e a democracia, utiliza os *media* para ressuscitar os ideais da grande burguesia de antes de 1917. Polémica exagerada? Apresentamos provas das

nossas afirmações. No XXVIII Congresso, Gorbatchov afirmou querer

«assegurar a liberdade de pensamento e libertar os espíritos» e afastar definitivamente *«os dogmas e os conceitos ultrapassados»*.

No mesmo congresso, Gorbatchov prometeu

«uma revolução nos espíritos, um renascimento espiritual, uma renovação ideológica».⁽⁸⁾

Mostraremos como Gorbatchov libertou os espíritos do socialismo e do leninismo, como concede a liberdade de pensamento à CIA e aos representantes do imperialismo, como destrói os «dogmas» do combate anticapitalista.

A revolução de Outubro proclamava abertamente:

«O sistema dos soviets é a destruição da mentira burguesa que apela à “liberdade de imprensa”, a liberdade de subornar a imprensa, a liberdade para os ricos, para os capitalistas de comprar os jornais, a liberdade de enganar assim a chamada “opinião pública”».⁽⁹⁾

A *glasnost* prepara-se para vender os jornais soviéticos ao capital estrangeiro!

A multinacional Maxwell, que já detém 40 por cento das acções do antigo jornal governamental húngaro *Magyar Hiriap* e do célebre jornal vespertino *Eszti Heriap*, está prestes a tomar o

terceiro canal da televisão búlgara. Negoceia a compra de vários jornais e semanários búlgaros e vai participar nos leilões na Polónia, onde serão vendidos 119 jornais. Na antiga RDA, Maxwell tornou-se co-proprietário das edições *Berliner Verlag* que publicavam o jornal popular *Berliner Zeitung* (jornal do Partido do Socialismo Democrático, sucessor do PSUA. Na Checoslováquia trava negociações com os jornais mais populares.

«O meu grupo Mirror», declara Maxwell, «*será proprietário de 49 por cento das acções do diário O Mundo dos Negócios, que aparecerá brevemente na URSS, com uma tiragem de cinco a seis milhões de exemplares e que virá a ser o equivalente russo do Financial Times. O jornal Literaturnaia Gazeta, orgulho da intelligentsia russa, pertencerá aos seus accionistas...*»⁽¹⁰⁾

GLASNOST: QUEM FALA?

A PALAVRA À CIA

Comecemos por uma das mais inverosímeis constatações: a *glasnost* é a abertura dos jornais soviéticos aos chefes da *CIA* que se gabam dos seus méritos no combate «contra o stalinismo»! Como antetítulo de uma entrevista com William Colby, antigo chefe da *CIA*, podemos ler: «*Sem os serviços de informações, a paz teria poucas possibilidades*». Fica-se com a impressão de que, hoje em dia, a *CIA* pode falar mais francamente na União Soviética do que na Bélgica. Quando William Colby confessa na imprensa soviética ter intervindo na batalha política na Europa Ocidental, ter apoiado os partidos socialistas, ter «ajudado» à convocação de congressos,

à formação de grupos de intelectuais e de jovens, à publicação de livros, os belgas ficam com matéria para reflectir.

«Trabalhei na Itália de 1953 a 1957», começa aquele que dirigiu a CIA durante a guerra do Vietname. «Travava-se então aí uma verdadeira batalha, não sangrenta, mas política, entre o partido comunista, os sindicatos comunistas, a intelectualidade comunista e os outros. Os primeiros eram apoiados pela União Soviética. A questão apresentava-se assim: a Itália vai tornar-se num país comunista? Se tal tivesse acontecido teria sido uma catástrofe para a NATO e para a própria ideia do reforço da Europa Ocidental. Estávamos resolvidos a não os deixar agir. Neste caso concreto, é verdade que não apoiámos a direita. Apoiámos o centro: os sociais-democratas, os democratas cristãos, os liberais, os republicanos, mas não a direita. Apoiámos a sua vontade de ripostar ao movimento comunista. Se a esquerda convocava um congresso, realizávamos também o “nosso”. Se eles publicavam livros, formavam grupos de jovens e de intelectuais, nós fazíamos o mesmo. Era uma luta política pela Itália, uma operação não violenta, mas mesmo assim subversiva. E alcançámos a vitória. (...) Quando penso nas mudanças na Europa de Leste, concluo que é um bom resultado das actividades que levámos a efeito nestes últimos 40 anos. Dizíamos, nos anos 40, que era necessário travar a expansão do comunismo stalinista, que a situação devia mudar por si, pouco a pouco. Este pouco a pouco durou 40 anos, mas pelo menos evitámos os perigos.

«- Acredita que a CIA se mostra activa, nos nossos dias, na Europa de Leste?

«- Fomos ultrapassados pelos acontecimentos. Numa certa época, com efeito, empreendemos alguns programas que alcançaram o objectivo. Por exemplo, a Rádio Liberdade, a Rádio Europa Livre.

«- Quer dizer que a CIA tem interesse em apoiar Gorbatchov?

«- Não é a CIA, são os Estados Unidos que têm interesse nisso.»⁽¹¹⁾

O chefe da CIA gaba-se dos méritos da «sua» *Radio Liberty*? E logo a vanguarda da *glasnost* se apressa a consagrar uma página inteira à glória dessa estação que teve um papel precursor! O *Nouvelles de Moscou* fala com admiração dessa gente que não é muito diferente dos soviéticos da época de Gorbatchov, isto é, desses

«russos, ucranianos, lituanos, estónios, judeus ou georgianos que habitam a Baviera e que são empregados dos americanos, sendo que a Radio Liberty é financiada pelo Congresso americano. (...) Por que os escutamos se são como nós? Esperámos juntos por ao menos um sopro de liberdade em finais dos anos 60. Mas depois de sentirmos essa liberdade, eles ultrapassaram-nos imediatamente. Aproximaram-se do microfone da Radio Liberty e deixaram de ter medo de falar em voz alta dos valores universais, dos ideais religiosos, da liberdade económica, da democracia parlamentar e do pluralismo ideológico. Enquanto que nós só há dois anos

deixámos de ter medo de falar disso. Durante esse tempo, eles tinham-se simplesmente habituado a ser homens livres.»⁽¹²⁾

Os jornalistas do *Nouvelles de Moscou* fazem assim uma confissão quase inverosímil: em 1988, graças à *glasnost*, deixaram de ter medo e, por consequência, começaram a falar como agentes da CIA da *Radio Liberty*.

E isto não constitui uma extravagância. Cada entrega dessas folhas de vanguarda deita-nos à cara os elogios ao imperialismo e aos ideais do Ocidente. Tome-se Anatoli Ribakov, tornado célebre no mundo «livre» (com algumas ajudas, certamente, do senhor Colby) pelo seu romance *As Crianças da Rua Arbat*, obra-prima do anti-stalinismo.

«Stáline», declara o escritor, *«foi um criminoso que acedeu ao poder supremo»*.

Bravo, disse muito bem. Mas escutemos a sequência lógica do raciocínio do nosso grande romancista: como Stáline foi um criminoso, é preciso concordar que os conquistadores ianques, que exterminaram toda a população indígena dos Estados Unidos, foram civilizadores ansiosos de liberdade!

«Os Estados Unidos», declara o senhor Ribakov, *«foram criados por homens sedentos de liberdade, a tal ponto que para encontrá-la haviam atravessado o Oceano e perdido a sua pátria e os seus próximos. Esta sede de liberdade quase se tornou um sinal genético nos americanos.»*⁽¹³⁾

A PALAVRA À GRANDE BURGUESIA DE ANTES DE 1917

A *glasnost* pinta de cor-de-rosa o breve período entre Fevereiro e Outubro de 1917, durante o qual a Rússia conheceu a democracia à ocidental, quer dizer, a ditadura da grande burguesia. Kérenski, o homem-chave deste episódio, é reabilitado como vítima do «terror leninista» e as suas *Memórias*, publicadas no Ocidente em 1965, estarão em breve disponíveis na União Soviética. No período de Gorbatchov chama-se a isto destruir as mentiras stalinistas, restabelecer a verdade. Um jornal soviético escreve:

«Kérenski foi ministro da Justiça de Março a Maio de 1917 no governo provisório, e foi nessa altura que começou a interessar-se pelos direitos humanos, a independência dos tribunais, a liberdade de consciência, a reforma agrária, a legislação do trabalho, etc.»⁽¹⁴⁾

Nota-se o paralelo entre Kérenski e Gorbatchov, pois é em nome dos «direitos humanos», da «independência da justiça» e da «liberdade de consciência» que este último leva a cabo a sua contra-revolução. Os protagonistas da *glasnost* vão buscar os trapos velhos dos «direitos humanos» para cobrir um Kérenski cuja política consistia, em 1917, no prosseguimento de uma guerra imperialista criminosa. Cada mês suplementar dessa carnificina exigia uma centena de milhares de vidas humanas.

«A Rússia deve retomar as hostilidades», escreve Kérenski. «Nenhum exército pode permitir-se o luxo de se interrogar sobre o objectivo do combate. (...) Devemos dizer a simples verdade: “Deveis sacrificar-vos pela salvação da pátria”.».⁽¹⁵⁾

Após a Revolução de Outubro, Kérenski foi para Inglaterra, onde pediu que as tropas britânicas intervissem na Rússia a fim de combater o perigo bolchevique.

«Tratava-se de um apelo lançado aos Aliados para que prosseguissem a guerra na frente russa»,

escreve Kérenski nas suas *Memórias*.⁽¹⁶⁾ E efectivamente, o exército inglês marchou contra a República Soviética acabada de nascer. Kérenski resume assim os objectivos da guerra civil começada em 1918:

«Prosseguir a guerra ao lado dos Aliados, libertar a Rússia da tirania bolchevique, restaurar o sistema democrático».⁽¹⁷⁾

Eis um homem que hoje simboliza, na União Soviética, o regresso aos valores universais da civilização!

A imprensa da *glasnost* acaba de reeditar um livro com 80 anos: *Vekhi, Colectânea de Artigos Sobre a Intelligentsia Russa*, publicado em Moscovo em 1900.⁽¹⁸⁾ Lénine considerava-o na época como uma «*enciclopédia da abjuração liberal*». Décadas mais tarde, Soljenítsine glorificou-o como «*um livro que parece chegar-nos do futuro*». São precisamente os homens de *Vekhi* que davam o tom durante o período de Kérenski.

O *Nouvelles de Moscou*, jornal muito *glasnost*, considera-se como o continuador da obra dos liberais de antanho. O semanário escreve:

«Eles são sete: Nikolai Berdiáiev, Serguei Bulgákov, Mikhail Guerchenzon, Aleksandr Izgoiev, Bogdan Kistiákovski, Piotr Struve e Semióne Frank. A luta de classes e a revolução social são catastróficas e perigosas para a sociedade, estimam os autores da Vekhi. O materialismo ateu, o radicalismo político e a violência, a atitude niilista a respeito dos valores absolutos, o maximalismo de exigências sociais e éticas, assim como o desprezo dos interesses do indivíduo, tais são, segundo eles, os traços típicos da ideologia democrática e socialista que conduziram a sociedade russa ao impasse.»⁽¹⁹⁾

Durante meses, uma outra estrela da *glasnost*, a revista *Temps Nouveaux*, publicou longos extractos das obras mais violentamente anticomunistas dos sete «grandes intelectuais» da *Vekhi*.⁽²⁰⁾

A PALAVRA AO TSAR

Pois, pois, a *glasnost* fez-nos descobrir muitas verdades: a Rússia de 1990 tem sempre um tsar em reserva. Nos bons velhos tempos, o tsar dispunha do poder absoluto e dominava a massa camponesa, não apenas pela força, mas também pelas tradições retrógradas e pelo peso secular de uma igreja ortodoxa medieval. Bem conscientes da dominação do obscurantismo sobre as massas mais atrasadas, os bolcheviques executaram o tsar Nicolau II e a sua família em Ekaterimburgo, a 17 de Julho de 1918, no momento em que as tropas brancas se preparavam para libertá-los. A família

imperial, viva, seria uma bandeira em torno da qual se poderia reagrupar, em qualquer momento, a mais negra reacção.

Mas em 1924, na emigração tsarista, Kirill Vladímirovitch Romanov, o terceiro no ramo dos herdeiros do trono, aceitou o título de Imperador de toda a Rússia. Com a sua morte, em 1938, o filho, Vladímir Kirillovitch, torna-se Chefe da Casa Imperial da Rússia. O *Nouvelles de Moscou*, que vai sempre dois passos à frente de Gorbatchov, foi entrevistá-lo, em Paris, na Rua de Mondovi, onde o tsar vive sob a protecção de François Mitterrand.

«- Não se trata de estar no trono, afirma logo o velho. O fim principal da nossa existência é o de sermos úteis à nossa pátria. (...) O papel do monarca é o de um juiz supremo, colocado acima de todos os grupos e partidos políticos e que os ajuda a encontrar um terreno de entendimento.

«- Que pensa de Mikhail Gorbatchov?

«- Gorbatchov ousou empreender uma obra extremamente difícil e perigosa. Preocupo-me com ele.

«- E se ambos tivessem de trabalhar em conjunto?

«- O presidente ou o chefe do partido dirigente pode ser a mão direita da monarquia.»⁽²¹⁾

Assim, mesmo que a *glasnost* e a *perestroika*, levadas ao extremo, abraçassem o absurdo histórico da reentronização de um tsar na Rússia, Mikhail Gorbatchov, o homem da década de 90, o renovador do socialismo mundial, teria o seu lugar assegurado.

Preparando também ele, a opinião pública para adorar os futuros tsares, a *Temps Nouveaux* afirma que apenas cinco por cento dos russos consideram que o castigo da família da tsar Nicolau II foi justo; para todos os outros tratou-se de um «erro trágico», ou mesmo «criminoso», verdadeira estreia do «stalinismo».⁽²²⁾ Segundo um outro inquérito, publicado pelo *Nouvelles de Moscou*, dez por cento dos inquiridos consideram a execução do tsar e da sua família indispensável, mas 77 por cento por cento exprimem o seu desacordo.⁽²³⁾

E, com a ajuda do pluripartidarismo, os meios tsaristas, alimentados durante 70 anos pela pior reacção dos países imperialistas, voltam a ganhar raízes na União Soviética.

«Em Setembro último, os monárquicos encontraram-se na conferência das forças cristãs ortodoxas patrióticas. A conferência foi organizada por iniciativa ao “Renascimento Ortodoxo” (associação cristã monárquica, presidida por Vladímir Ossipov), do movimento “Assembleia dos Estados Provinciais”, cujo líder é Gueórgui Novikov, e de algumas outras organizações monárquicas. Participaram perto de 400 representantes de mais de 40 organizações, entre elas, a União dos “Vlassovianos”, a missão da Igreja Ortodoxa Russa no estrangeiro, a “Confraria Ortodoxa do Tsar Mártir Nicolau II”, assim como diferentes correntes da “Pámiat”,⁽²⁴⁾ largamente representados.»

O *Nouvelles de Moscou*, que relata os acontecimentos, entre outras decisões da conferência, menciona:

«A glorificação de Nicolau II e de todos os mártires russos mortos pelos bolcheviques. (...) A destruição de todos os ídolos comunistas. A conferência julgou necessário destruir todos os ídolos erigidos pelo regime soviético, para o saneamento moral da Rússia.»⁽²⁵⁾

A *glasnost* aplica-se em inculcar nos soviéticos que as lutas dirigidas por Lénine e Stáline foram «imorais» e que é preciso redescobrir os valores eternos da moral cristã. E em dois tempos assiste-se à ressurreição do tsar Nicolau II. Difícil é imaginar melhor prova da aspereza e da persistência da luta de classes. A moral das classes oprimidas será sempre uma monstruosidade criminosa aos olhos de todos os homens altamente cultivados que vêem no tsarismo, no reinado do grande capital, no fascismo e no colonialismo os valores universais da moral cristã.

A PALAVRA À IGREJA ORTODOXA

O pilar espiritual do tsarismo foi a Igreja Ortodoxa. É sob o manto desta religião ultra-reaccionária que tornam à vida os velhos preconceitos que sustêm o trono imperial.

Na Resolução do XXVIII Congresso do PCUS, Gorbatchov fez inscrever:

«O regime stalinista totalitário está em vias de ser ultrapassado. O diktat ideológico cede lugar à independência dos espíritos».⁽²⁶⁾

Claro, na Igreja Ortodoxa não há *diktats* ideológicos!

A independência dos espíritos, cara ao senhor Gorbatchov é alimentada por fontes envenenadas. No decurso do primeiro semestre de 1990, 1241 novas comunidades religiosas foram homologadas na URSS, 759 para a Igreja Ortodoxa Russa, 268 para os muçulmanos, 76 para a Igreja Católica. Foram eleitos deputados do povo em todos os escalões 287 padres: 192 para a Igreja Ortodoxa Russa, 55 para os muçulmanos, 12 para os baptistas e adventistas, 12 para os luteranos. Foram inaugurados 33 estabelecimentos de ensino religioso nos 18 últimos meses. Desde 1988, o número de mosteiros passou de 18 para 60.⁽²⁷⁾

A «renovação ideológica», de que se gaba Gorbatchov, exprime-se em números: Em Março de 1989, 38 por cento dos soviéticos interrogados sobre se têm inteira confiança no PCUS respondem afirmativamente; um ano mais tarde já são apenas 16 por cento. As organizações religiosas não recolhiam senão 13 por cento de incondicionais aquando do primeiro inquérito; em Março de 90, são já 37 por cento.⁽²⁸⁾ Cinco anos de *glasnost* trabalharam os espíritos e o ano de 1990 assiste a uma reviravolta dramática da opinião: o partido revisionista perde a sua predominância em proveito da reacção clerical.

A propaganda da religião ortodoxa, levada a cabo pela equipa Gorbatchov, não visa de modo algum o aperfeiçoamento da «moralidade», mas a erradicação das ideias comunistas. Isto está bem expresso nos comentários sobre um episódio crucial da luta de classes na União Soviética.

No início de 1922, a União Soviética foi atingida pela fome, 30 milhões de pessoas sofreram de subnutrição. O Comité Pan-Russo

de Assistência às Pessoas com Fome, criado por homens próximos da hierarquia ortodoxa, serve-se da ajuda aos esfomeados para organizar as forças da grande burguesia e do tsarismo. Respondendo aos seus apelos, os americanos prometem 1,5 milhões de dólares de ajuda por mês. Através da ajuda humanitária, a reacção internacional quer vir em socorro da reacção interna. Em 23 de Fevereiro de 1922, o partido bolchevique decide remediar a fome confiscando os bens da Igreja Ortodoxa. A este propósito, o *Nouvelles de Moscou* publica uma «revelação».

«Em 19 de Março, Lénine enviou a V. Mólotov uma carta secreta à atenção dos membros do Politburo. Analisando os acontecimentos de Chuia, escreve: “... para nós, o período actual é não só extremamente favorável, mas é o único período em que temos 99 por cento das hipóteses de derrubar totalmente o inimigo e de assegurar por décadas as posições que hoje são necessárias. É agora e somente agora, enquanto nas regiões atacadas pela fome se come carne humana e que centenas, mesmo milhares de cadáveres se espalham pelas estradas, que podemos (e conseqüentemente devemos) proceder à confiscação dos valores da Igreja com a energia mais feroz e mais impiedosa sem hesitar em esmagar qualquer resistência”. (...) Em 28 de Março, o Izvéstia publica uma lista de inimigos do povo. Em primeira posição surge o patriarca Tíkhon “com todo o seu concílio”. A batalha decisiva para a qual Lénine apelava desenvolve-se em todo o país. As confiscações arrastam mais de 1500 confrontos sangrentos até final do ano. (...) Em 12 de Maio dá-se a cisão no seio da

Igreja Ortodoxa Russa. Vários padres — Vvedenski, Boiárski, Belkov — intervêm contra o patriarca. (...) Em 1922, a Igreja viva — a que estava ao lado do poder — detinha realmente uma posição dominante. (...) No final de 1922, mais de oito mil pessoas foram mortas nos conflitos e fuziladas no seguimento de sentenças dos tribunais, no quadro da questão da confiscação dos bens da Igreja.»⁽²⁹⁾

Este episódio da luta de classes é retirado do esquecimento pelo *Nouvelles de Moscou*, para pôr em evidência os valores universais da Igreja Ortodoxa e o seu humanismo para com os esfomeados e para fustigar o leninismo que, na luta impiedosa contra os reaccionários, se não distingue do stalinismo.

A PALAVRA AOS FASCISTAS

Na Ucrânia, durante a Revolução de Outubro, a burguesia e os feudais usaram a ideologia nacionalista reaccionária para levantar as massas contra o socialismo. Em 1917, a Rada Central da Ucrânia, o governo burguês, foi o centro dirigente da guerra civil contra os bolcheviques. As tendências pró-imperialistas e pró-alemãs desta burguesia eram notórias. Kérenski viu-se obrigado a confessar que os seus queridos aliados, a Inglaterra e a França, tinham assinado, em finais de 1917, um acordo secreto segundo o qual a França, após a derrota dos alemães, estabeleceria um protectorado na Ucrânia «independente», e colaboraria, para esse fim, com a Rada Central.⁽³⁰⁾ Depois de 1920, uma parte da Ucrânia foi anexada à Polónia e mantida sob a dominação dos feudais e dos burgueses. O *Nouvelles de Moscou* informa-nos acerca das «*justas lutas nacionais*» da reacção ucraniana.

«A Galícia oriental anexada pela URSS no Outono de 1939 continua a ser povoada por representantes de numerosas etnias de confissões diversas. Esta nova parte da Ucrânia soviética sofreu as purgas impiedosas do NKVD [Comissariado do Povo dos Assuntos Internos], seguiu-se a Segunda Guerra Mundial e as crueldades nazis. Depois de 1944, a propaganda soviética qualificava de banditismo e de guerrilha o que numerosos ucranianos recomçam a chamar de guerra de libertação do povo ucraniano contra o bolchevismo. Será de espantar que as paixões se tivessem desencadeado nesta região desde a restauração da liberdade de palavra e de actividade política?»⁽³¹⁾

Encontramo-nos aqui face a um bom exemplo de nazifilia, erigida de maneira vantajosa em anti-stalinismo. No momento da junção da Galícia oriental à URSS, Stáline não sabia quanto tempo de trégua teria antes da inevitável agressão nazi. Uma questão de meses, segundo todas as probabilidades. O partido bolchevique tinha portanto a obrigação de depurar de maneira draconiana esta região de todas as forças fascistas que se tornariam, em caso de ocupação hitleriana, não apenas um apoio para os nazis, mas uma inestimável ajuda para identificar e depois liquidar todos os comunistas. O que constituía uma política antifascista consequente, a nova direita ucraniana toma-a como um crime.

Ora, inspirada pela *glasnost*, esta nova direita vai buscar velhos ídolos. Tais como Stepan Bandera, líder nacionalista ucraniano, sobre o qual a imprensa ucraniana nos revela isto:

«Stepan Bandera, líder nacionalista ucraniano que combateu ao lado dos fascistas contra o Exército Vermelho, continuou, ainda depois da guerra, alguns anos na guerrilha na Ucrânia Ocidental.»⁽³²⁾

Após a sua fuga para a Alemanha, no princípio dos anos 50, o homem trabalhou para a CIA em Munique. Até ao dia em que um oficial do KGB o liquidou diante de sua casa, em 1959. O *Nouvelles de Moscou* chama a esta execução do chefe nazi um «*acto de terror*»!

De 8 a 10 de Setembro de 1989 teve lugar em Kíev o congresso da fundação do Movimento Popular da Ucrânia para a Restauração, chamado *Rukh*.⁽³³⁾ Coligação entre a direita e a extrema-direita, o *Rukh* tornou-se rapidamente a força dominante na Ucrânia. O seu programa comporta a reabilitação dos reaccionários de antes de 1917 e os fascistas dos anos 40 e 50. O semanário *Temps Nouveaux* não o esconde.

«O monumento a Stepan Bandera não é uma desmontagem, uma desideologização, uma despolitização ou uma despartidarização, mas uma mudança de ídolos. O governo ucraniano de 1917-1918 [Rada Central] é hoje apresentado como um modelos das estruturas do Estado, e o hetman Mazepa, assim como S. Petliura são promovidos a heróis nacionais.»⁽³⁴⁾

Petliura continua a ser, fora de terras fascistas, tristemente célebre pela sua selvajaria aquando dos *pogroms* anti-judeus que organizou.

Um pormenor que merece atenção: o grupo trotskista de Mandel, que não falha uma, fez-se porta-voz da direita fascizante ucraniana. Publicou o texto integral do programa do *Rukh*, fazendo notar que

«o crescimento de um movimento nacional de massas [na Ucrânia] pode significar um avanço qualitativo na luta pelos direitos democráticos nacionais.»(!)

A intervenção de Levko Lukiánenko, um fascista que trabalhou para a CIA em Munique, diante do congresso do *Rukh* foi apelidada de *«tempo forte»* pela revista de Mandel. Retomando palavra por palavra a propaganda fascista, os trotskistas escrevem:

«A instauração do regime stalinista na Ucrânia Ocidental [1939] encontrou forte resistência popular. O movimento de guerrilha rural, muito alargado e dirigido pelos nacionalistas radicais — a insurreição armada ucraniana —, foi esmagado no início dos anos 50.»

Tal como a direita ucraniana, os trotskistas chamam «nacionalistas radicais» ao que constitui o bando fascista dirigido por Bandera.⁽³⁵⁾ Mandel publicou também o discurso do presidente do *Rukh*, Ivan Dratch, no II congresso. O poeta Dratch ataca a *«máfia do partido comunista»* e apresenta o *Solidarnosc* como exemplo. Os trotskistas saudaram a

«clara radicalização desta força» que exige agora a *«independência total»*.⁽³⁶⁾

GLASNOST PARA LEVAR A QUÊ?

AO SOCIALISMO BURGUEÊS

Para conseguir a passagem pacífica ao mercado ou, mais exactamente, à ditadura da nova burguesia, é necessário antes de tudo conseguir paralisar e enfraquecer o partido comunista. O triunfo integral da democracia e do pluralismo burgueês tem como condição o apagamento do partido comunista enquanto formação revolucionária.

A degenerescência, lenta mas sistemática, do partido, iniciada por Nikita Khruchov, prosseguida por Bréjnev e terminada por Gorbatchov, foi acompanhada, em todas as suas etapas transitórias, por uma barulhenta propaganda «socialista» e «comunista». Hoje, os chefes do PCUS falam de socialismo em termos que esse jesuíta reaccionário, que nos trópicos se faz passar por um filantropo socializante, não recusaria.

«Parece-me», diz Lúri Prokófiev, primeiro secretário do Partido em Moscovo, «que hoje a evolução de toda a comunidade mundial tende à opção socialista. Esta é fundada sobre os valores universais, sobre a moral e o humanismo. A opção socialista predetermina a igualdade social dos indivíduos, a possibilidade de cada um ocupar o seu lugar ao sol. Considero uma orientação comunista como a aspiração a uma sociedade ideal, aspiração eternamente própria à humanidade. Sou contra a sociedade onde uma classe se torna ditadora em relação a outra.»⁽³⁷⁾

É difícil imaginar como ignaros tão declarados conseguiram ascender nos escalões de um partido comunista. Se houvessem lido e compreendido, nem que fosse apenas o *Manifesto do Partido Comunista*, teriam reconhecido o seu retrato no capítulo «O socialismo conservador ou burguês»:

«Uma parte da burguesia deseja remediar os males sociais para assegurar a existência da sociedade burguesa.

A ela pertencem: economistas, filantropos, humanitários, melhoradores da situação das classes trabalhadoras, organizadores da caridade, protectores dos animais, fundadores de ligas anti-alcoólicas, reformadores ocasionais dos mais variados.»⁽³⁸⁾

Entre esses protectores de animais e outros vegetarianos com inclinações sociais, conta-se o braço direito do senhor Gorbatchov, Aleksandr Iákovlev. Este liberal arruma todos aqueles que não gostam do seu socialismo conservador, na «*contra-revolução stalinista*». Pobre Marx. Eis um resumo do pensamento de Iákovlev.

«A ideia socialista não é propriedade dos socialistas, mas sim o património de toda a humanidade. A ideia socialista apareceu por causa da imperfeição do mundo, sob a aspiração eterna do homem à justiça e à sua própria dignidade.» «A ideia socialista confrontou-se também com outro obstáculo: a contra-revolução stalinista. Era efectivamente uma contra-revolução, tanto na teoria como na prática e no conteúdo social.»⁽³⁹⁾

Mas o profeta mais destacado deste socialismo burguês da última colheita, continua a ser o camarada presidente.

«Nós compreendemos presentemente o socialismo», diz Gorbatchov, «como uma grande ideia cujas raízes mergulham nas bases humanistas da cultura mundial e do pensamento humano universal.»⁽⁴⁰⁾

Há mais de um século, Marx e Engels tinham já posto a ridículo estas frases empoladas. E haviam rompido com os reformadores que recusavam um

«socialismo exclusivamente operário» em proveito de «um socialismo universal, o de todos os homens tomados de amor autêntico pela humanidade».⁽⁴¹⁾

Pretextando ser portador de um pensamento humano universal, Gorbatchov apresenta todas as medidas de restauração capitalista como novos passos na via para o socialismo.

*«O mercado não significa a renúncia à ideia do socialismo.»
«Querem assustar-nos com a propriedade privada! Eu vejo a privatização da seguinte maneira: comprar as empresas, passando pelas acções, para fazer delas empresas populares.»*⁽⁴²⁾

Como a senhora Thatcher privatizou para fazer capitalismo popular, Gorbatchov privatiza para fazer socialismo humano. O mercado no interesse do socialismo! A propriedade privada no interesse do socialismo! Poder-se-ia jurar que Gorbatchov cita, por

uma vez, o *Manifesto do Partido Comunista*, nomeadamente a passagem em que Marx exclama:

«Comércio Livre! no interesse da classe trabalhadora (...) O socialismo da burguesia consiste justamente na afirmação de que os burgueses são burgueses — no interesse da classe trabalhadora».⁽⁴³⁾

AO PLURALISMO BURGUEÊS

A *glasnost* introduziu na União Soviética a liberdade de expressão nos *media* oficiais de todas as correntes filosóficas e políticas burguesas que existiam nos países imperialistas. Estas correntes, firmemente reprimidas no tempo de Lénine e de Stáline, desenvolveram-se com Nikita Khruchov e com Bréjnev a partir dos velhos núcleos reaccionários que se mantiveram e a partir dos contactos com o Ocidente. A propagação deliberada destas tendências liberais, conservadoras, democratas-cristãs, sociais-democratas, tsaristas, nacionalistas burguesas lançou as bases da organização de formações políticas burguesas.

Anatóli Butenko descreve bem este processo e não deixa de revelar que a sua ponta de lança é dirigida contra o leninismo.

«Em consequência da glasnost existe no país a diversidade de julgamentos e de apreciações, de opiniões e de ideias políticas. (...) Voltamos a criar o pluripartidarismo soviético, ele já existiu depois de Outubro de 1917, mas foi mais ou menos liquidado por Lénine e pelo poder dos soviets. O pluripartidarismo, quer dizer, a participação conjunta e a competição de vários

partidos políticos na gestão da sociedade, é um meio de utilizar o pluralismo de opiniões com vista a um desenvolvimento progressivo.»⁽⁴⁴⁾

Mas qual era esse pluripartidarismo idílico a que um Lênine feroz teria posto fim? Nas suas *Memórias*, Kérenski descreve bem como, após a tomada do poder pelo partido bolchevique, em 25 de Outubro de 1917, todos os partidos foram obrigados a tomar posição numa luta de vida ou de morte. No momento em que esta guerra civil rebentou, organizou-se uma União pela Ressurreição da Rússia, que agrupava os socialistas-populistas, os socialistas-revolucionários, os homens de Plekhánov, os *kadetes* — membros do grande partido burguês. Eles pronunciaram-se a favor de um «governo nacional» que dirigiria o combate contra os bolcheviques e continuaria a guerra ao lado da Inglaterra e da França. Uma coligação reunindo os socialistas-revolucionários, os socialistas-populistas, os *kadetes* e os generais tsaristas Alekséiev e Bóldirev governou a Sibéria, a partir de Setembro de 1918. Na região do Volga, um agrupamento «democrático» semelhante travou a guerra contra os bolcheviques, com a ajuda de armas checas. Todas estas forças «democráticas», ou mesmo «socialistas», coordenaram as suas acções com as tropas do general Koltchak e Deníkine. Nesta luta impiedosa não havia meio-termo: tinha de terminar ou com a vitória dos operários e dos camponeses pobres e médios, quer dizer, com a ditadura do proletariado, ou com a vitória dos partidos tsaristas e burgueses e dos seus amigos sociais-democratas, quer dizer, com o restabelecimento integral da ditadura da burguesia, ornada com algumas sobrevivências tsaristas.

Mas Kérenski deixa entrever a última estação onde chegam todos os que embarcam no comboio da liberdade absoluta, da liberdade pura — liberdade de empresa, liberdade de venda, liberdade de comprar jornais e liberdade de explorar; democracia para as forças políticas burguesas, democracia para os nostálgicos do tsarismo. Mesmo se eles se declaram socialistas-revolucionários, acabam por abraçar os déspotas surgidos da Idade Média:

«A experiência do regime bolchevique», escreve Kérenski, «já induziu algumas pessoas a rever a sua apreciação sobre Nicolau II. (...) O antigo tsar não era de modo algum destituído de sentimentos humanos».⁽⁴⁵⁾

O pluripartidarismo constitui assim um biombo atrás do qual os partidos mais retrógrados forjam as suas armas. No dia em que estejam prontos, reprimirão e esmagarão sem piedade o que resta de forças comunistas na URSS. Sobtchak, presidente do Soviete de Leningrado e fanático do pluralismo burguês, declarou:

«Se o Partido Comunista da Rússia preconiza a ditadura do proletariado, será preciso que proibamos a sua actividade. Porque o apelo a não importa qual ditadura é um apelo à violência, ao derrubamento do regime existente.»⁽⁴⁶⁾

AO ANTICOMUNISMO

Desde há 35 anos, desde Nikita Khruchov, todos os que se aplicaram a minar a ditadura do proletariado na União Soviética, fizeram-no em nome ao anti-stalinismo e de um regresso a Lénine.

Ora, contra o nome de Iossif Stáline acumulou-se todo o ódio para com o comunismo que a grande burguesia do mundo inteiro alimentou durante três décadas. No decurso dos anos 20, 30 e 40, os imperialistas ingleses e franceses, primeiro, os fascistas alemães e japoneses, em seguida, e o imperialismo americano, por fim, encontraram em Stáline um adversário firme, inabalável, arguto, inteligente. A *glasnost* produziu durante quatro anos folhetins anti-stalinistas onde a crítica de alguns erros serve de pretexto a um dilúvio de mentiras, de intoxicações e de preconceitos anti-socialistas. Fazendo de conta que atacavam Stáline, os fanáticos da *glasnost* atacavam consciente e sistematicamente todos os princípios, todos os valores, todas as tradições comunistas. Nos dois últimos anos, com crescente arrogância, estes indivíduos agitam a sua conclusão: o leninismo não se distingue em nada de fundamental do stalinismo, e o leninismo é um produto directo do marxismo. Na União Soviética vimos produzir-se a uma escala gigantesca, um fenómeno observado dezenas de vezes no seio de organizações revolucionárias no Ocidente: as boas almas que, por um breve instante, namoraram Lénine e os renegados ávidos de uma carreira normal começam geralmente por alguns nebulosos «aprofundamentos da crítica revolucionária ao camarada Stáline», para virar de seguida no sentido do anti-stalinismo militante; uma vez recolhidos nos braços tranquilizantes da burguesia, liquidam rapidamente algumas lembranças de Lénine e de Marx, tal não precisa sequer de um esforço particular.

Um jornalista do *Nouvelles de Moscou* descreve-nos como percorreu esse ciclo de traição. Lev Voskressenski tem a palavra:

«Estes últimos anos, o Nouvelles de Moscou lutou — com toda a sociedade — com perseverança contra o stalinismo. No presente, este deixou de ser o inimigo principal e creio ser necessário concentrar a nossa atenção sobre o fenómeno a que chamarei de “leninismo congelado”. Os velhos slogans do género “Stáline é o Lénine de hoje” ou “Lénine morreu mas a sua obra continua viva”, contêm uma parte de verdade. (...) A infelicidade é que temos dificuldade em distanciar-nos das “normas leninistas”. No entanto, foi mesmo Lénine e os seus companheiros que puseram em prática o “comunismo de guerra” que durou até que o povo se erguer a meio do ano de 1918. E esse regime continua a fazer-se sentir. Todas as taras do stalinismo — o totalitarismo, o sistema de privilégios, a interdição da liberdade de palavra, o esmagamento da dissidência — remontam aos anos 20. Foi nessa época que a Igreja foi destruída e que foram expulsos do país as melhores forças intelectuais da Rússia.»

E o seu colega Iúri Kariákine, deputado do povo da URSS, de continuar:

«Como muitos outros, passei também por essa etapa em que era contra Stáline, mas a favor de Lénine. Também li a directiva de Lénine aos executantes da operação de “subtracção” dos bens da Igreja: aproveitemos a fome na Rússia para despojar os popes e para lhes fazermos medo durante os próximos cinquenta anos. E ele diz ao mesmo tempo que não se deve ir longe de mais. Meu deus, mas trata-se de um preâmbulo ao artigo «A vertigem do êxito», onde Stáline diz a mesma coisa: não se deve ir longe demais. Se

queremos realmente mudar, é preciso ir às fontes. E a nossa fonte é essa. Em cada um de nós há Marx, Engels, Lénine. E Stáline também.»⁽⁴⁷⁾

É sintomático que o episódio da luta de Lénine contra a reacção clerical e feudal, quando da fome de 1922, sirva de pretexto a uma multitude de direitistas para passarem para o lado do anticomunismo militante. Tatiana Ivanova, da *Temps Nouveaux*, confessa-se:

«Uma ilusão a respeito de Vladimir Ilitch vivia em mim. Esta ilusão dissipou-se agora. Uma mão de homem capaz de escrever tais coisas é uma mão sangrenta. (...) Agora sinto diversamente a insistência patética dos deputados exigindo que se tirem os símbolos leninistas das salas onde se sentam.»⁽⁴⁸⁾

Aleksánder Tsipko, doutor em filosofia, expõe bem o pensamento liberal dos partidários de Élt sine: a Revolução de Outubro foi um erro trágico, a vitória dos bolcheviques na guerra civil marca o nascimento do stalinismo criminoso.

«Quanto mais se toma consciência, graças à glasnost, do nosso atraso em relação aos países capitalistas desenvolvidos, quanto mais a perestroika mostra coragem em esclarecer as profundezas da nossa crise, tanto mais a população protesta no seu foro íntimo contra tudo o que se prende com a Revolução de Outubro. Milhões de cidadãos estão persuadidos de que Outubro foi um erro trágico e que a guerra civil representa o limite a partir do qual começou a degradação

nacional, o deslizamento para baixo. É preciso prestar homenagem a Élt sine porque ele soube aperceber-se da necessidade da descomunização e da desideologização da nossa sociedade.»⁽⁴⁹⁾

Borís Kapústine, outro doutor em filosofia, ataca os bolcheviques com a grosseria de um pope ortodoxo convertido ao nazismo:

«Um dos elementos principais do código genético do bolchevismo é a fé segundo a qual a sociedade pode ser construída e reestruturada em nome da execução de projectos idealistas. Há um outro elemento do código genético do bolchevismo: a tendência para associar os problemas sociais à imagem do inimigo».⁽⁵⁰⁾

Alexandre Iákovlev revela-nos também que nada há de fortuito na liquidação sistemática do socialismo que empreendeu ao lado de Gorbatchov: do anti-stalinismo ao anti-leninismo e ao antimarxismo procede-se por pequenos passos, tendo em conta em cada etapa o grau de adesão das massas trabalhadoras aos princípios socialistas. Cada medida contra-revolucionária deve ser avançada no momento oportuno, assim que a opinião pública tenha sido suficientemente trabalhada.

Eis como Iákovlev se propõe acabar com Marx.

«Tenho em casa um manuscrito de 250 páginas: trata-se da minha análise sobre o marxismo. Toda a gente afirma que Marx criou uma doutrina sobre o homem. Não criou nada disso. Pelo contrário, ele criou uma doutrina sobre a luta de

classes, doutrina genial, mas que devemos abandonar. Em política, tudo deve fazer-se no momento adequado. Não se pode ignorar a opinião pública, o estado de espírito das pessoas.»⁽⁵¹⁾

À CONTRA-REVOLUÇÃO ABERTA

O que atrás fica dito é suficiente para compreender que a *glasnost* abre de facto a via à contra-revolução na União Soviética. No entanto há autores soviéticos que se exprimem ainda mais claramente sobre os processos restauradores em curso no seu país. Eles referem-se-lhes com uma raiva que nos deixa perplexos.

Mas introduziremos este capítulo sobre a contra-revolução, com um diálogo bastante surpreendente entre um jornalista da *Temps Nouveaux* e o senhor Ernest Mandel, apresentado como teórico da IV Internacional trotskista.

«Temps Nouveaux: Mas não é verdade que Mikhail Gorbatchov proclama que a perestroika é uma verdadeira nova revolução?»

«Ernest Mandel: Sim, ele proclama-o efectivamente, e é mais uma vez muito positivo. O nosso movimento tinha defendido a mesma tese há 55 anos, qualificaram-na por esse motivo de contra-revolucionária. Hoje compreende-se melhor, na URSS e no seio de uma boa parte do movimento comunista internacional, onde estavam os verdadeiros contra-revolucionários e onde se achavam os verdadeiros revolucionários.»⁽⁵²⁾

Traduzindo: Gorbatchov e Éltine, tal como o venerável Trótski, são revolucionários, Stáline e os bolcheviques da época stalinista são contra-revolucionários. Mandel exprimiu aliás esta ideia com particular clareza num jornal financeiro belga:

«O reformador Éltine representa a tendência que pretende reduzir o imenso aparelho burocrático. Deste modo segue os passos de Trótski».⁽⁵³⁾

Por uma vez estamos de acordo com Mandel. Éltine marcha efectivamente sobre o rasto de Trótski. E não faltará muito para que toda a gente possa dar-se conta de que o senhor Éltine chegará ao seu destino como um dos piores reaccionários e agentes imperialistas.

Vejamos agora esta estranha peça de antologia da literatura contra-revolucionária, produzida por um doutor em história, Evguéni Bajánov, um ardoroso adepto de Éltine.

«A estratégia económica da Coreia do Sul, de Taiwan, de Hong-Kong e de Singapura é muito atraente e vale a pena adoptá-la nas suas grandes linhas. No entanto, antes de se estar à altura de recorrer a esta nova estratégia, devemos mudar nós mesmos, o que não é possível senão graças à democratização e à glasnost. Chegado ao poder em 1959, o gabinete de Lee Kuan Yew não fez nenhuma revolução. Em geral, nem se ocupou de nenhuma reestruturação do mecanismo sócio-estatal. Nesse momento, as bases do sistema social que estamos habituados a qualificar de capitalista, já estavam lançadas em Singapura. As velhas

estruturas não foram suprimidas, mas defendidas contra os sindicatos e os estudantes de tendências radicais. A esquerda trabalhava para obter a ruptura com o capital ocidental, a expropriação dos exploradores, a socialização dos meios de produção. Se os meios governantes de Singapura tivessem demonstrado fraqueza, o país teria sido dilacerado pelas lutas político-ideológicas e conhecido o caos na produção e na sociedade. Além disso, os radicais teriam podido usurpar o poder. Lee Kuan Yew esmagou a esquerda e assegurou um desenvolvimento impetuoso das forças produtivas desse Estado insular. (...) Vejamos agora o que se passa aqui. Uma tarefa completamente diferente se coloca à sociedade soviética. Esta consiste não em proteger o sistema económico em vigor, mas em proceder a uma transformação radical, revolucionária, do nosso mecanismo económico. Lee Kuan Yew só tinha de proteger o seu sistema, enquanto Gorbatchov se vê obrigado a suprimi-lo.»⁽⁵⁴⁾

É isto que os revolucionários da *perestroika* servem hoje em dia na União Soviética. A *glasnost* serve para fazer passar a União Soviética para o modelo de Singapura/Taiwan. Gorbatchov deve suprimir o mecanismo económico legado pelo passado socialista. É necessário introduzir as bases do sistema que estamos habituados a chamar capitalista. (Bajánov, aliás, nomeia-as: economia de mercado, estratégia governamental hábil visando promover os sectores-chave, estimular a exportação, atrair capitais e tecnologias estrangeiras; mão-de-obra barata, controlo de todos os aumentos salariais, interdição das greves). Uma vez as bases do capitalismo firmemente estabelecidas, será preciso defendê-las

sem a menor fraqueza contra os sindicatos, os estudantes radicais, os socialistas-utopistas. Belo resumo da estratégia de Éltine, marchando decididamente sobre o rasto de Trótski.

E Mandel quer fazer-nos crer que na União Soviética de Gorbatchov e de Éltine se compreende finalmente quem são os verdadeiros contra-revolucionários. Ora, para qualquer homem de esquerda que siga os debates na União Soviética, a questão é clara: os que saúdam a *glasnost* e a *perestroika* como uma «revolução», quer dizer, os Gorbatchov e os Éltine mas também os Bush e as Thatcher, usam a palavra no sentido de uma «revolução» contra o socialismo, contra as conquistas dos trabalhadores. Encontraremos no texto a seguir o entendimento da revolução que têm os adeptos de Éltine. Ouçamos o professor Leonid Vassíliev, doutor em História, autor de um longo estudo sobre Borís Éltine,

«o líder carismático que o povo está pronto a seguir».⁽⁵⁵⁾

O seu texto, que é uma ode à contra-revolução, indica com perfeita clareza a orientação do senhor Gorbatchov e, mais ainda, de Éltine, orientação que Mandel teve o despudor de chamar revolucionária e trotskista!

«A revolução socialista» — começa o nosso doutor em História — «é uma curva reaccionária da sociedade que arrepi caminho em direcção à estrutura oriental clássica. Por consequência, a revolução anti-socialista, quer dizer esta curva, de novo em direcção ao progresso da humanidade inteira, que nos nossos dias se opera em numerosos antigos países “socialistas”, pode ser considerada como uma

revolução autêntica, uma revolução progressista. (...) A revolução anti-socialista que hoje atravessamos, é um processo lento e prolongado de transformações chamadas a modificar radicalmente a nossa sociedade. (...) A particularidade da revolução anti-socialista reside no facto de que formalmente ninguém lhe chamará jamais de anti-socialista. Ao contrário, as transformações radicais devem efectuar-se sob o signo claramente contrário, com referências às tradições da Revolução de Outubro. E não somente porque a população não está psicologicamente pronta para uma brusca mudança de estandarte. O facto é que, igualmente, a revolução “por cima” é efectuada pelo mesmo partido todo-poderoso que, durante décadas, implantou esta mesma estrutura que agora é necessário quebrar.»⁽⁵⁶⁾

A PASSAGEM À ECONOMIA CAPITALISTA

Em 1991, as polémicas mais virulentas já não se referem à questão de restaurar ou não o capitalismo. É um assunto arrumado. Os burgueses recém surgidos disputam-se sobre a rapidez e o radicalismo a imprimir à marcha para a liberdade.

O CONGRESSO DA RESTAURAÇÃO

O XXVIII Congresso do PCUS é inovador no facto de afirmar claramente a ruptura com o socialismo e a passagem à economia capitalista. É o ponto de chegada de um movimento de degenerescência acelerada chamado *perestroika*.

«A própria lógica da perestroika», afirma desde logo Gorbatchov, «coloca-nos na necessidade de empreender mudanças fundamentais no sistema económico.»⁽⁵⁷⁾

O restabelecimento do capitalismo faz-se segundo três eixos.

Primeiro: a economia de mercado. Como um papagaio, Gorbatchov repete a propaganda liberal acerca do triunfo universal do mercado. Mas seria de mais pedir-lhe que fosse verificar no Terceiro Mundo as «vantagens» da economia de mercado. De qualquer modo, com a *perestroika* a ajudar, ele vai acabar por encontrar esse Terceiro Mundo diante da sua própria porta.

«As vantagens da economia de mercado», diz Gorbatchov aos congressistas, «foram provadas à escala universal, e agora o único problema é determinar se é possível criar, no contexto do mercado, sólidas garantias sociais.»⁽⁵⁸⁾ «A economia de mercado é a alternativa ao sistema de comando administrativo da economia nacional que fez o seu tempo.»⁽⁵⁹⁾ «A passagem às relações de mercado deve constituir o principal conteúdo da radicalização da reforma económica.»⁽⁶⁰⁾

Sabendo que a passagem ao capitalismo integral encontrará uma resistência popular obstinada, Gorbatchov quer utilizar o PCUS para

«um vasto trabalho de explicação com vista a tornar a sociedade pronta a adaptar-se às relações de mercado»!

O trabalho ideológico do Partido Comunista consiste em suscitar na população

«uma profunda compreensão de que a passagem ao mercado não tem alternativa».⁽⁶¹⁾

Segundo eixo: a empresa privada e a desestatização.

«Nada impede de começar desde hoje a transformar as empresas de Estado em sociedades por acções, de ceder por contrato as pequenas empresas, o comércio, de incluir na esfera da compra e venda os alojamentos, as acções e outros títulos, uma parte dos meios de produção.»⁽⁶²⁾

«Se os camponeses não se tornarem os donos reais da sua terra, os investimentos não darão nada.»

Para abrir livre curso ao capitalismo privado na agricultura, Gorbatchov tem de afastar certas resistências no seio do partido. Daí a sua afirmação de que os *kolkhozes* «viáveis» poderão (por agora) manter-se, na condição de poderem enfrentar a concorrência do privado. Trata-se, diz Gorbatchov, de

«promover possibilidades iguais para todas as formas de exploração agrícola. De deixar cada uma delas demonstrar a sua viabilidade e a sua eficácia. Rejeitamos a exigência de realizar uma descolectivização total».⁽⁶³⁾

Terceiro eixo: integração na economia capitalista mundial:

«O saneamento da economia soviética depende em grande medida do modo como se integrará no sistema de divisão internacional do trabalho.»⁽⁶⁴⁾

Gorbatchov cobre este programa de restauração capitalista com uma fina camada de demagogia socializante que tem de se encontrar ao alcance de qualquer Rocard ou Mitterrand. Gorbatchov tem uma bela fórmula para a passagem do socialismo degenerado ao capitalismo integral:

«Transformar a propriedade de Estado, de burocrática que era, em propriedade social gerida pelos próprios trabalhadores.»

Como será isto feito? Os trabalhadores podem alugar ou comprar a sua empresa, ou mesmo arranjar acções. Encara-se também a propriedade privada de certos meios de produção.⁽⁶⁵⁾ Assim, diz Gorbatchov,

«os trabalhadores tornam-se verdadeiramente os donos dos meios de produção e dos resultados do trabalho». «O mercado deve ajudar a dar rapidamente à nossa economia uma orientação social mais marcada.» «Portanto, dirigindo-nos para o mercado, não nos afastaremos do socialismo.»⁽⁶⁶⁾ Recordemos que a passagem à propriedade privada das empresas, que caíram nas mãos dos directores e dos tecnocratas tanto na Jugoslávia como na Hungria, foi acompanhada de ruidosos discursos sobre a autogestão dos trabalhadores.

A APOLOGIA DO MERCADO

A partir deste congresso, Gorbatchov acelerou a corrida em direcção ao reino dos comerciantes e dos empresários.

«A escolha está feita. É a passagem à economia de mercado.»⁽⁶⁷⁾

Eis a mensagem das «Grande Opções da Estabilização da Economia Nacional e da Passagem à Economia de Mercado» (uf!), que o presidente remeteu ao Soviete Supremo em Outubro de 1990. Tendo abandonado qualquer referência às ideias marxistas em economia, Gorbatchov tornou-se indigente em ideias de qualquer espécie. As suas grandes opções parecem por vezes copiadas dos manuais de economia liberal.

«A passagem ao mercado não tem alternativa. Toda a experiência mundial provou a vitalidade e a eficácia da economia de mercado. (...) Os mecanismos de auto-regulação que lhe são inerentes asseguram o equilíbrio económico com uma melhor coordenação da actividade de todos os produtores, um uso racional dos recursos humanos, materiais e financeiros.»⁽⁶⁸⁾

Não são ideias mas apologias do registo thatcheriano. Sublinhemos que só uma cegueira deliberada diante da miséria e da penúria das massas do Terceiro Mundo permite esboçar este quadro lisonjeiro da selva capitalista. Só considerando a maioria da humanidade como uma quantidade negligenciável, e o desperdício, a inactividade, a sobre-exploração de centenas de

milhões de homens como pouca coisa, se pode elogiar a utilização racional dos recursos pelo mercado livre.

Mas continuemos a folhear este manual do secundário que faz as vezes de «Plano de Reforma» na União Soviética.

«Para que a economia de mercado seja eficaz, importa reunir as condições essenciais seguintes.

«Liberdade máxima da actividade económica, porque o princípio essencial da economia reside no livre produtor que aumenta a sua propriedade e, dessa forma, aumenta a riqueza nacional. (...)

«Responsabilidade total das organizações econômicas e dos empresários, sendo iguais todas as formas de economia. (...)

«O desenvolvimento de uma concorrência leal implica a desmonopolização da economia nacional. (...)

«Livre formação dos preços. O controlo dos preços por parte do Estado só é admissível numa esfera limitada.»⁽⁶⁹⁾

Esta ingénua profissão de fé de um Gorbatchov neófito, zeloso em matéria de liberalismo, deixa-nos uma questão: por que razões misteriosas o Ocidente, de há um tempo para cá, arruma este aluno exemplar no rol dos conservadores?

Depois do XXVIII Congresso, uma série de medidas práticas foram adoptadas para levar a cabo as decisões. Conforme um decreto do Conselho de Ministros da URSS, aprovado em Setembro

de 1990, podem ser fundadas «pequenas» empresas privadas ou mistas em praticamente todos os ramos da economia nacional. Estas podem empregar até 200 pessoas na indústria e na construção, até 100 no sector dos serviços científicos, até 50 nos outros ramos da produção e até 25 na esfera não produtiva.⁽⁷⁰⁾

Saindo do brejnevismo, que não conhecia nem classes nem luta de classes, a União Soviética redescobre assim os valores universais do trabalho assalariado e do capital privado. Aos novos proletários, Gorbatchov promete o mínimo vital, aos novos burgueses dividendos máximos. As «Grandes Opções» prometem aos trabalhadores *«um salário mínimo real»*, ao mesmo tempo que levantarão *«as restrições às possibilidades de ganhos»* para os empresários. Enquanto que os sindicatos continuarão (!) a defender os trabalhadores, *«serão fundadas uniões de empresários»*.⁽⁷¹⁾ Mas mal a existência de classes antagónicas é reconhecida por Gorbatchov, ele impõe aos proletários que recusem a noção de luta de classes!

«Aqui», diz «ou se vê o preto ou se vê o branco. Quando acabaremos de dividir-nos em vermelhos e brancos? Nós somos um mesmo país, um mesmo povo.»⁽⁷²⁾

As «Grandes Opções» estabelecem um prazo de 18 a 24 meses para modelar uma infraestrutura capitalista.

«Será necessário tomar medidas enérgicas com vista a desestatizar e desmonopolizar a economia, a desenvolver a livre empresa e a concorrência.»⁽⁷³⁾

Abálkine, um dos principais arquitectos das ruínas económicas que hoje embelezam a União Soviética, expõe os seus projectos de desestatização. A agência *Novosti* interroga-o.

«O custo dos fundos de produção da URSS eleva-se, segundo a opinião de Leonid Abálkine, vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, a três mil milhões de rublos. A minha pergunta a Leonid Abálkine: quantos soviéticos têm uma ideia clara sobre o modo como deve ser efectuada a privatização?»

«- Na minha opinião, duas centenas de pessoas, não mais.

«- Entre as quais o senhor?»

«- Sim.»

E Abálkine explica.

«A parte da privatização é definida pela soma dos meios que a população está pronta a despende para a compra de empresas. Na minha opinião, este montante eleva-se a 150 mil milhões de rublos. A parte da propriedade privada que a população poderá comprar ao Estado constitui cerca de cinco por cento desses bens. Mas a propriedade privada, no sentido estrito do termo, é seguida da propriedade cooperativa, das sociedades por acções, do arrendamento. A amplitude da desestatização é bem mais importante que a parte da propriedade privada.»⁽⁷⁴⁾

A BATALHA PELO CAPITALISMO SELVAGEM

Será preciso introduzir o capitalismo de maneira planificada e ordenada a partir de cima, controlado pelas estruturas do Estado e do Partido? Ou apostar num desenvolvimento do capitalismo selvagem na base?

Oleg Bogomolov, economista de nomeada, deputado do povo da URSS, que Mandel colocava na «*esquerda radical*»⁽⁷⁵⁾ é de opinião de que falta radicalismo na orientação para o capitalismo.

«O mercado? Só palavras. Nenhum mecanismo de privatização e nenhuma garantia para as empresas foram propostos. O mercado pressupõe a liberdade de compra e venda. As mercadorias, os capitais, a terra, a habitação, a mão-de-obra são o mercado. Será este o mercado? Tenho dúvidas. Trata-se antes de um mercado limitado, mercantil, de consumo, de que já tínhamos embriões até ao presente.»⁽⁷⁶⁾

Gravil Popov conta com a pressão do Ocidente para obrigar Gorbatchov a acelerar a passagem à privatização.

«Os países ocidentais devem cessar de cooperar com o actual governo e com as estruturas burocráticas do aparelho que estão votadas a morrer», diz Popov ao Nouvelles de Moscou.

E continua:

«Parece-me que o programa de passagem à economia de mercado que Gorbatchov recomendou ao Parlamento e que este por fim adoptou, não dissipou as dúvidas no mundo dos

negócios. O facto de não reconhecer directamente a propriedade privada, sobretudo a da terra, não pode deixar de alarmar. Além disso, o programa não está limitado no tempo. A Senhora Thatcher levou mais de dez anos para vender duas dúzias de empresas do Estado, mas quanto tempo terá Gorbatchov para privatizar a economia de um país inteiro?»⁽⁷⁷⁾

Éltsine, que preside à principal República da União Soviética, decidiu aplicar na Rússia um programa de mercado e de privatização mais radical do que o que foi adoptado por Gorbatchov para a União. O Soviete Supremo da Rússia proclamou onze regiões, entre as quais as de Leningrado, Kaliningrado, Tchita e Sakhalme, como zonas de livre empresa. Isto permite às firmas vender a maior parte dos seus produtos no estrangeiro e dispor livremente das divisas recebidas, prerrogativas que ainda se encontram nas mãos dos órgãos centrais.

«É preciso dar às pessoas a possibilidade de trabalhar livremente», declarou Éltsine.⁽⁷⁸⁾

Um dos seus próximos colaboradores, Guennadi Filchine, vice-presidente do Conselho de Ministros da Federação Russa, expõe a linha de Éltsine:

«A Rússia começa a realizar o programa de passagem ao mercado. Ela está a fazê-lo sozinha — as outras 14 repúblicas não se pronunciaram ainda. As primeiras diligências nesta via serão a desestatização da economia e a privatização, que englobam o trespasse ou a venda de tudo o que hoje pertence ao Estado para a propriedade privada, por contrato ou por

acções. A privatização terá lugar primeiramente no comércio e na restauração pública (lojas, grandes superfícies, cantinas, cafés e restaurantes), no domínio dos serviços (salões de cabeleireiro, lavandarias e engomadorias, casas de costura, etc...) e em seguida na construção civil (oficinas, indústria de materiais de construção) e nos transportes rodoviários. Entre 70 a 90 por cento das capacidades serão privatizadas nestes sectores. A terra torna-se também objecto de propriedade tanto nas explorações para autoconsumo como nos kolkhozes.»⁽⁷⁹⁾

E EIS A «CLASSE MÉDIA», E VIVA A «LIBERDADE PARA OS MAIS FORTES»

A propaganda para o mercado e a livre empresa é acompanhada de uma difusão da ideologia dos fortes, dos ganhadores, da elite natural. Iúri Afanássiev:

«Pela sua natureza, o movimento democrático deve apresentar interesses diferentes. Por exemplo, a segurança social para os mais fracos supõe, no quadro da democracia, a liberdade para os fortes. Aqui nunca ninguém preconizou a liberdade para os fortes: as pessoas dotadas naturalmente de espírito de iniciativa. Se se toma a democracia unicamente como a protecção dos fracos, ficaremos eternamente com “o socialismo” ao nível da pobreza».⁽⁸⁰⁾

A liberdade para os fortes conduzirá, segundo os partidários de Élt sine, muito naturalmente à constituição de uma «classe média» que faz a força de todos os grandes países capitalistas.

Mas há alguns pormenores que eles pretendem esconder por agora: esta «classe média» dos países capitalistas só se expande à sombra da grande burguesia e esta alimenta-se da exploração imperialista. No entanto, não se inquietem muito com tal esquecimento: os homens da *glasnost* lá chegarão. Por agora concentram-se no elogio da média burguesia, dos empresários, dos gestores, dos comerciantes, dos tecnocratas e da camada superior das profissões liberais. E é ainda um doutor em história que nos ensina como a história soviética marchará às arrecuas:

«...Nem o tsar nem a burocracia soviética tiveram jamais o gosto particular pelo comerciante, a intelligentsia, o engenheiro, o operário independente altamente qualificado, o médico de renome. E eis que de repente, sem que se esperasse, nos veio a ideia de que são os indivíduos que fazem a nação, que sem eles não há nem cultura nem evolução. Sem individualidades brilhantes, originais e independentes, só há o espezinhar colectivo e os slogans berrados pela multidão. Ora, as individualidades necessitam por sua vez de um quadro apropriado que a sociedade ocidental designa desde há muito pela expressão “classe média”. Aquela que agrupa os operários altamente qualificados, os engenheiros, os investigadores, os médicos independentes e talentosos, os homens de negócios audaciosos e empreendedores, uma classe que reclama para a sua livre existência a propriedade privada, a liberdade de opinião, a liberdade de empresa, as liberdades universitárias e académicas, e que é capaz de servir de ponto de apoio à

estabilidade social, ponto sem o qual a sociedade ficará sempre votada à precariedade política.»⁽⁸¹⁾

Desde Nikita Khruchov, os revisionistas pretendem que já não há classes na URSS e que, por essa razão, há um «Partido de todo o povo». Esta teoria serviu para dismantelar a ditadura do proletariado e para esconder a aquisição de privilégios pela burocracia e pelos tecnocratas. Estando o marxismo definitivamente enterrado, eis que os soviéticos descobrem hoje que o motor da história não é a luta de classes mas a bravura das individualidades brilhantes. De uma penada, os homens da *glasnost* enfrentam um problema teórico embaraçoso: as individualidades geniais não surgem senão no meio de uma classe média dinâmica. Logo, na sociedade sem classes que é a União Soviética, é preciso rapidamente criar uma classe de burgueses e dar-lhe a liberdade de imprensa, a liberdade de organização, a liberdade académica, a liberdade de empreender. A liberdade, pois!

Um comentador político soviético apreendeu perfeitamente a ligação entre a emergência desta nova classe de exploradores e o multipartidarismo. Na Europa ocidental, sociais-democratas e revisionistas pretendem que o multipartidarismo é sinónimo de amplitude da democracia. Os restauradores soviéticos dão-nos a entender que a propriedade privada dos meios de produção, e portanto a ditadura da burguesia, constitui o terreno indispensável à expansão do multipartidarismo. Ouçamos o senhor Kritikov.

«...A passagem para o mercado, a privatização dos bens públicos, é vantajosa para a democracia no plano da

estratégia. Com efeito, dezenas de novos partidos apareceram no nosso país. Mas há uma crise geral de confiança em relação à política e aos políticos. A causa essencial reside na ausência de motivação, na ausência de uma grande classe que tem algo a proteger e, no caso contrário, a perder: falo a propósito da classe dos proprietários. O produto da política de privatização traçada pela equipa presidencial será uma grande camada de pequenos e médios proprietários, hoje inteiramente inexistente na URSS. Com o tempo, esta camada constituirá a base do liberalismo nascente. Desde que as pessoas comecem a tomar consciência dos seus interesses materiais, são imediatamente tentados politicamente a defendê-los ou a apresentá-los aos organismos electivos. Por agora falta essa vontade política. Os novos partidos políticos são menos o resultado de interesses económicos do que o resultado da contestação política. Em lugar de procurar proteger os interesses de tal ou tal camada social, procuram derrubar o monopólio do PCUS e a burocracia. É por esse motivo que não são partidos de massas. Os destinos do pluralismo político e o reforço da base da frágil democracia soviética estão directamente ligados ao êxito — ou à derrota — da política de privatização.»⁽⁸²⁾

Raciocínio impecável. Para acabar com o socialismo, é preciso minar internamente o partido comunista, depois roer-lhe o monopólio político. A contestação política pelas forças anticomunistas pode bastar. Em seguida é preciso encorajar, por todos os meios, o desenvolvimento de uma classe de proprietários burgueses. Uma densa rede de empresas privadas é a base material

do pluralismo político: vários partidos burgueses, solidamente ancorados nos interesses materiais, defenderão os interesses das diferentes fracções dos possuidores.

O DOMÍNIO IMPERIALISTA

A passagem ao mercado e à empresa privada terá como consequência um reforço dramático do domínio que as multinacionais e os banqueiros ocidentais já exercem na União Soviética.

À medida que a crise se agrava, a nova burguesia acha-se completamente sem soluções e cada vez mais se inclina a procurar todas as respostas nos «irmãos mais velhos» ocidentais. As «Grandes Opções» afirmam:

«A passagem a um sistema económico fundado sobre as relações de mercado permitirá aliar de modo coerente a nossa economia nacional à economia mundial».

E se a economia nacional, em lugar de se aliar de modo coerente ao mundo imperialista, se submetesse a uma anarquia crescente?

«Toda a organização económica tem o direito de efectuar operações económicas externas. As firmas estrangeiras agirão sobre o mercado interno nas mesmas condições que todos os outros produtores.»⁽⁸³⁾

Estas frases nebulosas encobrem as lutas assassinas que as multinacionais em breve irão travar pela sua hegemonia sobre os

mercados soviéticos. Os recém-chegados ao capitalismo estarão muito mal colocados para resistir-lhes.

Desde a *perestroika*, a União Soviética caiu numa dependência crescente face ao grande capital ocidental. Com efeito, com as exportações em queda e as importações continuamente em alta, as dívidas da URSS incham perigosamente. Só em 1990, as exportações diminuíram 12 por cento. Em 1991, pelo menos 12,5 dos 20 a 21 milhares de milhões de dólares de receitas esperadas serão empregues no pagamento das dívidas. O resto será apenas suficiente para manter o funcionamento das empresas existentes.⁽⁸⁴⁾

As novas classes abastadas na União Soviética tomam já o exemplo das burguesias compradoras dos países dependentes. Estas camadas possuem dezenas de milhares de milhões de rublos com os quais não acham nada para comprar. Nikolai Chmélev, economista, deputado do povo da URSS, propõe imobilizar parte desse dinheiro vendendo aos cidadãos a terra, os alojamentos, os equipamentos industriais, acções e obrigações do Estado. Outra parte deveria ser retirada da circulação através da colocação no mercado de artigos importados de consumo ostensivo já se entrevê.

Nikolai Chmélev não vê nenhum inconveniente numa dependência crescente dos centros de decisão económica do mundo imperialista: desde que isso contribua para acelerar a passagem ao capitalismo.

«Se a ajuda ocidental for garantida por um programa verdadeiramente radical de reformas de mercado, penso que, no fim de contas, essa ajuda não será ineficaz. Caso sejam colocadas condições, elas serão seguramente na mesma linha das recomendações do Fundo Monetário Internacional para sanear a economia. O Ocidente deve ajudar a perestroika, partindo dos seus próprios interesses.»⁽⁸⁵⁾

Assim, a ala direita da nova burguesia, dirigida por Élt sine, mostra um carácter nitidamente comprador.

Os meios financeiros ocidentais não escondem que a passagem ao mercado na URSS será para eles a fortuna; e a imprensa da *glasnost* não mostra vergonha alguma em fazer eco dos seus sonhos de conquista.

«O desenvolvimento da economia de mercado na URSS fará finalmente alargar a zona mundial da economia livre. Segundo John Phelan Junior, presidente do Conselho dos Directores da Bolsa de Valores de Nova Iorque, isso promete “novas grandes possibilidades de comércio e de investimento para os homens de negócios de numerosos países”.»⁽⁸⁶⁾

DEMOCRACIA À AMERICANA NA UNIÃO SOVIÉTICA

Gorbatchov começou a reforma do sistema político na União Soviética sob a bandeira da democracia, a que, à partida, chamou com insistência «democracia socialista», mas que, à chegada, se

transformou em democracia universal à moda ocidental. A democratização de Gorbatchov consiste, no essencial, na desmontagem das estruturas políticas (já muito debilitadas) do socialismo, para as substituir pelas estruturas da democracia burguesa. Cinco elementos marcaram esta transição.

OS SOVIETES CONTRA O PARTIDO

No início de 1988, Gorbatchov lança com fervor a palavra de ordem «Todo o Poder aos Sovietes». Com este grito de ressonâncias de esquerda, Gorbatchov executa uma viragem perigosa à direita. Trata-se de deslocar o centro de decisão para fora do Partido Comunista, para os Sovietes. Gorbatchov quer utilizar o aparelho de gestão do país, mais permeável à direita pró-ocidental, contra o Partido, sobre o qual pesa sempre o risco de renascimento da corrente marxista-leninista.

Em 1988, nas Teses para a XIX Conferência do Partido, Gorbatchov insere duas ideias fundamentais.

«A orientação principal da democratização é a de restabelecer o papel e as responsabilidades dos Sovietes dos Deputados do Povo enquanto órgãos representando o povo e dispondo de plenos poderes.» «[É preciso] garantir a liberdade de designação dos candidatos à deputação.»⁽⁸⁷⁾

No seu relatório à conferência, Gorbatchov explicita esta última ideia.

«(É preciso) *eleva as nossas estruturas institucionais actuais ao nível do Estado de todo o povo no sentido lato do termo.*»⁽⁸⁸⁾

Ora, durante os anos de Bréjnev, desenvolveram-se neste «Estado de todo o povo» novas camadas burguesas que já não escondem os seus objectivos sob uma verborreia comunista. Até agora, o PCUS barrava-lhes o caminho para o poder político. Gorbatchov introduz-os nos Sovietes, ao mesmo tempo que reforçará a independência destes em relação ao partido.

Este salto qualitativo executa-o Gorbatchov cantando sempre algumas pequenas árias leninistas.

«Nós professamos a concepção leninista do partido político»,

lança ele aos comunistas ainda hesitantes, mas que, apesar de tudo, seguir-lhe-ão os passos. No entanto, sabe-se que a palavra de ordem «*Todo o poder aos Sovietes*» pode ser utilizada tanto pela direita como pela esquerda. Em Julho de 1917, Lénine pronunciava-se contra esta palavra de ordem, encontrando-se então os soviets nas mãos dos reformistas: esse apelo exprimia então o apoio à aliança dos reformistas com a grande burguesia. Quando da insurreição de Cronstadt, em 1920, todos os contra-revolucionários clamavam «*Todo o poder aos Sovietes*», porque uma maioria antibolchevique no Soviete de Cronstadt se mostrava disposta a derrubar as orientações de Lénine. Para salvar o socialismo, Lénine teve de esmagar a revolta.

Aos olhos de Lénine e de Stáline, os Sovietes eram, essencialmente, o instrumento da ditadura do proletariado contra as antigas classes exploradoras.

«Só os trabalhadores e os explorados eram admitidos nos Sovietes, com a exclusão dos exploradores de toda a espécie»,

lembra-nos Lénine.⁽⁸⁹⁾

«A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, sangrenta e não sangrenta, violenta e pacífica, militar e económica, pedagógica e administrativa contra as forças e as tradições da velha sociedade. (...) A ditadura é exercida pelo proletariado organizado nos Sovietes e dirigida pelo partido comunista dos bolcheviques.»⁽⁹⁰⁾

Duas noções chave que exprimem com evidência o pensamento de Lénine sobre o poder dos Sovietes: o papel dirigente de um partido autenticamente revolucionário e a ditadura do proletariado. Esta última noção foi enterrada por Nikita Khruchov em 1956; quanto ao partido, depois dessa data, a lepra revisionista apodreceu-o por todos os lados. Após o Inverno brejneviano, uma mudança revolucionária continuava a ser possível na União Soviética. Mas era necessário começar pela depuração do partido e o restabelecimento do seu espírito, dos seus princípios e das suas práticas revolucionárias da época de Lénine e de Stáline.

Ora, Gorbatchov fez exactamente o contrário. Ultrapassou pela direita o partido comunista, já mortalmente atacado pelo burocratismo, o tecnocratismo e os privilégios. Deslocando o

centro do poder para os Sovietes, criou uma ocasião para a direita clássica de participar no poder e de organizar-se, como permitiu à ala liberal do partido de reforçar notavelmente as suas posições. Este movimento duplo para a direita foi incarnado por duas personalidades: Sákharov, para os anticomunistas, e Élt sine, para a direita do PCUS.

Quando das eleições com múltiplas candidaturas, em 26 de Março de 1989, a direita fez uma entrada em força no Congresso de Deputados do Povo (2250 deputados) e no Soviete Supremo (544 eleitos). Limitemo-nos a assinalar aqui dois êxitos marcantes dos anticomunistas: Sákharov, esse sequaz da *CIA*, fez-se eleger pela Academia das Ciências. Na Lituânia, 30 dos 42 lugares são ocupados pelo movimento nacionalista-burguês *Sajudis*. Mandel e a sua IV Internacional saudaram estas duas penetrações da direita, titulando:

«A nomenklatura sofreu uma derrota política. A democratização ultrapassou uma etapa».

À semelhança da grande imprensa burguesa, Mandel apelidou o *Sajudis* de

«grande movimento popular radical-democrático e nacionalista»

e colocou Sákharov na

«esquerda radical e progressista»!⁽⁹¹⁾

A SOCIAL-DEMOCRATIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA

Sob a bandeira do «pluralismo socialista», Gorbatchov permitiu a todas as correntes sociais-democratas, democratas-cristãs e liberais, mais ou menos toleradas no partido desde a época de Nikita Khruchov, de se exprimirem livremente e de constituírem fracções. Entre o XXVII e o XXVIII congressos, ele transformou o PCUS, de um partido revisionista que se mantinha formalmente dentro de certos princípios da época socialista, num partido parlamentar burguês, situando a sua acção no quadro de uma economia de mercado e de um pluralismo parlamentar à ocidental.

Em princípios de 1988, Gorbatchov afirma:

«O socialismo dá a possibilidade de pluralismo de opinião, de pluralismo de interesses, de pluralismo de necessidades, dá a possibilidade de assegurar a realização desses interesses e dessas necessidades.»⁽⁹²⁾

A ficção da sociedade sem classes e do partido de todo o povo, permite saudar todas as correntes de ideias burguesas e nome do «pluralismo socialista». Víktor Aksiútchits, dirigente em 1990 do Movimento Democrata-Cristão Russo, foi membro do PCUS até 1979; continua a manter contactos com a sensibilidade democrata-cristã no seio do PCUS.⁽⁹³⁾ Nikolai Trávchine entrou no Partido em 1981. No momento da morte de Bréjnev, ele ainda crê naquilo a que chama o «ideal socialista». Gorbatchov concedeu-lhe o título

de Herói do Trabalho Socialista. Em Fevereiro de 1990 continua a pensar em mudar por dentro o PCUS. Hoje dirige o Partido Democrático da Rússia e pronuncia-se pelo capitalismo sem máscara,

«uma economia de mercado e a propriedade privada».

Mantém contactos no interior do PCUS com a tendência Élt sine.⁽⁹⁴⁾

Gorbatchov permitiu que se criasse no seio do PCUS uma fracção abertamente burguesa, dita «Plataforma Democrática», dirigida por Élt sine, apoiada activamente por Iákovlev, o número dois do *Bureau* Político, e compreendendo toda a vanguarda «radical de esquerda» (a etiqueta que os partidários da Senhora Thatcher se atribuem, os mesmos que atacam quotidianamente os conservadores soviéticos, apelidados também de stalinistas...). Sob a pressão deles e do grupo Sákharov, o PCUS riscou da Constituição os artigos 6.º e 7.º, renunciando de um gesto ao monopólio do poder e abrindo caminho ao pluralismo burguês.

O XXVIII Congresso marca a viragem para um regime político burguês integral. A partir de agora, diz Gorbatchov, o partido lutará

«no quadro do processo democrático, das eleições para os órgãos legislativos. Neste sentido, actua como um partido parlamentar».⁽⁹⁵⁾

Formará coligações com os novos partidos, esses abertamente burgueses. Gorbatchov quer

«o entendimento, a acção comum, uma larga cooperação com todos os movimentos sociais de tendência progressista, no interesse da perestroika».⁽⁹⁶⁾

Também na vida interna, Gorbatchov defende a social-democratização.

«O PCUS recusa resolutamente o centralismo democrático tal como se formou nas condições do sistema de comando administrativo. A democratização do partido pressupõe o direito dos comunistas à expressão em grupo das suas opiniões em plataformas.»⁽⁹⁷⁾

Não tardará a constatar-se que o centralismo democrático é substituído por um lado, pelo liberalismo e, por outro, pelo autoritarismo burguês. Segue-se outra medida do mesmo género que leva à liquidação:

«É preciso assegurar a independência dos partidos comunistas das repúblicas federadas. Eles elaboram os seus próprios documentos, normativos e de programa».⁽⁹⁸⁾

É o estilhaçamento interno em fracções e o estilhaçamento em 15 partidos federais independentes.

Gorbatchov fez uma última observação bastante significativa sobre o partido, que permite relativizar as contradições entre os chamados «conservadores», «centristas» e reformadores radicais, de que a imprensa, tanto soviética como ocidental, nos enche os ouvidos. Gorbatchov descreve como o Comité Central saído do XXVIII Congresso elaborou a nova orientação:

«A despeito de toda a diversidade de opiniões, do confronto de posições e mesmo de divergências, as decisões sobre todas as questões de princípio foram tomadas de forma unânime ou quase nas sessões plenárias e, sem descanso, passo a passo, temos avançado».⁽⁹⁹⁾

A opção fundamental a favor do mercado, a privatização e o multipartidarismo burguês parece fazer a unanimidade ou quase, referindo-se as divergências essencialmente ao ritmo das mudanças e aos mecanismos para o seu controlo.

E no entanto o partido rebentará no decurso do congresso da *«unidade em torno da perestroika»*. Antes do XXVIII Congresso, o chefe da fracção mais à direita, Éltine, tinha dito:

«Defenderei a plataforma democrática que se formou no seio do partido porque, na minha opinião, ela permite realizar uma reforma radical no PCUS».⁽¹⁰⁰⁾

Ora, pode-se constatar que desde 1987, a ala direita do PCUS desempenha magistralmente o seu papel de vanguarda, arrastando de cada vez o conjunto do partido para a direita. Agora que o congresso do partido comunista adoptou uma plataforma de restauração do capitalismo, Éltine pensa que é chegado o momento de avançar. Abandona o partido, acompanhado de Popov, Sobtchak, Afanássiev e por uma parte da «plataforma democrática». Éltine apadrinha a fundação do Partido Republicano da Federação Russa.

Uma intervenção de um delegado do grupo Éltine revela-nos que os direitistas deixaram o partido para poder representar

abertamente o novo patronato e empurrar o conjunto do *establishment* nessa direcção:

«Perguntam-nos se queremos formar primeiro empresários e depois defender os operários contra eles. É efectivamente estas duas coisas que queremos realizar simultaneamente.»⁽¹⁰¹⁾

Assim, a burguesia em torno de Éłtsine propõe-se promover uma classe de exploradores capitalistas, reservando-se ao mesmo tempo a defesa dos novos explorados!

Um diálogo interessante desenrolou-se entre dois homens de Éłtsine, membros da «plataforma democrática», um, Lev Karpinski, decidindo ficar no PCUS, o outro, Chostakóvski, deixá-lo. O primeiro acha

«necessário ficar no PCUS para aí trabalhar no interesse da democratização do partido e da sociedade».

O segundo replica:

«O PCUS desmascarou-se definitivamente. Continua a ser o freio principal das reformas democráticas no país».

Nenhuma divergência política maior entre os dois homens, Karpinski apoia o apelo de Éłtsine a formar uma aliança entre todas as forças pró-perestroika.⁽¹⁰²⁾ Iúri Prokófiev, membro do *Bureau* Político, também não tem divergências notórias com o grupo Éłtsine:

«Por várias vezes tentei convencer Chostakóvski de que, no quadro do partido, o trabalho podia ser organizado de maneira mais eficaz, com melhores resultados.»⁽¹⁰³⁾

O sentido de tudo isto é claro: a existência de um partido independente, abertamente capitalista e composto por antigos dirigentes do PCUS, permite aos direitistas que ficaram no partido empurrar com mais força na direcção da restauração.

Para precipitar esse movimento, os partidários de Éltine, no interior e no exterior do partido, não recuam diante da chantagem. Assim, a *Temps Nouveaux* pode escrever:

«O PCUS é hoje colocado diante de uma alternativa muito dura: empenhar-se na via de um parlamentarismo civilizado (onde as expectativas são pouco brilhantes), ou conhecer a cisão, a desagregação, a autodissolução. Certos acontecimentos nos países do Leste da Europa mostram os pormenores deste processo. No nosso país, ele pode infelizmente tomar formas muito menos civilizadas. (...) Não é preciso ser profeta para predizer uma rápida aparição da exigência de proibir o partido de “vanguarda” como organização política extremista representando um perigo para o sistema democrático constitucional.»⁽¹⁰⁴⁾

O MULTIPARTIDARISMO BURGUEÊS

Fora do Partido Comunista vê-se agora florescer na União Soviética centenas de partidos políticos abertamente burgueses. Alguns representam apenas um clã em torno de um punhado de

arrivistas. Outros foram conglomerados mal definidos, procurando unir-se em torno de velhas ideologias de antes de 1917. Outros ainda são constituídos por mercenários que se empenham em subscrever os programas dos partidos conservadores, democratas-cristãos e sociais-democratas da Europa Ocidental, na esperança de ver cair do céu um maná desse lado.

O Partido Republicano da Rússia foi criado em 27 de Maio de 1990, em Moscovo. As organizações anticomunistas «Memorial», «Aprel» e «Chtchit» aceitaram aderir colectivamente ao PDR. O Partido Democrata-Cristão constituirá uma fracção no seio do PDR. Os seus líderes: Nikolai Trávkinge, Guennadi Burbulis, Lev Ponomariov, Marina Salié, Iliá Konstantinov. O seu programa apoia-se no projecto de constituição de Sákharov e contém duas noções-chave: uma economia de mercado e a propriedade privada.⁽¹⁰⁵⁾

O Partido Democrático da Rússia concluiu um acordo com dois outros partidos que sonham com um capitalismo à ocidental: o Partido Social-democrata da Rússia, de Oleg Rumiántsev e de Aleksandre Obolenski, e o Partido Republicano da Federação Russa. Este último, formado por elementos próximos de Élt sine, elaborou

«um projecto de privatização da propriedade segundo o qual a maior parte, terra incluída, deve ser distribuída gratuitamente em partes iguais, aos cidadãos do país».⁽¹⁰⁶⁾

Vladímir Jirinóvski preside ao Partido Liberal-Democrata, surgido do nada em Março de 1990 mas reclamando-se do partido com o mesmo nome fundado em 1906. Iremos ver as posições

políticas deste senhor quando abordarmos a nova política internacional da URSS.

Os partidos democratas-cristãos nunca existiram na Rússia, mas em Abril de 1990 foi fundado com a instigação dos partidos irmãos belga e alemão, o Movimento Democrata-Cristão Russo. Víktor Aksiútchits, o co-presidente não vai lá com meias tintas:

«Há três princípios ideológicos no MDCR: o anticomunismo consequente, o espírito cristão, o patriotismo esclarecido. (...) O liberalismo europeu ocidental pode ser concebido somente graças ao cristianismo que afirma a igualdade de todos diante de Deus.»

Três responsáveis democratas-cristãos, Aksiútchits e dois padres, Viatcheslav Polossine e Gleb Iakúnine, foram eleitos deputados do povo da Rússia.⁽¹⁰⁷⁾

Em Setembro de 1990 reuniu-se a Conferência das Forças Cristãs Ortodoxas Patrióticas na qual participaram 400 representantes de 40 organizações, entre as quais a Frente Nacional Patriótica *Pamiat*, que decidem preparar a

«convocação de uma Assembleia de Estados provinciais com vista a eleger um novo tsar.»⁽¹⁰⁸⁾

Todos estes partidos burgueses continuam precários e muito fracos do ponto de vista organizacional. Desde os ataques de Nikita Khruchov contra a experiência da ditadura do proletariado na URSS, a barafunda ideológica expandiu-se progressivamente entre a população, criando aberturas para toda a espécie de correntes de

ideias burguesas. No entanto, só depois de 1985 é que essas correntes reaccionárias puderam expandir-se sem entraves. O que é indicador, seja dito de passagem, da grande eficácia do combate contra as correntes burguesas levado a cabo sob Stáline.

Gorbatchov não exclui a formação de um governo de coligação com a participação de

«representantes de diferentes forças sociais e de tecnocratas».⁽¹⁰⁹⁾

O primeiro-ministro Rijkov recebe, por essa época, uma delegação do Bloco do Centro, com o senhor Jirinóvski, do Partido Liberal-Democrata, para discutir um governo de coligação. Em Novembro de 1990, Gorbatchov e Éltine, irmãos desavindos, anunciam um acordo para fundar um governo de unidade nacional, no qual Éltine reclama os lugares de primeiro-ministro, de ministro da Defesa e das Finanças.⁽¹¹⁰⁾ É evidente que a existência de um número crescente de partidos burgueses, que tomam o partido comunista entre tenazes, empurra o conjunto do *establishment* para a direita.

AS FORMAÇÕES NACIONALISTAS BURGUESAS

A primeira expressão do multipartidarismo foi a criação de numerosas formações nacionalistas reaccionárias, surgidas dentre a centena de nacionalidades não russas. O nacionalismo burguês é uma ideologia com profundas raízes na história de diversos povos,

e é a ele que recorrem os anticomunistas de diferentes cores para criarem uma base popular.

As posições liberais das frentes populares da Lituânia, da Letónia e da Estónia são bastante conhecidas. O seu projecto de restauração integral resume-se em poucas linhas:

«A Lituânia reconheceu o direito à propriedade privada, está pronta a dar a terra aos habitantes, prepara programas de privatização e de incentivo ao capital estrangeiro.

«O governo lituano estima ser indispensável indemnizar os seus cidadãos dos bens perdidos nos primeiros anos do poder dos Sovietes. Quanto às antigas empresas do Estado, ou se tornarão privadas ou passam a sociedades por acções.»⁽¹¹¹⁾

Além disso, as frentes populares das repúblicas bálticas agem como verdadeiros laboratórios do imperialismo alemão e americano. O presidente da Lituânia, Vytautas Landsbergis, declarou recentemente:

«Estamos ameaçados de uma catástrofe económica, estamos ameaçados de uma acção militar. O objectivo da minha visita aos Estados Unidos foi pedir uma forma de protecção política por parte dos EUA.»⁽¹¹²⁾

A Ucrânia caiu sob o controlo do *Rukh*, a formação nacionalista de direita.

«A tensão social na Ucrânia aumenta», relata a agência *Novosti*, *«a situação económica degrada-se, exige-se cada vez*

mais energicamente que a Ucrânia se separe da URSS e afirme a sua soberania, o prestígio dos comunistas desce.»

Em 21 de Setembro, Viatcheslav Tchornovil, presidente do Soviete dos Deputados do Povo da Região de Lvov, assinou uma resolução confirmando a desmontagem dos monumentos de Lénine.

Em Ternopol, os militantes do *Rukh* fazem piquete diante do Comité Regional do PCUS para reclamar a nacionalização imediata dos bens do partido comunista. Grandes comícios fúnebres são organizados nos lugares de enterro dos elementos pró-fascistas e reaccionários, executados entre 1939 e 1941, após a integração das regiões ocidentais da União Soviética.⁽¹¹³⁾

Cerca de 140 partidos e associações formaram-se na Geórgia desde Abril de 1989. Em Março de 1990 teve lugar em Tbilissi a primeira conferência do movimento para a independência, que lançou a campanha para a eleição do Congresso Nacional, concebido como alternativa ao Soviete Supremo. Alguns partidos tomaram parte nas duas eleições, as oficiais para o Soviete Supremo e, à margem da legalidade, para o Congresso Nacional. Foi o caso do Partido Comunista, que recolheu 5,5 por cento dos votos para o Congresso e 29,57 por cento para o Soviete Supremo, classificando-se em segundo lugar. O Partido da Independência Nacional, dirigido por Tseretéli, ficou em primeiro lugar nas eleições para o Congresso, com 35,51 por cento e boicotou as eleições para o Soviete. Tseretéli declarou:

«Pensamos que a Geórgia é um país ocupado e anexado.»⁽¹¹⁴⁾

Mandel esteve em todos esses combates contra o movimento comunista, em nome da

«democracia pura para toda a gente».

Assim, apoiou tanto na Lituânia como na Ucrânia, a

«larga frente por objectivos nacionais e democráticos» que quer a *«libertação nacional»!*⁽¹¹⁵⁾

A boa gente que se deixou embriagar pela demagogia da «democracia pura» e que desempenha o papel de vanguarda no combate para derrubar o socialismo, depressa constatará que o seu esforço será coroado pela instauração de uma ditadura burguesa implacável. Poderão queixar-se amargamente: de qualquer modo ninguém os vai escutar. Esta experiência, como Lénine não cessou de repetir, foi vivida dezenas e dezenas de vezes no decurso dos grandes movimentos revolucionários.⁽¹¹⁶⁾ Não se poderá portanto dizer que foi por inadvertência que os trotskistas se colocaram, em nome dessa democracia para todos, do lado da contra-revolução, fosse na Polónia, na Checoslováquia, na Roménia, na Hungria ou na União Soviética. Ora, eis que na Lituânia, precisamente, uma escritora, democrata mas antimarxista, descreve perfeitamente como intelectuais um tanto sonhadores, abriram as brechas pelas quais a extrema-direita se lançou sobre o poder.

Vidmante Jasukaityte, deputada do Soviete Supremo, diz em tom desiludido:

«O renascimento [da Lituânia] começou com a união dos cientistas e dos artistas para proteger o Báltico contra o risco de ser aniquilado pelas torres de perfuração [de petróleo]. Foi então que o acadêmico Statulevicius e o escritor Petkevicius lançaram uma iniciativa que devia levar a um primeiro êxito tangível. Muita gente boa já abandonou o Sajudis, deixando espaço a representantes agressivos das camadas médias. O intelecto e a cultura cederam à concorrência destes representantes, que tanto barulho fazem em busca de poder. Sajudis perece porque já não é alimentado pela inteligência e pela cultura. Os que subiram os degraus da escada hierárquica unicamente graças à ideologia — desta vez anticomunista — continuam tão obscuros e cruéis como os bolcheviques do pós-guerra.»⁽¹¹⁷⁾

Uma última nota. Para alguns a «explicação» do surto das ideologias nacionalistas na União Soviética é simples: tudo isto é devido a dezenas de anos de opressão nacional pelo «stalinismo». Esta tese não tem pés para andar.

A guerra civil na União Soviética terminou em 1921. Nas repúblicas não russas, a resistência dos feudais e dos burgueses foi particularmente feroz. Apoiando-se numa longa tradição de dominação, estas classes estavam ébrias de vingança e convencidas de que veriam em breve a restauração. Stáline e os bolcheviques mobilizaram as massas mais oprimidas para o combate contra a reacção. Alguns exageros esquerdistas não podem obscurecer em nada o carácter revolucionário e justo destas lutas. Em 1941, a influência dos reaccionários nacionalistas sobre as massas tinha diminuído fortemente. Quando Hitler

agrediu a União Soviética, baseou a sua política sobre o presumível descontentamento das «nacionalidades oprimidas». Uma folha nazi, publicada em 1943, titula:

«Pelos direitos dos seus povos: as unidades de voluntários de Leste são a encarnação de mais de 160 povos que o bolchevismo incorporou à força na URSS».

E vá de explicar:

«O povo ucraniano é, pelo seu carácter próprio, oposto às frias teorias dos Sovietes, contrárias à sua natureza». «Durante longos anos, o povo do Azerbaijão levou a cabo uma guerra sangrenta contra o bolchevismo. Teve de ceder ao terror.» «Os arménios sempre tiveram mártires religiosos. Por isso é natural ver neles inimigos declarados do bolchevismo.»⁽¹¹⁸⁾

Mas contrariamente às expectativas nazis, as nacionalidades «oprimidas» não se juntaram de forma alguma aos fascistas. Se foram tão «aterrorizadas» por Stáline, o que as teria impedido de colaborar em massa com Hitler? Na Bélgica, como em França, a grande maioria da população aceitou o «facto consumado» da ocupação nazi. Em todas as repúblicas da União Soviética, pelo contrário, a resistência foi feroz: as massas trabalhadoras sabiam que deviam ao socialismo, ao partido bolchevique e a Stáline, a sua libertação. E a guerra antifascista comum selou ainda mais a unidade dos povos da URSS. Foram precisos 35 anos de apodrecimento revisionista para que os ideais socialistas se apagassem completamente no seio das estruturas soviéticas e que

as correntes nacionalistas reaccionárias pudessem, progressivamente, reerguer-se.

OS MOVIMENTOS DE MASSA REACCIONÁRIOS

A legalização efectiva dos partidos burgueses impulsionou o aparecimento de correntes reaccionárias de massas, que se exprimiram por manifestações, comícios e greves. Com a verborreia de «esquerda» que se lhe conhece, o trotskista Mandel fez o panegírico deste «acordar das massas». Declarou à imprensa soviética:

«O acordar da actividade autónoma das massas, da sua intervenção crescente na vida política, foi estimulado incontestavelmente pela glasnost e é uma vez mais muito positivo. (...) O regime burocrático não poderá ser eliminado senão por uma revolução por baixo, por acção resoluta de dezenas e dezenas de milhões de cidadãos soviéticos, antes de tudo, pelos trabalhadores.»⁽¹¹⁹⁾

Ora, no caos político que reina actualmente, uma parte significativa das massas, e uma fracção importante da classe operária, segue os demagogos populistas do género de Élt sine, que lutam obstinadamente pela introdução do capitalismo integral. Para ser realmente autónomo, isto é, para prosseguir os seus interesses económicos de classe e romper totalmente com a burguesia, o movimento operário deve adoptar uma política marxista-leninista. A actividade «autónoma» das massas para

responder a problemas reais, que tanto excita o senhor Mandel, nem por isso deixa de ser dirigida pela contra-revolução burguesa.

À semelhança da extrema-direita e das organizações fascistas, o grupo de Mandel apoia as forças da restauração, gabando-lhes os méritos no combate contra «o regime burocrático» e «contra o stalinismo». No entanto, qualquer militante de esquerda que queira informar-se, compreende facilmente a verdadeira natureza de todos estes «*freedom fighters*».

Assim, a 15 de Julho de 1990, teve lugar em Moscovo uma manifestação que juntou praticamente todas as formações que, nestes últimos anos, receberam o apoio entusiástico dos trotskistas. Segundo o *Nouvelles de Moscou*, foi

«a mais importante intervenção antigovernamental e anticomunista destes últimos anos, organizada pelo Bloco Rússia Democrática, a Associação dos Eleitores de Moscovo, o Memorial, a Plataforma Democrática do PCUS, a União Escudo e outros. As faixas, “O PCUS para o caixote do lixo da história!”, “Compatriotas, curemos a Rússia do bolchevismo!”, “PCUS dá-nos de volta as tipografias!”, eram acompanhadas por gritos de “Abaixo o PCUS!”. Os organizadores afirmam ter reunido 400 mil pessoas. (...) Viatcheslav Golikov, membro do comité de greve dos mineiros do Kuzbass, agradeceu aos moscovitas o seu apoio: “...O governo soviético deve demitir-se, se não, os mineiros começarão uma greve política permanente”.

«O comício exprimiu a sua solidariedade para com os mineiros em greve e alguns oradores que os representavam tiveram direito às mais ruidosas ovações.»⁽¹²⁰⁾

Dezenas de clubes, grupos e partidos apresentados como operários reuniram-se de 30 de Abril a 2 de Maio de 1990, em Novokuznetsk, para fundar a Confederação do trabalho. Participaram 334 delegados das principais regiões industriais da Rússia, da Bielorrússia, da Ucrânia, do Cazaquistão, do Azerbaijão, assim como uniões operárias da Letónia e da Lituânia. Este *«movimento operário independente»*, aplaudido por Mandel, apelou entusiasticamente ao desenvolvimento do capitalismo.

«O congresso pronunciou-se claramente pelo desenvolvimento no país das relações de mercado, precisando que a transição para o mercado deveria operar-se à medida que sejam criados os mecanismos de protecção social dos trabalhadores.»⁽¹²¹⁾

Na sondagem efectuada entre mais de 500 delegados ao I Congresso dos mineiros da URSS, realizado em Junho de 1990, em Donetsk, 89 por cento dos inquiridos pronunciaram-se por uma economia de tipo capitalista! À questão: *«Que tipo de economia defende?»*, quatro por cento preferiram uma economia planificada, 55 por cento optaram por uma economia de mercado controlada, mas com protecção social dos trabalhadores. Outros 34 por cento queriam simplesmente o mercado livre. Para 53 por cento era preciso implantar a propriedade privada das empresas tão amplamente quanto possível, enquanto 23 por cento só a querem *«a título de excepção»*.⁽¹²²⁾

Depois da publicação do livro de Philip Agee, *Diário de um Agente da CIA*, sabe-se que uma das tarefas prioritárias da CIA em todos os países é influenciar os sindicatos operários. O movimento «operário» reaccionário, controlado pela direita, teve um papel importante na queda de Allende no Chile e na derrota dos sandinistas na Nicarágua. Se o reaccionário polaco Pilsudski foi o pai do *Solidarnosc*, a CIA foi a mãe.

Hoje, o Ocidente espera que o movimento operário «independente» na URSS desempenhe o mesmo papel.

«No contexto do monopólio total do Estado», escreve um tal Leonid Gordon, «os colectivos de trabalhadores são suficientemente poderosos para quebrar a resistência às transformações democráticas, e isto sem recorrer à violência. Por isso, o movimento operário pode representar um dos factores mais importantes na aceleração da perestroika. Há apenas um ano, os mineiros foram dos primeiros a seguir Andrei Sákharov, intervindo pela revogação do artigo 6.º da Constituição da URSS sobre o papel dirigente do Partido. Presentemente são de novo os primeiros a reclamar a criação de um governo de coligação que goze da confiança do povo.»⁽¹²³⁾

Nessa altura, num artigo saudando as greves dos mineiros, os trotskistas referiam em termos quase idênticos a posição de «vanguarda» adoptada por Sákharov, Élt sine, Afanássiiev e Popov a favor do «multipartidarismo» e da «democratização» e contra «o artigo 6.º da Constituição». A «revolução para eliminar a ditadura burocrática», defendida por Mandel, junta-se ponto por ponto às

táticas elaboradas por Elena Bonner, a viúva de Sákharov. Compreende-se que não é por acaso que Mandel incensa Sákharov como sendo um «*progressista*» e um «*radical de esquerda*»! Eis como a viúva de Sákharov explica a estratégia da «*greve geral política*», tão cara ao chefe trotskista. O leitor compreenderá que, assim que Elena Bonner fala de «*esquerda*», designa o que comumente se chama, entre nós, de direita...

«É impossível», afirma a senhora Sákharov num comentário sobre o XXVIII congresso do PCUS, «refazer, remodelar, reformar o partido. O país está farto. (...) A esquerda apareceu em cena, tendo por ponto culminante o momento em que Borís Éltine declarou que abandonava o partido. (...) O erro principal das forças de esquerda é o de não ter apelado ao país para apoiar os mineiros. A presença tácita da esquerda na sala colocava-a do mesmo lado que a direita. Parecia que ambas tinham igual receio do povo. Receio da rebelião, da desordem. Mas a greve política não é uma rebelião, é a única possibilidade do povo manifestar a sua vontade. As greves e as manifestações massivas nas ruas dos países do Leste europeu demonstraram-no. (...) Os eleitos do povo devem compreender eles próprios, e saber explicar ao povo, que é possível avançar sem motins nem efusão de sangue, mas para tal, o país deve desembaraçar-se do partido-monopólio, do partido-poder. (...) O partido ou os seus líderes são responsáveis por, ao fim de 70 anos, nos encontrarmos aqui. O mais importante é que o partido se tornou um obstáculo psicológico. Os bens do partido devem ser nacionalizados e o PCUS deve ser dissolvido, por decreto, não do partido, mas dos

deputados do povo da URSS. Mas na sua composição actual, estes são incapazes de tomar uma tal decisão. (...) É necessário um movimento a favor das eleições antecipadas dos deputados do povo da URSS. E a greve política geral é o único meio de fazer nascer esse movimento. Andrei Sákharov considerava-a já indispensável em Dezembro. O tempo provou que ele tinha razão.»⁽¹²⁴⁾

Mandel, esse alquimista das fórmulas retumbantes que servem para embrulhar os mil ingredientes da política americana, pode aprender com a viúva Sákharov como se fala claro.

A CRISE POLÍTICA E ECONÔMICA GERAL

Os vestígios das estruturas socialistas esfarrapam-se, os últimos valores socialistas evaporam-se, as forças capitalistas abrem caminho através dos destroços caóticos de uma economia planificada derrubada, através da selva de uma criminalidade desvairada onde pululam bandidos, mafiosos e «capitalistas da sombra».

OS ELEMENTOS DA CRISE

A crise económica agrava-se todos os meses. Logo que chegou ao poder, Gorbatchov denunciou em termos virulentos a estagnação económica na época de Bréjnev. O crescimento do rendimento nacional, que era de 6,5 por cento no período de 1961 a 65 e de 7,7 por cento entre 1965 e 1970, diminuiu para três por cento em 1981-1983, nos últimos anos de Bréjnev. Do mesmo modo, a produtividade do trabalho decaiu de 3,4 e 3,2 por cento

nos dois primeiros períodos para 1,4 por cento em 1981/82.⁽¹²⁵⁾ É intolerável, não podemos continuar a viver como antes, diz Gorbatchov, jurando que as condições de vida iriam melhorar significativamente entre 1985 e 1990. Mas, no final de 1990, o próprio primeiro-ministro Rijkov vê-se obrigado a entregar ao seu chefe um título de incompetência:

«Conhecemos uma baixa sem precedentes da produtividade. Em 1990, em relação ao ano precedente, o rendimento nacional produzido diminuiu quatro por cento e a produtividade do trabalho três por cento».⁽¹²⁶⁾

Rijkov afirma que o ritmo de crescimento continuou relativamente estável em 1986/88 e que o afundamento de 1989/90 foi provocado pela improvisação e a incompetência dos restauradores impacientes. Como causa principal do *«desastre»* que ameaça a economia, cita a *«passagem, em grande escala mas não estudada em todos os pormenores, a novos princípios de gestão»*.⁽¹²⁷⁾

Hoje, as pessoas têm a nostalgia do tempo de Bréjnev...

«Nessa época conseguíamos sobreviver, já não é o caso com a perestroika» — ouve-se dizer cada vez mais frequentemente. *«Que posso dizer?»*, suspira uma mulher idosa ucraniana. *«Não há leite, há 500 gramas de farinha torrada por mês, tem-se direito a três caixas de fósforos, mas é impossível comprá-las. Recebo uma pensão de 76 rublos. O que se pode comprar com esse dinheiro? A fome é o que conhecemos permanentemente.»*⁽¹²⁸⁾

Como Gorbatchov decidiu passar à economia de mercado e à empresa privada, toda a gente sabota o sistema planificado, pondo-se cada qual a roubar e a desviar. Arranjar um capital para não faltar ao grande encontro dos novos empresários, é a palavra de ordem dos fanáticos da *perestroika*. Capitalistas da sombra e burocratas especulando sobre a falta de produtos de primeira necessidade fazem aumentar os preços. Acumulam fundos dos quais se servirão aquando das próximas privatizações.

A produção industrial sofreu uma queda em 1990 de 0,8 por cento. Em 19 de Dezembro, Rijkov revela um número que mostra bem a destruição provocada pela *perestroika*:

«Até agora, as empresas do país só concluíram 60 por cento dos contratos de fornecimento de produtos. Este número traduz uma destruição grave das ligações económicas.»⁽¹²⁹⁾

De 1988 a 1990 a produção de petróleo diminuiu dez por cento. O défice orçamental, 60 mil milhões de rublos em 90, subiu em flecha para os 250 mil milhões de rublos.

«Isto conduzirá à derrocada completa do mercado de produtos de consumo e a uma inflação galopante», diz Valentin Pavlov, ministro das Finanças.⁽¹³⁰⁾

O factor principal da crise política é a desagregação de facto da União Soviética em 15 repúblicas «independentes». A Rússia, a Ucrânia, a Bielorrússia, a Moldávia, a Arménia, o Azerbaijão, a Quirguízia, o Cazaquistão decretaram a sua soberania estatal à qual se agarram sobrepondo-a a tudo. Dão a prioridade à soberania e não ao novo Tratado da União proposto por Gorbatchov. Quando

à Lituânia, à Estónia, à Letónia e à Geórgia declararam logo que não assinavam o Tratado.⁽¹³¹⁾

Mas cada uma das 15 repúblicas «soberanas» rebenta por sua vez sob a pressão dos seus próprios movimentos «independentistas». Élt sine, o presidente da Federação Russa, quer assinar um «tratado federativo» com as 16 repúblicas autónomas que constituem a Federação, com as cinco regiões autónomas e os dez distritos autónomos que integram a Rússia e que, quase todos, proclamaram a sua autonomia real ou decididamente a sua independência!⁽¹³²⁾ Os «democratas» que reinam na Geórgia «independente» acabam de abolir a região autónoma da Ossétia do Sul, na base do que os ossetas se preparam para um levantamento. Na Ucrânia, sobe a tensão entre o Leste e o Oeste, mais orientado para a extrema-direita, e acontece o mesmo entre ucranianos e russos que constituem 21 por cento da população.

Gorbatchov parece ter sido ultrapassado pelos acontecimentos, e os poderes quase ilimitados que se atribuiu em nada alteraram a sua notória impotência. No princípio de Janeiro, os fascistas que presidem nos bastidores aos destinos da Lituânia intensificam com mão de mestre as suas provocações. Gorbatchov replica, lamentando

«a incompreensão e mesmo a recusa de compreender a política do Presidente»!⁽¹³³⁾

Pela enésima vez ouvimo-lo denunciar

«actos ilegais, a própria violação da Constituição, os ataques virulentos aos direitos civis, a discriminação de pessoas pertencentes a uma outra nacionalidade, o comportamento irresponsável face ao exército».

Depois, como que a confirmar a sua inconsistência e capitulação, critica

«as acções arbitrárias da parte das tropas» e exclama: «Nem a política interna nem a política externa mudaram».⁽¹³⁴⁾

Cada vitória dos nacionalistas de direita numa república intensifica as vociferações independentistas nas outras. Gorbatchov agita o espantinho da guerra e da catástrofe.

«Não podemos dividir-nos. Se começamos a dividir-nos será a guerra. Uma guerra terrível, conflitos armados. Não podemos partilhar o exército, a arma nuclear. Em geral, isso pode desembocar numa catástrofe não apenas para o nosso país mas também para o mundo inteiro.»⁽¹³⁵⁾

Mas no seu novo Tratado da União, para marcar bem a ruptura com a União Soviética de Lénine e de Stáline, Gorbatchov inscreveu como primeiro princípio:

«Cada República signatária do Tratado é um Estado soberano e tem toda a plenitude do poder do Estado sobre o seu território».⁽¹³⁶⁾

Mesmo que Gorbatchov consiga a adopção do seu tratado por referendo, a escalada da agitação separatista e fascista continuará.

A crise económica e política geral destruiu a confiança da população em praticamente todas as estruturas políticas do país.

A equipa de Gorbatchov, que desencadeou ela própria todas as forças anti-socialistas, constata a «*derrota da perestroika*».⁽¹³⁷⁾

«A perestroika, em 1985, tinha por objectivo renovar o socialismo, superar as suas deformações», declara o primeiro-ministro Rijkov. «Mas não pôde cumprir as promessas devido à influência das forças destrutivas que, é hoje evidente, procuram mudar o próprio carácter do nosso sistema socialista.»⁽¹³⁸⁾

Rijkov que sabe que é um político acabado, fala com toda a franqueza aos deputados.

«A perestroika destruiu numerosas estruturas antigas do Estado e do Partido. Ora, nada de eficaz foi criado em seu lugar. (...) Isso repercutiu-se imediatamente sobre a economia onde não há actualmente nem plano nem mercado. (...) O governo não podia deixar de ter isso em conta, razão pela qual o acusam até hoje de conservadorismo.»⁽¹³⁹⁾

Se em Dezembro de 1989, Gorbatchov tinha a inteira confiança de 52 por cento dos soviéticos, dez meses mais tarde, esse número descia para 21 por cento.⁽¹⁴⁰⁾

Mas a oposição de direita a Gorbatchov, os Éltsine, Popov, Sobtchak e outros Afanássiev, apesar da sua vitória impressionante nas últimas eleições para os soviets, não têm um domínio organizado e estável das massas. As disputas entre as diferentes

seitas e clãs de «democratas», as suas tiradas demagógicas, começam já a fatigar as pessoas. Um jornal próximo destes direitistas publica as críticas de um homem sem papas na língua:

«Tenho a impressão de que o único resultado das eleições foi termos substituído pulhas por idiotas».

Os soviéticos estavam fartos dos burocratas e dos seus privilégios do tempo de Bréjnev; os «democratas» fizeram-se eleger graças a mil promessas demagógicas não mantidas. Um deputado «democrata», Oleg Poptsov faz certas constatações pertinentes:

«O poder local, o mais próximo das necessidades práticas e dos problemas dos cidadãos, tornou-se a prova mais difícil para os democratas. (...) Os democratas são vulneráveis em matéria executiva. Isso decorre do facto de terem visado permanentemente o aparelho como um alvo político, desestabilizando-o e fazendo-o recuar. Mas a maldição volta-se contra o novo aparelho que os democratas têm muita dificuldade em constituir».

Uma parte da opinião pública volta as costas tanto a Élt sine como a Gorbatchov e começa a especular sobre a chegada de uma terceira força: o exército ou o levantamento popular.

«A ideia da terceira força é sintomática», continua Poptsov. «Confirma tanto o vazio na arena política como a vontade de entrega a exageros. A sociedade exausta, indigente, está à beira do desespero.»⁽¹⁴¹⁾

Uma vaga de delinquência abateu-se sobre o país: mata-se, viola-se, saqueia-se.

«Segundo as sondagens, o que mais inquieta as pessoas é a ausência de ordem. Significa isto que aquele que a garanta gozará da confiança da sociedade?»,⁽¹⁴²⁾

pergunta-se um reputado sociólogo soviético.

A BURGUESIA LIBERAL E PRÓ-OCIDENTAL

Que caminho tomará a União Soviética? Num país à beira de rebentar, onde o partido dirigente se desmembra, onde a crise devasta todos os domínios da vida económica e social, as forças políticas sofrem grandes mutações (há ano e meio, Gorbatchov jurava manter o papel dirigente do PCUS...), as alianças políticas fazem-se e desfazem-se a um ritmo acelerado (em 1988 Gorbatchov era muito popular na Lituânia.).

No entanto, pode-se entrever quatro orientações políticas maiores.

Primeiro, há uma orientação política que se desenha bastante nitidamente e que pode chamar-se a linha da burguesia liberal e pró-ocidental. Os seus protagonistas são direitistas do género Éltine, Popov, Sobtchak, Afanássiev, Chmélev, Bogomolov e Iákovlev, que outros chamam de *«reformadores radicais»*, *«progressistas»* ou ainda *«radicais de esquerda»*. Estão próximos das posições dos nacionalistas burgueses das repúblicas não russas. Todos são partidários da introdução, em ritmo forçado, da propriedade privada dos meios de produção, de um programa

radical de privatizações. Além disso acreditam que a independência completa das diferentes repúblicas constitui o único meio eficaz para consolidar a burguesia liberal em todo o território da União Soviética. Vão todos muito longe na política de aproximação ao imperialismo: os seus objectivos vão desde a integração no Mercado Comum à introdução massiva de capitais estrangeiros. Mas se Élt sine e Iákovlev defendem por agora um «mercado comum» entre as 15 repúblicas «independentes», segundo o modelo da Comunidade Europeia, não é claro que os dirigentes das três repúblicas bálticas e da Geórgia se contentem com algo menos que a independência total e uma associação com a Europa ocidental.

Lembremos que os trotskistas do grupo Mandel apoiaram todos os protagonistas desta orientação liberal-burguesa e pró-ocidental, tanto os Élt sine, Afanássiév e Bogomolov como os nacionalistas-fascistas da Lituânia, da Letónia e da Ucrânia.

Foram feitos esforços para reunir todas estas forças liberais num «Fórum Democrático». O Partido Democrático da Rússia, o Partido Republicano (a antiga Plataforma Democrática de Élt sine no seio do PCUS) e o Partido Social-Democrata integraram-no, tal como os grandes tenores democráticos «independentes»: Élt sine, Popov, Sobtchak e outros. A participação das três repúblicas bálticas parecia adquirida.

«A este propósito, Iúri Afanássiév acaba de discutir várias questões nas repúblicas bálticas. Negociações preliminares tiveram lugar com a Ucrânia. Os representantes do

Cazaquistão declararam-se também desejosos de participar no Fórum.»⁽¹⁴³⁾

Aliás, na Rússia, Éltine retomou a demagogia nacionalista para unir as forças reaccionárias nas repúblicas não russas. Para ultrapassar o Tratado da União, graças ao qual Gorbatchov pretende evitar a eclosão, Éltine publicou, em Novembro de 1990, a nova Constituição da República Federativa da Rússia. A palavra socialista foi riscada, o direito à propriedade privada dos meios de produção passou a figurar; a Rússia controlará os recursos naturais no seu território e será responsável pelas forças armadas e pela política externa, dois domínios que Gorbatchov reserva à União.⁽¹⁴⁴⁾ Em Dezembro, Éltine, na qualidade de presidente da Rússia, assinou um tratado com a Ucrânia, em que esta é considerada um Estado soberano. Seguir-se-ão tratados semelhantes com a Arménia, o Azerbaijão e a Bielorrússia, declarou Éltine. Desta forma esforça-se para realizar o seu ideal de uma nova Comunidade entre estados soberanos, à imagem da Comunidade Europeia.⁽¹⁴⁵⁾

Todos estes liberais têm laços estreitos e fortes com o imperialismo americano e europeu, que, no entanto, agem com muita discrição, uma vez que o desmantelamento das estruturas socialistas na URSS se mostra um assunto delicado e complicado. Durante a cimeira em Paris dos Trinta e Quatro países, em Novembro de 1990, Gorbatchov parecia um homem largamente ultrapassado pelo surto das forças de direita na URSS.

«Pela primeira vez», faz notar o *Guardian*, «os dirigentes ocidentais tiveram dúvidas: será que Gorbatchov é ainda o homem com quem se podia tratar eficazmente?»⁽¹⁴⁶⁾

Jack Matlock, o embaixador americano em Moscovo, mantém relações regulares com Éltine.

«Não podemos permitir-nos negligenciar as outras forças políticas»,

afirma um responsável dos Negócios Estrangeiros.⁽¹⁴⁷⁾ Gerald Frost, director do *Institut for European Defense and Strategic Studies*, próximo da senhora Thatcher, pode permitir-se falar mais claramente:

«A estrutura predominante [na URSS] é a máquina do Estado existente — o governo, a burocracia, o KGB, os sindicatos oficiais. A segunda estrutura, a mais fraca, claro, compreende as repúblicas, os novos partidos políticos e os novos sindicatos independentes. Se o Ocidente não quer prolongar a morte da primeira estrutura, então os ministros da Comunidade Europeia deveriam voltar a sua atenção para a nova estrutura do poder.»⁽¹⁴⁸⁾

Assim, a fracção mais agressiva do mundo imperialista aceita os riscos ligados à explosão violenta da União Soviética. A balcanização da África e do mundo árabe assegurou as condições óptimas para a dominação imperialista. Depois da restauração do capitalismo na URSS, os espíritos mais imaginativos do Ocidente começam a sonhar com a sua submissão económica e política. Gorbatchov tem portanto razão de denunciar os que se «*curvam*

perante o estrangeiro convidando-o a resolver os nossos problemas».⁽¹⁴⁹⁾

OS DEFENSORES DA ECONOMIA MISTA E DO PODER CENTRAL FORTE

A segunda linha política que por agora predomina é a de um capitalismo misto numa União mantida entre as 15 repúblicas e colocada sob uma autoridade central forte, capaz de dominar os complexos processos que acompanham a passagem do socialismo ao capitalismo.

Esta linha é representada, neste momento, pela a aliança Gorbatchov—brejnevianos.

Agora que a orientação para o mercado e para a empresa privada está firmemente estabelecida, uma aproximação entre o grupo Gorbatchov e a velha burocracia brejneviana torna-se possível. Ambos temem que o estilhaçar da União em 15 repúblicas «independentes» e o esboroamento das estruturas políticas com o advento de múltiplos partidos burgueses pouco sólidos precipitem a União Soviética num ciclo infernal de guerras civis reaccionárias e de insurreições populares.

A este propósito, duas medidas fundamentais foram tomadas pelo Soviete Supremo em finais de Dezembro de 1990.

Foi adoptado um novo Tratado da União. Cada república torna-se num «Estado soberano» que desenvolverá a sua economia nas bases do mercado e das relações capitalistas, sendo

liquidada no essencial a planificação central. O mercado cimentará a União, como é o caso da Comunidade Europeia. Gorbatchov julga ser essencial a manutenção da União para a emergência de empresas capitalistas vigorosas. É necessário, afirma,

«fazer de modo a que as empresas possam dinamizar as suas actividades e aumentar o seu rendimento, utilizando para o efeito as possibilidades do imenso mercado [da União]».⁽¹⁵⁰⁾

Será preciso uma maioria de três quartos dos votos para que uma república possa tomar a opção de abandonar a União, opção que deve ser confirmada por um segundo referendo, cinco anos mais tarde. Um conselho da Federação agrupará os presidentes das 15 repúblicas e determinará as grandes opções da política interna e externa. Mas a autoridade sobre toda a União será concentrada essencialmente nas mãos do presidente, que detém o poder administrativo e executivo supremo.⁽¹⁵¹⁾

Em segundo lugar, a União Soviética foi dotada de um regime presidencial no qual o Conselho dos Ministros depende de Gorbatchov que, além disso, dirige o Conselho da Federação e o Conselho de Segurança. Esta criação de um poder presidencial forte, à imagem do regime americano, responde a quatro preocupações diferentes.

Primeiro, só um poder presidencial forte poderá vencer as resistências à introdução do mercado capitalista. Esta ideia está contida em bastantes comentários.

«A ideia da propriedade privada repugna à sociedade soviética, educada durante mais de 70 anos na sua negação.

A resistência das estruturas esclerosadas à privatização será importante sobretudo na província. Para vencê-la, será necessário recorrer ao poder presidencial.»⁽¹⁵²⁾

Em seguida, um poder presidencial forte é necessário para impor limites às 15 repúblicas «soberanas» e evitar a implosão. Trata-se de pôr fim à guerra das leis em que as decisões da União são constantemente postas em causa por leis das repúblicas.

Em terceiro lugar, o regime presidencial, aos olhos dos seus partidários, estará mais apto a manter a ordem, a pôr fim à violência política, sobretudo interétnica, e aos ataques contra as estruturas do Estado, a combater a criminalidade, a lutar contra a máfia económica. Cinquenta e três dirigentes militares, económicos e políticos, entre os quais o chefe do Estado-Maior da Forças Armadas, Mikhail Moisséiev, lançaram um apelo, em 19 de Dezembro de 1990, no qual se lê:

«Somos ameaçados por uma ditadura desastrosa de gente que não sente escrúpulos no seu desejo de possuir o território, os recursos, a riqueza intelectual e a força de trabalho do país chamado União Soviética. Sugerimos-vos que tomem imediatamente medidas contra o separatismo, contra as actividades subversivas visando o Estado, contra a instigação à violência interétnica: utilizem a lei e os poderes que vos foram cometidos».⁽¹⁵³⁾

Finalmente, um regime presidencial forte poderá manter a coesão do Partido Comunista e evitar o seu desmembramento sob os golpes e os movimentos e dos partidos anticomunistas. Assim,

Vladímir Kriutchkov, o chefe do *KGB*, lançou diante das câmaras um apelo ao combate à vaga anticomunista; atacou de seguida os serviços secretos estrangeiros que travam uma guerra secreta contra o Estado soviético e encorajam as correntes radicais.⁽¹⁵⁴⁾ Se o Partido Comunista se desmorona, a desagregação do país e as guerras civis serão inevitáveis.

A instauração de um regime presidencial forte suscitou diferentes reacções, mas uma maioria muito ampla e diversa no Soviete Supremo apoia esta mudança fundamental do regime político. O grupo *Soiuz*, que combatia Gorbatchov por causa da sua gestão económica desastrosa e o seu afastamento em relação ao socialismo (compreendido em grande parte na sua forma brejneviana), apoiou as medidas propostas, tal como o fez Gavríl Popov, o presidente da Câmara de Moscovo, um liberal próximo de Élt sine.⁽¹⁵⁵⁾

É notório, aliás, que a questão do poder forte divide os liberais pró-ocidentais, considerando alguns que uma restauração capitalista integral na base tem sempre necessidade de um impulso enérgico vindo de cima. Chatáline, economista próximo de Élt sine, declara:

apoio «uma gestão forte, mesmo severa, que seja capaz de reforçar o poder executivo, de criar condições favoráveis ao estabelecimento de um mercado unificado à escala de toda a União Soviética».⁽¹⁵⁶⁾

No final houve 305 votos favoráveis ao poder presidencial forte e 36 «democratas-radicais» votaram contra. Estes últimos

lançaram alguns gritos contra a ditadura. Chevardnádze, que é, com Iákovlev, o homem mais à direita da equipa de Gorbatchov, demitiu-se em 20 de Dezembro de 1990, exclamando:

«Os democratas fugiram, os reformadores escondem-se, a ditadura aproxima-se, mas ninguém sabe qual será a ditadura nem quem será o ditador».⁽¹⁵⁷⁾

Lúri Afanássiev também crê que a União Soviética vai mal. Durante os cinco anos de *perestroika*, escreve, continuámos a

«delapidar as nossas reservas de ouro e de diamantes» e a apoiar «regimes políticos como os do Iraque, de Cuba, de Angola».

No final de Dezembro, os *«conservadores e reaccionários do aparelho do partido, do KGB e do complexo militar-industrial»* uniram-se para afirmar que os nacionalistas na Lituânia, na Letónia, na Estónia e na Geórgia têm ligações à CIA.

«Tudo isto confirma a oposição destas forças políticas à aceleração da passagem à economia de mercado»,

afirma Afanássiev, num artigo intitulado: «Caminhamos para a ditadura».⁽¹⁵⁸⁾

Éltsine fala da ameaça de um

«autoritarismo sem limites», acrescentando: «Nem Stáline, nem Bréjnev tiveram tais competências e poderes numa base legal».⁽¹⁵⁹⁾

Todos estes liberais, fervorosos partidários da ditadura da burguesia, espumam contra «a ditadura» considerando que a privatização radical, a divisão da União Soviética em repúblicas «independentes» e a sua integração na Europa capitalista se realizam com demasiada lentidão.

Mas qual é a relação entre o regime presidencial forte e a ditadura? Primeiro, todas as forças apoiantes da *perestroika* são partidárias do capitalismo e portanto da ditadura de classe dos novos burgueses. Mas na maior parte das repúblicas da União Soviética, a fracção maioritária da nova burguesia local impõe a sua hegemonia às massas trabalhadoras recorrendo ao nacionalismo de direita e à ideologia fascizante; conta obter uma independência total para exercer a sua ditadura que rapidamente poderá tomar um carácter muito violento contra os operários e as camadas mais desfavorecidas, assim como contra as minorias nacionais. Em contrapartida, a fracção da nova burguesia ligada à grande indústria, ao exército, ao aparelho de Estado central, considera que só a união das 15 repúblicas permitirá ao capitalismo desenvolver-se com dinamismo e transformar a URSS numa grande potência capitalista.

A questão é de saber se a ditadura burguesa, mantendo-se a unidade da União Soviética, poderá exercer-se essencialmente por meios económicos e políticos, como se faz nos velhos países imperialistas, ou se será preciso recorrer a formas violentas e à repressão contra as forças que ameaçam a passagem, em ordem e unidade, do socialismo ao capitalismo.

A hipótese de que a União Soviética caminha para um período de uma ditadura burguesa aberta e violenta parece-nos a mais provável. Com efeito, derrubando as últimas estruturas socialistas, os capitalistas da sombra, os burocratas e os tecnocratas tomam conta de um número crescente de meios de produção pertencentes até hoje ao Estado. Algumas centenas de milhares de novos burgueses agem com rapacidade em função dos seus próprios interesses privados. A dispersão e o fraccionamento desta classe são as suas características principais. Entretanto, uma fracção importante desta nova classe ligou-se à economia do Estado e ao aparelho de Estado. Sobe à cena como grande burguesia ligada ao que será, após a instauração do mercado e da autonomia das empresas, o capitalismo de Estado. Na situação de caos e de crise generalizada, é provável que a nova burguesia, em toda a sua diversidade, não encontre a sua unidade senão sob a protecção de um regime bonapartista.

O futuro dirá se a União Soviética tem ainda a possibilidade de se tornar uma potência capitalista independente sob a direcção de um Bonaparte saído das fileiras do partido. Mas não se pode excluir para já a possibilidade da sua divisão em múltiplos estados capitalistas dependentes, dirigidos pelos Quislings e os Jaber al-Sabah em proveito do imperialismo alemão e americano.

Na sua maioria, as nossas multinacionais preferem uma União Soviética que caminhe para o capitalismo de maneira ordenada, em unidade e com um poder forte. Uma desestabilização geral e a eclosão de múltiplas guerras civis poderiam ter consequências incalculáveis num mundo já fortemente desequilibrado. A presença de milhares de armas nucleares numa União Soviética dilacerada

por guerras civis é outro pesadelo. Num país que tem estruturas socialistas com 70 anos de história, mais vale evitar uma precipitação aventureira em direcção à empresa privada.

«O passo mais importante não é a privatização», escreve o director da Associação para a União Monetária da Europa, «mas a aceitação dos direitos de propriedade privada. Só a transformação do sistema legislativo pode criar as condições prévias à iniciativa privada. Empresas novas podem ser criadas e novos empresários poderão crescer, enquanto as velhas empresas continuarão a pertencer ao Estado. Afinal de contas, economias de mercado como a Itália, a Áustria e a Espanha têm sectores públicos importantes, cujas empresas operam com êxito nas condições do mercado.» «É preciso uma privatização gradual e lenta das empresas pertencentes ao Estado.» «O que é necessário é uma reforma monetária fundamental para eliminar os excedentes monetários.»⁽¹⁶⁰⁾

Será possível que para instaurar um poder central forte e reprimir as tendências para a desagregação e a guerra civil o exército tome o poder?

Alguns progressistas, horrorizados pelo carácter abertamente restaurador da política de Gorbatchov, esperam ver surgirem breve, no seio do exército e do *KGB*, forças autenticamente marxistas-leninistas e que estas, confrontadas com a anarquia e o caos generalizados, tomarão o poder para restabelecer os princípios socialistas. O próximo regime musculado poderia então ser saudado como uma viragem para o socialismo. Estas esperanças parecem-nos ilusórias.

Primeiro é pouco provável que o exército sozinho tome nas suas mãos o poder: os conflitos políticos com que a União Soviética se confronta são de tal modo complexos que o recurso a uma ditadura militar incendiará todas as lutas e fará da URSS um grande braseiro. Uma ditadura abertamente burguesa na URSS deverá sempre ligar a intervenção militar à acção política. Portanto impõe-se uma aliança entre o exército, o *KGB* e um partido social-democratizado.

Em seguida, a unidade sobre as questões essenciais da *perestroika*, que se manifesta tanto no Comité Central do PCUS como no Soviete Supremo, indica que os chefes militares não têm uma opção política fundamentalmente diferente da que Gorbatchov defende.

Atacado por um jornalista do *Nouvelles de Moscou*, o coronel-general Borís Gromov replica:

«Os generais, denegridos por Nuíquine, não estão menos interessados na perestroika do que ele. Empreguemos os nossos talentos, até os literários, para a consolidação das forças com vista ao desenvolvimento das mudanças em curso».⁽¹⁶¹⁾

O coronel-general I. Rodiónov, também ele, defendeu de modo brilhante a linha do capitalismo misto numa União Soviética forte, contra a linha do liberalismo exagerado, do desmantelamento da União e da integração no Ocidente. O coronel-general é partidário da *perestroika*, do mercado e da introdução progressiva da propriedade privada na economia, e do

pluralismo burguês na política. Também se opõe aos «stalinistas», que não querem transigir no que toca aos princípios marxistas-leninistas. Mas o coronel-general considera que só um partido forte poderá negociar a difícil passagem ao mercado e ao capitalismo. Também se opõe ao «bolchevismo de direita», praticado pelos liberais que se preparam para desencadear a caça aos membros do PCUS e para mergulhar o país em intermináveis guerras civis interétnicas. Eis as suas teses:

«O pluripartidarismo tornou-se uma realidade. O país arrancou as suas cadeias ideológicas e políticas e procura os caminhos do renascimento. A democratização não representa um objectivo para os “democratas”, mas um meio de luta pelo poder. O seu número decresce, enquanto o PCUS muda à vista desarmada. Este último representa um perigo para alguns que temem não conseguir eliminá-lo e que se torne, aos olhos do povo, uma autêntica vanguarda política. Daí a escalada dos ataques contra o PCUS, as exigências de interditá-lo, de julgá-lo, etc. Torna-se evidente que mesmo a ameaça de uma guerra civil não travará os democratas na sua luta pelo poder. É ao mesmo tempo ridículo e amargo ver que, embora zurzindo uma análise de classe, os democratas a adoptem às escondidas. Há um ou dois anos, a “imprensa democrática” abundava em pesquisas teóricas - a de S. Andréiev e de outros - acerca da formação de uma nova classe na URSS: a nomenklatura. Agora, aponta-se a dedo o inimigo de classe. Elena Bonner di-lo abertamente: ei-los, estes parasitas que cantam a Internacional.

«Não é preciso ser génio para compreender que, uma vez chegados ao poder, os nossos democratas realizarão na prática a análise de classe. Não ficarão satisfeitos enquanto o PCUS não for dissolvido e proibido e os seus bens divididos. Lutando pelo poder na Lituânia, o Sajudis reivindicava a liberdade de expressão e de imprensa. Actualmente, os comunistas da Lituânia vêem-se obrigados a imprimir o seu jornal fora da República. Tomemos a luta pela soberania. Vejamos com que fervor os deputados «democratas» da Moldávia e da Lituânia defendem o direito à autodeterminação nacional para os moldavos e os lituanos. Ora, os gagaúzes⁽¹⁶²⁾ na Moldávia e os polacos na Lituânia só tiveram direito a desprezo quando tentaram obter a sua autonomia nacional. Por que motivo os democratas radicais defendem uma propriedade privada ilimitada? Por que são abertamente apoiados os separatistas das repúblicas bálticas? A quem aproveita tudo isso? Não são apenas os soviéticos que temem o desmembramento da União Soviética, mas também os homens políticos sensatos do Ocidente. O processo de democratização pode ser embargado não só pelos conservadores, mas também por estes “democratas” de esquerda. A democratização é um processo intermédio. Diz-se, no automatismo, que a ausência de um tampão num sistema que procede a uma viragem tão brusca é uma ameaça de desregulação e de destruição. Fora do PCUS, do seu centro, das suas forças sãs, não vejo nenhuma outra força capaz de desempenhar o papel de tampão. É o PCUS que, ao mesmo tempo que se renova, tem de fazer face tanto às tentativas de regresso ao stalinismo como às de utilizar o “neobolchevismo”

(greves, comícios, greves da fome, etc., podendo ir até à guerra civil) para que os “democratas”, nada democráticos, possam arrecadar o poder. Espero que o povo venha a compreender que o comunismo ortodoxo que recusa “transigir nos seus princípios” e o anticomunismo são igualmente perigosos. Quanto aos comunistas, deveriam saber que, nas condições actuais, mesmo os comentadores ocidentais qualificam a saída do PCUS de deserção. O apelo à destruição, à interdição, à liquidação do PCUS, força-tampão, não significa outra coisa senão a incitação do país a uma guerra civil, a conflitos interétnicos».⁽¹⁶³⁾

Mas a aliança das forças capazes de manter a coesão da União Soviética sob um poder forte, continua frágil.

O seu ponto fraco chama-se Gorbatchov e o PCUS. Desde 1985, Gorbatchov em nenhum momento defendeu posições políticas com firmeza e constância. Vaga após vaga, a direita atacou e, a cada nova etapa, Gorbatchov foi empurrado cada vez mais para a direita. Diante de uma agressividade redobrada dos nacionalistas e dos fascistas apoiados pelos Élt sine, não é impossível que Gorbatchov escolha de novo recuar. O que sem dúvida provocará tanto o esboroamento do Partido Comunista como o da União Soviética.

O RESTABELECIMENTO DO REGIME MONÁRQUICO?

É difícil pronunciarmo-nos sobre as possibilidades de futuro da terceira linha política que se perfila. Defendendo um liberalismo selvagem na economia, esta insiste sobretudo num poder forte de tipo aristocrático, apoiando-se no nacionalismo eslavo do tempo dos tsares.

Essa linha, neste momento muito minoritária, pode ter a sua oportunidade na altura em que tudo se desmorone, quando a superpotência soviética naufragar com a explosão efectiva da União. A população russa ficará então entregue a si mesma. Aguilhoados por uma crise cada vez mais horrível, os russos podem procurar refúgio no nacionalismo agressivo e no poder musculado de tipo tsarista-renovado.

As diferentes formações monárquicas constituem por agora as forças de choque da reacção tsarista. Têm uma bandeira em Soljenítsine, esse adorador de Nicolau II, que arranjou nome como escritor anti-stalinista para ser elevado em seguida, por obra e graça da *CIA*, aos píncaros da glória artística. Mas elas têm sobretudo uma base potencial que se alarga com as conquistas espirituais sucessivas da Igreja ortodoxa. Assim que as batalhas entre os partidários do capitalismo selvagem e os defensores do capitalismo misto hajam esgotado e enfraquecido ambos os campos, um grande número de desiludidos poderia passar para o lado dos monárquicos. Este movimento anuncia-se já na cabeça de

alguns dirigentes «democratas radicais». Assim, Anatóli Sobotchak declarou:

«Atingi o verdadeiro valor da vida privada e da liberdade individual. O último imperador da Rússia tinha justamente como principal desejo insaciável, indo ao encontro dos interesses do Estado, esta aspiração à vida privada. Nicolau II não foi certamente um carrasco, como o apresentavam os revolucionários profissionais. Ele amava, era amado e queria a simples felicidade no seio da sua própria família.».⁽¹⁶⁴⁾

O RESTABELECIMENTO DA DITADURA DO PROLETARIADO?

Uma quarta linha política brota lentamente das lutas complexas a que assistimos. Continua a haver na URSS partidários de um regresso ao socialismo e à ditadura do proletariado, da revalorização da experiência de Lênine e de Stáline. Como a viragem à direita se faz de maneira tão abrupta e brutal, assistir-se-á a contra-correntes em direcção à esquerda entre os trabalhadores. As diferentes tendências do socialismo pequeno-burguês, um espectro que vai dos sociais-democratas de «esquerda» até aos anarquistas, passando pelos trotskistas, encontrarão aí terreno de manobra.

Uma linha autenticamente socialista na URSS deverá caracterizar-se, entre outras coisas, pela defesa da experiência de Stáline, pela adesão aos princípios da ditadura do proletariado e pelo empenhamento anti-imperialista revolucionário, três posições

essenciais abandonadas e atacadas tanto por Nikita Khruchov e Bréjnev como por Gorbatchov. E deverá sobretudo trazer uma resposta marxista-leninista aos problemas da luta de classes actual na URSS, e mostrar-se capaz de unir as forças comunistas dispersas e desorientadas.

Pelo que sabemos, as forças marxistas-leninistas são fracas, procuram ainda definir-se sobre muitas questões e encontrar formas elementares de organização. No entanto, na profunda confusão que se abaterá sobre o povo na eventualidade da eclosão da URSS, do estabelecimento de ditaduras abertamente burguesas e de guerras civis, a corrente marxista-leninista poderá encontrar quem a ouça entre as massas oprimidas.

Nina Andréieva é a sua porta-voz mais conhecida. Embora possamos divergir em algumas das suas opiniões e análises, deve reconhecer-se que ela defende, nas suas posições fundamentais, o socialismo e a ditadura do proletariado.

Nina Andréieva preside ao movimento «Unidade», criado em Maio de 1989. Foi ela que apresentou o relatório da direcção à segunda conferência da «Associação Unidade - Pelo Leninismo e os Ideais Comunistas», que teve lugar em 14 de Abril de 1990, em Moscovo.

Nesse momento, a organização mantinha contactos com 300 núcleos revolucionários por toda a União Soviética. Apresentamos extractos do Relatório de Nina Andréieva, completados com explicações que ela forneceu a um jornalista do semanário *Solidaire*:

«Em 1985, quando Gorbatchov anunciou a perestroika como um regresso ao marxismo, aplaudimos o seu projecto.

«Após o período de Stáline, muitas coisas correram mal. Nessa época, a URSS era a terceira grande potência. Nikita Khruchov tentava já a introdução de alguns princípios capitalistas.

«Nos anos 60, assistiu-se ao afastamento e ao desaparecimento de quadros do partido e dos soviets, caldeados na luta pelo socialismo e pela destruição do fascismo. Foram classificados, sem distinção, como “stalinistas”. Foi assim que começou o processo de degenerescência burocrática nacionalista e social-democrata do partido. Os dirigentes do período de Stáline lutaram duramente contra o perigo interno da cupidez e da degenerescência. Mais tarde, após a vitória do fascismo, essa luta foi progressivamente abandonada e depois inteiramente terminada. As doenças puderam então atacar o partido em pleno coração.

«Com Bréjnev havia um sistema de guarda-chuva que permitia a toda a gente pôr-se ao abrigo de qualquer responsabilidade. Durante 30 anos, erros graves foram efectivamente cometidos no domínio da economia planificada do socialismo. Muitos elementos negativos haviam penetrado no sistema socialista e era necessário erradicá-los. Mas hoje, observando o caminho percorrido, temos de concluir que, desde o princípio, a perestroika foi uma contra-revolução, realizada por Gorbatchov etapa por etapa.

«Gorbatchov começou por desacreditar a história soviética, relançando a histeria contra Stáline. Foi assim que canalizou todas as críticas, mesmo as críticas justificadas contra os 30 últimos anos, para atacar as verdadeiras conquistas da revolução de 1917.

«A restauração do capitalismo na União Soviética desenvolve-se a coberto de uma embalagem político-ideológica refinada. Os renegados organizaram, através dos media, uma lavagem ao cérebro anticomunista e anti-stalinista. Um dos objectivos desta campanha foi caluniar as etapas mais conseguidas do desenvolvimento do Estado soviético. Pretendia-se assim paralisar qualquer resistência da parte dos cidadãos soviéticos.

«Em matéria de sociologia, de filosofia, de política, de economia e de história, os chefes de fila começaram a rivalizar com a Radio Free Europe, a Voz de Israel e outros centros de propaganda estrangeiros do imperialismo com o fim de diminuir e de banalizar a contribuição histórica do socialismo para a civilização mundial e a salvação da humanidade face à podridão fascista. Resultado dessa campanha: o povo soviético encontra-se hoje numa verdadeira “prisão ideológica”. É sobretudo a juventude soviética que se encontra em dificuldade, desmoralizada que está pela pornografia, as drogas, o álcool, as obras de cultura de massas ocidental, pelo culto do “tudo é permitido”, a sede de lucro e a violência. Privam-se a juventude dos seus ideais e portanto do seu futuro.

«Os verdadeiros bolcheviques entre os quadros e os militantes do partido encontram-se numa posição muito difícil. Muitos bons militantes já deixaram o partido porque não aceitam a direcção de Gorbatchov, considerando-o anticomunista.

«Gorbatchov organizou a derrocada económica para apresentar de seguida o capitalismo como a única saída. Os princípios da propriedade colectiva, através dos kolkhozes e dos sovkhozes, são desmantelados e a única saída proposta é a propriedade privada dos meios de produção.

«Só uma economia socialista planificada que funcione bem pode oferecer uma alternativa. Se durante a Segunda Guerra Mundial não tivéssemos sabido apoiar-nos na economia planificada, nunca teríamos tido condições para levar a cabo uma resistência como a que conhecemos, com o apoio consciente de toda a população. E as estruturas soviéticas do ensino, dos cuidados de saúde e da habitação social foram durante longos anos um modelo para numerosos países. E o único resultado da economia capitalista até hoje foi a de ter lançado o nosso país num caos absoluto.

«Gorbatchov aproveitou habilmente as críticas que existiam no seio da população contra certos membros do partido, a nomenklatura. Havia efectivamente abusos, mesmo muito graves: alguns ganhavam milhões graças a investimentos e à especulação. Pagavam uma comissão de três por cento ao partido e toda a gente se calava. Os princípios justos da luta entre as duas linhas, da crítica e da autocritica já não eram

aplicados, de modo que a corrupção pôde instalar-se no partido. Gorbatchov alegava que ia mudar tudo isso.

«O oportunismo de direita do governo conduziu à destruição da sociedade socialista, do governo soviético e do PC. Penso que hoje se pode falar da segunda etapa, a etapa decisiva da contra-revolução. Ela pode ter como resultado a transformação da União Soviética numa semicolónia que proporcione matérias-primas ao imperialismo americano, à NATO e ao imperialismo japonês. O grupo oportunista de direita Gorbatchov—Iákovlev—Chevardnádze mostrou a sua verdadeira face. Eles são os servidores e os executantes da transformação do País dos Sovietes num apêndice do imperialismo que deverá fornecer matérias-primas aos capitalistas dos países desenvolvidos.

«A contra-revolução na União Soviética tem um significado internacional. O seu êxito deve ser creditado na conta da CIA e de Bush. O enfraquecimento do socialismo na nossa terra é uma perda para o mundo inteiro. Por toda a parte a situação da classe operária vai deteriorar-se. Graças à existência do socialismo, o capitalismo também era obrigado a fazer concessões (tendo diante dos olhos o espectro do socialismo). Se o socialismo desaparecer, esta ameaça para o capitalismo também se desvanece. A situação no Terceiro Mundo vai também deteriorar-se.

«Uma vez mais, a prática demonstrou que a passagem do capitalismo ao socialismo não é possível sem a ditadura do proletariado, mas também que a passagem do socialismo ao

capitalismo não pode fazer-se senão através da ditadura da neoburguesia, dos barões da economia paralela, nascidos da burocracia corrompida e da intelectualidade elitista. São precisamente esses que necessitam do autoritarismo presidencial.

«O alerta de Lénine, muitas vezes repetido por Stáline, realizou-se: quanto mais o país avança na via do socialismo, mais se agudizam as formas que pode tomar a luta de classes e se tornam perigosas para a classe operária. Esta predição — raivosamente afastada pelos nossos “leninistas” da têmpera de Nikita Khruchov e de Suslov — vê-se hoje confirmada por todo o decurso dos acontecimentos na URSS e nos países da comunidade socialista. O lento deslizar da URSS em direcção ao oportunismo de direita e ao menchevismo, sob a pressão dos elementos pequeno-burgueses, começou em finais dos anos 50 e dá hoje os seus frutos envenenados. De novo se coloca a questão: quem ganhará, o imperialismo ou o socialismo?

«Para travar a contra-revolução, é preciso fazer um trabalho teórico e organizacional eficaz nas direcções seguintes:

«- Retorno à renovação da economia planificada e reforço da propriedade socialista em matéria de instalações e de meios de produção.

«- Partilha do bem-estar, não em função do capital ou dos privilégios, mas segundo a qualidade e a quantidade do

trabalho de cada um, e luta contra a injustiça social na sociedade socialista.

«- Reforço do papel dirigente da classe operária na solução da crise e na renovação do socialismo, por formas verdadeiramente democráticas e humanas do Estado da ditadura do proletariado.

«- Os interesses de classe, nacionais e humanos devem unir-se.

«- Pelo reforço dos princípios patrióticos e internacionalistas na vida da sociedade; pelo reforço das federações, sem afrouxamento dos princípios da União.

«- Por uma visão marxista-leninista do mundo, livre do revisionismo e do dogmatismo, apoiada no desenvolvimento e no enriquecimento das experiências do movimento comunista internacional e da construção socialista.

«- Pela solidariedade e a unidade de acção de todas as forças socialistas e patrióticas do país.»⁽¹⁶⁵⁾

HOSTILIDADE PARA COM OS PAÍSES SOCIALISTAS E O TERCEIRO MUNDO

Na sua edição de Agosto de 1990, a revista *Vie Internationale*, ligada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, publica o relatório de uma mesa redonda, com o título «Primeiros passos para a diplomacia pluripartidária», em que participaram, entre

outros, os responsáveis da União dos Democratas Constitucionalistas, do Partido Democrático Constitucionalista, do Partido Liberal Democrata, da Frente Popular da Rússia, do Partido Social-Democrata da Rússia, da União Democrata Cristã.⁽¹⁶⁶⁾ Leonid Dobrokhotov, um quadro da secção ideológica do Comité Central do PCUS, deu a toda esta boa gente a cobertura da autoridade do partido.

RECONCILIAÇÃO COM O OCIDENTE, EXPLORAÇÃO DO SUL

O texto da discussão oferece-nos uma imagem impressionante do que Gorbatchov, há dois anos ainda, chamava de «pluralismo socialista» e em que se tornou, entretanto, o simples pluralismo.

Este documento permite abordar, sob um aspecto concreto, uma discussão mil vezes repetida em termos etéreos. Assim, Jacques Nagels suscitou recentemente a nossa reprovação com o «*modelo stalinista dos três M*», sendo o primeiro M «o *monopólio do poder, exercido por um só partido*». Na ausência de um «*controlo democrático*», a direcção do Partido «*arrisca-se a corromper-se totalmente*», afirma Jacques Nagels.⁽¹⁶⁷⁾ No entanto, seja dito de passagem, não tenta sequer provar-nos a realidade do «*controlo democrático*» e da «*erradicação da corrupção*» que produziria o pluripartidarismo burguês nos países imperialistas, para não falar dos países neocoloniais como a Argentina, o Senegal ou Marrocos. Jacques Nagels passa alegremente por cima da diferença fundamental entre o período revolucionário da União

Soviética, com Lénine e Stáline, e o período de degenerescência revisionista com Nikita Khruchov e Bréjnev. Isto permite-lhe aproveitar a esclerose e a hipocrisia do revisionismo para se desembaraçar do leninismo. Afastando-se da concepção revolucionária da luta de classes, rejeitando o princípio da ditadura do proletariado, Nagels acaba por opor o pluripartidarismo burguês, que incarnaria a democracia, ao monopartidarismo, que representaria a ditadura.

Ora, a experiência de Lénine e de Stáline atesta precisamente que a construção do socialismo, que necessita de uma permanente mobilização das massas trabalhadoras, é impossível sem a direcção de um partido comunista. A ditadura do proletariado contra as forças da exploração capitalista foi estabelecida no decurso da guerra civil de 1918-20 e mantida ao longo dos anos 20 e 30 graças a uma participação profunda das massas na luta política e na construção económica. O peso democrático de tais intervenções ultrapassa de longe o das participações rituais e manipuladas nas nossas eleições multipartidárias. Ora, toda essa energia popular pôde exprimir-se graças à direcção firme do partido bolchevique. O monopólio político do partido não exclui nem as discussões políticas no seu interior nem o debate e a crítica-autocrítica entre todas as forças sociais que apoiam o socialismo.

No entanto é essencial dar-mo-nos conta que a luta de classes atravessa também o Partido Comunista. Se o revisionismo consegue emergir do seu seio e depois transformar todas as suas estruturas dirigentes com a ajuda da ideologia burguesa e graças ao burocratismo e aos privilégios, deixamos de estar perante a direcção de um partido comunista. Passámos ao monopólio de um

partido burguês. Este será inevitavelmente atravessado por múltiplas correntes do pensamento burguês moderno, mesmo que possa ainda conservar um último quadrado de comunistas autênticos, lutando contra o revisionismo invasor. Um tal monopólio pseudo-comunista segrega necessariamente o pensamento marxista sacralizado, esclerótico, esquelético, morto, de que fala Jacques Nagels. Sob Stáline, o pensamento marxista não era nem esclerosado nem esquelético nem morto, mesmo que sofresse por vezes um tratamento de sacralização. O pensamento marxista continuava a ser um machado de guerra e fazia devastações nas fileiras do imperialismo e do oportunismo. Se por vezes malhava de maneira imponderada, os seus principais golpes eram lançados contra o capitalismo mundial que tinha razão em temer Stáline e o partido bolchevique acima de tudo. Desde Nikita Khruchov, o marxismo oficial soviético deixou de ser revolucionário, manteve as formas exteriores tomadas à literatura clássica mas, no interior, ele vive, bate-se, retesa os músculos como pensamento burguês. Assim que a casca marxista salta, depois de uma acumulação de mudanças quantitativas, vemos de lá sair três ou quatro bichos bastante bizarros, bichos burgueses ainda vacilantes sobre as patas, um social-democrata, o segundo liberal, um terceiro de cor fascista ou reaccionária e um quarto cuja natureza está ainda por definir. Da direcção do Partido Comunista, passa-se pelo longo período de incubação revisionista para chegar, no fim do caminho, ao pluripartidarismo burguês.

Jacques Nagels foi dirigente nacional de um partido marxista que agia nas condições de um país imperialista, neste caso a Bélgica. O seu partido, o Partido Comunista Belga, aceitou o

pluralismo burguês ao qual juntou a sua voz impotente, esperando que, com os seus cantos sedutores, o capitalismo se fosse transformando gradual e pacificamente em socialismo. O malogro foi total. Ao ponto de assistirmos hoje aos últimos espasmos deste partido moribundo.

Na União Soviética, o revisionismo possui certos traços particulares, pois nasceu nas altas esferas de um poderoso Estado socialista. Conquistado internamente pelas teses liberais, manteve longo tempo uma fachada marxista que Jacques Nagels descreve bastante judiciosamente.

«Esse marxismo», diz, «não tem coluna vertebral nem flexibilidade. Ao primeiro sopro liberal, não se dobra, quebra-se».⁽¹⁶⁸⁾

Com efeito, sob Gorbatchov, o sopro liberal quebrou a fachada e libertou o liberalismo interno das suas grilhetas marxistas. Em política, isto deu como resultado um pluralismo burguês espantoso do qual o seguinte texto, da revista *Vie Internationale*, oferece um extraordinário exemplo.

Partidários da *perestroika* discutem a futura política externa soviética:

«Vladímir Jirinóvski, presidente do Partido Liberal-Democrata (PLD): “Se quisermos ser eternamente um grande Estado, devemos entrar definitivamente na Europa unificada e rejeitar todas as considerações ideológicas que o obstaculizam. Moscovo ficou artificialmente ligada ao Leste em 1917. Moscovo deve ser parte integrante do Ocidente e figurar entre

os sete países mais importantes do mundo. Estes são os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, a Itália, a Alemanha, o Japão e o Canadá. O nosso partido trabalhará para introduzir uma correcção essencial na nossa política externa, a saber: passar das relações Este-Oeste às relações Norte-Sul. No que respeita às relações Este-Oeste, o nosso partido considera que nesta esfera não temos nem devemos ter contradição alguma. É precisamente a Sul que se encontram os focos de perigo presentes e futuros para nós, e é também lá que se estende até ao Oceano Índico a esfera dos nossos interesses prioritários. As relações Norte- Sul são mais económicas e mais rentáveis. O Sul apresenta o maior interesse para todos os países do mundo. Dar a nossa ajuda sem nada obter em contrapartida é uma coisa, outra é proteger os nossos interesses a Sul, investir aí e obter dividendos. O Afeganistão é nosso vizinho, entra na esfera dos nossos interesses. Nem Najibullah, nem Fidel Castro, nem Kim Il Sung apresentam qualquer interesse para o PLD. A América tem um determinado espaço vital ao Sul das suas fronteiras; o nosso maior interesse liga-se aos nossos vizinhos do Sul, antes mais ao Afeganistão, ao Irão, à Turquia. O mundo muçulmano no seu conjunto apresentará a maior ameaça para a humanidade inteira no final do século XX e sobretudo no princípio do século XXI. Desde agora, quase todos os centros e organizações extremistas se concentram no mundo muçulmano. É por isso que o nosso país, juntamente com a Europa e com a América, deverá procurar soluções harmoniosas para os problemas do Sul.”»

Discurso espantoso, com efeito. Mas a reacção que provocou junto do representante da secção ideológica do Comité Central do PCUS, é ainda mais assombrosa. Mostra que o termo pluralismo cobre a monocromia ideológica das diferentes correntes burguesas. Ouçamos a réplica de Leonid Dobrokhotov:

«Creio que a ideia de reorientar a nossa política externa em direcção Norte-Sul merece atenção. O nosso país entrará na casa comum da Europa e poderá aplicar juntamente com os outros países democráticos desenvolvidos uma política concertada.»

Estes encorajamentos levaram os partidários do pluralismo a um excesso de franqueza.

«Vladímir Ivanov, secretário da Frente Popular da Rússia: “É evidente que o nosso país deve cessar de financiar os regimes totalitários irmãos, os partidos comunistas e outras organizações de bandidos no estrangeiro. Só então poderemos contar com o estabelecimento da confiança e a possibilidade de progressos reais no encaminhamento para a paz.”»

«Aleksánder Ogoródnikov, presidente da União Democrata-cristã: “Nós consideramos que o Conselho da Europa nos dá o exemplo da unidade e da cooperação: é uma assembleia das nações formando uma comunidade de direito, caracterizada pela democracia pluralista e a economia de mercado. Lembremos as palavras de Soljenítsine: Para conduzir um país como a Rússia, é preciso ter uma linha nacional e sentir

constantemente atrás de si o sopro de 1100 anos da sua história.”»

Poder-se-ia imaginar que a referência a mil anos de tsarismo assustaria um tanto o representante do partido de Gorbatchov. Seria avaliar mal a profundidade dos estragos causados pela *glasnost*.

«Dobrokhoto (PCUS): “Na história da Rússia, em geral, a política externa foi sempre interessante e criativa.”»

«Não é preciso dizer que a política externa russa tinha muitos lados fortes que não deveríamos negligenciar. Pelo contrário, será necessário retomar certos princípios e certas abordagens do passado. A Rússia tinha uma excelente escola de diplomacia que repousava sobre princípios nobres. Devemos fazê-la renascer e funcionar para a glória da Pátria.

«Devemos todos agradecer à Vie Internationale esta primeira abertura de um diálogo entre partidos. Isto deverá tornar-se uma tradição para o nosso futuro Estado constitucional e pluripartidário. A nossa discussão deixa entrever, na minha opinião, a perspectiva de um consenso sobre os problemas da política externa no contexto do pluripartidarismo que se anuncia.»⁽¹⁶⁹⁾

MORTE A CUBA! MORTE AO IRAQUE!

Todos os dias, a imprensa da *glasnost* confirma as novas orientações da política externa soviética assim esboçadas.

Sendo a primeira orientação a oposição raivosa a todos os países socialistas, Cuba recebe em cheio os golpes baixos. Outrora, escreve o *Nouvelles de Moscou*, classificámos os anticastristas refugiados em Miami de «*criminosos, de bandidos e de agentes a soldo do imperialismo*». Compreendemos hoje que eram invenções da «*rica mitologia comunista*». Estes cubanos de Miami são de facto «*empresários, artistas e técnicos*». Interrogados sobre as suas intenções, eles propõem um programa que não é assim tão diferente do da *perestroika*:

«*Nós pronunciamo-nos por uma sociedade de economia de mercado e de pluralismo político*».

Em resumo, graças à *glasnost*, os soviéticos descobrem que Castro vale tanto como Stáline e Bréjnev juntos.

«*Os nossos amigos não são melhores do que nós éramos antes*», nota um jornalista. «*Será preciso prolongar artificialmente o período de estagnação? Libertando-nos dos dogmas, é preciso começar uma vasta revisão de todas as relações tradicionais com Havana.*»⁽¹⁷⁰⁾

O mesmo jornal apresenta o general Rafael del Pino como uma espécie de Trótski cubano.

«*O herói de Playa Giron, ídolo do povo, o melhor piloto do país, um autêntico comunista.*»

Porquê tantos elogios? É que em 1987 o general se passou para a CIA! Claro, ele saúda a *perestroika* e lamenta que

«Cuba não pretende abolir o stalinismo».

A sua derradeira mensagem:

«Fidel Castro é o Saddam Hussein das Caraíbas».⁽¹⁷¹⁾

O que nos conduz à segunda orientação da nova política externa: o combate contra todos os governos e movimentos anti-imperialistas do Terceiro Mundo.

A revista *Temps Nouveaux* jura que é preciso acabar radicalmente com

«os postulados ideológicos obsoletos a respeito da agressividade do imperialismo».

Pelo contrário, é necessário felicitar os americanos por terem sido os primeiros a compreender

«a gravidade da ameaça que provém do Terceiro Mundo»

e a elaborar um conceito adequado para combater os novos perigos:

«os conflitos de fraca intensidade».⁽¹⁷²⁾

A maior ameaça para a humanidade emana, nos tempos que correm, da «ditadura totalitária agressiva» de Saddam Hussein. Ora, num Terceiro Mundo habituado à

«utilização com fins demagógicos do anti-imperialismo, do anti-americanismo e do anti-sionismo», os perigos são

múltiplos. «*Um regime como o de Bagdad pode emergir em qualquer momento e em todos os pontos do globo.*»⁽¹⁷³⁾

Aprofundando esta análise, o *Nouvelles de Moscou* escreve o seguinte:

«Que género de estados se encontram preparados para desencadear uma agressão? Eles atingiram um nível económico suficiente para criar um potencial militar poderoso. Impedem os ventos democráticos de penetrar nos seus países. Apaixonam-se pelo messianismo. Por exemplo, Hussein fala da criação de um Estado árabe unido. Muitas vezes desejam juntar o Terceiro Mundo ou as suas sub-regiões sob a sua bandeira: o Sul contra o Norte. Estes centros de agressão visam praticamente todo o globo.»

E o jornal soviético elenca o Iraque, a Líbia, o Irão, a OLP (!), Cuba, o Paquistão, a Índia e a Argentina, culpada de ter

«agredido as ilhas Malvinas».⁽¹⁷⁴⁾

Mas nestes últimos tempos é evidentemente o Iraque que atrai as fúrias da *glasnost*. A imprensa de Gorbatchov rende homenagem aos diplomatas americanos e britânicos, aos valentes «*marines*» de partida para o Golfo.

«Todos estes homens defendem igualmente a nossa casa comum contra o agressor de hoje e de amanhã, defendem a justiça elementar e a dignidade humana dos kowaitianos, dos sauditas e de todos nós.»⁽¹⁷⁵⁾

Sabe-se que, aquando do voto na ONU, a União Soviética apoiou a resolução 678, permitindo a intervenção armada contra o Iraque. Pouco depois, um dos principais comentadores políticos da União Soviética, Aleksándr Bóvine, fez o panegírico da guerra com uma arrogância reservada até então à imprensa sionista.

«Acho que a guerra não é apenas inevitável, mas também necessária»,

escreve em 10 de Janeiro de 1991. O homem não é partidário de um regresso ao *statu quo* mediante a simples retirada do Iraque do Koweit:

«A guerra seria evitada. Mas o terrível potencial militar do Iraque ficaria.» «Só um ataque militar proporcionará um resultado favorável ao máximo: o agressor perde todos os frutos da sua agressão, a inchada máquina de guerra é desmantelada, a situação fica profundamente estabilizada.»⁽¹⁷⁶⁾

Estabilizada? Não há dúvida nenhuma de que a vaga de terrorismo de Estado pela qual o imperialismo impõe a recolonização do Terceiro Mundo, somada às destruições de toda a espécie que a restauração do capitalismo provocará na Europa de Leste, abre um período de grande instabilidade, de profundas perturbações e de movimentos revolucionários impetuosos.

Notas de rodapé:

- (1) *The Guardian*, 20 Dezembro de 1990, «Perestroika not working, says PM». (.)
- (2) Salisbury Harry, *Les 900 jours - Le siège de Leningrad*, Albin Michel, Paris, 1970, p. 558. (.)
- (3) *Nouvelles de Moscou*, 13 de Maio de 1990, p. 1. (.)
- (4) *Nouvelles de Moscou*, n.º 31, 5 de Agosto de 1990, p. 13. (.)
- (5) *Bulletin A.I. Novosti*, 14 de Agosto de 1990, p. 2. (.)
- (6) *Temps Nouveaux*, n.º 43, 1990, p. 39. (.)
- (7) Lénine, tomo 30, p. 280. (.)
- (8) *Documents et matériaux XXVIIIe Congrès*, éd. Novosti, 1990, p. 29, (.)
- (9) Lénine, tomo 30, p. 349 [Ed. francesa (*N. Ed.*)] (.)
- (10) *Temps Nouveaux*, n.º 37, 1990, Alexandre Polioukhov (.)
- (11) *Nouvelles de Moscou*, 27 de Maio de 1990, p. 12. (.)
- (12) *Nouvelles de Moscou*, n.º 44, 4 de Novembro de 1990, p. 10. (.)
- (13) *Nouvelles de Moscou*, 9 de Setembro de 1990, p. 19. (.)
- (14) *Nouvelles de Moscou*, n.º 32, Agosto de 1990, p. 8. (.)

(15) Kerenski, *La Russie au tournant de l'Histoire*, éd. Pion, Paris, 1967, pp. 356 e 366. (.)

(16) Idem, ibidem, p. 630. (.)

(17) Idem, ibidem, p. 642. (.)

(18) A palavra russa vekhi significa «etapas» (*N. Ed.*) (.)

(19) *Nouvelles de Moscou*, n.º 31, 5 de Agosto de 1990, «Une première: "Vekhi" édité sous le pouvoir soviétique». (.)

(20) *Temps Nouveaux*, n.º 30, n.ºs 31, 43 e 45, 1990. (.)

(21) *Nouvelles de Moscou*, n.º 31, 5 de Agosto de 1990. (.)

(22) *Temps Nouveaux*, n.º 34, 1990, p. 34. (.)

(23) *Temps Nouveaux*, n.º 44, 4 de Novembro de 1990, pp. 8-9. (.)

(24) *Pámiat* palavra russa que significa «memória», é a designação de uma plataforma anticomunista surgida em 1987 na URSS, em torno da qual se formou a actual organização *Memorial*. (*N. Ed.*) (.)

(25) *Nouvelles de Moscou*, n.º 43, de 28 de Outubro de 1990, p. 9. (.)

(26) *Documents et Matériaux, XXVIIIe Congrès*, Novosti, 1990, p. 95. (.)

(27) *Les Nouvelles de Moscou*, 14 de Outubro de 1990, p. 5. (.)

(28) *Les Nouvelles de Moscou*, 27 de Maio de 1990, p. 9. (.)

- (29) *Les Nouvelles de Moscou*, n.º 32, 12 de Agosto de 1990, p. 9. (.)
- (30) Kerenski, op. cit., p. 657. (.)
- (31) *Nouvelles de Moscou*, n.º 36, de 9 de Setembro de 1990. (.)
- (32) *Nouvelles de Moscou*, n.º 34, 26 de Agosto de 1990, p. 16. (.)
- (33) A palavra ucraniana *rukh* significa «movimento». (N. Ed.) (.)
- (34) *Temps Nouveaux*, n.º 44, 1990, «L'Ukraine par-dessus tout». (.)
- (35) *Inprecor*, n.º 296, 30 de Outubro, 12 de Novembro de 1989, pp. 14-15, 10, 11, 13. (.)
- (36) *Inprecor*, 21 de Dezembro de 1990, n.º 321, pp. 8-9. (.)
- (37) *Les Nouvelles de Moscou*, n.º 26, 1 de Julho de 1990, p. 4. (.)
- (38) *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1982, tomo 1, p. 131. (N. Ed.) (.)
- (39) *Temps Nouveaux*, n.º 44, 1990, pp. 7-8. (.)
- (40) Gorbatchev, «Discours à Odessa», *Izvestia*, 19 de Agosto de 1990, doc. 24 - VOVP2-900820DR39, p. 3 (.)
- (41) Marx—Engels, «Lettre du 17-18 septembre 1879 à Bebel, Liebknecht». (.)

(42) Gorbatchev, Alocução de 28 de Novembro de 1990, *Izvestia*, 1 de Dezembro de 1990, doc. 35 - VOKI1- 9011203DR30, p. 7. (.)

(43) *Manifesto do Partido Comunista*, ed. cit., p. 132. (N. Ed.) (.)

(44) *Temps Nouveaux*, n.º 28, 1990, pp. 10-11, «Après 70 ans de solitude», Anatoli Boutenko. (.)

(45) Kerenski, op. cit., pp. 434-435. (.)

(46) *Nouvelles de Moscou*, n.º 47, 25 de Novembro de 1990. (.)

(47) *Nouvelles de Moscou*, n.º 30, 29 de Julho de 1990, p. 6. (.)

(48) *Temps Nouveaux*, n.º 46, 1990. (.)

(49) *Nouvelles de Moscou*, n.º 24, 17 de Junho de 1990. (.)

(50) *Nouvelles de Moscou*, n.º 47, 25 de Novembro de 1990. (.)

(51) *Nouvelles de Moscou*, n.º 28, 15 de Julho de 1990, p. 5. (.)

(52) *Temps Nouveaux*, n.º 38, 1990, pp. 41-42. (.)

(53) *Financieel Economische Tijd*, 21 de Março de 1990, «Sovjeteconomie blijft wat aanmodderen». (.)

(54) *Temps Nouveaux*, n.º 28, 1990, p. 30. (.)

(55) *Temps Nouveaux*, n.º 41, 1990, p. 25. (.)

(56) *Temps Nouveaux*, n.º 45, 1990, pp. 34-35. (.)

(57) *Documents et matériaux XXVIIIe Congrès*, éd. Novosti, 1990, p. 15. (.)

(58) Ibidem, p. 59. (.)

(59) Ibidem, p. 84. (.)

(60) Ibidem, pp. 110-111. (.)

(61) Ibidem, p. 112. (.)

(62) Ibidem, p. 17. (.)

(63) Ibidem, p. 22. (.)

(64) Ibidem, p. 19. (.)

(65) Ibidem, p. 83. (.)

(66) Ibidem, p. 16. (.)

(67) «As Grandes Opções de Estabilização da Economia e da Passagem à Economia de Mercado», documento apresentado por Gorbatchov aos deputados dos Soviete Supremo, *Pravda*, 18 de Outubro de 1990. (.)

(68) Ibidem, p. 2. (.)

(69) Ibidem, pp. 3-4. (.)

(70) *Bulletin de l'A.I.N.*, 27 de Setembro de 1990, p. 4 (.)

(71) «As Grandes Opções», p. 14. (.)

(72) Gorbatchov, Alocução de 28 de Novembro de 1990, *Izvéstia*, 1 de Dezembro de 1990, doc. n.º 35 - VOKI1-901203DR30, p. 6. (.)

(73) Ibidem, p. 10. (.)

(74) Pavel Antonov, comentador da *Agência Novosti*. Bulletin de l'A.I.N., 28 de Setembro de 1990, pp. 2 e 3. (.)

(75) *Inprecor*, n.º 285, 3 de Abril de 1989, p. 4. (.)

(76) *Nouvelles de Moscou*, 3 de Junho de 1990, p. 4. (.)

(77) Vladimir Simonov, *Bulletin de l'A.I.N.*, 26 de Outubro de 1990, p. 3. (.)

(78) *Nouvelles de Moscou*, 2 de Setembro de 1990, p. 4. (.)

(79) *Bulletin de l'A.I.N.*, 15 de Novembro 1990. (.)

(80) *Nouvelles de Moscou*, 23 de Setembro de 1990, p. 6. (.)

(81) *Temps Nouveaux*, n.º 28, 1990, Kreméniuk, Doutor em História. (.)

(82) Viatcheslav Kritikov, comentador político da *Novosti*, Bulletin de l'A.I.N., 9 de Outubro de 1990, p. 3. (.)

(83) «As Grandes Opções...», pp. 2 e 4. (.)

(84) *Bulletin de l'A.I.N.*, 10 de Novembro de 1990, p. 2, Rijkov, «Intervenção no IV Congresso dos Deputados do Povo da URSS», 19 de Dezembro de 1990. (.)

- (85) *Bulletin de l'A.I.N.*, 14 de Agosto de 1990, p. 3. (.)
- (86) *Bulletin de l'A.I.N.*, 26 de Outubro de 1990, p. 4. (.)
- (87) «Thèses du CC du 23 mai 1988», suplemento do *Nouvelles de Moscou*, n.º 23, 1988. (.)
- (88) «Rapport de Gorbatchev à la XIXe Conférence», suplemento do *Nouvelles de Moscou*, n.º 27, 1988, p. 7. (.)
- (89) Lénine, tomo 30, p. 271. (.)
- (90) *A Doença do «Esquerdismo» no Comunismo*, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, pp. 296 e 297. (N. Ed.) (.)
- (91) *Inprecor*, n.º 285, 3 de Abril de 1989, p. 3-4. (.)
- (92) Discurso de 7 de Maio de 1988, *Nouvelles de Moscou*, n.º 21, 1988, p. 6. (.)
- (93) *Nouvelles de Moscou*, n.º 21, 27 Maio de 1990. (.)
- (94) *Nouvelles de Moscou*, n.º 21, 27 Maio de 1990, n.º 35, 2 de Setembro de 1990. (.)
- (95) *Documents et matériaux XXVIIIe Congrès*, éd. Novosti, 1990, p. 41. (.)
- (96) *Ibidem*, p. 42. (.)
- (97) *Ibidem*, p. 91-92. (.)
- (98) *Ibidem*, p. 93. (.)

- (99) Ibidem, p. 51. (.)
- (100) *Nouvelles de Moscou*, n.º 23, 10 de Junho de 1990. (.)
- (101) *Nouvelles de Moscou*, n.º 47, 25 de Novembro de 1990. (.)
- (102) *Nouvelles de Moscou*, n.º 29, 22 de Julho de 1990. (.)
- (103) *Temps Nouveaux*, n.º 30, 1990, p. 5. (.)
- (104) *Temps Nouveaux*, n.º 28, 1990, pp. 5-6 (.)
- (105) *Nouvelles de Moscou*, n.º 21, 27 de Maio de 1990. (.)
- (106) *Nouvelles de Moscou*, n.º 47, 1990, p. 6. (.)
- (107) *Nouvelles de Moscou*, n.º 21, 27 de Maio de 1990, p. 6. (.)
- (108) *Nouvelles de Moscou*, n.º 47, 1990, p. 6. (.)
- (109) *Bulletin APN*, 25 de Setembro de 1990. (.)
- (110) *A.P.Novosti, Bulletin*, 16 de Novembro de 1990. (.)
- (111) *Temps Nouveaux*, n.º 42, 1991, pp. 10-11. (.)
- (112) *The Independant*, 12 de Dezembro de 1990, «Soviet pleas for aid bring worry...» (.)
- (113) Gourévitch A., *Bulletin de I.A.I.N.*, 24 de Outubro de 1990. (.)
- (114) *Temps Nouveaux*, n.º 46, 1990. (.)
- (115) *Inprecor*, n.º 304, 1990, pp. 16-17. (.)

- (116) Lénine, tomo 32, pp. 381-387, 293-300, 190-199. (.)
- (117) *Temps Nouveaux*, n.º 42-1990, p. 10-11. (.)
- (118) *Signal*, n.º 24, 1943, Numero especial sobre o Leste, pp. 12-13. (.)
- (119) *Temps Nouveaux*, n.º 38, 1990, p. 42. (.)
- (120) *Nouvelles de Moscou*, 22 de Junho de 1990, p. 6. (.)
- (121) *Nouvelles de Moscou*, 13 de Maio de 1990, p. 5. (.)
- (122) *Nouvelles de Moscou*, 2 de Setembro de 1990, pp. 6-7, «Pour la grève et la propriété privée, sondage». (.)
- (123) *Nouvelles de Moscou*, 2 de Setembro de 1990, pp. 6-7, «Le rôle politique du mouvement ouvrier», Léonid Gordon. (.)
- (124) Dietz Barbara, *Zukunftsperspektiven der Sowjetunion*, Verlag Beck, Munique, 1984, pp. 19 e 25. (.)
- (125) *Nouvelles de Moscou*, n.º 30, 29 de Julho de 1990. (.)
- (126) Rijkov, Intervenção no IV Congresso de Deputados do Povo, 19 de Dezembro de 1990, *Pravda*, 20 de Dezembro de 1990, doc. n.º 39 - VOSD1-901220DR31, p. 6-8. (.)
- (127) Idem. Ibidem. (.)
- (128) *Temps Nouveaux*, n.º 44-1990, p. 30. (.)

(129) Rijkov, Intervenção no 4.º Congresso dos Deputados do Povo, 19 de Dezembro, *Pravda*, 20 de Dezembro, doc. n.º 39 - VOSD1-901220DR31, p. 6-8. (.)

(130) *The Wall Street Journal*, 21 de Novembro de 1990, «Kremlin warns of massive déficit». (.)

(131) *Nouvelles de Moscou*, 25 de Novembro de 1990, p. 5; *De Standaard*, 13 de Dezembro de 1990, «Gorbatchev roept op tot...» (.)

(132) *Le Figaro*, 12 de Dezembro de 1990, 'Le traité de l'Union...' (.)

(133) Gorbatchov, Declaração do Presidente, *Pravda*, 23 de Janeiro de 1991, doc. n.º I - VOSD1-910123DR30, p. 1-2. (.)

(134) Idem, ibidem. (.)

(135) Gorbatchov, Alocução de 28 de Novembro de 1990', *Izvéstia*, 1 de Dezembro de 1990, doc. n.º 35 - VOKI1-901203DR30, p. 10. (.)

(136) Tratado da União, projecto, *Pravda*, 24 de Novembro de 1990, doc. n.º 32 -VOSD1-901126DR31, p. 1. (.)

(137) Rijkov, Intervenção no 4.º Congresso dos Deputados do Povo, *Pravda*, 19 de Dezembro de 1990. (.)

(138) *Le Figaro*, 20 de Dezembro de 1990, «Sous la menace de l'état d'urgence». (.)

(139) *Nouvelles de Moscou*, n.º 45, 11 de Novembro de 1990, p. 7. (.)

(140) *Le Figaro*, 20 de Dezembro de 1990, «Sous la menace de l'état d'urgence». (.)

(141) *Nouvelles de Moscou*, n.º 40, 1990, p. 6. (.)

(142) *Nouvelles de Moscou*, n.º 21, 1990, p. 9. (.)

(143) *Nouvelles de Moscou*, n.º 41, 14 de Outubro de 1990. (.)

(144) *The Wall Street Journal*, 26 de Novembro de 1990, «Gorbachev offers unity...» (.)

(145) *Newsweek*, 3 de Dezembro de 1990, p. 24. (.)

(146) *The Guardian*, 29 de Dezembro de 1990, «Partnership in peril». (.)

(147) *De Standaard*, 27 de Novembro de 1990, «Washington begint tegenspelers...» (.)

(148) *The Wall Street Journal Europe*, 7-8 de Dezembro de 1990, «Food aid to Moscow». (.)

(149) Gorbachov, Declaração, *Pravda*, 23 de Janeiro de 1991, p. 3. (.)

(150) Gorbachov, Intervenção no CC do PCUS, 10 de Dezembro de 1990, *Pravda*, 11 de Dezembro de 1990, doc. n.º 37 - VOKP1-901211DR30, p. 7. (.)

(151) Nichanov Rafik, Relatório ao 4.º Congresso dos Deputados do Povo, *Pravda*, 19 de Dezembro de 1990. (.)

(152) *Bulletin AIN*, 9 de Outubro de 1990, p. 2. (.)

(153) *The Guardian*, 20 de Dezembro de 1990, «Dialogue of equals...» (.)

(154) *Le Monde*, 14 de Dezembro de 1990, «Le KGB en première ligne» (.)

(155) *The Wall Street Journal*, 18 de Dezembro de 1990, «Gorbachev calls for» (.)

(156) *Le Figaro*, 29 de Dezembro de 1990. (.)

(157) Despacho da *AFP*, 201133, 20 de Dezembro de 1990. (.)

(158) *Libération*, 20 de Dezembro de 1990. (.)

(159) *Le Figaro*, 20 de Dezembro de 1990, «Sous la menace...»; *Internationale Herald Tribune*, 20 de Dezembro de 1990, «Gorbachev threatens...» (.)

(160) *International Herald Tribune*, 27 de Novembro 1990, «For the Soviet Union...» Stefan Collignon. (.)

(161) *Nouvelles de Moscou*, 14 de Outubro de 1990, p. 6. (.)

(162) Os gagaúzes são um povo de origem turca minoritário do Sudeste da Moldávia (Gagaúzia) e do Sudoeste da Ucrânia (Budjak) que rondam as 250 mil pessoas. (*N. Ed.*) (.)

(163) *Nouvelles de Moscou*, 19 de Agosto de 1990, p. 6, «Que doit-il se produire?» artigo do general-coronel I. Rodiónov. (.)

- (164) *Nouvelles de Moscou*, n.º 41, 25 de Novembro de 1990. (.)
- (165) Relatório à II Conferência do Movimento Unidade, 14 de Abril de 1990, Moscovo. (.)
- (166) *La Vie Internationale*, Agosto de 1990, pp. 3-16. (.)
- (167) Nagels Jacques, *Du socialisme perversi au capitalisme sauvage*, éd. ULB, 1991, p. 21, 38, 59. (.)
- (168) Ibidem, p. 58. (.)
- (169) Ibidem. (.)
- (170) *Nouvelles de Moscou*, n.º 37, 16 de Setembro de 1990. Nagels Jacques, op. cit., p. 21, 38, 59. (.)
- (171) *Nouvelles de Moscou*, n.º 43, 28 de Outubro de 1990, p. 13. (.)
- (172) *Temps Nouveaux*, n.º 41, 1990, p. 17. (.)
- (173) *Temps Nouveaux*, n.º 43, 1990, p. 27-28. (.)
- (174) *Nouvelles de Moscou*, n.º 42, 1990, p. 12. (.)
- (175) *Temps Nouveaux*, n.º 36, 1990, pp. 5-6 (.)
- (176) *NRC-Handelsblad*, 10 de Janeiro de 1991, p. 7. (.)

PARA CONCLUIR

[MARÇO DE 1991]

DOIS PONTOS DE RUPTURA

Em final de percurso, eis-nos regressados às questões que abriram este livro: como definir a natureza de classe da União Soviética? Poder-se-á encontrar aí hipóteses de uma renovação revolucionária?

A análise que melhor captou as realidades dos países socialistas continua a avançada nos anos 60 por Mao Tsé-Tung. Hoje pode ser precisada à luz dos acontecimentos recentes da Europa de Leste, da URSS e da China. Todavia, ela foi distorcida pelos exageros esquerdistas durante a revolução cultural, o que tornou mais fácil o seu repúdio total no decurso dos anos oitenta por Deng Xiao Ping.

Eis como Mao Tsé-Tung via o futuro do socialismo:

«A sociedade socialista cobre um longo, muito longo período de tempo. Enquanto esse tempo durar, a luta de classes entre burguesia e proletariado prossegue, a questão de saber quem ganhará, a via capitalista ou a via socialista, subsiste, quer dizer que o perigo de restauração capitalista continua.»

«A revolução socialista circunscrita ao domínio da economia [no que respeita à propriedade dos meios de produção] não é suficiente, e, aliás, não assegura a estabilidade. A revolução socialista tem também de ser completa nos domínios político

e ideológico. A luta para saber quem ganhará nos domínios político e ideológico, o socialismo ou o capitalismo, exige um muito longo período, antes que se decida o seu resultado. Algumas dezenas de anos não serão suficientes; cem anos, mesmo centenas de anos são necessários à vitória definitiva. (...) Neste período histórico do socialismo, devemos manter a ditadura do proletariado, levar a revolução socialista até ao fim, se quisermos impedir a restauração capitalista, e devemos empreender a edificação socialista, a fim de criar as condições para a passagem ao comunismo.»

«Antes da chegada ao poder de Nikita Khruchov, as actividades dos novos elementos burgueses eram limitadas e sancionadas. Mas, depois que Nikita Khruchov tomou o poder e usurpou gradualmente a direcção do partido e do Estado, esses novos elementos burgueses conseguiram chegar a posições dominantes no seio do partido e do governo e nos domínios económicos, culturais e outros. Tornaram-se uma camada privilegiada da sociedade soviética.»

«Mesmo sob a dominação da clique de Nikita Khruchov, a massa dos membros do PCUS e o povo prosseguem as gloriosas tradições revolucionárias cultivadas por Lénine e Stáline, apegam-se ao socialismo e aspiram ao comunismo. (...) Entre os quadros soviéticos, são numerosos os que se mantêm nas posições revolucionárias do proletariado e na via socialista, que são firmemente contra o revisionismo de Nikita Khruchov.»

«A luta de classes, a batalha da produção e a experiência científica são os três grandes movimentos revolucionários da edificação de um país socialista poderoso. Estes movimentos constituem uma garantia segura permitindo aos comunistas desembaraçarem-se do burocratismo e do dogmatismo e continuar sempre invencíveis, uma garantia segura permitindo ao proletariado unir-se às largas massas trabalhadoras e praticar uma ditadura democrática. Se, na ausência destes movimentos, se desse liberdade de acção aos latifundiários, aos camponeses ricos, aos contra-revolucionários, aos elementos malfeitores e aos monstros de todo o género, ao mesmo tempo que os nossos quadros fechariam os olhos, não distinguindo entre o inimigo e nós próprios, mas colaborassem com o inimigo e se deixassem levar pela corrupção e pela desmoralização, se os nossos quadros fossem assim arrastados para o campo do inimigo ou se o inimigo conseguisse infiltrar-se nas nossas fileiras, e se muitos dos nossos operários, camponeses e intelectuais fossem deixados sem defesa face às tácticas tanto envolventes como brutais do inimigo, então pouco tempo passaria, talvez alguns anos ou uma década, e o mais tardar algumas décadas, antes que a restauração contra-revolucionária tivesse inevitavelmente lugar à escala nacional, que o partido marxista-leninista se tornasse um partido revisionista ou um partido fascista e que toda a China mudasse de cor.»⁽¹⁾

Na pátria de Lénine, Nikita Khruchov usurpou o poder em 1956, após três anos de hábeis manobras e de sábios preparativos. Teve em seguida de consolidar o seu poder na direcção do partido,

eliminando a maioria do *Bureau* Político aquando da luta contra «*a clique Mólotov—Malenkov—Kaganóvitch*». Através de ataques ideológicos e políticos contra os princípios essenciais da construção socialista, Nikita Khruchov mudou primeiro a orientação fundamental do PCUS. Isto constituía uma condição prévia para permitir aos quadros burocratizados e oportunistas de adquirirem privilégios e de constituírem em camada social distinta. Depois do afastamento de Nikita Khruchov, certos quadros dirigentes prosseguiram nos seus esforços para regressar aos princípios marxistas-leninistas. As bases socialistas da sociedade não tinham ainda sido destruídas e milhões de comunistas persistiam no seu trabalho revolucionário. Durante o período Bréjnev, a camada dirigente acumulou privilégios crescentes e enriquecia através de uma panóplia de meios ilegais. Mas tinha sempre de parasitar, de algum modo, uma base económica e política que não lhe pertencia. Os comunistas autênticos podiam sempre defender um certo número de conquistas da classe operária. As leis socialistas, as medidas favoráveis aos trabalhadores e a ideologia marxista-leninista continuavam a exercer uma grande influência na sociedade. A camada dirigente reduzia o marxismo a um ramalhete de fórmulas congeladas e importava toda a espécie de correntes ideológicas do Ocidente. Desnaturando o pensamento socialista, fornecia uma segunda juventude a ideologias burgueses envelhecidas. Num crescente número de sectores, os novos elementos burgueses transformavam os meios de produção e os bens do Estado na sua propriedade privada. Concluía alianças de negócios com os novos capitalistas do sector informal cujo crescimento toleravam. No final do período de Bréjnev, uma nova classe capitalista tinha-se fortalecido, perseguindo interesses

próprios, antagónicos aos dos trabalhadores. Esta classe, tornada adulta, preparava-se para lutar abertamente pela instauração da sua ditadura. Precisava de libertar o país das últimas influências, das últimas aparências marxistas-leninistas. Encontrou em Gorbatchov uma bandeira, na *glasnost* um meio de expressão, na *perestroika* uma legitimação dos seus projectos de privatização.

A União Soviética conheceu dois grandes pontos de ruptura com o socialismo: o relatório de Nikita Khruchov de 1956, que marcou o repúdio de alguns princípios essenciais do leninismo, e a *perestroika* de Gorbatchov que abriu, em 1990, a passagem à economia de mercado.

O revisionismo de Nikita Khruchov abriu um período de transição do socialismo ao capitalismo. Durante esse período, elementos socialistas continuavam a lutar contra os elementos capitalistas. Seria reduzir a realidade de uma maneira escolástica, colocar o problema unicamente nos termos: ditadura do proletariado ou ditadura da grande burguesia. Os novos e antigos elementos burgueses precisaram de 30 anos para passar da primeira infância à idade adulta, para afirmar e consolidar as suas posições no domínio político, ideológico e económico. O processo de degenerescência começado em 1956 precisou de três décadas para acabar com o socialismo.

Acreditámos, na época, que Nikita Khruchov havia estabelecido um modo de produção específico, de capitalismo de Estado, forma superior do capitalismo em que a *nomenklatura* possui colectivamente os meios de produção. Esta tese não é sustentável. A experiência prova que não se tratava de um sistema

de exploração possuindo a sua própria base económica. Abandonado a ditadura do proletariado e desvinculando-se laboriosamente de uma economia socialista planificada, a sociedade soviética não pôde encontrar, sob a bandeira do revisionismo, os mecanismos adequados e estáveis de exploração da força de trabalho e de utilização dos recursos materiais, que lhe permitissem enfrentar as potências imperialistas. No decurso dos períodos de Nikita Khruchov e Bréjnev, os novos elementos burgueses forjaram as suas armas mas, logo que tiveram força, lançaram-se no combate pela propriedade privada dos meios de produção.

Há quem mantenha que Bréjnev presidia a um país de regime capitalista de Estado e que, no fim do seu reinado, uma burguesia liberal havia acumulado forças suficientes para enfrentar a burguesia burocrática. Mas é de notar que os ataques mais ferozes das legiões da *glasnost* não tiveram por alvo o sistema de Bréjnev, mas sim o de Stáline e as bases do socialismo odioso que defendeu. E, tal como na Europa de Leste, vemos os Bréjnev-boys desfazerem-se alegremente das estruturas híbridas instaladas pelo seu patrão, para abraçar o mercado livre e a empresa privada.

Na concepção do capitalismo de Estado, o partido revisionista constituía o cadinho da nova burguesia: partido brejneviano, *nomenklatura* e nova burguesia eram sinónimos. Ora, com a conclusão do processo de degenerescência, na URSS como no Leste, vemos que a nova burguesia se desembaraça do partido comunista, transformando-o completamente e lançando o multipartidarismo burguês.

Gorbatchov é o sócia de Nikita Khruchov? O ponto de conclusão da degenerescência não é o seu ponto de partida. Nikita Khruchov teve de reunir o núcleo de base da nova burguesia, Gorbatchov dá expressão a uma classe bem instalada. Em 1956, para formar o seu primeiro quadrado de burgueses, Nikita Khruchov teve de produzir uma demagogia de ultra-esquerda, prometendo o comunismo para 1980. Gorbatchov proclama abertamente a derrota das ilusões comunistas. Nikita Khruchov prometeu alcançar e ultrapassar os Estados Unidos no decurso dos anos 70. Gorbatchov reconhece a superioridade do sistema americano e vai mendigar a sua ajuda. Nikita Khruchov reforça a colectivização e transforma os *kolkhozes* em *sovkhozes*. Gorbatchov quer a privatização da terra. Nikita Khruchov fez profecias sobre a vitória mundial do socialismo. Gorbatchov pede a reintegração da URSS na economia capitalista mundial.

Os exemplos de Cuba e da China contradizem também a teoria de que o revisionismo à cabeça do partido sela automaticamente a restauração do capitalismo e o restabelecimento da ditadura da burguesia.

Os comunistas cubanos fizeram um longo caminho com Bréjnev na sua marcha em direcção ao revisionismo e ao hegemonismo. No entanto, o Partido Comunista de Cuba mostrou a sua capacidade de rectificar os seus erros. O partido esforça-se para restabelecer uma concepção e uma prática revolucionária do marxismo-leninismo.

Na China, todas as aberrações que Nikita Khruchov produziu foram amplificadas quando Hu Yaobang e, mais tarde, Zhao Ziyang,

chegaram ao cargo de secretário-geral do Partido Comunista da China.

Será de concluir, em toda a lógica, pela restauração do capitalismo na China, como fazem, aliás, alguns. Ora, nós vimos desencadearem-se violentas lutas no seio do PCC e a fracção mais à direita recebeu sérios golpes em Junho de 1989. Mas os confrontos políticos continuam, e se a hipótese da emergência de um Gorbatchov chinês não é de excluir, também não é impossível que Mao Tsé-Tung acorde para uma segunda existência.

Deixemos a contra-revolução de veludo com esta nota optimista. A ver vamos.

Ludo Martens

Início da página

Notas de rodapé:

(1) «Le Pseudo-communisme de Khrouchtchev», 14 de Julho de 1964, in: *Débat sur la ligne générale*, éd. Pékin, 1965, p. 482-492 (.)

